

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FIOS DA MEMÓRIA DAS ESTUDANTES SOROCABANAS DURANTE A
DITADURA MILITAR - 1964/1984

LENI PALMIRA PIACITELLI VENDRAMINI

Sorocaba/SP
Novembro/1999

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FIOS DA MEMÓRIA DAS ESTUDANTES SOROCABANAS DURANTE A
DITADURA MILITAR - 1964/1984

LENI PALMIRA PIACITELLI VENDRAMINI

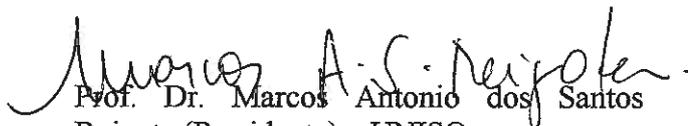
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCOS ANTÔNIO DOS SANTOS REIGOTA

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação.

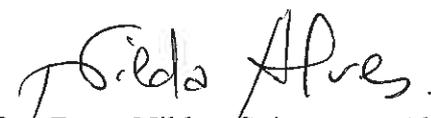
Sorocaba/SP
Novembro/1999

FIOS DA MEMÓRIA DAS ESTUDANTES SOROCABANAS
DURANTE A
DITADURA MILITAR - 1964/1984

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:


Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos
Reigota (Presidente) – UNISO


Profa. Dra. Denise Bernuzzi de Sant'Anna
– PUC/São Paulo


Profa. Dra. Nilda Guimarães Alves –
UERJ/Rio de Janeiro

Sorocaba, 22 de Novembro de 1999.

DADOS CURRICULARES

LENI PALMIRA PIACITELLI VENDRAMINI

NASCIMENTO: 27/02/55

NATURALIDADE: São Paulo/SP.

FILIAÇÃO: Luiz Piacitelli e Aurea Lopes Piacitelli

FORMAÇÃO: 2º Grau, Administração de Empresas e Licenciatura na Área
Técnica

TÍTULO: Administradora de Empresa

Quando um filho nasce, a liberdade lhe é dada quase que imediatamente. É verdade que muitas vezes a criança não usufruirá por muito tempo dessa liberdade entre feras. Mas é verdade que, pelo menos, não se lamentará que, para tão curta vida, longo tenha sido o trabalho.

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Tantas são as pessoas que tornaram possível este trabalho que receio não poder enumerá-las.

Essas pessoas são as que fazem parte da minha vida familiar, estudaram comigo ou são queridos amigos e amigas. São, também, aquelas a quem pedi colaboração e mesmo outras que vieram ao meu encontro querendo dar sua contribuição.

Começo, então, agradecendo a meu marido e filhos que durante a elaboração deste trabalho tiveram a paciência de me ouvir, tanto nos momentos de euforia, como também nos momentos de insegurança, cansaço e irritação.

O agradecimento estende-se a meus pais que sempre estão à sombra dos grandes acontecimentos de minha vida, apoiando-me e sentindo orgulho das mínimas coisas que faço. Alonga-se a meus irmãos, meus cunhados e, principalmente, à minha irmã que foi a grande articuladora do meu ingresso no Mestrado.

Gostaria de agradecer a todos meus colegas do Mestrado, em especial a minhas colegas depoentes, a meus professores e, em particular, ao meu orientador, por toda paciência, estímulo e dedicação.

Meu agradecimento, agora, alarga-se aos três depoentes que dão seu testemunho teórico para o embasamento do trabalho e chega aos meus amigos, incentivadores constantes, e às pessoas que ao saberem da minha pesquisa prontificaram-se a colaborar, a contar suas experiências, enriquecendo, com novas informações, a minha coleta de dados.

Enfim, muito obrigada, a todos os anônimos que talvez eu possa ter me esquecido de enumerar nesta lista e ao “Anônimo Especial” que sempre está comigo nos piores e nos melhores momentos.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
INTRODUÇÃO	12

1ª PARTE

1. <u>Sujeito à ditadura: os golpes militares de 1937 e 1964</u>	18
2. <u>O período sob o regime ditatorial a partir de 1964</u>	21
3. <u>Sorocaba no período da ditadura militar pós-golpe/64</u>	25
4. <u>O cotidiano sorocabano pós-golpe/64</u>	31
5. <u>A educação, a escola e os estudantes contrários à ditadura</u>	36
6. <u>A escola em Sorocaba em quatro imagens</u>	39

2ª PARTE

1. <u>Da história à memória</u>	45
2. <u>Buscando nas memórias do que foi escrito</u>	48

3ª PARTE

1. <u>Autoritarismo e liberdade</u>	54
1.1 Pensando no autoritarismo e na liberdade relatados por minhas colegas	70

2. <u>Comunistas e subversivos</u>	75
2.1 Como minhas colegas viam o comunista e o subversivo	84

4ª PARTE

1. <u>O trilhar das anônimas</u>	87
1.1 Refletindo a trajetória de minhas colegas	103
2. <u>Lembranças da moda: 1964 - 1984</u>	105
2.1 A moda para minhas colegas: expressão de uma época	116
3. <u>A influência hippie</u>	120

CONCLUSÃO	123
------------------------	-----

ANEXOS:

Anexo 1 – Depoimentos sobre Sorocaba na ditadura e no cotidiano	126
Anexo 2 – Depoimentos sobre autoritarismo	133
Anexo 3 – Depoimentos sobre liberdade	141
Anexo 4 – Depoimentos sobre comunistas e subversivos	145
Anexo 5 – Depoimentos sobre o trilhar das anônimas	152
Anexo 6 – Depoimentos sobre a moda	164

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
---	-----

RESUMO

Este trabalho visa fazer uma leitura da Escola, na época da 2ª ditadura militar (1964/1984), em Sorocaba, Estado de São Paulo, através de depoimentos de pessoas comuns, anônimas. Tecendo os fios da memória e observando experiências relevantes da trajetória das estudantes, isto é, olhando o lado feminino e destacando quais suas observações, sentimentos, reflexões e o que restou em suas lembranças, a investigação procura evidenciar o sentido social da vida desses personagens, além de compor diálogos com outras versões historiográficas de um período sombrio da história do Brasil.

O enfoque feminino é justificado pelo fato da mulher, nessa época, começar a tomar parte, com um pouco mais de significado, na vida política do país, deixando de ser a parte “frágil” para sair às ruas, reivindicando o direito à democracia, muitas vezes, até pela luta armada.

Procura, também, registrar o clima do período através de músicas, comportamentos e moda, vista como manifestação cultural, e suas possíveis influências nas estudantes sorocabanas.

Agregando fragmentos guardados pela memória, este trabalho pretende mostrar como se sentiam as estudantes, num período da história do Brasil, em que o medo era a pedra de toque de todas as suas atitudes.

Nessa época, respirava-se a inquietude e era mantido o silêncio. Silêncio diante das injustiças, diante das arbitrariedades manipuladas pela força do autoritarismo, que, definitivamente, negava o espaço necessário para a criatividade de aprender o mundo em que se vivia, fechando os espaços de liberdade.

ABSTRACT

This paper aims at making a reading of School, during the age of the second military dictatorship (1964/1984), in Sorocaba, São Paulo State, through the statements of ordinary anonymous people. Weaving the threads of memory and observing relevant experiences of the course of the students, that is, looking at the feminine side and bringing out their observations, feelings, reflections and what remained in their memories, the investigation tries to show up the social sense of the life of these characters as well as make up dialogues in different historiographic versions of a dark period of the History of Brazil.

The feminine approach is justified by the fact that the woman, in this period, starts to take part, in a bit more meaningful way, in the political life of the country, by no longer being the “fragile” part to go out on the streets, claiming for the right to democracy, many times even through the armed fight.

It also tries to record the atmosphere of the period through songs, behaviors and fashion, seen as a cultural demonstration, and its possible influences on the students of Sorocaba.

Joining fragments kept by the memory, this paper intends to show how the students used to feel, in a period of the History of Brazil in which fear was the touchstone of all their attitudes.

In this period, restlessness used to be felt in the air and silence was kept. Silence towards the injustices and the arbitrariness manipulated by the force of authoritarianism which definitely denied the necessary space for the creativity of learning the world in which they lived, closing the spaces of freedom.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho foi feito com muito carinho, depois de um longo tempo de ausência das salas de aula. Por um certo período, tive que me dedicar a atividades profissionais que me garantissem um imediato meio de sobrevivência. Comecei a trabalhar no departamento de planejamento e vendas em uma indústria alemã, onde permaneci durante seis anos, e depois, ingressei no comércio, com negócio próprio: trabalhei, por quase quinze anos, em uma loja de roupas femininas que atendia mulheres entre quinze a cinquenta anos. Assim, não foi possível realizar o sonho de ser professora, mas se o caminho de ser uma profissional da educação fora desviado, o sonho, por vinte anos, aguardou o momento certo de vir à tona, com toda a sua força.

Esse momento veio numa época de amadurecimento e de preocupação com a realização pessoal. Ao pensar em fazer o Mestrado em Educação que se abria na Universidade de Sorocaba, comecei a procurar os documentos necessários para a inscrição. Nesta coleta, chamaram minha atenção, as datas em que estudei (ingressei no primeiro ano primário, hoje ensino fundamental, em 1963 e terminei o curso universitário em 1979), dezesseis anos transcorridos durante o período da ditadura militar¹.

Mexendo nos papéis, vieram as lembranças e as curiosidades da época. Lembrei-me dos professores e das professoras, dos colegas e das colegas, das roupas, das músicas, dos filmes e muitos outros detalhes que marcaram aquele período, mas com contornos pouco nítidos, desgastados pelo tempo. Foi com o pensamento no passado que me veio à mente a idéia de investigá-lo e rever esse período tecendo os fios das lembranças, minhas e de outros que nunca falaram sobre isso, mas que guardaram numa caixinha de costura, os pedaços de tecidos das memórias que constituíram as suas próprias identidades e a desse tempo. Poderia, finalmente, começar a costurar estes pedaços, formando uma nova leitura dessa nossa vida compartilhada e dividi-la com pessoas da minha geração, com meus filhos e também com meus alunos.

¹ O Brasil, esteve sob regime de ditadura militar duas vezes neste século. Aqui, refere-se ao segundo período: 1964 a 1984.

A idéia de enfatizar a mulher, no meu estudo, veio à tona porque quando olho para trás, consigo vislumbrar uma menina quebrando tabus que vão desde o comprimento da barra da saia, da maquiagem, até a audácia de expor sempre seus pontos de vista, e de nem sempre ser respeitada, recebendo, várias vezes, repreensões nos meios social, escolar e familiar.

A escola sempre foi o melhor lugar do mundo para mim, meu convívio social se reduzia a ela. Minhas amigas eram todas da escola, já que meu pai me proibia de ir aos clubes da cidade. Jogava voleibol e pertencia ao Interact Club, um grupo de jovens que fazia cursos de liderança e se reunia, também, para tocar violão e cantar (lembro-me que cantávamos Beatles e Rolling Stones e que uma das músicas preferidas era “Don’t let me down”).

Em meio a essa trajetória pelo passado, acabei envolvida e preocupada em resgatar a memória de Sorocaba, minha cidade, que, para mim, durante o regime ditatorial, parecia estar num mundo à parte, ou talvez participando de tudo, mas em silêncio, com passos cautelosos, no trilhar dessa época obscura de nossa história.

Voltando ao passado pelo túnel do tempo, espero encontrar as pegadas dos meus pés, reencontrar minhas indagações e respondê-las, para poder partir em direção ao meu sonho: tornar-me professora.

O difícil é recomeçar, mas acredito que todo desejo, constituído por coragem, determinação, esforço e ousadia, será realizado.

INTRODUÇÃO

Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta.

(Lowenthal, 1998: 103)

Buscando nos fragmentos deixados pelo tempo em nossa memória, este trabalho tem por objetivo fazer uma leitura do período da ditadura militar no Brasil ocorrida entre 1964-1984, contada por pessoas comuns, que viveram o cotidiano desse período, anonimamente. Como se sentiam essas pessoas, o que pensavam, como participavam, ou não, da militância política nos anos da ditadura militar? O que aconteceu com elas nesses vinte anos do regime que impunha sua concepção política sem questionar o sentido do mundo delas, suas significações e convivências cotidianas partilhadas com seu grupo social?

Nesse clima de surpresa e coincidência, nasceu a idéia de investigar o passado e tecer os fios da minha memória e os de outros que nunca falaram de suas inquietações, observações, sentimentos e curiosidades a respeito e como observa Certeau: *Mas a sua memória continua escondida (não tem lugar que se possa precisar), até o instante em que se revela, no “momento oportuno”, de maneira ainda temporal embora contrária ao ato de se refugiar na duração. O resplendor dessa memória brilha na ocasião*(CERTEAU, 1994: 158).

Essas pessoas comuns que fazem parte do nosso cotidiano mais simples mas que conforme Certeau: *Pouco a pouco ocupam o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo* (CERTEAU, 1994: 57), viveram e vivem, ou ainda, viveram uma parte de suas vidas na cidade de Sorocaba, localizada a 80 km de São Paulo.

Conhecida e chamada pelos seus cidadãos e cidadãs de “Manchester Paulista” por

tratar-se de um pólo industrial e têxtil semelhante à cidade de Manchester na Inglaterra no início do século, Sorocaba é também conhecida entre os/as militantes da esquerda como a Moscou Paulista devido à forte influência dos/as comunistas e dos/as anarquistas no movimento operário da cidade. Sendo um centro industrial importante, teve uma significativa parcela de sua população engajada no movimento político desde o início do século XX, destacando-se no movimento pelas reformas de base.

Sorocaba, no ano de 1973, sofre um duro golpe desfechado pelo regime contra um de seus cidadãos: um dos primeiros estudantes a ser assassinado pelos militares nesse período era filho de uma tradicional família sorocabana: Alexandre Vannucchi Leme.

Sobre isso a História é bem conhecida e os historiadores muito já escreveram. Eu procurei então ater-me à memória das mulheres comuns, ou melhor, anônimas que fizeram a história, foram sujeitos dela, mas até o momento não haviam registrado as suas impressões sobre o período, nem suas vivências.

A maioria estava em contato com o meio estudantil, ou estudando ou trabalhando, porque o meu interesse era também mostrar como as estudantes e as pessoas ligadas a esse meio pensavam ou atuavam politicamente e como as prejudicou a falta de informações e participação do que ocorria nos grandes centros, impedindo a sua formação como cidadãs capazes de questionar e agir na sociedade em que viviam. No início do curso, a minha pergunta era: como é que as minhas colegas de Mestrado lembram da escola durante o período da ditadura? E essa questão foi a que orientou grande parte do meu trabalho.

Este trabalho colocará em evidência as mulheres, por vários motivos. Em primeiro lugar foi justamente nessa época que elas começam a tomar parte mais significativa da vida política, papel privilegiadamente dado aos homens. As mulheres vão à luta conscientes de seu papel de cidadã, de educadora, revolucionária e possuidoras de uma tenacidade e convicção muito fortes, muitas vezes, atuando incognitamente no salvamento de vidas, dando proteção às pessoas perseguidas, resistindo às pressões, intimidações, violências e torturas perpetradas pelo regime militar.

Em segundo lugar, procuro colocar a visão das mulheres em destaque, porque o que eu li ou o que estava disponível para mim sobre a ditadura, foram textos escritos por homens como Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis, Zuenir Ventura entre outros, isto é, trata-se de uma leitura dos homens em relação a esse período e da memória deles.

Finalmente, porque as minhas colegas de Mestrado lembravam nas aulas e estudos, como era a escola e a vida de estudante nesse período da ditadura e as dificuldades e radicais mudanças pelas quais passaram: profissionalização, revolução sexual, maior liberdade na educação.

Minhas colegas são herdeiras das lutas de emancipação das mulheres confrontadas com o regime militar da época e, além do mais, estavam dispostas a falar sobre isso comigo.

Além de minhas colegas da Universidade, para se ter uma visão do todo, são chamadas algumas pessoas para dar o seu testemunho, teorizar a questão objetivando mostrar uma idéia mais fluída de como as pessoas pensavam, como se relacionavam com o regime militar. Uma delas, é uma senhora que foi uma das mulheres pioneiras na política em Sorocaba na defesa do operariado, um historiador sorocabano que trabalhou cinquenta e três anos no magistério e de uma professora de História e Geografia, aposentada, mãe de uma das minhas colegas.

A partir desse contexto universitário e interesse pessoal, passei a estruturar o meu trabalho em torno das seguintes questões: por este sentir feminino, qual seria a atuação dos/das estudantes e da comunidade de uma maneira geral diante da ditadura em Sorocaba? Quais as suas representações sociais sobre: *subversivos, autoritarismo e liberdade?*

Por que estas questões não saíam da minha cabeça?

Praticamente, toda a minha vida escolar, ou pelo menos a maior parte dela, foi sob o regime militar e não consigo lembrar de nada sobre movimentos revolucionários. Há um grande vazio em minha mente sobre esse período em Sorocaba ou em outro lugar do Brasil; e o que ocorria em São Paulo e Rio de Janeiro nesse período, eram casos isolados e lembrados muito superficialmente por mim; não estava muito claro o que realmente estava acontecendo.

Sempre fiquei intrigada querendo saber mais sobre isso perguntava aos meus professores, mas eles davam respostas evasivas. Eles fugiam do assunto.

Após algumas leituras sobre o período, pude entender porque esses professores não falavam nada: tinham medo.

Outras perguntas foram surgindo para mim: qual a utilidade dessa pesquisa? Qual a relevância?

Considero que é através de acontecimentos passados, dos acertos e erros cometidos, que analisamos no presente e adquirimos uma experiência maior, podendo assim modificar o

nosso futuro com a sabedoria daquilo que aprendemos, melhorando a nossa participação cidadã.

A educação é o pilar de qualquer regime político e ser estudantes nesse período em Sorocaba, deixou muitas lacunas, porque tudo era camuflado, omitido e censurado: os/as estudantes interrogavam e buscavam respostas às suas inquietações junto a seus professores que se mantinham em silêncio, havia mudanças de disciplinas com a introdução de OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e Educação Moral e Cívica no currículo escolar e ainda um constante “mistério” solto no ar.

Tecer os fios da memória, é o objetivo principal deste trabalho, revendo os passos diários de pessoas no seu cotidiano, onde cada qual tem sua própria maneira de enxergar, de sentir, fazendo a história, a partir de um emaranhado de conhecimentos próprios, diferente das outras.

Nos fragmentos deixados pelo tempo na memória de cada uma das anônimas é possível resgatar uma outra face da história. Assim, o passado pode nos mostrar acertos e erros cometidos para nos remeter a uma nova história. Na verdade, a necessidade de relacionarmos o passado e o presente é a busca de uma melhor realização do futuro, numa procura seletiva dos fatos que foram importantes para nós e para os outros.

Como nos lembra Hannah Arendt:

Poderia ocorrer que somente agora o passado se abrisse a nós com inesperada novidade e nos dissesse coisas que ninguém teve ainda ouvidos para ouvir. Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação. (ARENDETT, 1992: 130-131)

Olhando para o passado talvez consigamos mostrar para nossos filhos e filhas hoje, que a liberdade que eles têm para desfrutar sua juventude com essa abertura, essa leveza de pensamento, esse andar solto como que estivessem flutuando pelos espaços abertos é resultado de muitas lutas, muitos sacrifícios e até de muitas mortes. Mortes de pessoas que pensaram no futuro e tentaram construir um mundo melhor de liberdade, individualidade e coletividade, de democracia política, de justiça, etc., para os que viessem depois deles; e isso

está gravado na história, na memória de nossas vidas com um grito que ecoa lá longe no passado: *Para que a ditadura não se repita nunca mais ...!*

Recentemente ao assistir a uma entrevista de uma judia sobrevivente do holocausto de Hitler, lembro-me dela dizer mais ou menos estas palavras, com as quais concordo, solidarizo-me e compactuo: *Eu tenho um compromisso com o mundo, e sempre que me perguntem sobre o que aconteceu com os judeus, eu conto a minha história, sobre o que passei por ser parte de uma minoria, para que, no futuro, os jovens saibam o que é a falta de liberdade e as atrocidades que um louco pode fazer e induzir outros a fazerem. Porque a história se repete ... e pode aparecer outro Hitler na história da humanidade.*

1ª PARTE

1. Sujeito à ditadura: os golpes militares de 1937 e 1964

A força tornou-se a essência da ação política e o centro do pensamento político quando se separou da comunidade política à qual devia servir.

(ARENDETT, 1998: 167)

O Brasil durante o século XX foi vítima de duas ditaduras que como todo regime político autoritário impede a liberdade de ação do ser humano e a livre expressão de seus pensamentos.

A primeira ditadura, de 1937 a 1945, ocorre em virtude da crise econômica e política que ocorria no Brasil. Num primeiro momento, em virtude da alta do preço do café no mercado internacional e imediatamente sua queda inesperada pelos cafeicultores ocasionando um quadro financeiro muito crítico. A outra crise decorreu da limitação política à intervenção do Estado na economia. Getúlio Vargas², dá um golpe de Estado e assim: *o Senado e a Câmara dos Deputados foram fechados, dissolvidos todos os partidos políticos, proibidas as milícias, uniformes e insígnias, controladas as polícias militares estaduais pelo Exército, queimadas as bandeiras dos estados (símbolos da sua autonomia).* (CUNHA, 1986: 254)

Aprova-se uma nova Constituição e o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, fica com a missão de censurar os jornais e revistas e difundir o “Estado Novo”, que será um regime político de autoritarismo, comandado pelo ditador Getúlio Vargas até 1945.

O governo de Getúlio Vargas, inicialmente recebe o apoio da classe dominante devido a repressão aos movimentos dos trabalhadores, ao patrocínio do Estado à acumulação do capital e também pela adoção de um projeto industrial de desenvolvimento. A classe dos trabalhadores também apoia o Estado Novo, devido a Legislação Trabalhista implantada por Vargas sob a ideologia do paternalismo governamental, do trabalho dignificador e do patriotismo. O patriotismo era intensamente divulgado pelas rádios brasileiras que exerciam na época importante papel “educativo”, inclusive influenciando no conteúdo de letras de músicas e “incentivando” o trabalhador ao cumprimento de seus deveres.

² Chefe do movimento revolucionário e que já tinha a posse do governo provisório do Brasil desde 1930 até 1934, eleito constitucionalmente de 1934 a 1937.

Nesse período, há duas políticas educacionais opostas: a liberal e a autoritária, resultantes do contexto político e econômico que impunha um governo centralizador, repressor às outras políticas da sociedade civil. Instituiu também a sujeição das classes trabalhadoras e o crescimento de poder da burguesia industrial.

A educação liberal na ditadura de Vargas, vai privilegiar a elite e teve em Fernando de Azevedo³ o principal divulgador dessa política.

Já a educação autoritária que promove o aumento do controle exercido pelo Estado sobre o ensino, irá transmitir as idéias e aspirações dos intelectuais do regime, por considerá-la um mecanismo eficiente para apregoar a ideologia do Estado Autoritário.

Contraditoriamente, em 1938, é fundada a União Nacional dos Estudantes, UNE, surgindo com essa entidade um novo projeto educacional, que irá se preocupar com o ensino superior e se oporá totalmente à política educacional autoritária.

Embora o regime reprimisse as forças políticas de oposição, havia as contradições geradas dessa oposição mesmo com as concessões aos trabalhadores e a contenção à ambição do capital. As camadas médias aspiravam por um regime liberal - democrático que desse condições de protestar contra a inflação que corroía seus salários.

Mesmo as classes dominantes, apesar do novo governo propiciar trabalhadores baratos e reprimidos, ambicionavam o liberalismo político e econômico que diminuísse o poder do Estado.

No “Estado Novo”, diante das várias divergências de objetivos e ambições, foi gerando facções contrárias e, dentro de todo esse panorama de descontentamento, o exército pressiona Getúlio Vargas à renunciar. A renúncia se deu em 29 de outubro de 1945 e é dessa data até 31 de março de 1964 que temos um pouco de autonomia de pensamento e democracia política. Já no início dos anos 60, as elites brasileiras enfrentam um período problemático devido à crise econômica e política. No que diz respeito à industrialização, baseada em um processo de substituição das importações e implantação da indústria pesada, o Estado populista não corresponde às necessidades implicadas nesse processo de acumulação de capital. No âmbito econômico, a crise se verifica através da redução dos investimentos, diminuição da entrada de capital estrangeiro, baixa na taxa de lucro e agravamento da

³ Acreditava que a principal força criadora da civilização estava na elite, porque todas as civilizações existentes sempre foram dependentes do valor das classes dirigentes.

inflação. Quanto à crise política, os aparelhos de Estado não garantem mais a distinção de classe, a qual daria estabilidade ao processo político. Há mobilizações dos estudantes pelas reformas de base e propostas de conscientização política e social do povo. Nota-se o crescimento das organizações sindicais, greves operárias e estudantis, assembleias reivindicatórias e o envolvimento da Igreja engajada em campanhas eleitorais e organização de sindicatos rurais.

As influências externas ajudaram também na ebulição desse momento no Brasil, pois Cuba com sua revolução socialista, irá fascinar os oprimidos de outros países, inclusive do Brasil, preocupando os Estados Unidos que farão uma intervenção no sentido de criar programas de cooperação econômica e colaborar com forças antidemocráticas e golpistas em vários países da América Latina. Dentro de todo esse clima, com uma inflação de 100% ao ano e uma mobilização das pessoas no sentido de corrigir os salários, novamente sofremos um golpe militar em 1964 dando continuidade à dominação burguesa, exclusão das massas populares e ao autoritarismo.

A UNE, União Nacional dos Estudantes, reage contra o golpe ficando ao lado dos trabalhadores e, com isso, abre precedentes para que golpistas estimulem bandos de repressores a incendiar sua sede no Rio de Janeiro.

Voltando no tempo, somos levados a imaginar como ficaram, nesse contexto, as pessoas que não tinham o direito de expressar e interpretar o que ocorria no seu país, podendo assim perder o sentido de identidade já *que onde os homens não podem transmitir seus pensamentos sem medo, nenhuma outra liberdade é assegurada* (BOND, 1962: 16).

Concordo com o frase de F. Fraser Bond e acrescentaria também que onde mulheres anônimas, que lutavam e lutam bravamente em várias frentes, pela liberdade e a justiça , estão impedidas de expressarem o que pensam e sentem, nenhum país pode pretender-se Nação.

A seguir, pretendo explanar um pouco sobre os anos entre 64 e 84, sob o regime militar, como este vai endurecendo, com os constantes movimentos reacionários, principalmente dos estudantes.

2. O período sob o regime ditatorial a partir de 1964

Como no auge da guerra fria e do medo de uma guerra nuclear, tememos o dia de amanhã. Não mais aqueles sinistros cogumelos atômicos, mas medos mais prosaicos, como ficar sem trabalho, descobrir-se obsoleto, não conseguir garantir um futuro melhor para os filhos.

(SIRKIS, 1998: 17)

Em 13 de março de 1964, o Presidente da República João Goulart, realiza um comício no Rio de Janeiro e anuncia a promulgação de dois decretos que nacionalizam refinarias particulares de petróleo e desapropriam propriedades à margem das ferrovias, rodovias e zonas de irrigação dos açudes públicos, e promete enviar ao Congresso, projetos de reformas agrária, eleitoral, universitária e constitucional, projeto de instalação de uma “República Sindical” no país, na defesa do povo e das classes populares(SANFELICE, 1986: 27).

As classes possuidoras de grandes propriedades e os conservadores receosos de um governo baseado nos moldes “cubanos”, reagem com uma manifestação em São Paulo, chamada “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”, organizada pela Igreja Católica e pela classe empresarial. Completando o quadro de insatisfação perante o governo de Goulart, o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, chama o povo a restaurar a ordem constitucional. No dia 31 de março, o general Mourão Filho, comandante da IV Região Militar, mobiliza as tropas de Minas Gerais e junto com os comandantes do II e IV Exércitos, marcham para o Rio de Janeiro, surpreendendo as forças nacionalistas e de esquerda e instalando um regime de linha dura militar.

No ano de 1964, a ditadura instalou-se novamente no Brasil e durante vinte anos ficamos sob o domínio dos militares. Muitos dos brasileiros e brasileiras sentiram toda a opressão e a frustrante indignação de serem tolhidos/as da liberdade de pensar, criticar e aprender. Isso tudo sem contar todas as prisões das pessoas que se rebelavam contra o sistema, as torturas, “desaparecimentos”, desrespeito e violências às instituições religiosas e educacionais.

O golpe de Estado de 1964 se caracterizou diferentemente do de 1937, por colocar no poder os militares, representantes de uma classe minoritária, politicamente dominante, que era formada por uma burguesia industrial e financeira no âmbito nacional e no internacional. No anterior, o poder é tomado por um líder carismático e controlador de todos os poderes.

Essa minoria de classe, representada pelas Forças Armadas, irá assumir o poder durante vinte anos, trocando o comando entre si periodicamente.

Este tipo de regime é considerado ditatorial porque impõe o poder de maneira autoritária, arbitrária, subjugando as diversas classes a seu domínio e obediência, não levando em conta nem a sociedade civil, nem as pessoas que perdem toda a autonomia e liberdade. O poder Executivo age conforme sua vontade e determinação, ignorando os poderes Legislativo e Judiciário que passam a ter uma existência apenas simbólica.

O domínio do Estado pelos militares irá influir em todos os setores da vida política, social, cultural e econômica do país, provocando insatisfação e revolta, principalmente no meio universitário. Encontravam-se, nas universidades, intelectuais e estudantes já há muito tempo descontentes com a política educacional do governo, que privilegiava o desenvolvimento do capitalismo, dando apoio aos interesses dos grandes conglomerados internacionais e dos grandes grupos empresariais nacionais, e das estatais, num total esquecimento das questões sociais, incluindo, a educação.

Os militares não se preocuparam em compensar as desigualdades e injustiças sociais, nem em diminuir o grau de analfabetismo e o nível escolar muito baixo da população - o que acarretava a exclusão social de milhares de brasileiros/as - privilegiando apenas a elite da sociedade através de sua política repressiva e de acúmulo de capitais.

O regime opressor, agressivamente, reprimia os suspeitos de subversão. No dia seguinte ao golpe, forças repressoras incendiaram a sede da UNE (União Nacional dos Estudantes) no Rio de Janeiro, começando a “caça aos comunistas” “comunistas”. Em vários estados brasileiros houve invasão de universidades, empresas estatais e repartições públicas, assim como teatros, centros culturais, e mesmo residências particulares, com a intenção de encontrar “comunistas” e “subversivos” nesses locais.

A ditadura irá adotar uma política de apoio aos interesses de grupos econômicos de capital estrangeiro e busca, nos Estados Unidos, recursos técnicos e financeiros para os seus objetivos.

Enquanto isso, por causa da perseguição política e da falta de condições de trabalho, muitos intelectuais, professores, cientistas, técnicos e artistas deixavam o país (muitos foram assassinados). Em contrapartida, o Brasil recebia inúmeros consultores norte-americanos que vinham com o intuito de “desenvolver e modernizar” o Brasil.

A ditadura não foi aceita passivamente pelos brasileiros, tanto que, logo após o impacto assustador do golpe, começa uma onda de protestos que levará muitos anos e que deixará um saldo muito grande de mortes e desaparecimentos. São protestos vindos de vários segmentos da sociedade, como dos artistas, intelectuais, imprensa e principalmente dos estudantes, que lutavam contra o autoritarismo e a favor da liberdade.

Conforme mencionado anteriormente, durante os vinte anos sob o domínio do regime ditatorial dos militares, o Brasil investiu mais no setor econômico (aplicando seus recursos em empresas estatais, incentivando o capital, etc.) do que no social, esquecendo-se, inclusive, de cuidar da escolarização do trabalhador - força ativa de um Estado em expansão - descartando essa classe social e privilegiando a elite. Deixou como legado a disparidade da desigualdade social e o acúmulo de capital pela minoria, provocando concentração de renda e riqueza.

Foi um governo autoritário, violador dos direitos de cidadania, opressor dos trabalhadores e estudantes, violador dos direitos humanos, dismantelador das instituições democráticas.

Em 13 de dezembro de 1968, é consolidada a ditadura através do Ato Institucional número 5, assinado pelo General Costa e Silva, Presidente da República, que irá transformar a vida dos militantes contrários ao regime num palco de luta desigual e sangrenta, onde reinava a dor, a desconfiança e a morte.

O poder é exercido por um grupo de militares, possuidores de um grande domínio sobre o restante da população através do medo. É um período negro da história de nosso país, responsável pelo sofrimento de pessoas comuns, que expunham suas idéias, mas que eram tratadas como criminosas e traidoras. De acordo com Foulcault: *Nessa humanidade central e centralizada, efeito e instrumento de complexas relações de poder, corpos e forças submetidos por múltiplos dispositivos de "encarceramento", objetos para discursos que são eles mesmos elementos dessa estratégia, temos que ouvir o ronco surdo da batalha*(FOULCAULT, 1996: 269).

A repressão imposta, instituiu a censura à imprensa e um controle da política ideológica em todas as instituições educativas do país, dispondo para isso do poder que tinha de editar decretos e atos institucionais. Como afirma Germano (1993):

a disputa interna pelo poder, levada adiante pelas diferentes facções militares, ressurgiu com a doença e morte do General Costa e Silva em agosto de 1969. O Alto Comando das Forças Armadas, em reunião secreta, desferiu mais um golpe, desta vez ao violar a Constituição de 1967 (um ano e meio apenas após a sua promulgação), impedindo que o vice-presidente Pedro Aleixo – um civil que se opusera ao AI-5 – assumisse o poder, cujo titular estava impossibilitado de fazê-lo. Para o Alto Comando, como a “solução constitucional não era viável”, a Presidência seria exercida por uma Junta Militar, formada pelo General Aurélio de Lyra Tavares, pelo Brigadeiro Márcio de Souza e Mello e pelo Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunevald, que governou o país até que o General Emilio Garrastazu Médici fosse elevado ao cargo de Presidente da República em outubro de 1969(GERMANO, 1993: 68-9)

Sucessivamente até o fim do regime em 1984, o governo é assumido por militares, impedindo qualquer civil de assumir o poder, mesmo que para isso tivessem que desrespeitar a Constituição, conforme citado anteriormente.

Em Sorocaba, a partir de 1964, como viveram e como se expressavam as pessoas é o tópico seguinte.

3. Sorocaba no período da ditadura militar pós golpe/64.

a idéia moderna da racionalidade global da vida social e pessoal acabou por se desintegrar numa miríade de mini-racionalidades ao serviço de uma irracionalidade global, inabarcável e incontrolável. É possível reinventar as mini-racionalidades da vida de modo a que elas deixem de ser partes de um todo e passem a ser totalidades presentes em múltiplas partes.

(SANTOS, 1999: 102)

Nos arquivos do Jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba, é grande o número de artigos depois do golpe de 1964 que enaltecem o ato da tomada do poder pelos militares, outros, ainda que se referem às comemorações feitas nas escolas, nos anos seguintes ao dia “31 de Março”. Há um edital publicado no jornal acima citado de 26 de março de 1972, oito anos após o golpe, intitulado: “31 de Março” – Comemorações são obrigatórias em todas as escolas.

Esse edital, diz o seguinte:

Em virtude dos dias santificados, as comemorações de 31 de março, neste ano, serão realizadas em todas as escolas públicas e particulares no dia 29. Nesse sentido, a profa. Esther Figueiredo Ferraz, Secretária da Educação, reiterou às autoridades escolares, através de Resolução, a obrigatoriedade da comemoração condigna da data cívica de 31 de Março, ficando sob a responsabilidade do diretor de cada estabelecimento de ensino a programação. Esta deverá compreender palestras nas salas de aula, realização de trabalhos escritos ou gráficos alusivos à data, nos dias 27 e 28, ficando a solenidade cívica para o dia 29, com hasteamento de bandeira, desfile escolar e palestra por alta autoridade local. Os professores de Educação Moral e Cívica deverão elaborar e desenvolver planos especiais de aulas sobre o 31 de Março, motivando e atraindo a atenção dos escolares para o significado da comemoração. Cada estabelecimento de ensino enviará, pela respectiva Delegacia de Ensino, o melhor trabalho do aluno diretamente ao Gabinete do Secretário da Educação.

(JORNAL CRUZEIRO DO SUL, 1972)

O edital acima, vem confirmar os depoimentos das mestrandas, logo mais a frente, à respeito da importância dada pelo governo militar às aulas de Educação Moral e Cívica.

O golpe de 64 foi visto de maneiras diversas pelos sorocabanos. Esta parte do trabalho pretende mostrar a visão⁴ de um historiador da cidade de Sorocaba, de uma das primeiras vereadoras eleitas nesta cidade e de uma professora de História e Geografia aposentada, mãe de uma das minhas colegas do Programa de Mestrado. Abaixo, o senhor Milton Marinho

⁴ Os depoimentos na íntegra estão no Anexo 1, página 126.

Martins⁵, historiador sorocabano, conta-nos sobre como reagiram os sorocabanos ao golpe de 1964:

Sorocaba após o golpe militar de 1964, foi uma cidade que, eu acredito que o que ocorreu aqui, ocorreu com a maioria das cidades brasileiras; Sorocaba aderiu plenamente à revolução, se podemos chamar de revolução porque não houve batalha nenhuma. Sorocaba tanto aderiu tanto assim que antecedendo à eclosão desse movimento, a população sorocabana (foi uma grande massa popular), aderiu ao convite que foi feito para participar da Marcha da Família com Deus pela Pátria que começando no Além Ponte veio a terminar no Largo de São Bento. Dessa passeata noturna, participaram quase a totalidade das autoridades sorocabanas e estudantes e o povo em geral. Então, nós podemos dizer assim de um modo geral, que o povo aderiu francamente a esse movimento porque os verdadeiros democratas temiam que a Nação acabasse se tornando uma outra Cuba porque na época nós estávamos na Guerra Fria e de um lado, os democratas liderados pelos Estados Unidos e do outro lado, a Rússia influenciando os partidos comunistas das diversas nações para que assumissem o poder, inclusive financiando, isso todo mundo sabe, não é novidade, financeiramente como fez com Cuba ao ponto de só agora com a queda do comunismo na Rússia, Cuba acabou ficando numa situação de penúria porque deixou de receber a ajuda financeira russa. Temendo então, que o país acabasse e se transformasse numa outra Cuba, é que a população aderiu francamente ao movimento porque tudo indicava que nós caminhávamos para uma situação desagradável para a democracia. Havia insubordinação às duas entidades mais bem organizadas do Brasil que são o Exército e a Igreja; até no Exército estava começando a haver insubordinação, desrespeito à hierarquia. Então, eu acredito que a Revolução de 64, no meu ponto de vista, teve seus méritos e deméritos. Foi um mal necessário. Um mal necessário porque trouxe benefícios e só que, em vez de durar pouco tempo como se pretendia, como se pensava, que era um simples arranjo da casa, acabou se prolongando por muito tempo, incendiando assim a revolta de grupos, embora minoritários, mas muito ativos, sempre liderados, é preciso que se diga, também a bem da História, que a maioria dos que se rebelavam contra a ditadura, entre eles a maioria era esquerdista, eram os antigos adeptos do comunismo russo. Havia democratas também. Enquanto uns pegaram em armas e enfrentaram o poder constituído, o governo, outros preferiram, como eu acho, no meu ponto de vista o mais certo, defender seu ponto de vista através de idéias, de movimentos não militares, não violentos. Então, tem aqueles que lutavam contra a ditadura através de idéias e aqueles que eram mais violentos, eram mais agressivos e pegaram em armas.

Foi perguntado ao senhor Milton Marinho Martins, se Sorocaba, ou melhor, os sorocabanos tiveram um papel de revolta, após o golpe, ou de arrependimento por terem aderido à revolução, ao que ele respondeu:

⁵ Professor Aposentado com 53 anos de Magistério, Historiador de Sorocaba, Jornalista, nasceu em 1921. Foi Vereador pelo Partido Democrata Cristão, Professor e Diretor de várias escolas em Sorocaba, Diretor do Aquiles de Almeida por 40 anos, Professor e Diretor do Curso Ferroviário por 30 anos. Atualmente Orador do Gabinete de Leitura Sorocabano, Diretor Cultural da Casa Aluísio de Almeida, Secretário do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e Orador do Movimento Constitucionalista de 32.

Não, eu acredito que não, embora vários sorocabanos tenham participado desses movimentos contrários ao regime militar, não há dúvida nenhuma. Isso demonstra que havia insatisfeitos, que havia posicionamento contrário. Mas assim, movimento propriamente dito de grande expressão, de relativa expressão principalmente popular, eu não me lembro de nenhum movimento nesse sentido.

Também foram feitas algumas perguntas referente a esse período, à senhora Salvadora Lopes⁶, líder operária.

A primeira pergunta foi sobre o que aconteceu depois do golpe de 64, em Sorocaba, ao que ela respondeu:

Qualquer coisa que acontecia em Sorocaba, corriam na minha casa: *“Salva, aconteceu isso ... Salva, aconteceu aquilo”*. Sabe? Eu sabia de tudo que acontecia. O povo se manifestava, corria na minha casa porque sabia que eu tomava posição. Aí chegaram lá em casa e falaram: *“Salva, sabe de uma coisa, levaram o Alonso Gomes (candidato à Prefeito) e a mulher não sabe onde ele está. E quem tá dando comida pra ele, levando mantimento pra ele é o Gualberto Moreira e o Hélio Freitas”*.

A próxima pergunta foi feita para tentar saber mais sobre como pensavam as pessoas com as quais a senhora Salvadora relacionava-se: As pessoas com as quais a senhora convivia, fora as que eram do Partido, eram a favor do golpe de 64?

Em 64? Não teve ninguém contra, ninguém. Porque a polícia vinha e pegava. Você vê o Cid Franco. O Cid Franco[era deputado pelo PSB lá em São Paulo] não era comunista, era socialista. Mas se você visse o homem! Eu conheci ele numa reunião que houve lá no Ginásio de Esportes. Se você visse o homem! Era mais do que muitos e muitos comunistas, já não digo todos, porque exagero. Ele foi preso e martirizavam tanto ele, que ele morreu. Em 64 eu não estava mais no Partido, tinha sido expulsa, já estava casada e no Movimento Operário eu estava a mesma coisa. Como eu falei pra eles, eu entrei dentro do Partido porque pra gente ter reunião, a gente reunia só com os têxteis, porque era o Sindicato dos Têxteis, agora dentro de um Partido eram os ferroviários, eram os têxteis, eram os metalúrgicos. A minha pessoa era essa, né?

⁶ Líder Operária Têxtil. Foi eleita vereadora em 1948, mas não chegou a assumir. Nasceu em 1918 em Avaré, vindo para Sorocaba aos dois anos de idade. Destacou-se nas lutas da classe operária, sendo presa três vezes.

Foi feita uma pergunta de resposta óbvia, visto que a senhora Salvadora era da linha da esquerda. A pergunta foi esta: A senhora foi contra a ditadura, a senhora era totalmente contra, não era?

Era contra, contra! Sabe o que é que mandaram falar pra mim? Porque o Otto Wey era do Partido Trabalhista e ele é parente [risos]. E ele foi intimado. Eles [a polícia] queriam vir na minha casa, eles queriam mandar. Na casa da minha irmã, foram. Aí, o Otto Wey falou: *“Escuta aqui, ela já está expulsa do Partido, ela não está se enfiando em coisa nenhuma, o que é que vocês querem? Vocês estão criando caso”*. Aí o Delegado falou que era isso mesmo, porque ele é Maçon, sabe? Ele respeita muito a gente.

Quando perguntado se a maioria das pessoas de Sorocaba era a favor ou contra o golpe de 64, a resposta foi esta:

Contra o golpe! Ninguém queria o golpe. Quem que quer o golpe? Deus nos livre! Quer o golpe aqueles que estão acomodados! Por isso que eu fiquei horrorizada quando eu vi os generais de reserva fazerem isso.

Pelas respostas da senhora Salvadora, a vontade de lhe perguntar alguma coisa a mais, foi muito forte. A outra pergunta foi: O que é autoritarismo para a senhora?

Ao que ela respondeu:

Eu acho que autoritarismo não presta! Porque a gente não pode ter autoridade sobre pessoa nenhuma.

A outra pergunta foi: O que é liberdade para a senhora?

A liberdade tem limite! A liberdade sem limite, não é possível. É como o anarquismo, não podemos. Porque o anarquismo é muito bom, mas tem que ser uma coisa perfeita, você tem que ser perfeita e aonde que nós vamos indo gerar um povo perfeito de uma hora para outra? Isso é um absurdo. É como o comunismo, é um absurdo!

O que é o comunismo para a senhora?

O comunismo para mim é uma parte, quer dizer, é uma política que é acertada. Não é ruim, ela não é ruim. É uma coisa perfeita, esta geração tem que ter uma perfeição. Nós temos que dar essa perfeição ao povo. Mas leva anos para ir aperfeiçoando o povo

Nós temos a Rússia e Cuba como exemplos. Agora, a liberdade tem que ter um limite e fora daquele limite, não! Você querer fazer uma coisa que está fora só porque tem liberdade, o que é isso? Não pode. Porque tudo tem limite. Passou daquilo é exagero.

Para a senhora Ida⁷, perguntou-se o que era autoritarismo, ao que ela respondeu:

O autoritarismo para mim é a pessoa que pensa que ela pode tudo e não respeita a liberdade do próximo. Eu não senti nenhuma atitude de autoritarismo na escola porque eu fui educada para obedecer: eu fui sempre boa aluna, obediente, não gosto de fazer coisa errada. Eu tinha uma diretora muito rígida, adorava. Ela era igual, eu “dato” muito isso, quer dizer, se você quer ter um privilégio você tem que pensar no privilégio que os outros também podem ter. Por que só você? Eu acho que a pessoa em empresa, em indústria, em escola tem que entender que a sua liberdade tem que ser medida para que os outros todos tenham a mesma liberdade que você. Eu tenho horror de exceção: só você pode, só você vai, esse grupinho pode, esse grupinho não pode. Na escola, onde eu lecionava, a gente tinha muitos colegas, mas a maioria era na base de “impor idéias”. Havia até um caso de uma pessoa muito inteligente, mas da filosofia de que se você não colocasse as idéias dele, você não tinha nota.

Em contrapartida, foi perguntado o que ela achava que era a liberdade. A senhora Ida respondeu assim:

A liberdade para mim é você fazer aquilo que você deve, respeitando aquilo que o outro também deve. Quer dizer, você tem a sua liberdade, mas a sua liberdade é relativa; a sua liberdade termina onde começa a do próximo. É a frase que eu mais ouvi. Você tem liberdade, por exemplo, de ouvir um som, mas na medida que aquilo está atrapalhando o seu vizinho, não precisa nem ser hora marcada como hoje em dia tem um pouco, mas a minha liberdade é essa, a que eu entendo por liberdade. Eu sou contra a liberdade exagerada desse pessoal que acha que é para ir na rua, pegar armas, eu sou contra isso.

Perguntei também à senhora Ida se algum aluno havia alguma vez lhe perguntado o que era comunismo, e ela respondeu da seguinte maneira:

Algum aluno me perguntou o que era comunismo ... Não digo que não, assim no sentido de curiosidade, mas era proibido. O comunismo não era bom! E eu fui educada assim: - *se a coisa é ruim, você nem procure saber direito, você não chegue perto!*

⁷ Professora de História e Geografia. Nasceu em 1933 e estudou na PUC/Campinas na década de 50. Lecionou em Sorocaba durante as décadas de 60 e 70. Mãe de uma das minhas colegas do Programa de Mestrado da UNISO.

Veja a minha situação. Então, alguém falava em comunismo, a gente dizia: - *Coisa ruim, coisa que não pode ser, não deve ser, eles tem que ser presos, eliminados, não importa!*

O senhor Milton Marinho Martins e a senhora Salvadora Lopes são duas pessoas de linhas políticas contrárias, são dois extremos. A diferença de idade não é tão grande assim: um tem 77 anos e a outra tem 81, são apenas quatro anos de diferença. Um é homem e a outra é mulher. São dois personagens sorocabanos que, acima de todas as suas diferenças têm algo em comum: a sua cidade. Em Sorocaba eles viveram toda a sua vida, dedicando amor ao que se propuseram fazer: um como professor e a outra como líder operária; os dois tiveram grande participação política, cada um defendendo seu ponto de vista. Devem ser muito respeitados pelas suas opiniões porque cada pessoa entende o mundo de acordo com a significação da sua vida, de acordo com a sua inserção social no mundo.

Quanto à senhora Ida, criada para obedecer, como ela própria declara, não saber muito a respeito do golpe de 64, podemos postular dois motivos: em primeiro lugar ela não se lembra de comentários a respeito e, em segundo lugar, pude notar que mesmo após tanto tempo e diante da liberdade democrática de opinião que desfrutamos hoje, de podermos nos expressar e falar sobre temas tão “obscuros” do passado como foi a ditadura militar, ela ainda não se sente à vontade para comentar mais do que já foi exposto anteriormente. Ela é uma personagem muito típica desse período que expressa bem a mulher, a mãe e a educadora dominada por um sistema opressivo, de obediência sem questionamentos ao poder autoritário.

A investigação continua, agora pensando no dia a dia dos/as sorocabanos/as, percorrendo os vários caminhos, sentindo ou não o que estava acontecendo. Adiante, continuam as indagações a estes três depoentes sobre as lembranças do cotidiano.

4. O cotidiano sorocabano pós - golpe/64.

Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções. Ao arquipélago destas soluções chamo eu socialismo. São soluções moveáveis, radicais no seu localismo. Não interessa que sejam portáteis ou mesmo soluções de bolso. Desde que expludam nos bolsos.

(SANTOS, 1999: 111)

Muitas vezes, não percebemos a multiplicidade de coisas que acontecem no nosso cotidiano e que são importantes para a formação do conhecimento do mundo em que vivemos e no qual partilhamos experiências que nos servem de guia para traçarmos novos rumos. Conforme observa Nilda Alves (1998):

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que estejamos dispostos a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capazes de engolir sentindo variedades de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e se deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que a realidade vai colocando a cada ponto do caminho diário (ALVES, 1998 : 3-4).

É interessante saber como continuaram a ser os dias dos sorocabanos pós golpe/64; se o novo governo militar alterou suas vidas. Como ficou a parte social, a cultural, a econômica e quais os ganhos e as perdas durante a ditadura?

Mais uma vez, é perguntado ao senhor Milton Marinho Martins, sobre o cotidiano sorocabano na época de 64, isto é, pós - golpe, como as pessoas viviam, como ficaram os/as estudantes? No geral, o que aconteceu?

O povo de um modo geral se beneficiou com o movimento militar, tanto assim que nós chamamos de “A época dourada dos gastos”, havia dinheiro, havia muito empréstimo do exterior inclusive. Então, houve abundância, não houve falta de empregos, a economia foi boa. Só que hoje estamos pagando o ônus. Também uma das falhas desse movimento é de que tendo ensejado o aparecimento de muita corrupção e a corrupção existe no Brasil como no mundo inteiro. Dívida o Brasil tem desde o tempo do Império, mas essa dívida foi agravada em parte pelos empréstimos da época da “coisa” para dar mais regalia ao povo, dar meio de vida melhor ao povo. Então, abriram-se estradas, emprego não faltava, o social foi beneficiado, só que agora estamos pagando os juros altos desses empréstimos com o FMI e com isso a situação agora está

agravada em parte por esse tempo de grande abundância. Então, para o povo, de um modo geral, principalmente os primeiros anos depois do movimento militar, foi satisfatório, foi bom. Houve logo depois do movimento uma caça aos corruptos, só que não resolveu porque os corruptos continuaram a aparecendo e um dos objetivos da revolução era esse também, caçar os corruptos, mas infelizmente não conseguiram; caçaram alguns, outros continuaram por aí, apareceram novos e com isso a situação em vez de melhorar, foi só deteriorando.

Outra pergunta feita foi: O senhor ficava sabendo o que os militares faziam com os/as estudantes, as torturas, os assassinatos; aqui em Sorocaba as pessoas ficaram sabendo, ou não se comentava?

Não se comentava. Esse problema sempre foi assim. E mesmo porque naquela época, tudo é questão de época. Aliás, quero aproveitar e fazer uma crítica a certos historiadores, cada um tem seu modo de pensar, de ver. Eu, a minha maneira de ver a história é comentar os fatos de acordo com a época em que eles se realizaram. Os estudantes sempre foram os mais ativos opositores ao regime militar e aqui sempre funcionou, sempre teve diretórios de entidades estudantis e essas entidades naturalmente sempre estavam se posicionando contrariamente aquilo que ocorria na nação, sobre o presidente colocado no poder pelo movimento revolucionário.

A respeito de 1968, perguntei: Depois do golpe houve, em 1968, o Ato Institucional número 5, que foi totalmente arbitrário e castrador da liberdade. O que o senhor viu, o que o senhor achou que as pessoas acharam disso? O que o sorocabano achou disso?

Quando começaram a aparecer os Atos Institucionais e alguns trazendo assim medidas antipáticas, nada democráticas, de um modo geral as pessoas bem informadas, as pessoas verdadeiramente democratas, passaram a achar absurdas essas tomadas de posição do governo. Inclusive, logo no final do movimento revolucionário, muitos daqueles que haviam participado do movimento e dado todo o seu apoio até começaram a deixar o movimento e fazer críticas até. Eu sou da linha do Ghandi: reformas, modificações, vitórias democráticas, mas tudo dentro da paz, dentro da harmonia. Então, muitos daqueles que participaram ativamente do movimento, depois quando viram que a durabilidade dele estava exagerada e que muitas atitudes estavam sendo tomadas de maneira anti-democráticas, acabaram abandonando o “barco”.

Sobre o tema “comunismo”, perguntei: Na época de 64, para o senhor e para as pessoas que o senhor observava de maneira geral, o que era comunista?

Não é só naquela época, é ainda hoje. Pra mim, o comunismo sempre foi um regime ditatorial e eu como democrata não aceito por vários motivos, não só pelo lado

político. Por exemplo: Fidel Castro que está há quarenta anos no poder e ainda agora foi condecorado pelos estudantes em Minas Gerais como defensor dos estudantes e é um problema fácil pra mim de entender, mas não sei se para todos é assim tão fácil. Essas pessoas que aqui dentro do nosso país lutam pela democracia, lutam pela liberdade, mas fora daqui apoiam os ditadores! Então, fora daqui aplaudem Fidel Castro, fora daqui aplaudem esse lá da Iugoslávia que fez a limpeza étnica e tem tendências bolchevistas, aplaudem a República Chinesa que fez o massacre da “Paz Celestial” e que é uma das mais ferrenhas ditaduras do mundo. Então, quer dizer, esses mesmos que defenderam, que atacaram, que lutaram pela derrubada do regime militar, agora continuam aplaudindo os ditadores de fora. Quer dizer, no meu ponto de vista é um contra-senso; se queremos democracia para nós, devemos querer para os outros também, embora não devamos nos imiscuir nos outros países, cada um tem a liberdade de escolher o seu caminho. Então, o comunismo sempre foi um regime ditatorial, todos eles massacraram os adversários, não é? Então, como democrata e como católico eu sempre vi no comunismo um regime completamente desumano e anti-cristão.

A última pergunta refere-se a essa palavra tão difícil de ser definida, que todos tentam responder, mas sempre fica faltando alguma coisa: O que é liberdade para o senhor?

A liberdade é uma coisa muito complexa e muito mal usada e empregada sempre, e mais ainda nos dias de hoje. Eu acredito que a liberdade é o cidadão poder ter sua crença, poder praticar o seu esporte, poder enveredar pelo ramo da cultura que ele bem entender, poder se locomover livremente, isso é a liberdade. Agora, ela requer, a liberdade que eu pratico, que eu prego, que eu desejo é a liberdade dentro da lei, dentro dos princípios hierárquicos, dentro da obediência, dentro da ordem. Então, que cada um tenha o pensamento que tiver, é um direito! Mas, só por ser contrário a isto ou àquilo, não agrida ao adversário, porque esta agressão não condiz, no meu ponto de vista, com a liberdade.

O senhor Milton opinou aqui como historiador e seria interessante também conhecer a visão de uma professora da época, como a senhora Ida, mãe e cidadã sorocabana:

Em 64, eu estava no Estadão [Instituto de Educação Estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque] que era uma das escolas mais tradicionais de Sorocaba e eu fui muito felizada de poder lecionar no Estadão. Eu lecionei durante 24 (vinte e quatro) anos no Estadão e depois fui para o Genésio (Escola Estadual Genésio Machado) pra me aposentar; eu me aposentei com 27 (vinte e sete) anos de escola. O meu curso eu fiz na PUC de Campinas e terminei em 56, e eu fiz História e Geografia. Eu fui criada no colégio de freiras das madres beneditinas até o curso Normal. Depois que eu me formei de normalista, eu queria ir fazer uma faculdade, eu queria aumentar os meus conhecimentos. O meu mundo de infância foi um mundo de “submissão”. Eu fui educada num sistema tradicionalista. Como eu fui educada? A freira vinha, dava a matéria e você decorava aquilo e traduzia para ela. Era ela que sabia, era ela que

transmitia as mensagens e as verdades; você nem queria discutir porque você era criada daquele jeito. Com o correr do tempo, eu peguei muito as classes de quinta e sexta série pra lecionar e antes da Renovação Educacional, eu sei que foi na década de 70 mas não lembro direito a data, era assim: era um livro, você explicava aquilo do livro. Você tinha que cumprir o Programa (não tinha obrigatoriedade nenhuma, não havia planejamento, era tudo assim: uma reunião e cada um se virava por si) e nunca dava pra cumprir. Nunca. Agora, sobre o que acontecia na época de 64, a gente ficava alheia “ao que se passava lá em cima”. Entendeu? Nem se comentava o que se passava e existia, a gente por fora sabia que existia censura. Então, aquilo que se passava fora, não vinha até nós. Hoje em dia, tem televisão, e mesmo assim a gente não sabe a realidade total do que se passa lá em cima, pois o que vem para o público é o que querem que venha. Quando o Getúlio Vargas morreu, eu acho interessante esse pedaço, eu estava em Campinas estudando e eu tinha uma professora espanhola. Quando ela soube que ele tinha suicidado, ela falou: - “*Nossa, na Espanha isso aqui é um motivo de rebelião, de guerra. Cuidado gente!*” Não houve nada. No Brasil não houve nada. Era assim: lá, eles resolviam, sabe? Eu acho que até isso daí vai trazer pra você uma decepção! Porque francamente, naquele tempo não existia isso que falam de combater e vamos ser contra o governo. A única coisa que eu soube, que houve problema grave foi quando faleceu o sobrinho do padre Aldo. Quando a gente soube, mas assim nem no jornal a gente chegou a ver, falou pouquinho. Eu não sabia por quê ele tinha morrido. E olhe, o padre Aldo vai me desculpar, mas em princípio eu achei errado o que ele fez. Eu sabia que ele era uma pessoa que morreu porque se rebelou contra o governo. Você entende o meu pensamento? Eu achava assim, eu não sabia das coisas ... Depois que eu fiquei sabendo. Eu não soube nada; que o Fernando Henrique e outros que foram exilados, eu soube quando voltaram. Porque quando eles voltaram já estava a liberdade, já estava nas diretas, já estava liberado porque hoje em dia até está em excesso a imprensa. Nós só soubemos das coisas depois que passou. Neste livro [ela folheia um livro da época que lecionava] pra você ter uma idéia de quantas páginas tratava da Revolução de 64, olha, fim de livro, fim de ano, não dava nem tempo de dar a matéria. São 6 (seis) páginas que eu digo pra você que eu nunca dei pra aluno de sexta série. Não dava tempo.

O senhor Milton, a senhora Salvadora e a senhora Ida, cada um inserido dentro de uma parte da sociedade sorocabana, fazem um resumo do que ocorria durante a época em estudo e o que pensavam as pessoas ao seu redor e como argumenta Certeau (1994):

Lentamente os representantes que ontem simbolizavam famílias, grupos e ordens, se apagam da cena onde reinavam quando era o tempo do nome. Vem então o número, o da democracia, da cidade grande, das administrações, da cibernética. Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém .Rios cifrados da rua (CERTEAU, 1994 : 58).

O cotidiano sorocabano , na época da ditadura militar foi pouco alterado , como se nada estivesse acontecendo nos bastidores do regime militar. As pessoas , mesmo as mais

informadas tiveram acesso apenas as informações que dignificavam o regime. Poucos eram os que suspeitavam das artimanhas ardilosas dos Estados Unidos ao infundir uma mentalidade de verdadeiro horror ao comunismo. O objetivo aqui também não é de defesa ao comunismo, nem ao socialismo e nem ao que se chama de “democracia” porque esta palavra também é usada muitas vezes com vestimenta falsa de igualdade, e que na verdade só serve para esconder falsos interesses.

O que mais se objetiva aqui, é tentar mostrar que as pessoas e principalmente os jovens devem verificar os lados opostos de qualquer fenômeno social, conhecer e refletir muito para tomar uma posição, uma postura coerente com seus princípios de cidadão, e de sua pessoa ímpar.

5. A educação, a escola e os estudantes contrários à ditadura.

Menosprezando todas as diferenças nacionais, que naturalmente são muito grandes, e levando em conta somente que se trata de um movimento global – algo que nunca aconteceu nesta forma antes – e considerando (a menos de objetivos, opiniões e doutrinas) o que realmente diferencia esta geração em todos os países das gerações anteriores, então a primeira coisa que me surpreende é sua determinação para agir, sua alegria em agir, e certeza de poder mudar as coisas pelos seus próprios esforços.

(ARENDETT: 1973: 174)

Durante o regime militar, o governo vai deixando de investir na Educação Pública já que o seu interesse maior é o grande capital. Dentro dessa mentalidade, privilegiou-se a abertura das escolas do setor privado, e abandonou-se as públicas, gerando uma grande lacuna no sistema educacional brasileiro, como nos mostra Germano(1993):

a política educacional pós-64 caracterizou-se realmente por se constituir num mecanismo de exclusão social dos despossuídos da escola (não importa o aumento da matrícula em todos os níveis). Para se ter uma idéia, em 1984, 60,6% da população economicamente ativa estava incluída numa faixa que compreende os que nunca estudaram ou que ficaram na escola, no máximo, até o primário, constituindo, por conseguinte, uma força de trabalho virtualmente analfabeta. (GERMANO, 1993: 266)

No Brasil, a escola será para poucos e essa exclusão, para um grande número da população, irá gerar outras exclusões condenando os aí inseridos a viverem em péssimas condições financeiras, acirrando-se a miséria. Por outro lado, a riqueza estará nas mãos de poucos, concentrada por uma minoria dos brasileiros. O governo militar deu prioridade ao capitalismo selvagem, a um desenvolvimento tecnicista voltado para tornar o Brasil competitivo com as grandes potências mundiais e o saldo disso foi uma dívida externa que carregamos até os dias de hoje.

A UNE, União Nacional dos Estudantes, vinha, há muito, requerendo uma universidade menos elitista e menos seletiva, pois os empresários que faziam parte da elite, juntamente com os militares, queriam que a universidade atendesse aos seus interesses econômicos, isto é, visasse ao desenvolvimento do capital.

Os estudantes estavam descontentes desde a aprovação da Lei Suplicy de Lacerda que basicamente extinguiu o movimento estudantil brasileiro, acabando com a participação política dos estudantes e deixando-os totalmente dependentes das designações do Ministério da Educação.

Com essa lei, a representação estudantil passou a ser veiculada através de Diretórios Acadêmicos, cada um representando os órgãos dos estudantes e obrigando-os ao exercício do voto para suas eleições.

Com o advento do golpe de 64, o movimento estudantil começa a se reorganizar, apesar da lei repressora (Lei Suplicy) e a se voltar contra a ditadura. A sua preocupação maior passa a ser a rearticulação da UNE que não tinha mais sede (fora incendiada pelos militares) e nem dirigentes. Passado um ano após o Golpe de 64, os estudantes conseguem formar o primeiro Congresso da UNE.

A partir daí, as lutas dos estudantes contrários à ditadura serão intensas. Acreditando na união do povo, oprimido pelo regime, partiram para o enfrentamento direto contra as forças opressoras.

O governo militar irá apertar o cerco aos estudantes através da instituição de leis castradoras da liberdade e investirá na violência com prisões e torturas que provocarão a morte de muitos deles.

Em 1968, com o Ato Institucional Número 5, o governo da ditadura consegue finalmente chegar ao ápice da repressão e da violência contra seus opositores e o movimento estudantil será massacrado.

Todos que se rebelaram contra o regime ditatorial foram eliminados, ou através de prisões, ou do exílio, ou mesmo da morte.

Sorocaba, na época da ditadura, isto é, na época do golpe de 64, tinha três Faculdades: de Medicina, de Filosofia e de Direito, que atuavam muito unidas através de seus centros acadêmicos. A Faculdade de Filosofia possuía o Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino ligado à JUC (Juventude Universitária Católica) e a Faculdade de Medicina possuía o Centro Acadêmico Vital Brasil, com forte influência do Partido Comunista Sorocabano. A Faculdade de Direito de Sorocaba tinha o Centro Acadêmico Rubino de Oliveira.

Os centros acadêmicos das faculdades, conforme citado anteriormente, atuavam em grande sintonia, desenvolvendo grupo de estudos que refletiam sobre os pensadores e filósofos e que faziam trabalhos para a comunidade, inclusive alfabetizando pessoas, principalmente os mais carentes pelo método Paulo Freire.

Muitos dos estudantes sorocabanos, que foram contrários ao regime ditatorial, manifestaram-se interagindo através dos movimentos de militantes, em várias capitais, onde eram realizados congressos e manifestações, mas em Sorocaba não houve nenhum ato. O único que temos notícia – marcado mas depois cancelado – foi um Congresso Municipal a ser realizado em abril de 1964.

6. A escola em Sorocaba em quatro imagens.

As imagens escolhidas devem falar por si, e muitas delas, sem nenhuma palavra, podem ser entendidas em diferentes lugares do mundo.

(REIGOTA: 1999: 119)

Uma outra maneira de conseguir analisar os fatos ocorridos num determinado período é através das imagens que refletem toda uma história, a trajetória de uma época, suas limitações, imposições, moda, humor, etc. Afinal, as imagens são leituras, resultado de uma maneira de ler diferente da tradicional, mas com símbolos significativos que farão com que os observadores interpretem-nas de maneiras diferentes, pois cada pessoa carrega uma infinidade de experiências vividas que configuram sua visão de mundo.

De acordo com REIGOTA(1999):

Sabemos da importância dos meios de comunicação de massa, na produção e difusão de representações sociais, seja de forma oral e/ou escrita, seja também pela forma silenciosa porém não menos potente das imagens virtuais e/ou reais, artísticas, publicitárias, científicas, etc. Vivemos cotidianamente bombardeados por imagens nada inocentes e de forte impacto, que influenciam pessoas de diferentes classes sociais, níveis culturais e escolaridade (REIGOTA, 1999: 93/94).

Conforme citação acima, no mundo atual as imagens estão em destaque; os nossos dias são cheios de cenas refletidas por imagens da televisão, de revistas, jornais, outdoors, computadores, etc.

O virtual se manifestou no mundo real e tomou conta das mentes das pessoas; as imagens preenchem e transformam o dia a dia tanto positivamente como negativamente.

Na maioria das vezes recebe-se imagens em turbilhões, sem que se tenha tempo de refletir sobre elas, ou de analisá-las; absorve-se apenas e tão somente a intenção imediata: a sedução ao consumo, à adesão de idéias, de comportamentos, sempre de maneira a impressionar, a chocar e poucas vezes para fazer pensar, sentir, refletir. Conforme afirma REIGOTA(1999):

Concretamente temos pouco ou nenhum tempo para analisá-las, assim como nos falta o hábito para isso, sobretudo porque uma das características básicas da potência das imagens é a sua fugacidade e rápido consumo. Nesse sentido, analisar as imagens gráficas, como fonte e processo de difusão e materialização das representações sociais traz implícito o componente pedagógico da necessidade de

educar-se para ler, interpretar e desconstruir os discursos implícitos e/ou explícitos que estas tentam consolidar no espaço social (REIGOTA, 1999: 94).

Ainda, segundo REIGOTA(1999), a discussão das imagens pode oferecer a possibilidade de uma análise sobre diferentes representações entre os mesmos temas, sobre os discursos embutidos e/ou evidenciar equívocos, críticas, alternativas e soluções propostas por grupos do mundo todo.

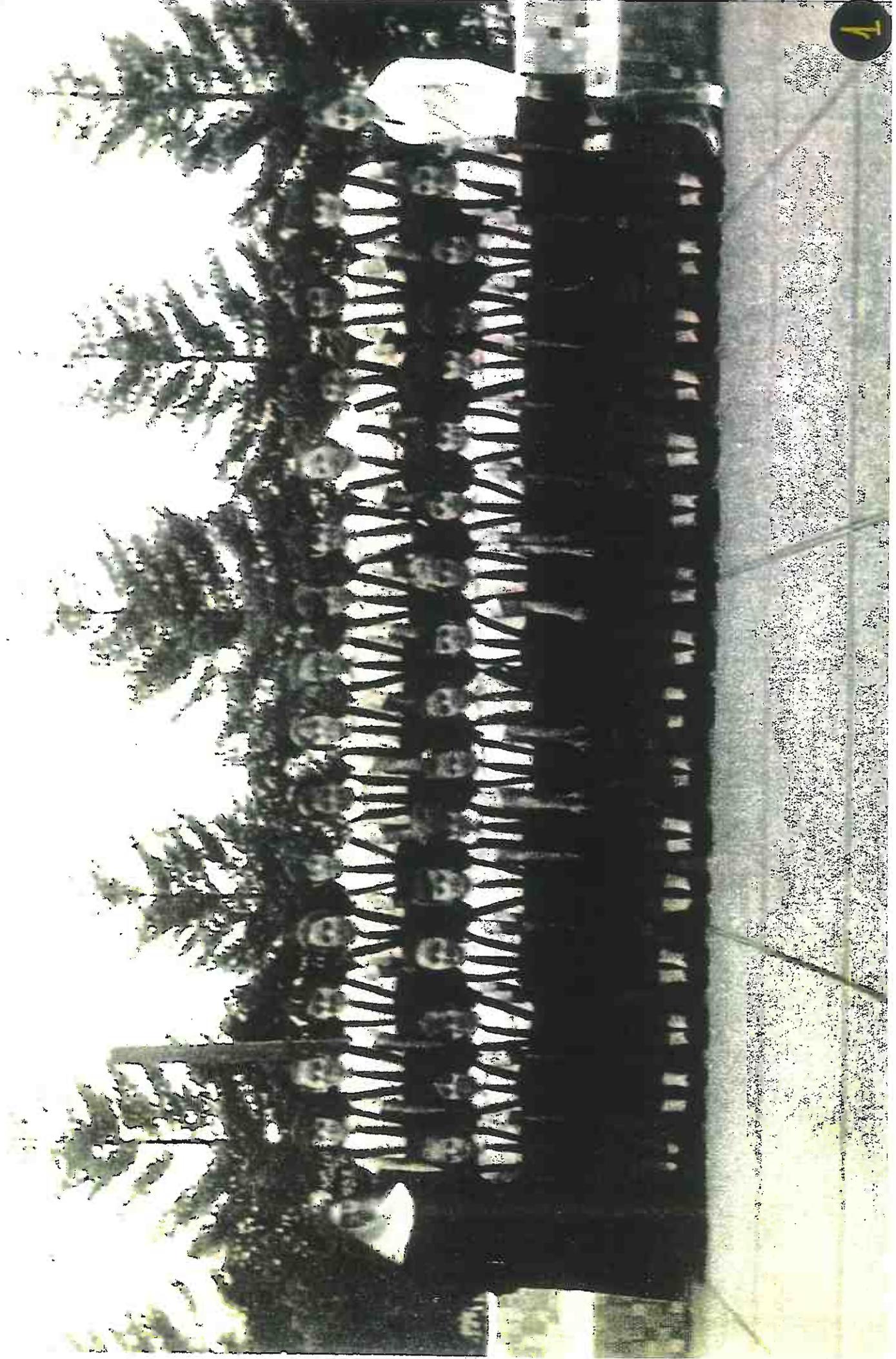
Importante se faz também, a discussão de maneiras diferentes de se despertar nos jovens percepções e posteriores interpretações sobre o que essas belas e coloridas imagens propostas quotidianamente, através dos meios de comunicação, trazem subjacentes.

Na aprendizagem é de grande importância para a formação do jovem, a análise de imagens através de uma orientação pedagógica, no sentido de explorar a curiosidade e a sensibilidade para uma leitura crítica daquilo que mais se vê durante toda a vida, que são as milhões de imagens transbordando de todos os lugares.

Pelas fotografias de estudantes e professores, da época da ditadura de 64 no Brasil, é possível fazer uma leitura do período, mostrando como se realizavam o comportamento, a postura, a hierarquização social, etc.

A foto de número 1 foi tirada em 1970 e pertence a um colégio de freiras, uma escola de classe média alta em Sorocaba. Num primeiro momento, dá para perceber um enquadramento perfeito das alunas, inclusive, parece que até a paisagem foi estudada para se ajustar à postura disciplinar da escola. A turma é formada só por meninas, já que, sendo uma escola de madres, meninos e meninas não se misturavam. A professora está disposta numa posição lateral, elegantemente vestida, com blaser e sapatos combinando e com o cabelo disciplinadamente arrumado, enquanto que a freira está do lado oposto ao da professora como se limitassem o espaço para impedir a dispersão das alunas.

As alunas estão todas uniformizadas, padronizadas, impecavelmente dispostas uma ao lado da outra. Nenhuma delas está com o suspensório da saia caído; as meias todas iguais (soquetes). Não dá para perceber nenhuma criança de cor negra, só branca e, parece-me que uma japonesa. A maioria está com uma expressão alegre, mas seu comportamento na pose para a foto é de absoluta rigidez e disciplina.



A foto de número 2, que também é do ano de 1970, é de uma escola para filhos de ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana e foi tirada nos mesmos padrões da escola da foto número 1, ou seja, os alunos de uma classe juntos, num grupo, ao lado da professora.

A postura e posicionamento dos alunos é totalmente diferente das alunas da foto número 1. Estão dispostos de maneira a apresentar uma posição de sentido, mas sem nenhuma regra imposta: os meninos de um lado e as meninas de outro ou os mais altos atrás e os mais baixos na frente. Juntos estão meninos e meninas, negros e brancos, de tamanhos diferentes. Alguns trajam uniforme, outros algumas peças do uniforme e outros, ainda, estão, ao que parece, sem uniforme. Há menino de calça comprida e de shorts também. As crianças estão meio desordenadas, inclusive uma das meninas abotoou a blusa de maneira errada, outra carrega a lancheira e outra está olhando do lado ao invés de olhar para o fotógrafo.

A professora está no canto esquerdo, acima dos alunos, vestida com simplicidade e a impressão que se tem é que ela é a guardiã, a mãe orgulhosa exibindo seus filhos.

Algumas crianças expressam uma fisionomia de alegria, outras de timidez, outras de seriedade.

Através dessas duas imagens, pode-se conhecer as diferenças sociais que existem entre as escolas. As diferenças são extremamente contrastantes entre as crianças, as professoras, os ambientes, os uniformes, as posturas, etc.

As crianças da foto número 1 estão sob a influência de um autoritarismo muito grande que acompanhou a educação brasileira muito tempo, impondo regras de comportamento, separando, desenvolvendo preconceitos e elitizando as crianças. As crianças da foto número 2, embora pareçam estar muito mais soltas e à vontade, também sofriam o autoritarismo da época, pela rigidez com que eram tratadas, sempre sob o domínio do medo.



Ainda é muito comum , mesmo nos dias de hoje, esse tipo de fotografia tirada dos alunos, tanto sozinhos, como com a turma de classe.

As próximas fotos, se referem às mesmas alunas das fotos anteriores, em suas respectivas escolas, agora sozinhas numa pose tradicional sentadas atrás de uma mesa que lembra a carteira escolar.

A foto de número 3 refere-se a aluna da escola de freiras. Foi tirada em 1970, na mesma ocasião das de número 1 e 2, só que agora é uma foto individual e a aluna está uniformizada, sentada atrás de uma mesa, com as mãos uma sobre a outra; tem uma expressão muito meiga e simpática, própria de uma criança feliz. À sua frente e dos lados estão dispostos livros, sendo que do seu lado direito há uma placa com o nome da escola “Colégio Santa Escolástica Sorocaba – CART – A”. A paisagem do fundo da foto é de plantas em vasos e um gradil de separação de ambiente.



A foto de número 4, é a da aluna da escola para filhos de ferroviários, também tirada na mesma ocasião, 1970 e a aluna também está uniformizada, sentada atrás de uma mesa com as mãos uma sobre a outra, com a fisionomia também de uma criança feliz. Parece que sob suas mãos encontra-se um livro aberto. Na paisagem do fundo da foto, isto é, atrás da aluna, encontra-se um tipo de painel de treliças de cor clara e acima, nesse painel, está escrito em letras de forma: O TRENZINHO DO IEMM TRANSPORTA O SABER. Logo abaixo, no canto esquerdo, há um emblema da Estrada de Ferro Sorocabana e abaixo dele os nomes de três responsáveis pela escola. O nome da diretora é o que consegue-se visualizar melhor: profa. Regina de Andrade Almeida. Mais abaixo, há uma fotografia da frente da escola.

Atrás da aluna, há um mapa da cidade de Sorocaba, onde um trenzinho tipo “Maria Fumaça”, com o emblema da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), transporta dois personagens de estórias em quadrinhos: Cebolinha e Cascão, estando um deles com uma bandeirinha na mão. Do lado direito da aluna, há um quadro grande, tendo no fundo nuvens e a bandeira do Brasil, tremulando ao vento; logo abaixo vislumbra-se os dizeres: “NINGUÉM MAIS SEGURA ESTE PAÍS” (frase do Presidente Garrastazu Médici).

Esses dizeres, retratam a propaganda desenvolvimentista do período da ditadura que o governo militar propagava a quatro cantos.

É interessante notar que as crianças também eram envolvidas nessa lavagem cerebral das propagandas políticas e acho que muitas delas internalizaram esses dizeres e, mais tarde, se desiludiram muito pela incoerência do que se apregoava.

O TRENZINHO DO IEMM TRANSPORTA O SABER

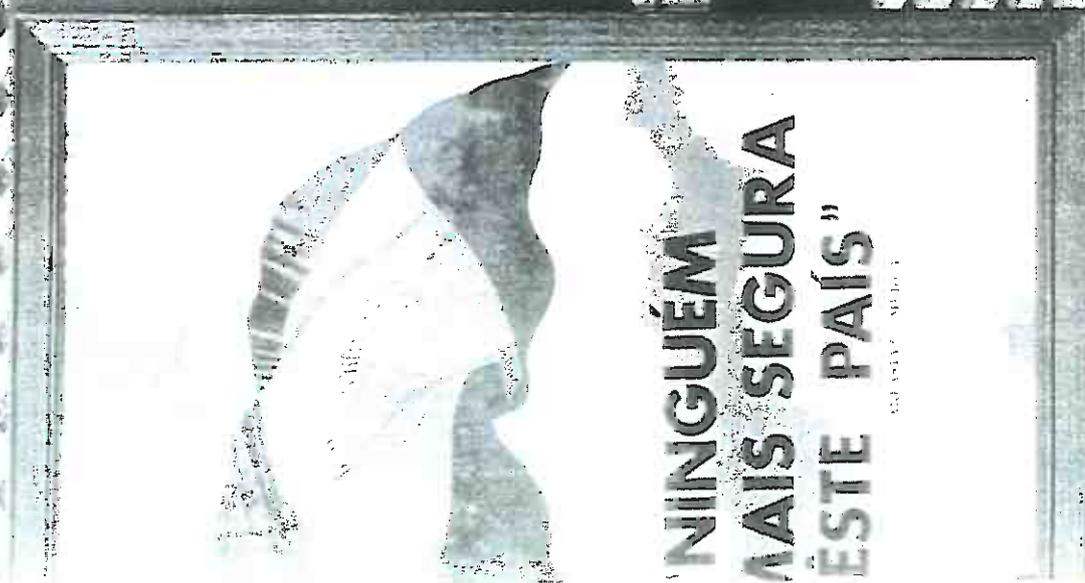


Eng. CHAYCO VAGOD
Doc. TCC - PRESORTE

Dr. Milton Lopes Leão
Área de Depressão, Saúde, Arte e Música

Prof. Hamilton Galli
Doc. de Inglês de Língua Estrangeira e de Inglês

Prof. Regina de Andrade Almeida
Doc. de Inglês, Inglês Intermediário e Inglês Avançado



**'NINGUÉM
FAZ SEGURA
ESTE PAÍS'**

SECRETARIA DE SAÚDE

2ª PARTE

1. Da história à memória.

Memória, história e fragmentos revivem continuamente nossa consciência do passado. Mas como podemos estar seguros de que refletem o que aconteceu? O passado se foi: sua analogia com aquilo agora visto, lembrado ou lido jamais pode ser provada. Nenhuma afirmação sobre o passado pode ser confirmada pelo exame de fatos presumidos.

(LOWENTHAL, 1998: 67)

Para se fazer a história, retornamos ao passado para constatar e refletirmos sobre o que ocorreu e, através de observação atenta e meticulosa, procuramos trazer para o presente os fatos, as várias interpretações. A história precisa ser analisada para que saibamos como as ações sociais e culturais e seus efeitos práticos aconteceram. Em retrospectiva, alcançamos o tempo passado e analisamos a existência humana, seus problemas sociais, a própria identidade, isto é, a apropriação de si mesmo inserida na sociedade complexa, heterogênea e de muitos contrastes.

A história configura a ação do ser humano, formando enredos que se estruturam por caminhos ricos em significados e que expressam esse agir, esse envolvimento dos personagens, compartilhando dia a dia novas descobertas, novos horizontes, trocando informações, contextualizando os eventos.

Sendo uma ciência retrospectiva, não pode fazer afirmativas sobre o futuro, mas pode explicar, através das observações e constatações do passado, como se chegou ao presente, quais os acontecimentos que demarcaram o caminho, podendo-se tecer hipóteses segundo dados já conhecidos do passado.

Numa investigação histórica é necessário que se tenha uma certa capacidade de apreensão, de observação e de percepção, não só dos documentos e narrativas que compõe esse histórico, mas principalmente, das mudanças ocorridas e que estão à mostra no presente.

A história nos remete ao passado, nos conscientiza de sua existência através das lembranças das coisas que ouvimos ou dos artefatos de tempos anteriores. Lembramos daquilo que repetimos e, pela percepção vislumbramos no futuro o que já aconteceu no passado. Essa visão que nos faz projetar idéias e previsões que muitas vezes dão certo.

O passado é recordado pelas pessoas de maneiras diferentes, trazendo algumas vezes estados de felicidade, de excitação e, em outras, de tristeza e de amargura. Muitas vezes, ele é estimulante, carrega o presente de imagens, sons vindos das lembranças; embora tudo isso se

projete apenas no abstrato, no sentir, renova a esperança de dias melhores, por causa do retorno da felicidade das coisas que deram certo. É pela história, memória e fragmentos deixados pelos processos ocorridos que podemos conhecer o passado.

Todo o passado está fundamentado na idéia da memória, que pelas lembranças de fatos anteriores, consegue discernir o ontem do hoje evidenciando o que foi vivido.

É fato que dá-se um enorme valor às lembranças de infância, pois o ser humano se forma a partir de seus primeiros anos, suas primeiras experiências, seu primeiro contato com outros: *Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos selves anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado.* (LOWENTHAL, 1998: 83)

A memória nos dá a identidade; sabemos o que somos, nos distinguimos de outros, selecionamos nosso individual e sem a lembrança, nos tornamos alienados.

É preciso puxar os fios da memória para tecê-los e conseguir dar sentido às lembranças do passado que estão misturadas no caos de tantas ocorrências da vida, do cotidiano de cada um e, nesse emaranhado de fios, precisa-se também desatar os nós, dar significados e ir, ponto a ponto, refazendo a tapeçaria onde se teceu o passado.

As lembranças não são exatamente iguais aos fatos ocorridos, porque esquece-se muitos detalhes e recorda-se apenas alguns flashes que a cada vez que são chamados do passado, transformam-se, pois são acrescentados ou retirados alguns fatos, isto é, reinterpreta-se sempre toda vez que a lembrança é evocada.

Para relacionar a história à memória, precisa-se entender que a memória se baseia apenas em recordações que podem ser alteradas e que a história baseia-se no relato de situações que podem ser comprovadas empiricamente. A história irá preservar o passado histórico documentando os conhecimentos comprovados e a memória pode sofrer perdas ou sofrer lapsos e até ser mudada, de acordo com as necessidades do presente.

Os papéis da história, da memória e das relíquias na compreensão do passado variam nos estágios da vida e da civilização. A maioria das coisas que circundam os jovens, como a maior parte da história que aprendem, já existia antes deles; a medida que envelhecemos, parte cada vez maior de nosso passado se transforma em história. E nossas lembranças expandidas acabam por abranger cada vez mais o que é historicamente conhecido, incluindo um pouco da história que antecede nosso nascimento.

(LOWENTHAL, 1998: 175)

A história é estabelecida e confrontada de acordo com acontecimentos coerentes e verificáveis, e concretiza a memória do passado através de representações como relíquias ou fragmentos que irão comprovar a existência dos fatos.

2. Buscando nas memórias do que foi escrito

E depois das memórias vem o tempo trazer novo sortimento de memórias, até que, fatigado, te recuses e não saibas se a vida é ou foi.

(DRUMMOND DE ANDRADE, 1993:39)

Nestes últimos anos, depois da anistia, muitos autores têm sido revelados. Buscando em suas memórias, escrevem livros que relatam o que vivenciaram durante os vinte anos sob o regime militar, ou pelo menos, durante os anos em que o regime atuou com maior repressão, intensificando seu autoritarismo e violência no sentido de restringir os atos dos que se rebelaram.

De acordo com Fernando Gabeira, jornalista desde os dezessete anos, em “O que é isso Companheiro?”, livro editado logo após a anistia:

Quando irrompeu o golpe de 64, ninguém ficou em casa. Os que participavam do Grupo dos 11 foram fazer a fila das armas do Aragão. Nessa fila muita gente se encontrou, mas as armas não apareceram. Lembro-me de ter ido a Cinelândia até o momento em que começaram a atirar nas pessoas, de dentro do Clube Militar. Um golpe de Estado, pelo menos foi o que senti nos dois que me atingiram, é um pouco como uma grande e emocionante peça de teatro. Quando termina, você sente um grande impulso para estar junto das pessoas de quem gosta, ou mesmo telefonar para saber se estão bem. (GABEIRA, 1996: 14)

Nesse livro – um contundente relato de sua prisão, tortura e o exílio por nove anos – o autor procura dar um depoimento do que ocorreu nos anos da ditadura no Brasil e também entender a si próprio nas experiências que teve como militante clandestino contra o regime, na luta armada, atitude assumida em meio a grande dúvida: deveriam pegar em armas ou não?

No decorrer da leitura, nota-se que ele não acreditava no sucesso da resistência dos militantes: *mas a sensação que tenho é que a nossa história já estava escrita. (GABEIRA, 1996: 23)*

Esse texto não só registra o que aconteceu nos bastidores das prisões, como também leva as pessoas a uma reflexão sobre o uso do poder, da política do mais forte, do pouco caso e indiferença da maioria da população, e se preocupa em evidenciar o que realmente estava ocorrendo no país.

Zuenir Ventura, reconstitui através de muitos depoimentos e documentos colhidos por toda parte, a memória do ano de 1968, marco de uma geração em todo o mundo e que culminou no Brasil com o Ato Institucional Número 5 (AI-5).

Ele descreve através de documentos obtidos na Biblioteca Lyndon Johnson, o conteúdo da Ata da Sessão do Conselho de Segurança Nacional do dia 13 de dezembro de 1968, que decretou o AI-5.

O título do livro é: “1968 – O Ano que Não Terminou” e na sua introdução o autor diz:

A nossa história é a de 68, ou melhor, uma das possíveis histórias de um período rico demais para ser apreendido em uma só visão.

(...) Os nossos “heróis” são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescerem. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandrê, viam Gláuber Rocha e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam os pais – reais e ideológicos – por não terem evitado o golpe militar de 64. Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento.

(...) O conteúdo moral é a melhor herança que a geração de 68 poderia deixar para um país cada vez mais governado pela falta de memória e pela ausência de ética.. (VENTURA, 1988: 15-16)

No livro de Luiz Maklouf Carvalho, “Mulheres que Foram à Luta Armada”, uma coincidência. O texto gira em torno de uma personagem morta misteriosamente por um dos membros de seu grupo e não pela polícia. Num dos depoimentos de minhas colegas neste trabalho, uma delas conta a mesma história, pois morou com esta pessoa durante a época de estudo em São Paulo nos anos da ditadura. A personagem se chama Elizabete, Beth.

Essa minha colega, que conheceu a Beth, ficou sabendo de sua morte depois de ter mudado do apartamento que compartilhavam, mas a verdadeira história só foi saber há algum tempo quando foi publicada, na Folha de São Paulo (5 jul. 1998), uma reportagem contando os pormenores do que havia acontecido.

Segredos de guerra são segredos de guerra. Há algo neles que é sempre inquietante – e neste particular, porque está envolvido por um pacto de silêncio tácito entre os participantes diretos e indiretos. Foi um pacto premido pelas circunstâncias políticas da época – como informar a polícia sobre um homicídio ocorrido nas quatro paredes de uma organização clandestina? – e continuou a sê-lo, sem questionamentos, desde que os militares deixaram o poder, há 14 anos. Cada um dos que conheciam o segredo – 20 pessoas, se tanto – guardou-o por todos esses anos. (...) Guardaram o acidente fatal para si próprios – durante a ditadura e depois da ditadura -, mas esqueceram que os segredos de guerra, como todos os segredos, também estão sujeitos a vazamento. Há sempre alguém

fora do pacto a quem algum dia, num desabafo, é entregue a partilhação do tormento -, olhe, esse é o meu segredo, divida-o comigo – e, de repente este alguém, num descuido, está deixando que a coisa vaze, está contanto que houve um dia muito difícil, está falando em sangue, em morte, em cadáver enterrado na escuridão de algum matagal ermo e distante. (CARVALHO, 1998: 24)

O trabalho de Luiz Maklouf Carvalho busca trazer, para o presente, frações da memória de mulheres que foram militantes durante a ditadura e que sofreram todas as discriminações e torturas, sendo inclusive condenadas como terroristas pelas próprias mulheres que não eram militantes. Estas pessoas as chamavam de terroristas, o que fazia com que se sentissem sozinhas numa luta vã; afinal se lutavam para tirar o povo da opressão em que estavam vivendo, e se não eram minimamente respeitadas, qual era então o significado da luta, se este mesmo povo era contra suas atitudes?

Nesse texto, o autor entrevista várias mulheres militantes da época em estudo e relata suas vidas. Nesses depoimentos, há uma mistura de aventura, coragem, casos de amor, intrigas, revoltas, medo da morte, tortura, ousadia e também muita insensatez.

Quanto à morte da misteriosa personagem,

Quis a vida – o que se há de fazer? – que o viúvo Dias ganhasse o nosso inútil embate, eu a perseguir os meandros do seu segredo, ele a mostrar-me que estão bem guardados e que eu não devo insistir mais. (...) Avancei um pouco em relação a Dias. Ana Cangiani, a mãe dele, faleceu nos anos 80 e teve a felicidade póstuma de que ele comparecesse ao enterro, em Campinas. Dias realmente esteve lá – foi o que me confirmou Yolanda Cangiani, sua tia. Dona Yolanda mora em Campinas até hoje. Achei-a através do telefone de um outro irmão. Ficaram todos apavorados com a menção ao nome de Alípio. Dona Yolanda me ligou de volta – mas não quis me dar seu endereço, muito menos permitir que eu com ela conversasse pessoalmente. É pobre, mora de favor e tem medo da história do sobrinho, que não sabe se está vivo ou se está morto. Sabe que ele e a mãe logo mudaram para São Paulo – e que então ela não mais acompanhou etc. etc. etc. “Não sei de nada”, diz, cortando a conversa. O máximo que consegui arrancar dela foi um pedaço do nome da moça morta – “Beth”. (CARVALHO, 1998: 461)

Nessas linhas acima, pode-se notar o clima de mistério que envolve a história dessa moça, cuja família até agora não sabe onde seu corpo foi enterrado e que, por uma incrível coincidência, morou durante um ano com minha colega de Mestrado. Pela descrição dessa minha colega, a Beth era uma garota como outra qualquer da sua idade: cheia de vida, de sonhos, de alegria.

Alfredo Sirkis, em seu livro “Os Carbonários”, conta sua própria história durante o Movimento Estudantil de 1968, que foi o ano do Ato Institucional Número 5 e que a partir daí o regime militar endureceu muito mais. Trata-se da história de um jovem secundarista que, cheio de ideais, envolve-se na guerrilha urbana, atuando como intérprete dos embaixadores

seqüestrados nesse período (embaixador da Alemanha e o embaixador da Suíça) e que depois de atuar ativamente como militante e guerrilheiro, vai para o exílio e torna-se jornalista.

A sua aventura e sonho, como a de muitos outros, terminaram com um saldo muito grande de pessoas mortas, pessoas torturadas e que terão que carregar esse trauma até o fim de seus dias: *Não somos a primeira nem a última geração à qual a história pregou uma peça desconcertante.*(SIRKIS, 1998: 16).

Há um livro, cujo título é “Violência e Psicanálise” de Jurandir Freire Costa, que estuda a violência através da psicanálise. Sobre a Geração AI-5, fruto da revolta contra o autoritarismo exercido pela linha dura do regime militar, o autor argumenta que: *o autoritarismo militar criou condições político-econômicas que desestruturaram o núcleo da família burguesa e levaram seus membros a redefinirem suas identidades privadas, através de instrumentos e instâncias até então inexistentes ou relegadas a segundo plano.* (COSTA, 1984: 137)

O autor se refere a uma transformação da família na sua tradição que, ao se modernizar, torna-se igualitária e individualizante, organizando-se para um projeto de ascensão social.: *a família igualitária está a um passo da desorientação que vai caracterizar a família “desmapeada”.* Este passo pode durar mais ou menos tempo.(COSTA, 1984: 138) , ou seja, a família dentro desse contexto irá preocupar-se em produzir filhos que continuem o processo de aumento de sucesso e prestígio e assim:

As condutas sociais da Geração AI-5 não exprimem apenas o desacerto dos que pretendiam dizer não à opressão e findaram por tornar-se cúmplices inconscientes do que pensaram combater. Estas condutas, reprodutoras do autoritarismo, representam principalmente a conversão da família burguesa às ideologias do bem-estar do corpo, do sexo e do psiquismo, típicas das sociedades de consumo. O indivíduo da droga, da psicanálise e do discurso desarticulado é o indivíduo que foi arrastado de supetão para a órbita da “modernização” dos costumes, imposta ao país pela concentração de renda e pela política de industrialização de bens de consumo supérfluos.(COSTA, 1984: 139)

Já no livro “Polícia e Política: Relações Estados Unidos/América Latina” , Martha K. Huggins, professora de Sociologia do Union College (Schenectady, Nova York) e pesquisadora no Brasil há vinte e dois anos, fala-nos do treinamento que os Estados Unidos gerenciou no Brasil e em outros países da América Latina , sob o artifício da amizade, da credibilidade. De acordo com a autora ,os norte-americanos treinaram as polícias de vários países da América Latina , inclusive as do Brasil , no uso de torturas , causando muita dor e

sofrimento a muitas pessoas. Ainda, segundo o texto, com o pretexto de defender o ideal do mundo livre, pessoas da Casa Branca, ligadas à CIA, ao FBI e ao Senado norte-americano foram omissas quanto à tortura e ao abuso da autoridade praticados na América Latina.

Uma das vítimas de tortura na OBAN contou, em carta que circulou clandestinamente entre os militantes do Brasil, que era "difícil descrever os gritos dos homens que estavam sendo torturados [na OBAN]: os [gritos] saem involuntariamente das profundezas de seus pulmões; não é possível reproduzi-los. [Mas] quem os tiver ouvido jamais os esquecerá". Torturado durante duas horas pelos agentes da OBAN, que se tratavam todos por "Guimarães", para evitar que alguém conhecesse suas identidades", essa vítima comparou o anonimato de seus torturadores com a realidade chocante e dolorosa de suas tecnologias animalescas. (HUGGINS, 1998: 178)

A OBAN (Operação Bandeirantes) foi criada em São Paulo dentro de nova organização de segurança interna chamada DOI/CODI e seu objetivo maior era coordenar as atividades das diversas organizações policiais e militares de segurança interna do Estado e facilitar a coleta rápida de informações, isto é, na realidade, identificar e capturar grupos subversivos destruindo-os ou no mínimo neutralizando-os. Com cartas brancas, no sentido de identificar subversivos, destruí-los ou neutralizá-los, foram cometidas todas as atrocidades possíveis e imagináveis que se tem conhecimento até os dias de hoje. Teve também importante papel na campanha de propaganda da ditadura, "conscientizando" a população civil de como se defender contra o "terrorismo" e os "subversivos".

A OBAN também criou "clínicas de boatos", com base na pesquisa do psicólogo Gordon Allport na Segunda Grande Guerra, para conter os boatos "subversivos", colocando informantes nos sindicatos, universidades, empresas e associações comerciais, clubes esportivos e sociais, e outras organizações civis, com o objetivo de acabar transformando "cada membro da população em um policial secreto para evitar o terrorismo e ... a subversão comunista" (DOPS, 1969c). Ou seja, a população passaria a fazer parte de uma infra-estrutura totalitária, baseada no envolvimento total no aparelho repressivo do Estado. (HUGGINNS, 1998: 176)

Muitos outros autores escreveram sobre o que aconteceu nos piores anos do regime militar; muitos contando sua própria história e outros relatando a história contada por outros. Isso é muito importante para que se possa apontar os erros, consertá-los e procurar não cometê-los mais, e mais importante ainda, para podermos analisar a história e a memória, entrelaçar caminhos e descaminhos, visualizar melhor as atitudes e aprender com elas.

3ª PARTE

1. Autoritarismo e liberdade

Como a força é essencialmente apenas um meio para um fim, qualquer comunidade baseada unicamente na força entra em decadência quando atinge a calma da ordem e da estabilidade; sua completa segurança revela que ela é construída sobre a areia. O poder só é capaz de garantir o status quo adquirindo mais poder; só pode permanecer estável ampliando constantemente sua autoridade através do processo de acúmulo de poder.

(ARENDETT, 1998: 171)

Muitas vezes, o ser humano não sabe qual rumo tomar ou o que deve fazer; procura o sentido de sua vida sem contar com as tradições dos séculos passados que lhe orientavam o que fazer.

Num primeiro momento, constata que precisa ter uma visão do mundo onde vive e é conduzido a ela pela linguagem filosófica que faz questionar, problematizar e criticar esta visão de mundo.

O ser humano toma consciência de seu mundo, de sua posição nele e de sua condição de interagir com os de sua espécie, com a natureza, adaptando-se e também reconhecendo a sua condição de finitude. Ele terá que se autodeterminar a resistir às forças contrárias desde seus primeiros passos, lutando, primeiro contra a força da gravidade para manter-se em equilíbrio.

Em sua luta pela sobrevivência, terá que se socializar, interagindo com os outros para, posteriormente, romper, com o estabelecido, através da reflexão.

A educação o abrange no seu conviver social e nela existe uma reciprocidade de envolvimento para que haja a socialização e individualização. Por isso mesmo, podemos dizer que a educação o envolve, obrigatoriamente, dentro do mundo numa relação de poder e saber.

Induzido pela ambição do poder, o ser humano faz um discurso não considerando nem o seu espaço no universo, nem as coisas que lhe dão sentido; busca insaciavelmente sempre mais, numa confusa identificação de seus poderes.

Como o poder é formado pela pluralidade humana, isto é, só existe porque existem outras pessoas, ele deixará de existir, a partir do momento em que estas pessoas se dispersem. Portanto, o ser humano para se estabelecer numa hierarquia de poder, precisa do outro; ele não pode ser “Todo Poderoso” sozinho. O autoritarismo é uma forma de domínio vinculado

ao poder que se estabelece entre as pessoas através de uma hierarquia. Esse tipo de poder repressivo coíbe a liberdade do outro e é relacionado à falta de respeito às leis e regras de uma sociedade, não aceitando limites. É tão centralizador que leva ao totalitarismo, que é uma forma despótica de governar e que torna as pessoas, sob seu comando, privadas da liberdade.

A ordem autoritária é hierárquica e está acima da ordem da persuasão: *a relação autoritária entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder do que manda; o que eles possuem de comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos tem seu lugar predeterminado.* (ARENDDT, 1992: 129)

Além disso, esse meio de garantir o poder sobre os outros, caracteriza-se por sufocar e intervir em todos os setores da sociedade civil, controlando, reprimindo e excluindo a grande população de qualquer atuação política. O autoritarismo – que não deve ser confundido com autoridade – transcendendo o próprio poder, legitima sua força política. O seu significado é complexo, exigindo sempre obediência, sendo confundido com alguma forma de violência. Ao contrário, a autoridade não combina nem com a violência, nem com a persuasão, já que é baseada na igualdade e na argumentação.

De acordo com o que argumenta Hannah Arendt:

Devido a seu caráter simples e elementar, essa forma de autoridade serviu, através de toda a história do pensamento político, como modelo para uma grande variedade de formas autoritárias de governo, de modo que o fato de mesmo essa autoridade pré-política, que governava as relações entre adultos e crianças e entre mestres e alunos, não ser mais segura significa que todas as antigas e reputadas metáforas e modelos para relações autoritárias perderam sua plausibilidade. (ARENDDT, 1997: 128)

Se nos reportarmos ao passado, podemos vislumbrar que a forma autoritária de governo é a que menos apregoa a igualdade e é, também, castradora da liberdade.

O autoritarismo é responsável pela eliminação da espontaneidade, impedindo a criatividade, condicionando os seres humanos a agirem como autômatos, robôs que só operam de acordo com um dispositivo de comando acionado pelo poder onipotente exercido pelo governo.

O que difere o governo tirânico do governo autoritário, segundo Hannah Arendt, é que o tirânico governa conforme seu interesse e de acordo com todo o seu poder absoluto e o governo autoritário, pelo menos, é limitado por leis: *seus atos são testados por um código que, ou não foi feito absolutamente pelo homem, como no caso do direito natural, dos mandamentos divinos ou das idéias platônicas, ou, pelo menos, não foi feito pelos detentores efetivos do poder.* (ARENDDT, 1997: 134)

Em contra-partida ao autoritarismo, a liberdade é tema de poesias, músicas e questões filosóficas, como nos diz Hannah Arendt: *No nascimento de cada homem, esse começo inicial é reafirmado, pois em cada caso vem a um mundo já existente alguma coisa nova que continuará a existir depois da morte de cada indivíduo. Porque é um começo, o homem pode começar; ser humano e ser livre são uma única e mesma coisa. Deus criou o homem para introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade.* (ARENDDT, 1997: 216)

A liberdade está sempre em evidência em todas as épocas, nas mais diferentes concepções, lançando-nos sempre uma pergunta: *o que é de fato a liberdade?*

Ainda, Hannah Arendt (1992: 188) nos responde: *levantar a questão – o que é liberdade? – parece ser uma empresa irrealizável. É como se velhas contradições e antinomias estivesse à nossa espreita para forçar o espírito a dilemas de impossibilidade lógica de tal modo que, dependendo da solução escolhida, se torna tão impossível conceber a liberdade ou o seu oposto quanto entender a noção de um círculo quadrado.*

Conforme o enunciado acima, pode-se ter uma idéia da dificuldade em definir a liberdade, embora, em nosso íntimo, ela pareça ser fácil de entender. Conseguir, por exemplo, dizer o que pensamos sem restrições, locomover-nos de um local para outro sem interferências de ninguém, expressarmos nossos sentimentos ou simplesmente agirmos de acordo com nossa própria resolução, são algumas das maneiras de se ter liberdade. No entanto, o problema é que ela está intimamente ligada à política porque o ser humano é dotado de ação e tanto a política como a ação só podem existir através da liberdade. Mas estando sujeita às leis que regem nossa sociedade, esse atrelamento fará do ser humano um prisioneiro de suas normas e leis.

A liberdade depende muito dos fatores que ocorrem em nosso meio ambiente, no nosso dia a dia, porque parece-me que ser livre significa estar solto de qualquer obstáculo, de

qualquer impedimento em qualquer sentido, o que não depende só do ser humano, já que vivemos num mundo em que interagimos tanto com a natureza como com o meio social. Não se pode prever os acontecimentos incessantes de tudo, ao mesmo tempo, pois vivemos e nos desenvolvemos num círculo de ações e reações.

Raquel, profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:⁸

Eu acho que autoritarismo é quando você acha que tem o poder de impedir algumas ações sem dar justificativa, sem motivo. Então, é quando você cessa a liberdade das outras pessoas, ou é um abuso do poder. É você achar que pode ditar regras para os outros sem dar justificativa nenhuma. Eu me lembro quando estava no Santa Escolástica (colégio de freiras). Uma vez, dentro da minha sala de aula, tinha uma “salinha” que se guardavam os materiais. Estava próximo ao Dia das Crianças (depois, mais tarde, eu vim saber que lá estavam guardadas as lembrancinhas das crianças). A professora ia entrar na “salinha” e não queria que ninguém entrasse. Então, ela falou assim: - *Eu vou entrar na sala e ninguém levante do lugar!* e deu aquela bronca! Eu estava na primeira série, morrendo de vontade de ir ao banheiro e ela entrou na “salinha” e não saía. Eu não tive coragem de levantar do meu lugar para ir ao banheiro ou perguntar para ela, por que a gente não podia sair da sala sem pedir e então eu fiz “xixi” na calça. Quando ela voltou, ela falou: - *Mas, por que você não me pediu?* E eu respondi: - *Você falou que eu não podia sair do lugar ...* Então, era aquele medo porque a gente ficava de castigo, ia lá para falar com a diretora. Eu lembro que isso aconteceu comigo, com a minha prima (isso de fazer “xixi” na calça) porque tinha aquela rigidez pois para sair da sala você tinha que pedir e a gente era pequena, então você tinha aquela obediência ao professor e às vezes ...

Quando a Raquel fala sobre o medo, faz com que eu volte no tempo e sinta as mesmas sensações de muito tempo atrás, quando um professor/a falava num tom um pouco mais alto ou gritava com o aluno/a em sala de aula. No meu segundo ano primário, hoje segunda série do ensino fundamental, tive uma professora muito nervosa que gritava muito e batia também nos/as alunos/as. Lembro-me de uma coleguinha que era mais falante e agitada, que usava um uniforme muito feio e “gasto” e essa professora, quase todos os dias, batia muito na cabeça dela. Nessa mesma sala de aula, tinha uma outra coleguinha que usava um uniforme impecável, saía em casimira e não tergal, muito bem passadas, as pregas, blusa muito branca, sapatos pretos que brilhavam. Essa coleguinha carregava a bolsa da professora na fila de entrada e saída da escola e todas as semanas trazia um botão de rosa para ela. A professora nunca bateu nessa coleguinha.

⁸ Os depoimentos na íntegra sobre autoritarismo estão no Anexo 2, página 133 e sobre liberdade estão no Anexo 3, página 141.

Uma outra situação que já foi bem mais pra frente, na escola estadual, é que tinha um professor que não deixava a gente entrar, na sala, de blusa sem manga e eu começava a pensar assim : *Mas qual é a relação que tem?* Aquela escola quente, aquelas salas mal ventiladas, aquele calor e a gente ia de calça comprida. Mas de blusa sem manga não podia entrar. Então, eu acho que isso é uma situação de autoritarismo porque você não pode conversar, não pode discutir, é uma ordem em que você pode ser o melhor aluno da classe, mas se você não está vestido de acordo com o que o professor acha, você não pode entrar na sala de aula.

Concordo com você, Raquel. É um autoritarismo disfarçado de autoridade que muitos usavam e argumentavam tratar-se de conservar os bons costumes, o bom nome da escola quanto à “moralidade”.

E, eu lembro que fui buscar o meu irmão na escola (meus irmãos ainda estudavam no Santa Escolástica e eu não). A minha mãe não conseguia parar o carro em frente à escola e me mandou buscar os meus irmãos. Eu fui eufórica! Eufórica! Eu estava com um vestidinho mini saia de frente única e eu lembro exatamente porque isso me marcou . Fui correndo, falando comigo Ah! Eu vou ver as mães, vou ver as professoras, vou ver os meus amigos que ficaram. ; porque eu fui uma das únicas que saíram. Quando eu cheguei na porta, ela [a mãe] me barrou e falou: - *Com esse jeito indecente de se vestir, você nunca mais vai entrar aqui!* Mas, eu não entendia! Ela pôs o corpo dela na minha frente! E falou com uma severidade ! E eu falei: - *Mas, Mãe, eu preciso pegar os meus irmãos!*, e ela repetiu tudo de novo. Daí, eu voltei chorando para o carro e falei para a minha mãe. Minha mãe me deixou esperando no carro e foi lá pegar meus irmãos. Isso me marcou muito! Eu tinha 8 (oito) anos!

É incrível como era exercido o poder, e ainda é, sobre as crianças que, na sua inocência, recebem as ordens de comando, muitas vezes caladas, guardando para si as humilhações que levarão pelo resto de suas vidas, guardadas na memória.

Olha, eu estava pensando outro dia, por que é difícil definir liberdade. O que estou pensando agora do que é liberdade... eu acho que é o seguinte: liberdade é quando você tem, você pode agir da maneira que você pensa. Então, pra mim isso é liberdade, isso é a liberdade que se pode conquistar, que você deve buscar!

Para a Raquel, a liberdade é algo bem objetivo e concreto: você pode conquistar e você deve buscar. Ela fala com convicção, com segurança sobre a possibilidade de se alcançar a liberdade.

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu acredito que autoritarismo seja uma maneira, uma forma de você dominar o povo naquela época [regime ditatorial] pelo imprevisto, pelo fato dos militares serem os poderosos e então é uma forma de dominação. Tanto na época do regime militar, como é autoritária uma pessoa que quer mandar em tudo, dirigir tudo e não te dá chance de você ter seu espaço. Você impõe aquilo que o povo deve saber, então o currículo é uma forma de autoritarismo. A única coisa que eu lembro quando fazia pós-graduação é que a gente ia na biblioteca e a gente não podia sentar em grupo. Três pessoas já era demais. Podia só dois. Se tinha três sentados numa mesinha da biblioteca eles mandavam separar [isso na USP em São Paulo]. Vinham aquelas pessoas “discretamente” disfarçadas [risos], de gravata, terno escuro. Acho que eles ficavam com medo de que estivessem arquitetando algo. Besteira. Estávamos estudando e tentando melhorar.

A Francisca fala em autoritarismo, como uma forma de dominação, inclusive na forma de moldar as pessoas pelo currículo escolar. Segundo ela, não só o governo militar, mas qualquer pessoa que queira dirigir outras, mandar em tudo e que não dá chance de outros terem seu espaço, está agindo também de forma autoritária.

Bom, eu vou responder com as palavras que a minha mãe me ensinou. Ela dizia assim: que liberdade não é fazer o que quer, é querer o que faz. Então, se você quer o que você faz, você se responsabiliza pela sua liberdade. Ela dizia assim (ela devia ter lido em algum lugar) que quando a gente nasce, Deus dá dois presentes pra gente: a inteligência e a liberdade. Com a inteligência, você sabe o que é certo e o que é errado e com a liberdade você faz a sua escolha. Se você escolhe o certo, tudo bem, se você escolhe o errado, você tem que assumir. Então seria mais ou menos por aí, essa lição que ela me deu e que eu tentei encarar como sentido de liberdade.

Para a Francisca, a liberdade tem um tom de controle, de repressão, de expressão vigiada. Liberdade atada à responsabilidade de pensar muito e não errar para não ter que arcar com as conseqüências. A liberdade não seria exatamente o contrário? Um sentimento de leveza, sem amarras, porque não precisaríamos ter vinculado à ela nenhuma condição?

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Para mim autoritarismo é uma sociedade regida pelo peso da autoridade. É aquele que tem autoridade por mérito ou não, na maioria das vezes, não necessariamente meritória, que está colocado numa determinada função, num determinado lugar para disciplinar em nome dessa autoridade, inquestionável. Essa é a questão: inquestionável! Então, já parte do princípio que a liberdade da crítica está completamente morta, dissipada nos regimes autoritários e nos ambientes do

autoritarismo. Não existe a crítica. E sem uma crítica, sem uma reflexão as sociedades não evoluem e eu senti isso de uma forma extremamente pesada e violenta na minha época de juventude durante meu curso quando estudei na Faculdade de Jornalismo. Porque nós vivíamos uma época de ditadura em que é o extremo do regime autoritário. Violento! Porque violenta sua capacidade de pensar, você tem que parar de pensar, você tem que reagir como um autômato, você tem que ser um ente disciplinado, aceitar tudo e sem contar que nas bases de uma ditadura que estimulou a desigualdade num país periférico como o nosso, cheio de miséria, cheio de injustiça social e o jovem naturalmente, é mais sensível a estas questões, o jovem crítico. Então, eu procuro sempre, não sei se foi exatamente essa experiência muito dolorida de você ser jovem num país ditatorial que me faz ser hoje, às vezes, até alguns alunos dizem que: - *Você é mole demais!* Porque comparando com outros professores, inclusive, eu sinto que procuro lançar mão o mínimo possível de uma postura autoritária minha, como professora. Porque eu posso, como professora, impor uma disciplina porque eu tenho armas; eu posso fazê-los repetir de ano por faltas, eu posso fazê-los repetir de ano se eles não fizerem um número "x" de exercícios que eles devem fazer. Eu tenho esse poder. E eu procuro lançar mão o mínimo possível dessa autoridade, eu procuro conversar, eu procuro estimular a solidariedade entre eles, eu procuro estimular os valores humanísticos, eu procuro que eles façam os exercícios ou se envolvam por motivação própria.

A Isolda descreve o autoritarismo como algo inquestionável, que as pessoas tem que aceitar, ele é imposto. Para ela, jornalista, foi difícil enfrentar esse tipo de imposição, porque as pessoas de sua profissão são muito tolhidas no regime ditatorial, pois perdem o direito à crítica, ficando impedidas, dessa forma, de refletir. Por causa da experiência que teve durante esse período, hoje ela procura ser o menos autoritária possível com seus alunos/as por conta de suas convicções de liberdade de expressão.

Essa pergunta é danada! Porque essa coisa de liberdade é muito delicada. Porque hoje se diz que nós vivemos numa liberdade, numa democracia e no entanto, que liberdade tem aquele que não tem um emprego e que não tem um dinheiro pra pagar a comida no fim do mês? Não tem liberdade! Que liberdade tem aquele que não é ouvido por ninguém, que vai ao médico, um sistema de saúde falido, o médico não olha pra você. Que liberdade tem? Você não tem liberdade. Então, a liberdade começa a partir do momento que as pessoas todas têm acesso ao mínimo pra sobreviver: saúde, educação. Essa é a liberdade. De ser, de ser como ser humano! Não pode ser assim uma palavra que todo mundo fala: liberdade! liberdade! Como se fosse uma conotação só pra todo mundo. Não! Eu sou livre? Não, eu não me sinto livre porque enquanto tiver uma criança me pedindo esmola, dormindo na calçada, eu no meu carro com ar condicionado e eu vejo aquela coitadinha se drogando, ou na madrugada dormindo com o papelão em cima, criança de seis anos! Eu sou livre? Eu sou livre pra falar sobre isso, pra fazer um mestrado, mas e essa criança é livre? Existe liberdade? A gente pode dizer que existe?

A liberdade para a Isolda está atrelada ao social, ao bem estar das pessoas como iguais, como seres que compartilham o mesmo planeta, que possuem os mesmos direitos, tendo acesso ao mínimo para sobreviver. Para ela não é uma palavra solta, com sentidos muitas vezes poéticos, mas significa poder existir, com dignidade e fazer escolhas.

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Autoritarismo pra mim é uma forma que se tem de exercício do poder. Então, um pequeno grupo acaba exercendo o poder, de forma autoritária sem que a gente, a grande massa possa estar intervindo ou possa estar interagindo com esse pequeno grupo que dita regras. Eu percebi esse autoritarismo de forma de exercício de poder do professor em relação a nós alunos, com um professor de Matemática que passava as coisas na lousa, depois chamava a gente na lousa para fazer os exercícios e era um grande palco de humilhação para nós alunos. Por quê? Se a gente acertava, a gente era muito elogiado, agora se a gente tinha um amigo que errava na lousa, ele era xingado mesmo, de retardado para baixo. Esse cidadão ainda vive, e por eu ter tido um irmão excepcional, isso me feria de forma absurda, embora ele nunca tivesse me chamado de retardado, mas ao chamar os meus amigos disso ... um dia chegou lá no limite e eu falei: - Escute! *O senhor já teve algum retardado dentro de classe? Ah!, desculpe, dentro da sua casa? Porque se o senhor não teve, não fale isso, porque é muito penoso pra quem não é, mas tem alguém lá dentro de casa!* Lá vou eu pra diretoria!

A Eneida é a depoente mais jovem deste grupo de colegas do Mestrado, e justamente por ser a mais nova, já estudou numa época de menor intransigência por parte dos professores e pessoal ligado à escola. Ela percebe uma prepotência e um poder por parte de um professor de Matemática que, nada mais é, do que uma maneira de se sobrepor ao mais fraco/a, no caso o aluno/a, evidenciando o autoritarismo, que sempre é uma maneira de subjugar o que possui menor força. Para ela o autoritarismo também é representado por um grupo que exerce o poder ditando regras a outro grupo que ela define como “grande massa”, que seríamos nós. Lembro-me de ter tido uma professora que, por coincidência, também era de Matemática, que tinha fama de muito brava, muito poderosa, e que frequentemente algum/a aluno/a caía em desgraça ao ser escolhido por ela para algum tipo de humilhação perante aos colegas de classe.

Liberdade é a possibilidade que a gente tem de se expressar das formas mais simples possíveis e que a gente possa estar fazendo isso sem estar afetando o outro. Eu acho

que essa visão de liberdade socializada, eu não sei se a gente um dia vai poder, se não é uma situação utópica, porque sempre você vai ter uma sociedade: os dominadores e os dominados, quem detém a hegemonia e quem não detém, e essa liberdade fica restrita àquela tua condição de vida. Então, você é livre como dominador ou você é livre como dominado. Na sociedade que a gente vive: machista, dura, eu acho que sempre a gente tem que estar provando competência: apesar de ser mulher, apesar de ser nova, apesar de ser , sei lá, gorda, feia, bonita, loura, burra, sei lá! Então, sempre você tem que estar provando competência e isso te tolhe a liberdade, no caso da mulher! Eu percebo que eu sou livre para pensar e dessa liberdade poucas pessoas compartilham comigo. Quando eu me coloco dentro de uma sociedade, essa liberdade já toma limites muito claros.

Na questão relativa à liberdade, a Eneida compara-a à liberdade limitada dentro de um padrão de dominadores e de dominados, sendo que os dominadores teriam uma liberdade relativa ao seu “status” de mais poderosos e os dominados de acordo, também, com o limite estabelecido pelo seu “status”. Ela compara esse limite, também, dentro da questão do gênero, no caso, do homem e da mulher, onde a liberdade desta fica vinculada à sua competência.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Autoritarismo, falando de uma forma bem objetiva, pra mim é tolher a liberdade do outro, é impor, é uma imposição sobre o outro. Agora, uma situação de autoritarismo na escola, teve várias: eu me lembro muito do primário, onde a gente era obrigado a ficar em pé, não podia se mexer na fila, tinha toda aquela imposição da postura. Eu estudava em uma escola em que a diretora era extremamente autoritária e a gente era proibida de conversar com os meninos. O uniforme era todo bordado e você não podia assistir aula se não estivesse com aquele uniforme como era determinado. Então , a saia tinha que ter um determinado comprimento, as meias $\frac{3}{4}$ (três quartos), sapato preto engraxado. E a situação mais marcante, foi de quando eu fui para ser matriculada na primeira série e o diretor foi extremamente autoritário , dizendo que eu não poderia freqüentar aquela escola. Depois de muita insistência da minha mãe, ele autorizou como caráter experimental, quer dizer que se eu não me adaptasse, eu estaria fora da escola normal, eu teria que ir para uma escola de alunos especiais por causa da dificuldade da fala. Depois de muita insistência, eu consegui freqüentar uma classe, que era uma classe ainda de deficientes, sendo que eu não tinha deficiência mental, eu tinha uma deficiência da fala. Eu lembro dos alunos, dos meus coleguinhas: eles tinham muita dificuldade motora; existia um aluno que ficava no fundo da classe e que dormia o tempo todo, ele tinha uma cabeça enorme e eu nunca esqueço! Assim, o que eu fazia, como na verdade não tinha problema e tinha já aprendido com o meu irmão mais velho a escrever alguma coisa, porque eu tinha coordenação motora normal, eu ia com a professora, ela ia numa fila e eu em outra , ajudando os colegas a pegarem no lápis, a fazerem os movimentos, os exercícios porque eles não conseguiam nem segurar no lápis. Eu tinha sete anos, estava no primeiro ano da escola e acabava auxiliando a professora.

A Raquel Aparecida fala de situações que eu observava muito, mas que nunca comentei com ninguém: da postura nas filas, da rigidez do uniforme, da separação entre meninos e meninas, inclusive, recordo que a menina era discriminada se brincasse com meninos. Mas o mais marcante para ela foi a imposição do diretor da escola condicionando a sua entrada na escola à sua permanência numa classe de crianças especiais, com problemas de coordenação motora, sendo que ela apenas tinha um simples problema de fala. Com toda a sua inocência, aos sete anos de idade, ela vai se tornar uma professora ajudando seus coleguinhas menos afortunados do que ela. Quando ela relata isso, noto que ainda sente um grande ressentimento.

Liberdade pra mim é poder ser de um jeito seu. Liberdade é respeito, é compreensão, é amor, é saber onde se começa e onde se termina. É o limite. Liberdade enfim, é poder ser, simplesmente poder ser. Eu acho que enquanto mulher, quanto a profissão que eu tenho, a gente acaba sendo muito tolhida e acho que a mulher, ela acaba sabendo dar mais liberdade para o outro que para ela mesma.

A liberdade é o limite! É o fim para que se vive. A Raquel Aparecida, entende a liberdade como doar a si própria, como algo solidário que, talvez, corresponda à identificação que faz com sua profissão (ela é enfermeira). Parece-me que, como ela se dedica muito às pessoas que cuida, vincula a liberdade ao ato de poder se dedicar, poder ser, como ela própria diz, mas poder ser feliz ao beneficiar outros.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Olhe, autoritarismo pra mim, o que vem na cabeça logo de cara, é abuso, é abuso da liberdade, porque o homem é livre, não resta dúvida. Mas, quando ele extrapola e pensa que ele não tem nenhum limite, então, ele vira autoritário. Agora, o uso da liberdade não é um fato simples para o ser humano. Então, entender limites é fundamental para que cada um, sem que haja interferência autoritária de fora, cada um possa fazer uma auto-análise e um julgamento de até onde vai a sua possibilidade de uso de liberdade. Então, o estabelecimento praticamente de auto-limite é que é a chave da felicidade de você poder agir livremente sem ser autoritário. Algo complicado. Como nós estamos num país capitalista, onde o consumo do bem material é muito generalizado um tanto pelos pais, quanto pelos professores, quanto pelos diretores em relação aos professores, então, lidam com a questão da educação como se a educação fosse um bem de consumo material. Então, é uma produção de bem, um consumo de bem que não pode ser caracterizado como bem material porque senão fica facilímo você analisar unilateralmente e aí você cobra também só um lado e acaba ficando um comportamento autoritário. Por exemplo, o professor faltou, o diretor diz assim: -

Olha, você faltou, vai ser descontado no pagamento, pode colocar vermelho no livro ponto. No entanto, esse professor que faltou, tem um motivo forte, que o diretor não perguntou e tem outra, ele trabalhou numa atividade cultural da escola, ele deu aulas a mais e não cobrou. Quando o diretor não computa isso, computa só o outro lado, e não verifica outras variáveis que interferem, ele passa a ser autoritário e o professor não se conforma com isso e acaba ficando uma situação desagradável. Em relação ao aluno, a mesma coisa, quando se leva em conta apenas as regras, por exemplo, o aluno numa escola “X” dando três faltas consecutivas, ele é eliminado. Se você for olhar só desse lado, você acaba sendo um educador autoritário porque, não é que você tenha que jogar fora essa regra, é que, ao invés de eliminar, antes é preciso constatar o que foi que houve, dar tempo ao aluno de se justificar e isso dá trabalho, sai da regra e então, com a educação há de ser assim, porque senão perde-se o sentido de modificação, de transformação das pessoas e passa a ser como o consumo de um bem material.

A Maria José define o autoritarismo como um abuso da liberdade, uma falta de limite para a liberdade, em que o ser humano ultrapassa a barreira do que pode fazer, isto é, perde a noção de limite. Ela também faz uma crítica à falta de apoio ao educador, que trabalha com um bem cultural e que, muitas vezes, não é respeitado, sendo tratado como se comercializasse um bem material, sujeito à falta de reconhecimento e de justiça por parte de seus superiores e das leis que contribuem para isso.

Liberdade é poder falar, é poder escrever, é poder viver de acordo com aquilo que você pensa, de acordo com seus valores. E é muito triste quando você não pode fazer isso e eu vivi a fase tanto que podia, quanto a que não podia e quando você volta a poder fazer isso. Assim ... em todas as nuances. Você volta com um pouco de receio, você volta com reservas, você volta parcialmente e agora você volta totalmente ao ponto de eu poder lhe dar essa entrevista que nunca eu imaginei em 1970 que eu podia um dia falar sobre essas coisas e que dirá escrever então! Mas a liberdade que eu penso é de escrever e pensar. E essa eu sinto que eu posso.

A Maria José está maravilhada com a abertura de poder falar, poder escrever, de poder viver de acordo com o que ela pensa, de acordo com os valores que ela tem. Para ela, isso é liberdade, mesmo com as limitações do dia a dia. Ela passou por experiências em que teve que dissimular, pensar o que falar no período do regime ditatorial de 64 e, como professora, muitas vezes, teve que encontrar saídas para as perguntas indiscretas, sobre o regime, por parte dos alunos/as.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu acho que autoritarismo é alguém exercer poder em cima de outras pessoas ou em cima de situações. Então, a gente detecta o autoritarismo porque ele se difere bastante da autoridade. A autoridade você relaciona com o cargo, com o status e com a competência e o autoritarismo parece que quer mascarar a falta de algum desses elementos e então quer exercer o seu poder, subjugar as pessoas, tirar vantagens de algumas situações, em qualquer sentido que seja. Então, o autoritário é maléfico porque ele traz por detrás ou entremeadado com as suas ações, muita coisa de favorecimento pessoal. Durante o tempo que eu estudei, e continuo estudando ainda, várias vezes a gente teve a oportunidade de perceber, uma ação autoritária. Professores queriam dominar, disciplinar a classe usando de subterfúgios, ameaçando, colocando em situação de medo, professores que diziam: - *Deixa estar! Você vai ver quando chegar a época da prova!* Esse autoritarismo, essa chantagem que eles exerciam fazia muito mal pra gente, principalmente numa idade tenra, pré-adolescente. E depois mais tarde, eu vim conhecer também situações de autoritarismo já na universidade, principalmente, porque naquele tempo, no meu tempo de universidade a gente tinha Estudo dos Problemas Brasileiros e, na verdade, os conteúdos dessa disciplina eram quase que uma forma de manipulação em cima do universitário e a maior parte das pessoas que davam as aulas desse conteúdo, eram militares. Eu estudei na PUC de Campinas e então era o pessoal do exército que dava aula desses conteúdos. Foi em 68, 69 e 70 os últimos anos da década de 60 e então era muito visível, principalmente para as pessoas mais sensíveis, mais conhecedoras de situações de liberdade que a gente era muito vigiado e que o autoritarismo era exercido em cima do universitário com medo de que ele pudesse fazer uma revolução e mudar o sistema e tirar então privilégios e vantagens. Nessa época, eu senti bastante e logo na sequência também com alguns diretores de escola com os quais eu trabalhei. E a gente não tinha liberdade de ação e nós não podíamos colocar nas nossas aulas as nossas falas da maneira como nós pensávamos, a gente tinha que responder a tudo de acordo com o que era implícito nos documentos que governava a escola.

Abuso do poder em favorecimento pessoal, é o que a Hilda entende de autoritarismo. Ela fala do abuso do poder de certos professores que detinham o domínio disciplinar dos/as alunos/as, pelo medo e por ameaças. É interessante como ela percebe que, aquele que exerce o poder autoritário tem medo de que outros possam tomar o seu lugar, no caso, o receio dos militares de que os universitários pudessem fazer uma revolução e mudar o sistema, garantindo benefícios e vantagens a seu favor.

Deixa eu falar metaforicamente: uma calça desbotada, esburacada ou pilotar uma moto ... mas liberdade é muito mais do que isso! Liberdade, eu acho que é a possibilidade das alternativas. Você só é livre quando você pode escolher, pode fazer opção. E você só pode fazer opção se você enxerga as alternativas, então, eu acho que a liberdade é a possibilidade das alternativas.

Liberdade, para a Hilda, é ter a possibilidade de poder escolher: *quero isto, não quero aquilo!* Mas para poder escolher é preciso conhecer as alternativas.

Joyse, Professora Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Autoritarismo ... eu acho que poderia falar muito tempo sobre ele e cada vez que essa palavra vem, ela já cria uma angústia dentro de mim. Eu tive tanto problema com essa questão do autoritarismo, foram tantos obstáculos em função disso que eu perdi totalmente o respeito até pela autoridade. E . considero que são coisas diferentes, mas ainda hoje, com esse tempo todo que já vivi, cada vez que aparece autoridade, eu estou sempre com o pé atrás. Mas, autoritarismo é invasão do direito do outro mesmo, invasão violenta do direito do outro. Nem sempre ela é feita com violência, ela pode ser mascarada e de qualquer forma ela é ruim, e eu me sinto muito mal quando tentam avançar no meu pedaço. Eu tive uma vivência em que a forma de autoritarismo era bruta mesmo, então era violenta. Meu pai dizia pra gente assim: - *Faça o que eu mando e não faça o que eu faço*, e eu acho que quando se estabelece o autoritarismo, do autoritário, daquele que tem o poder para aquele que não tem, fica uma relação animalesca, porque o que tem o poder se acha então dono do outro enquanto ser e este que é dominado, às vezes, não é dominado totalmente porque...eu nunca me senti inteiramente dominada. Às vezes, até eu atendia uma ação pedida ou obrigada, mas eu aqui comigo, eu estava dizendo: - *Não! Não e Não!*, entendeu? Você tinha que sucumbir, porque senão, a violência... e a violência era muito terrível. Agora, a vivência de autoritarismo eu já citei uma em casa, que é o meu pai, que era extremamente autoritário, ele usava essa frase inclusive, ele achava que ela estava muito certa, mas na escola ainda em 1968 que foi quando eu entrei para o primeiro científico, eu estudava de manhã e obrigatoriamente nós tínhamos que usar uma saia quente, cheia de pregas, naquele calor e essa saia tinha que ser bem comprida, abaixo do joelho e as meias tinham que ser bem compridas também, quase que encontrando com a saia ou encontrando a saia; a blusa era transpassada para que nem uma forma dos seios aparecesse, nem um vislumbre e, esses seios deveriam estar cobertos com sutiã e mais uma combinação que teria que ser branca. Então, subindo as escadas da escola tinha uma funcionária que colocava as duas mãos nas costas para observar se a cor do sutiã e da combinação eram brancas, se não fossem brancas, voltava para casa, não poderiam ser rosa. Eu tinha aula com um professor muito bom de Matemática, eu consegui aprender muito com ele Eu gostava de Matemática e ele fazia um jogo muito interessante com a Matemática e eu ia fundo no jogo. Mas era um professor que ... ele entrava na sala e dizia assim: - *Eu não quero um piu!* Um dia um colega meu pediu a borracha emprestado. Um menino tímido, extremamente tímido; pediu a borracha emprestado, mas ela caiu no chão e ele pediu para o outro pegar. Foi mandado fora da classe: - *Retire-se ...!* O menino saiu da classe “roxo”, humilhado, porque pediu uma borracha, porque deixou cair a borracha. Isso é um absurdo! E o mesmo digníssimo professor, quando eu fiz as provas com ele, pelas minhas notas de prova, a minha média era sete. Então, não saiu as notas do segundo bimestre e no meio do ano, eu tive um problema em casa e passei a estudar à noite. Quando eu peguei o meu boletim, a minha nota veio quatro! Eu não entendi! Então, juntei a minha papelada e fui conversar com ele na escola, com medo, pavor de conversar. Daí, pedi licença: - *Professor, posso falar um pouco com você?* Ele falou: - *Do que se trata?* Eu falei: - *É*

a respeito da minha nota ... Ele falou: - Aluno bom não pede notas! Virou as costas e não me atendeu. Então, são idéias preconcebidas, a pessoa se achar num pedestal de tal forma que ela pensa o que o outro pensa; ela não ouve, é bestial!

Para a Joyse, o autoritarismo foi muito marcante tanto quanto o foi para mim. Fui criada em uma família em que a autoridade máxima era exercida pelo pai, onde tudo girava em torno do que ele aprovava, do que ele gostava. Nas escolas em que estudei, também tínhamos que ser submissos às vontades de todos que faziam parte do corpo docente e administrativo. Ela fala da invasão do direito do outro, não respeitando a forma de pensar que caracteriza cada indivíduo. A violência, a brutalidade exercidas como formas de tolher nosso jeito de ser – e que meu caso era predominantemente rebelde – causam-nos sofrimento por não aceitarmos o que queriam nos impor. O falso moralismo no que se refere ao uniforme: saias sobre os joelhos, blusas sem transparências e a maquiagem que a Joyse não se referiu, mas que tenho certeza deve ter enfrentado a proibição tanto por parte do pai, quanto dos irmãos (sexo masculino).

Liberdade para mim não é uma coisa única, não. Ela, ao longo do tempo, foi tomando vários significados. Houve uma época que para mim, liberdade era fazer tudo o que eu quisesse. Então, liberdade para mim era ter dinheiro bastante, que eu associava que quem tinha dinheiro, como eu não tinha, achava que quem tinha é que tinha liberdade. Essa era a liberdade! Depois, teve um período que eu achei que a liberdade de um termina... Sabe? Mas acho que isso já foi alguma coisa meio que de livro, assim que eu analisei, eu não internalisei, discurso, discurso ... a liberdade de um termina quando começa a liberdade do outro e tal e eu fiquei meio preocupada com estas questões de estar vendo assim, até onde eu não estava interferindo na liberdade do outro. Eu entendo tudo disso aí porque, na verdade, ninguém interfere na liberdade de ninguém, não acredito nisso. Eu acho que a liberdade, hoje em dia, é você conseguir ser você, se buscar, as coisas que você quer, que você acredite, independentemente do que o outro venha a pensar. Então, você conseguir uma coerência, que não é uma coerência eterna, é uma coerência provisória. Não tem essa coisa eterna. É essa busca em si mesmo, de valorização do que você gosta. Eu não vejo outra maneira de ter liberdade e até de poder interferir no outro, a menos que você tenha conseguido se encontrar. Hoje eu entendo isso. Tem um ponto que eu posso ser mal interpretada que é quando eu digo que não acredito no discurso de que a liberdade de um termina...; as pessoas interpretam que quando digo isso que então se eu quiser sair por aí matando, eu posso. Eu acho estranho quando se fala isso porque pra chegar num ponto que eu chego de entender a liberdade com um grau de autonomia, um grau de coerência ... esta parte incoseqüente, você já perdeu! Então, você não vai sair assim ... Porque não tem sentido. Essas coisas estão numa fase que você nem questiona o que é liberdade.

A liberdade definida pela Joyse, hoje, é a que ela enxerga na maturidade, depois de uma busca no decorrer de sua vida. Essa liberdade é coerente com os valores que ela acredita serem verdadeiros, valorizando o que gosta e com um certo grau de autonomia, sem precisar da aprovação do outro, ou ter medo de interferir no outro, pois essa fronteira ela já ultrapassou.

Miriam – Diretora da Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Pergunto, se você quer a resposta sobre autoritarismo antes ou hoje, porque antes principalmente na época da minha educação, formação escolar, pouquíssimo se falava a respeito de “ regimes”, regime político e tal. Então, autoritarismo, eu não me recordo de ter lido, ou escutado alguém ter pronunciado essa palavra autoritarismo e feito algum comentário a respeito, porque agora , num tempo mais recente, depois da graduação em diante é que a gente começa a se envolver um pouco mais e compreender o autoritarismo no sentido de uma forma de coerção social e política que se estabelece dos governantes sobre os governados. Isso de uma maneira mais recente. E isso falando em regime político. Mas em uma situação de sala de aula, uma situação familiar, uma situação social, enfim, no dia a dia esse autoritarismo também pode aparecer de uma maneira em que uma pessoa procura fazer valer a sua vontade em detrimento da vontade ou da necessidade das outras pessoas. Uniforme, aí eu penso que seja uma questão de autoritarismo, no momento em que nós éramos obrigados a usar meias pretas durante a semana, fita azul marinho, durante a semana; meias brancas no sábado e fita branca no sábado. Enfim, quem foi para a escola no sábado e esqueceu-se da fita ou das meias, não podia entrar na escola.

Embora não sabendo por um bom tempo de sua vida o significado do autoritarismo, a Miriam viveu sob a sombra dele durante toda a sua vida. Vinda de uma família muito rígida em questões de moral, religião, com um pai que tinha uma profissão de absoluta disciplina, ela sempre acatou e respeitou tudo que lhe impunham. Nunca teve problemas com o uniforme, pois, para ela e sua família, a obrigatoriedade no uso do uniforme era uma situação do cotidiano.

Eu acho que esse conceito é um dos mais difíceis da gente estabelecer, principalmente nós, eu, formada numa escola tradicional, vinda de uma família estruturada em padrões rígidos de moral, de princípios cristãos, de disciplina, própria até mesmo da função do meu pai, da minha mãe, filha mais velha que ajudou a criar todos os irmãos. Enfim, aquela coisa de moral e de disciplina muito presentes. A forma como isso era inculcado na gente, era cortando toda a liberdade. Então, hoje eu penso assim: o direito de ir e vir que a gente encontra assim como um dos conceitos de liberdade, ele é ainda muito subjetivo. De que me adianta o direito de ir e vir se lá dentro ir ou vir podem

estar trancados por algum padrão de moral, por algum padrão de princípio religioso. Então, liberdade para mim é muito subjetivo e muito difícil para estabelecer um conceito do que seja, porque eu creio que eu, pela própria formação, e ainda hoje conhecendo as coisas, a gente vai se arriscando um pouco mais, a superar, a ultrapassar tudo aquilo que ficou como conceito de moral, de ética, de disciplina, de religião. Eu acho que conceito de liberdade, agora que eu estou conseguindo experimentar um pouco mais desse conceito.

A Miriam foi criada de uma maneira tão vigiada e tão restrita aos valores estabelecidos na sua família e nas escolas em que estudou, que, para ela, a liberdade é algo que amedronta, que pode mudar o seu mundo organizado, bem constituído e, então, ela vai arriscando, tentando se soltar, se libertar das amarras colocadas à sua volta, protegendo-a do mundo.

1.1 Pensando no autoritarismo e na liberdade relatados por minhas colegas

Nas entrevistas, foi perguntado às minhas colegas, o que era o autoritarismo e se já tinham vivenciado-o em alguma situação, durante a época escolar, nos anos deste estudo (1964-1984) por parte de algum professor, diretor ou mesmo alguém da parte administrativa da escola, pois conforme Michel Foucault (1996: 159): *na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento.* De uma maneira ou de outra, elas estiveram sob o domínio do autoritarismo em circunstâncias várias de suas vidas, tanto na escola como alunas, como no trabalho docente como profissionais e, também, junto às suas famílias. A forma autoritária é sempre imposta, tanto pela forma da autoridade que regula as regras e leis de um determinado local, de acordo com o que nos fala Foucault, como também pela maneira de impor condições sob a ameaça do “medo”. Pude notar, nos vários depoimentos, que a palavra “medo” surgiu várias vezes, mostrando que era através desse sentimento que elas se submetiam às ordens aos comandos.

Eu tenho várias experiências dessa forma de coerção e lembro-me das atitudes arbitrárias de alguns professores, diretores e funcionários das escolas em que estudei.

Durante meus primeiros anos na escola, lembro-me do medo que tinha da diretora; para mim, ela era uma pessoa inatingível, nem era gente, era só o poder. Quando eu e meus amiguinhos/as a víamos chegar, ficávamos paralisados de medo de que ela nos dirigisse a palavra.

O que a Raquel relata sobre fazer “xixi” nas calças pelo medo de pedir à professora para ir ao banheiro, acontecia em minha escola também, pois o rigor era tamanho que só de pensar em se dirigir a alguns professores as pernas já começavam a tremer. Quando ela se refere à madre que não a deixou entrar por estar de vestido com as costas de fora, lembro-me de que essa imposição quanto às roupas das meninas consideradas “impróprias” era uma constante imposta por um rigor absoluto, por parte de algumas “autoridades” de algumas instituições, tanto escolares como da saúde. Por exemplo: eu tinha seis anos quando minha avó ficou hospitalizada na Santa Casa de Sorocaba e minha mãe comprou, para mim, uma jardineira de calças compridas especialmente para visitar minha avó. Quando chegamos à

recepção da Santa Casa eu fui impedida de entrar por uma madre que recepcionava, por ser menina e estar de calças compridas. Lembro-me que chorei muito pela decepção!

A Francisca comenta a falta de espaço crítico na escola, para a elaboração do conhecimento, que não limitassem a reflexão e o raciocínio. Fala da necessidade de se estudar Filosofia, História e Geografia, nos tempos atuais, para exercitar esse mesmo raciocínio, questionando se não seria autoritarismo a desvalorização dessas disciplinas, já que havia a imposição de um programa, de um currículo.

Conforme afirma Moreira e Silva(1994):

Por um lado, o currículo, enquanto definição "oficial" daquilo que conta como conhecimento válido e importante, expressa os interesses dos grupos e classes colocados em vantagem em relações de poder. Desta forma, o currículo é expressão das relações sociais de poder. Por outro lado, apesar de seu aspecto contestado, o currículo, ao expressar essas relações de poder, ao se apresentar, no seu aspecto "oficial" como representação dos interesses do poder, constitui identidades individuais e sociais que ajudam a reforçar as relações de poder existentes, fazendo com que os grupos subjugados continuem subjugados.(MOREIRA E SILVA, 1994: 29)

A Isolda diz que o problema do autoritarismo é ser regido por alguém que tem o peso da autoridade e que esta, no caso, é inquestionável, não dando lugar para a crítica, o que ocasiona a falta de reflexão e conseqüentemente a não evolução da sociedade. Eu concordo com ela porque, realmente, o autoritarismo bloqueia qualquer intuito de questionamento. O medo paralisa nossas ações, violentando nosso raciocínio, impedindo-nos de pensar e é, nesse sentido, que também concordo quando Isolda diz que nos transforma em um autômato que aceita tudo. Na fala da Eneida, percebo que sua geração era mais audaciosa, ou melhor, já não se sujeitava tanto quanto a minha geração ao medo dos detentores do poder. A escola, a qual ela se refere, foi a mesma em que estudei, em outra época, mais dura, em que o professor podia fazer o que queria que ninguém questionava.

Quanto às imposições a que fomos expostas durante a vivência escolar, principalmente as meninas, como comprimento de saias, blusas não transparentes, vejo o que a Raquel Aparecida fala sobre isso e lembro-me de quando fazia a sétima série e a moda era mini saia. Tínhamos uma inspetora de alunos que ficava na porta da escola e que só permitia a nossa entrada, se o comprimento da saia estivesse em cima do joelho. Quantas vezes essa inspetora desmanchou a barra da minha saia e eu entrei em aula com fios de linha dependurados!

Já a Maria José, que é uma pessoa que atua muitos anos dentro da escola como componente do corpo docente, coloca muito bem como os limitadores da liberdade, que abusam do poder que lhes é conferido, refletem um comportamento de autoritarismo, não reconhecendo que as pessoas não são máquinas: estão sujeitas às intempéries do seu cotidiano.

A Hilda nos diz do professor que usa de subterfúgios, ameaçando para poder dominar uma classe de fato, quantas vezes tivemos que nos calar e fazer do jeito que o professor queria, mesmo que nossa opinião divergisse totalmente da dele, só para poder tirar nota? Ela fala também da coerção que os professores recebiam e que não podiam colocar suas falas e maneiras de pensar para os alunos e, sim, de acordo com o que estava implícito nos documentos que governavam a escola.

O autoritarismo inspira um sentimento de angústia, de frustração e, por muitas vezes, nos sentimos impotentes diante de seu implacável e paralisante poder sobre nós. A minha colega Joyse tem esse tipo de sentimento ao falar sobre o autoritarismo. Tanto ela quanto eu, e muitos de nossa geração, sofremos esse tipo de violência camuflada em forma de cuidado e preocupação, mesmo dentro da própria casa, onde o lar era mantido pela autoridade máxima paterna. A palavra do pai era inquestionável, inabalável. A figura do pai, para as pessoas de nossa geração, era também muito forte, poderosa e superior, principalmente em relação ao sexo feminino, ou seja, em relação às “filhas” o tipo de tratamento e proibições era muito maior. Lembro-me de muitas amigas que tinham irmãos e, que eram obrigadas a obedecer as suas proibições – com a plena concordância do pai – que impediam-nas de usar maquiagem, roupa curta ou decotada, etc.

Então, quando a Joyse fala que *é uma invasão do direito do outro*, só posso estar totalmente de acordo com ela. Quanto ao que ela menciona do professor, que nem admitia que uma aluna se colocasse para explicar um erro de nota no boletim, realmente é uma maneira presunçosa de se achar em uma posição superior, num pedestal, inatingível, com o máximo do poder sobre os outros.

Muitas vezes falei de liberdade, reclamei da falta de liberdade, mas nunca imaginei que fosse algo tão difícil de definir. Minhas colegas tentaram, de muitas maneiras, buscar o que significava para elas a liberdade e foram surpreendentes as interpretações a respeito.

É muito frustrante saber que a liberdade está tão perto, mas que, muitas vezes, não conseguimos abrir os braços para alcançá-la. Existe uma barreira, criada desde que nascemos, que nos tolhe os movimentos espontâneos: no começo, somos detidos para não nos machucarmos, depois somos direcionados para que os outros não nos machuquem, até que chegamos a um estágio em que o próprio condicionamento imposto, garante que não ultrapassaremos os limites.

A Raquel vem buscando e tentando conquistar a liberdade de agir como pensa, enquanto a Francisca foge da liberdade sem responsabilidade, da liberdade de se fazer o que quiser.

A Isolda questiona se existe liberdade, já que a maioria das pessoas não pode nem saber o que é! De acordo com ela, como se pode pensar em liberdade se estamos, ainda, à procura de condições essenciais de sobrevivência?

Para a Eneida, a liberdade está introvertida dentro dela; ela é livre para pensar porque no pensamento ninguém pode interferir, mas, ao contrário, fora dele, dentro da sociedade onde ela vive, a liberdade já tem outro significado. No caso da Raquel Aparecida, liberdade é solidariedade, é partilhar com o outro, é o amor ao próximo.

Poder pensar e poder escrever, podem parecer coisas simples, do nosso cotidiano, mas para a Maria José essa cotidianeidade já foi proibida. Agora, ela valoriza muito a liberdade que tem em expressar-se, e de poder agir, conforme os seus pensamentos. A Hilda sabe que para a liberdade expressar-se, é preciso que se tenha a possibilidade das alternativas de escolha, restrita, no Brasil, a poucos, confirmando o que a Isolda pensa sobre a falta dessa escolha, que gera a falta de liberdade.

A autenticidade de ser você e buscar aquilo que você quer – que é também uma possibilidade de escolha – é o que a Joyse traduz como liberdade e a Miriam está tentando transpor os limites que a Francisca impõe como forma de uma liberdade responsável.

A falta de liberdade, a aceitação do autoritarismo também são consequências do efeito da propaganda anticomunista e anti-subversiva, apresentada na época, e que fazia com que as pessoas acreditassem que o comunismo se opunha ao progresso e ao bem-estar social, que era uma ameaça aos direitos das pessoas e que todo comunista era “baderneiro”, a favor da luta armada, uma ameaça a todo tipo de sociedade democrática.

A seguir, vamos encontrar as várias representações criadas pelas depoentes, vindas das informações que recebiam sobre comunistas e subversivos.

2. Comunistas e subversivos

A propaganda anticomunista divide o mundo em dois. De um lado o mundo da liberdade, a promessa do paraíso. De outro o universo do mal, o inferno do comunismo.

(CAMARGO, 1988: 65)

Tivemos, no Brasil do século XX, vários exemplos de autoritarismos impostos por dois regimes de ditadura. Durante a ditadura de 64 a 84, grupos isolados, contestadores do regime, foram praticamente dizimados pela repressão: houve tortura, desaparecimentos e mortes. Esses grupos, formados em sua maioria por estudantes e intelectuais, tinham o sonho de derrubar a ditadura que se instalara no país inspirando-se nos grandes revolucionários da época. Não conseguiram concretizá-lo e, talvez, um dos motivos tenha sido a falta de habilidade em questões práticas como: manuseio de armas, estratégias, vivência e experiência em guerrilhas e a falta de visão em relação ao tipo de poder que estavam enfrentando, pois como observa Hannah Arendt (1973):

Os estudantes da esquerda não são justamente aquilo que eles mais queriam ser: revolucionários. Tampouco estão organizados como tal: eles não tem uma vaga idéia do que seja o poder, e se o poder estivesse caído na rua e eles soubessem que estava lá, seriam certamente os últimos a se abaixarem para pegá-lo. E é exatamente isto o que fazem os revolucionários. Revolucionários não fazem revoluções! Revolucionários são aqueles que sabem quando o poder está caído nas ruas e quando podem pegá-lo. (ARENDR, 1973: 177)

No entanto, a luta e a coragem desses estudantes foram fundamentais para a difusão e consolidação de noções de liberdade, contrárias ao projeto de controle e totalitarismo dos regimes ditatoriais.

O mundo, no seu percurso de evolução constante, vai estruturando-se a cada nova descoberta e adaptando-se às novas idéias e pensamentos causados pela dinâmica do ser humano, que não é estático e está em constante movimento dialético, isto é, como um ser instável, está em constante procura pelo novo, pelo desconhecido.

É interessante visualizar como o ser humano simboliza suas idéias por meio de “chavões” nas conversas do cotidiano ou usando valores do consenso popular (senso comum), para identificar ou justificar esses conceitos.

Torna-se necessário o conhecimento desse senso comum para facilitar a interpretação, e possível solução de problemas relacionados à coletividade.

O sistema de representação do senso comum é fabuloso; ele revela uma visão de mundo buscando maneiras de interpretar conceitos técnicos e, a partir deles, criar e construir novas idéias para justificar e familiarizar o que é de difícil compreensão.

Apoiando-se nessas interpretações e representações, as pessoas procuram materializar esse imaginário, tornando-o, às vezes, uma verdade reconhecida pelo consenso popular.

No mundo atual, as coisas acontecem tão rapidamente que não há tempo para criarem mitos duradouros que respondam o que não conseguimos entender ou explicar, isto é, os mistérios da vida não podem, na época atual, terem como explicação entes sobrenaturais, criações de deuses e lendas.

Atualmente, os fenômenos sociais têm uma grande variedade de opções interpretativas, tanto no campo religioso, político, como também nos vários setores da vida humana, onde há uma multiplicação de conceitos que não se estabilizam, nem permanecem; é uma corrida contra o estático, o permanente.

As representações sociais emergem como ciência do cotidiano, do senso comum e, como tal, não podem ser uma ciência acabada, porque a cada dia vivemos de uma maneira diferente. Para entendermos a característica peculiar de uma dada representação social temos de entender quais os diferentes meios psicológicos e sociais que foram utilizados para a sua formação.

Traduzimos o mundo da maneira que o sentimos e o reelaboramos de acordo com nossos valores, nossas inseguranças. Quando tornamos algo objetivo no mundo, concretizamos esse algo à nossa representação, dando-lhe a nossa forma. A ancoragem é outro meio de darmos significação àquilo que queremos representar, porque ela atribui sentido a partir dos valores de um grupo ou sociedade: relaciona os grupos sociais à luta de classes, encarnando um sistema de valores.

As representações sociais são paradigmas que estão sendo construídos e, conforme argumenta Pedrinho Guareschi: *com a Teoria das Representações Sociais temos uma história diferente, que questiona ao invés de adaptar-se, e que busca o novo, lá mesmo onde o peso hegemônico do tradicional impõe as suas contradições.* (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH

1997: 17). Estamos descobrindo uma nova maneira de se fazer ciência e de compreender os códigos utilizados como meio, às vezes, até de sobrevivência do ser humano.

A troca e a complementação dos símbolos criados pelas pessoas acontecem nos inter-relacionamentos de um determinado grupo ou de uma sociedade.

No período histórico deste trabalho - 1964 - 1984 - nota-se a difusão de representações sociais sobre o comunismo, comunistas e subversivos.

Sobre esses temas, assim se expressam minhas colegas:

Raquel, profissional de Informática, nasceu em 1964 - 34 anos.⁹

Não ouvia falar muito sobre comunismo, na minha casa, por exemplo. Mas a visão dos meus pais, por exemplo, era que os comunistas queriam tomar conta do país e então o governo teve que tomar uma providência e então, essa era a informação que era passada. Então tinha aquela visão de que o comunista comia criancinha, que ia ficar pior do que a situação que o país estava, que foi bom o golpe e, então essa era a informação lá na minha casa, mas muito pouco, não se conversava muito sobre isso. Minha mãe falava que os comunistas queriam tomar conta do Brasil e que todo mundo ia perder tudo, então ela achava que o governo tinha feito certo, minha mãe e meu pai, eles procuravam passar isso aí meio batido. Então, junto com o palavra comunismo vinha a palavra subversivo. Sempre associada uma à outra. Eram as pessoas que se reuniam escondidas, os comunistas, que era uma coisa perigosa, que se você ficasse perto poderia ser preso e subversivo vinha sempre aliado a essa situação, de se esconder, de fazer coisas fora da lei, então coisas erradas.

Eu também, como a Raquel, recebi informações desse tipo: que se o comunismo fosse implantado no Brasil, teríamos que dividir nossa casa com outras famílias e eu ficava imaginando as pessoas estranhas que poderiam vir morar na mesma casa que morávamos.

Francisca - Professora Universitária - área Geografia, nasceu em 1942 - 57 anos:

Entre aspas, subversivo era comunista. Então, você dizer que você era contra a situação que estava dominando, era ser comunista. Ah! Comunista comia criancinha. Não para nós, lógico, a gente tinha um pouco de conhecimento, mas assim para as pessoas mais simples, nossa! O Comunismo era mostrado como uma situação caótica ... porque não havia o conhecimento, talvez pela grande maioria do sentido do socialismo. Então, o fato de uma pessoa participar de um movimento desse, era um comunista! E como comunista era mal visto, era ... como vou dizer ... penalizado. Nos centros acadêmicos, a turma toda era subversiva, e por quê?

⁹ Os depoimentos na íntegra sobre comunistas e subversivos estão no Anexo 4, página 145.

Porque era contra a situação que estava até aquela época. Então, era comunista. Entre os próprios estudantes a idéia era essa.

Pode-se observar que, tanto a Francisca como outras depoentes relacionam o comunista e o subversivo – estão sempre ligados – quando fala-se de um, o outro está subentendido.

A Francisca fala do medo que essa palavra “comunista” representava na época do regime militar para qualquer pessoa: estudantes, professores ou qualquer pessoa comum.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Eu achava como muitos da minha geração, que estava nas nossas mãos, que nós tínhamos o poder de mudar isso, porque nós éramos os jovens, nós éramos o futuro, que nós poderíamos mudar. Então, você sente uma responsabilidade enorme, em vista dos teus ideais e do ideal de humanidade que você tem e não acreditando mesmo naquele sistema proposto, que na verdade veio a se mostrar terrível, violento, quer dizer, eu acho que toda a história prova que nem todos eram comunistas, que o comunismo não é aquele que come bracinho de criança. Que sistema que propicia morte por fome de populações inteiras, e a mendicância e tudo? Quer dizer, a história, enfim, vem esclarecer que apesar disso estamos aí, do mesmo jeito, acho que até pior. Para mim, esse termo é um engano. Ninguém era subversivo. Porque nós acreditávamos que a ordem estava com a justiça social. Subversivos pra nós naquela época, como é pra mim, é aquele que não acredita nisso, que não acredita nos valores humanísticos. Esses sim subvertem uma ordem da natureza e humana, era o que eu acreditava. Porque subversivo é subverter uma ordem. Então, a ordem era essa, o sistema é esse e as relações têm que ser essas. Se você subverte isso, então você é subversivo, está subvertendo uma ordem. Nesse sentido, sim. Mas acontece que quem disse que aquela é a ordem verdadeira?

Concordo muito com a Isolda sobre o que ela diz que nenhum sistema político pode ser pior do que aquele que exerce o controle por meio da violência, da exclusão social, propiciando a fome, que provoca a mendicância de milhões de inocentes, como estamos vendo hoje em qualquer rua da cidade. Quanto ao subversivo, a impressão que eu tinha, antigamente, era a de que eram bandidos, marginais, pessoas criminosas que fariam mal a qualquer um porque eram frias, sem noção de amor ou caridade.

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

A idéia que eu tinha sobre comunista não era clara. A única coisa era que era algo ligado ao mal. Então, comunismo ou comunista era alguém, era uma pessoa, não era um sistema, não era uma organização, que não aceitava as regras e a gente aprendia que as regras deveriam ser aceitas. Então, era uma pessoa que estava à parte daquilo

que se tinha como ordem. E, uma coisa que pra mim ficou muito marcado, não sei se em 79, eu ia fazer dez anos e eu assisti assim na televisão a uma multidão com faixas dizendo o seguinte: “A anistia plena, geral e irrestrita” e isso foi tão marcante pra mim que eu consigo lembrar com muita nitidez dessa imagem e dessa frase. Depois, agora mais recentemente, através do estudo é que eu fui saber o que era. Então, as pessoas exiladas deveriam estar voltando e tal e o que isto estava significando, mas, na época, simplesmente foi uma coisa que a gente assistia. Por que eu estou falando isso, quando falo de comunismo? Muito provavelmente porque a notícia que eu tinha era assim: as pessoas comunistas que não aceitavam as regras tinham que sair do jogo e sair do jogo significava sair daqui [do Brasil]. E elas saírem daqui, pra gente que ficava era uma coisa boa. Eu tinha uma tia de Campinas, ela era professora universitária, então, ela vinha em casa e reunião do PT pra cá e pra lá e eu achava aquilo tudo muito lindo e a minha mãe falava: - *Mas eles são comunistas! O que é isso?* Então, eu me lembro dessa questão do comunista, como alguém diferente e do “mal”. Não sabia o que era subversivo e raramente comunismo era colocado pra mim e quando colocado era simplesmente como: - *Isso não é do bem; isso é uma coisa feia; uma coisa do mal.* Era assim que a minha mãe colocava.

Na casa da Eneida a questão do comunismo era tratada como na maioria das casas brasileiras: algo tão ruim que não era bom nem falar e o subversivo, como já mencionei, vinculado ao comunismo, também era jogado para o esquecimento como algo muito ruim.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Bom, eu nasci em 63, mas eu lembro de quando criança ouvir algumas coisas que a minha mãe falava, que não podia falar: comunista! Comunista era uma coisa ruim tomava tudo que a pessoa tinha na casa, que você tinha que dividir tudo com todo mundo. A diretora da minha escola usava muito esse termo: subversivo! Eu lembro de um colega que ela dizia que ele era subversivo, que ele era perigoso para os outros! Então, ele foi expulso várias vezes da escola, nem sei se ele se formou. Mas ela usava esse termo de subversivo, só que ela usava assim: a impressão que eu tenho é que ela era a favor da ditadura porque ela era bem “general” com a gente. O meu irmão mais velho, às vezes, comentava – *Ah! Fulano é “subversivo”!* e a gente não entendia muito bem.

No depoimento da Raquel Aparecida, vejo que o comunismo, também em sua casa, tinha o mesmo significado da maicria e que a idéia que se passava de subversivo, relatada por ela, vem confirmar o que mencionei anteriormente, sobre ser uma pessoa marginal, criminosa, pois quando a diretora da escola dela chama seus/as colegas de “subversivo”, identifica-os/as com bandidos, com algo perigoso.

Maria José – Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Bem, a história é mais ou menos assim: na época todo mundo, não só o pessoal ligado à escola, mas o povo em geral, inclusive a minha família, achava que qualquer coisa que fosse contra o governo era subversivo. Eu não achava isso. Eu tinha um sonho como muitos jovens da época de mudar e transformar a sociedade; isso não era ser subversivo, isso era uma forma de ser jovem na época, de ser cidadão, de não estar alienado das mudanças que a sociedade necessitava. Então o jovem, naquela época, e eu também, comungávamos a idéia dos jovens todos de transformar aquilo que não ia bem, de manter o governo que convinha para o bem de todos e rejeitar as idéias americanas, as idéias de interferência, principalmente na minha época, eram muito rejeitadas as idéias de interferência internacional no Brasil. Agora, o que eu ouvia na minha casa era que tomasse muito cuidado, que tudo isso era muito perigoso, que tudo isso era subversivo. Na época, eu morava aqui em Sorocaba, com uma colega de classe, com a família dela, família de espanhóis e eles diziam: - *Isso é muito perigoso, é muito perigoso!*, então a gente vivia numa situação muito tensa por influência dos outros. Mas a gente se arriscava a ir em congressos, a ler livros que na época eram considerados subversivos. Agora, pra nós, o que era ser comunista? Nós tínhamos convicção de que nós não éramos comunistas; nós éramos partidários de idéias socialistas. E comunistas pra nós era quem era filiado a partido, tinha compromisso com o partido e que também comungava das mesmas idéias nossas, mas que tinha um certo modo mais rigoroso de lidar com as coisas, inclusive, muitos comunistas pra nós, beirava o terrorismo. Eram pessoas que pelo partido faziam tudo. E nós não tínhamos essa convicção de que esse era o melhor caminho, então não nos considerávamos comunistas e nem nos considerávamos subversivos. Nós nos considerávamos jovens integrados na sociedade, na época do sonho de mudar para melhor a vida do povo. Para as pessoas desinformadas, tudo era comunismo, mesmo as nossas idéias eram consideradas comunistas.

Como bem diz a Maria José, qualquer coisa que fosse contra o governo era subversivo; mas os jovens queriam mudanças, queriam ajudar a melhorar a parte social do país. Por esse motivo, eles participavam de congressos, de associações do tipo da JUC, AP, etc., e, muitas vezes, eram chamados de “subversivos” (bandidos, fora da lei) e de comunistas – aqueles que roubariam tudo o que as pessoas possuíam.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

De 64 à 84, esse período bastante importante da nossa formação, eu já tinha um conhecimento muito bom sobre a questão do comunismo. Em primeiro lugar, por ser leitora assídua. Eu tinha lido a trilogia do Jorge Amado, onde ele falava sobre o problema das lutas de classe, o Partido Comunista no Brasil, toda a polêmica que envolvia isso, a perseguição. Então, nos livros dele e eu me lembro agora de dois deles, “Uma Luz no Fim do Túnel” e “Os Astros Tempos”, ele trata de toda a história desde a implantação do Partido Comunista no Brasil. Então, ele cita a fábrica dos Matarazzo em São Paulo onde tinha células de comunistas ; os comunistas e os seus trabalhos , as suas lutas , as suas reuniões , os seus sacrifícios , como que a polícia os

tratava, como que arrancavam as confissões deles. Por que era difícil, um Partido se expandir, ganhar terreno, por que a repressão era muito forte. Então, eu já tinha todo um conhecimento anterior e sabia que comunismo não era nenhum bicho de sete cabeças, era apenas uma tentativa de tornar comum a todas as pessoas o que era o bem para todos, o bem comum. Subversiva ... eu até fui taxada “de”, quando querendo colocar pra fora minha indignação, eu já tinha mencionado isso pra você mesma, numa fala que eu tive quando se comemorou o aniversário da Revolução de 64, em 1967 num colégio que eu dava aula, pelo fato de eu ter colocado que a nossa liberdade e a nossa democracia eram entre parênteses apenas latentes, elas não existiam de fato e nem de direito, eu fui taxada de subversiva e fui até punida por causa disso. Mas eu vejo assim, o que as pessoas entendem por subversão. Então, pra elas, subversão, subvertido, subverter é uma coisa errada, muito feia e na acepção da palavra não é. É você fazer de uma forma diferente, é você refazer, reconstruir alguma coisa. Mas foi uma palavra que ficou, inclusive, com um cunho pejorativo. Então, subversivo era aquele que era contra a ordem nacional, contra o direito das pessoas, contra o progresso do país. Então, a subversão era justamente um medo que as forças governamentais da época da ditadura tinham e criaram essa representação tão forte, eles induziram o povo a pensar que o subversivo era o inimigo, era um malfeitor. Comunista também, então o comunista era o maior subversivo que tinha na época.

A Hilda, leitora sempre curiosa, sabia o que era ser comunista e o define como um defensor do bem comum; subversivo, ela define como uma pessoa que tentava fazer, da vida em sociedade, alguma coisa mais justa e igualitária. Ela também menciona a ligação: comunista era o maior subversivo da época! Ou seja, as duas representações de inimigos da sociedade da época, juntas. Mas, como ela própria diz, essas representações foram criadas, forjadas por figurantes dessa história que possuíam altos interesses na mistificação de pessoas que lutavam por uma sociedade mais justa.

Joyse, Professora de Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Bom, da época ... O termo, a palavra comunista, a idéia de comunismo estava disseminada tal qual uma doença. Então, as pessoas tinham horror de falar, de utilizar até o termo. Mesmo dentro de minha família, tipo assim: - *Porque são uns comunistas!* Então, era associado assim ao mal e não sei se eu já sentia isso já naquela época ou é um pouco de agora, talvez pelo fato da minha mãe ser bastante religiosa, tinha uma coisa assim: não era comer as criancinhas, mas era a questão da religião porque o comunista não permitiria jamais a religião, a católica. Então, passava junto essa idéia. Mas eu mesma não tinha idéia clara do que era o comunismo e também você não tinha acesso a esse tipo de informação, entendeu? Mas eu percebia que as pessoas tinham assim um pavor da palavra e até eu lembro um caso interessante que perto de onde eu morava tinha um senhor, que depois a filha dele até estudou comigo e minha irmã e tal, e ele participava de greves, se colocava, ele era atuante dentro da Estrada de Ferro Sorocabana. E eu lembro que uma vez nós estávamos na feira na rua de casa e ele passou e a minha mãe falou pra mim: - *Olha, aquele homem é comunista!* e a minha

mãe ficou horrorizada. Eu não entendia bem “comunista”. Ah! A subversão, não sei se pela fase de adolescência que tem um sabor maravilhoso a subversão. Olha, eu particularmente gosto um pouco até hoje. Mas, a subversão eu acho assim, ela mais atuante porque ela não tem um rótulo, não tem um “subversista”, entendeu o “ista”? Ela não tem isso. A subversão dissemina e ela é a reação de inconformidade mesmo com o estabelecido, com o imposto. Então, ela chega a ser violenta, ela pode ser violenta, mas eu não sei, ela tem algo de mais bonito, de mais prático. Por exemplo, quando eu falo em comunismo, no sentido marxista, eu estou falando num macro, quando eu falo em subversão, eu entendo assim no micro, são nas pequenas localidades: na sua casa, na minha casa, na casa do outro. É o adolescente que começa a questionar a ordem estabelecida e aí então ela vem e eu acho uma beleza nela! Sabe, eu não consigo achar uma coisa tão terrível. Eu acho um sinal, quando ela aparece, é uma sinalização, é hora da gente rever como está agindo, o que está acontecendo porque não existe isso de agradar a todos, mas existe de desagradar a muitos e aí, então, acho que é o momento de reflexão. No período militar, essa subversão tinha uma coisa assim meio apaixonante no estudante, sei lá, até poética. Era patriótica, foi ao mesmo tempo ingênuo, mas ela tinha uma marca de real porque a subversão acontecia apesar de ... o protesto era feito e as marcas foram deixadas. A participação em alguns momentos desses acabava trazendo uma identidade para um grupo e então o jovem se sentia mais forte para fazer alguma coisa e muito jovem na ilusão, quer dizer, era caçado e tudo, mas o grupo se sentia mais forte. Então, eu acho interessante essa coisa de subversão. Eu acho bonito, tem uma beleza nisso e naquele tempo a subversão aqui, nessa cidade aqui [Sorocaba], ficava mais no sentido de um corte de cabelo, uma roupa diferente ou não cortar o cabelo. Era uma forma de mostrar, a roupa mostrava alguma coisa. Seria uma imitação do que o real subversivo fazia, assim uma figura de Che Guevara e aí, de repente, ele fazia coisas, talvez uma vontade imensa do jovem de fazer coisas. O jovem é muito preso, até hoje. Só que hoje, até pra subversão, eles usam, sei lá, eles não têm mais ideal e aí precisa da droga para dar suporte e poder fazer.

Para a Joyse, a palavra comunismo lembrava uma doença, devido ao horror que as pessoas tinham, a sua reflexão sobre a conotação boa que a palavra subversivo traz ficou muito clara para mim. A Joyse é um tipo de subversiva porque ela luta contra o que não concorda no “estabelecido”; ela procura mudanças e o seu jeito de ser é coerente com a sua postura que carrega uma subversão embutida nos seus atos, deixando transparecer, sempre, que não concorda com certas arbitrariedades do seu cotidiano.

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Lembro-me que a música do Geraldo Vandré não se podia cantar, não se podia pronunciar e isso caiu nas minhas mãos assim muito por acaso, numa conversa entre colegas e uma das colegas falou que ele era comunista e que a música era bonita e cantarolava-se muito discretamente a música, mas qualquer pessoa que ouvisse já falava que era comunista. E, eu demorei muito para entender e falava: - *Mas nossa! uma poesia tão bonita! Como pode ser comunista?* Daí, um dia, conversando com o

meu pai, ele falou que não era só a letra da poesia; que a letra da poesia retratava outras coisas além do que eu enxergava como poema. E meu pai tinha essa informação e embora uma pessoa muito simples culturalmente falando, porque num determinado verso fala dos soldados. E meu pai deveria ter recebido essa informação dos superiores dele e ele me passou porque eu questioneei, eu perguntei: - *Por que era tido como comunista, se era um poema tão bonito?* Agora, quando se falava que uma determinada pessoa era comunista, Ah! Então, a gente passava e olhava até de lado! Inclusive perto da minha casa, tem um senhor que ficou preso durante muitos anos por ter sido taxado ou classificado como comunista; a esposa dele teve que aprender a se virar sozinha, eu digo pra sustentar o filho, e a casa porque ele ficou preso. Nossa! esse homem ficou preso durante muitos e muitos anos, creio que ele foi solto com o fim do regime militar. Agora, a palavra em si, comunismo, nunca me foi explicada. Em primeiro lugar, a gente nem sabia o que era ditadura, não tinha nem conhecimento dessa questão política. Meu pai sendo militar as coisas ainda eram mais abafadas porque qualquer problema que se falasse ... eu lembro bem da palavra "subversivo". Então, as pessoas não podiam falar determinadas coisas, senão eram taxadas de subversivos. Só que pra mim, subversivo, quando se começa a compreender um pouco mais da vivência, do nosso círculo de pessoas, eu lembro que subversivo era um termo assim que assustava e que as pessoas já mudavam de assunto. De acordo com a minha família, com o meu pai, subversivo era aquele que estaria contrariando a lei. Qualquer um que estivesse contrariando a lei era subversivo. Então, para mim era assim, no "geralção", se falasse que alguém era subversivo é porque em algum momento ou de alguma forma ele deixou de cumprir a lei ou fez exatamente o contrário que a lei mandava.

Como não poderia deixar de ser, para a Miriam, subversivo era o que estava contra a lei. Em sua casa, jamais se poderia questionar sobre esse tipo de pessoa: comunista ou subversivo. Mas, no geral, ela conta o que a maioria sentia em relação ao conhecimento do que fosse o comunista. Era uma incógnita, um mistério, ninguém nunca conseguia explicar corretamente, ficando só uma imagem de que era uma coisa do "mal".

2.1 Como minhas colegas viam o comunista e o subversivo

Interroguei minhas colegas a respeito do que se falava ou se entendia por comunismo ou comunistas na época em estudo (1964-1984), se elas ouviram falar sobre isso e qual o significado dessas palavras para elas.

As respostas denotam um preconceito em relação a qualquer assunto ou às pessoas que tivessem qualquer contato com o termo comunismo ou comunista. Comunista foi associado com alguma coisa ruim em nossas cabeças; na minha casa, aqueles que iriam nos tomar tudo: a casa, as roupas e a comida. Tomariam tudo e repartiriam. Vejo que, para minhas colegas, a idéia era a mesma e que também para elas existia um “mistério” em torno desse assunto. Sempre tive muita curiosidade em saber como os comunistas viviam na Rússia, porque na minha casa e entre o meu meio social, a informação que tínhamos era a de que eles repartiam tudo o que tinham, que moravam várias famílias numa mesma casa e ninguém, nem mesmo os familiares, podiam confiar uns nos outros.

Lembro que ficava imaginando que coisa horrível devia ser morar num lugar onde não se pudesse ter privacidade com a própria família e nem confiar nos pais e irmãos! Eu devia ter nessa época treze ou quatorze anos, não lembro ao certo, mas foi durante os anos de maior radicalização do processo repressor que, minha enorme curiosidade em saber o que realmente significava o comunismo, fez com que meu professor de Português me emprestasse, com muita cautela, um livro que tratava desse assunto. Porém, a recomendação era de que eu não deveria mostrar para ninguém! Fui buscar o livro em seu escritório, pois ele era também advogado além de professor e me recordo que era um livro grande, com muitas páginas. No entanto, não consigo lembrar o nome do livro nem do autor, mas sei que era sobre alguém que estivera na Rússia e que contava como faziam trocas de dinheiro (no caso rublos) por botões de camisa ou outras coisas assim bem comuns. Então, relaciono a vida social na Rússia à falta de bens manufaturados e sobra de dinheiro, com grandes dificuldades de acesso a esses bens. Hoje, posso entender por que esse meu professor tinha medo que alguém visse esse livro; ele poderia se comprometer seriamente, pois como já disse anteriormente, era a fase de maior repressão e os comunistas eram caçados tanto pelos militares como por pessoas que imaginavam que eles só poderiam causar mal à sociedade. As pessoas taxadas como comunistas eram mal vistas, marginalizadas. O comunista era aquele que agia contra a democracia, contra a ordem estabelecida, não tinha religião, era ateu!

Agora, subversivo é um termo que até nos dias de hoje as pessoas imaginam como contraventor, como contra à lei, como bandido, criminoso. Lembro-me, de há pouco tempo, escutar uma pessoa definir subversivo assim: - *Somos todos subversivos porque sempre usamos de astúcias para fugir do grande poder. Ninguém segue rigidamente as ordens impostas pelo comando do poder que vem da hierarquia governamental da qual fazemos parte mesmo que subjugadamente!* Não me lembro se é de algum livro ou a definição é de algum professor, só me lembro de ter gravado isso.

Nas respostas da maioria de minhas colegas, subversivo também tem conotação ruim, de fora da lei, de ser marginalizado pelas famílias de “bem”, aliás subversivo e comunista eram bons subterfúgios para a aplicação de duras penas a qualquer um que expusesse suas idéias e estas fossem contra o regime instalado.

Numa outra visão mais política, percebe-se que toda essa significação foi fomentada por pessoas que queriam distorcer o verdadeiro sentido do que realmente seriam o comunista e o subversivo. Pessoas que revestiam as palavras conforme sua conveniência, dando valores simbólicos totalmente diferentes dos verdadeiros, pintando de negro as paisagens idealizadas por quem tinha outra escala de valores sociais. Esta comunidade que talvez tivesse mais igualdade social, mais humanidade, maior justiça, maior esperança de se viver decentemente, amedrontava grupos poderosos, aqui e no exterior, e um inimigo nomeado, claramente identificado como mal, era muito conveniente.

4^a PARTE

1. O trilhar das anônimas¹⁰

O Cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo-memória”, segundo a expressão de Peguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.

(CERTEAU, 1990: 31)

Se cada um de nós percebe e compreende as coisas do mundo de uma maneira diferente e se todas essas percepções e interpretações vão se juntando e se embaraçando, formando novas maneiras de enxergarmos e processarmos as coisas do mundo podemos chegar a seguinte conclusão: o conhecimento se forma através de um entrelaçamento tal, que como fios emaranhados de um novelo de lã, não conseguimos achar o seu começo.

Como ALVES e GARCIA, nos alertam:

Isso significa que, para nós, o conhecimento jamais é dado ou está acabado, mas, ao contrário, está sempre em construção. Logo, ele é sempre provisório. Se a partícula mais íntima da matéria está em movimento permanente, se a natureza está em contínuo movimento, se os homens são seres em movimento constante em sua luta por sobreviver e por conviver, como poderia o conhecimento, e apenas o conhecimento, ser estático? Falar em verdade absoluta é acreditar na finitude do conhecimento. Como um conhecimento finito poderia dar conta da infinitude do real? Se o olhar do sujeito modifica o objeto, como conceber que o conhecimento produzido na tensão sujeito em movimento e objeto em movimento seja estático?(ALVES, GARCIA, 1996: 75/76)

Em uma sala de aula os alunos irão receber o que o professor está dizendo, cada um de acordo com a sua visão de mundo e conhecimento já adquiridos na sua vida cotidiana e isso é enriquecedor.

É enriquecedor porque somos todos universos dentro de outros universos que se estendem para todos os lados, numa busca eterna do começo, do início, tecendo sem parar, com todos os sentidos em alerta através dos sons, das visões, dos toques, dos cheiros e até dos sabores.

Raquel – Profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

¹⁰ Anônimas no sentido de pessoas comuns, que não são personalidades famosas ou conhecidas.

Eu estudava num colégio de freiras. Eu entrei em 1969 ou 1970 e eu lembro que todo dia a professora colocava **EU TE AMO MEU BRASIL** na lousa e fazia um desenho e tal. Um dia eu lembro que ela chegou e disse: - *O nosso Presidente, o Presidente do Brasil mudou* . E mostrou o nome do novo presidente. Então, assim, de um dia para o outro a gente ficou sabendo que o presidente não era mais o anterior e era o novo. Isso ficou marcante porque eu olhei na lousa, já estava pronto, porque era uma lousa que virava. Nessa época eu fazia cartilha, primeiro ano e eu lembro que a gente cantava “Eu te amo meu Brasil”. Tinha muita aula de Educação Moral e Cívica. Depois eu fui para a escola estadual na terceira série e a minha memória aí ficou apagada, eu só lembro disso, do presidente mudar e de perguntar para minha mãe o que aconteceu na época, porque a gente estudava na escola o golpe de 64. A minha mãe é professora de História e Geografia e como na escola não falavam direito, ela falava: - *Olha, o presidente, ele estava do lado dos comunistas. Então a força militar depôs o presidente porque esse presidente estava a favor dos comunistas e isso daí não era uma coisa boa* . Já na sexta e sétima série, eu lembro da aula de Educação Moral e Cívica que a gente só estudava os símbolos nacionais. A gente só estudava isso o ano inteiro e ficava aquela enrolação e os hinos que a gente nunca canta, tipo hino da Bandeira, etc. Uma coisa que ficou também na minha adolescência: eu ficava horrorizada porque a gente não podia, era crime utilizar a bandeira do Brasil em qualquer outro local que não fosse a bandeira hasteada. Ah! E tinha toda semana aquele ritual, aquele negócio rígido que não se podia nem falar, aquela obediência, autoritarismo, disciplina para hastear a bandeira. Era proibido você usar a bandeira nacional na roupa como um enfeite, até na capa de caderno não podia, pois era sinal de desrespeito e o que me chamava a atenção era que a gente usava a bandeira dos Estados Unidos. Então, você via a bandeira dos Estados Unidos em camisetas, em disco, copo, em tudo. É até uma homenagem, não? Eu lembro que até um artista usou uma camiseta com uma bandeira do Brasil e fizeram o maior estardalhaço na época. Quando eu entrei na faculdade em 1982, que já estava mais para o final da ditadura, já tinha uma abertura. Quando foi em 1984, “Diretas Já”, daí eu lembro bem, eu estudava em Campinas, morava fora e estudava na PUC e participei de passeata, as diretas.



Quando a Raquel¹¹ fala dos presidentes que mudavam, eu me lembro de que não entendia por que sempre era um general, porque, para mim, não era claro o regime em que estávamos vivendo. Eu achava que eram sempre os militares que iam para presidente porque eles mandavam, tinham o poder através das armas, o que não deixava de estar certo também.

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Bom, em 64, eu estava no último ano da faculdade. Eu fazia Geografia, aqui na Uniso. A gente ouvia muita coisa, a gente tinha muito medo de qualquer tipo de envolvimento. Daí, quando foi em 68, eu fui para a USP pra fazer a pós-graduação. Aí, minha irmã tinha pavor. Ela falava assim pra mim: - *Pelo amor de Deus, não se meta em nada*, porque eu vinha de lá, contando: tinham posto fogo num camburão da polícia em frente do prédio do CRUSP, você via passeata, você ouvia falar do pessoal que entrava nos apartamentos dos estudantes lá do CRUSP [era uma residência para estudantes dentro do campus da universidade de São Paulo]. E a minha irmã dizia: - *Pelo amor de Deus, não se meta em nada, pense que o seu cunhado (o marido dela) trabalha na FEPASA e depois eles vão mandar ele embora, a gente tá com criança nova ...* Sabe? Era uma situação realmente ... todo mundo apavorado, porque passou assim de um desconhecimento, de uma situação que foi se criando e foi crescendo, mas pra gente que leva essa vidinha meio apagada, meio de certas coisas ... a gente tinha conhecimento por causa da faculdade, mas no caso dela [a irmã] coitada, ela estava apavorada que eu tomasse algum partido, que eu entrasse em algum movimento e que refletisse na família. No caso da faculdade, porque eu dava aula aqui também (na UNISO), e foi numa dessas aulas aqui que o Aldo [Aldo Vannucci] foi preso. Então, ele era ... nossa! Ele era nosso diretor! A gente morria de pena, todo mundo queria muito bem ele. Você não tinha muita visão do que acontecia, mas ao mesmo tempo, você ouvia muitos comentários e eram comentários assim: de um lado, que levavam você a ficar com raiva da situação e de outro, a situação do medo.



¹¹ Os depoimentos na íntegra sobre o trilhar das anônimas estão no Anexo 5, página 152.

A Francisca viveu duas situações diferentes, durante o regime militar: Sorocaba, com o problema do sobrinho do professor Aldo Vannucci, que sensibilizou muito as famílias sorocabanas e a USP em São Paulo, onde houve muitas manifestações, contra a ditadura. Ela teve a sensação do medo nos dois lados, mesmo para quem *leva essa vidinha meio apagada, meio de certas coisas* como ela mesma define.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Em 64, eu entrei na faculdade de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Recife. Meus pais estavam lá. Meu pai estava trabalhando e a gente tinha ido um ano antes de São Paulo pra lá. Quando estourou 64, o exército foi pra rua; o povo do campo foi em direção à cidade e no meio do caminho houve um confronto e muitos foram pegos e mortos e tal. No final de 64, eu vim para São Paulo e resolvi ficar aqui. Fiz transferência para a Cásper Líbero. Aí na Cásper Líbero, o envolvimento ... porque lá na PUC do Recife eu não me lembro de reação de estudantes; eu lembro de operários, morte de operários e isso foi muito perto porque o meu pai era um dos diretores dessa empresa aí, Paulista de Tecidos. Então, isso aí eu sei muito bem, do confronto do exército com o operariado, das mortes, mas eu não lembro de como isso refletiu nos jovens dentro da universidade; isso é um branco. Já em 65, aí sim, a coisa estava pegando fogo mesmo. A vida acadêmica e, paralelamente o estudante se sentia responsável por fazer retornar ao país a liberdade, eu sinto isso em mim. Na Maria Antônia (faculdade) eram lideranças que se reuniam para planejar, programar passeatas e o Mackenzie era a linha contrária, ele era a favor da ditadura e contra os movimentos dos estudantes, porque eles achavam que todos eram comunistas. Quer dizer, você não podia pensar, ter um discurso diferente daquele que era hegemônico. E na faculdade essa coisa, eu não posso dizer que eram todos os alunos, mas um grupo assim considerável começou a viver o momento de perda de liberdade de expressão, inclusive os próprios professores estavam de mãos atadas porque estavam fazendo uma faculdade de Jornalismo, quer dizer, a liberdade de expressão é uma condição à priori para se fazer Jornalismo e você lidar com diversas ideologias, diversos tipos de pensamento é muito importante para o jornalista. Então, uma coisa que me acompanha até hoje é o medo. A partir daí, eu comecei a viver com medo, tudo o que eu penso até hoje, eu vejo que existe uma censura embutida em mim que eu comecei a desenvolver naquela época. Você não podia se reunir em grupo; a Cásper Líbero era ali no viaduto Santa Efigênia, era o prédio da Gazeta e nós descíamos, um grupo de estudantes e parávamos num barzinho em frente pra conversar, tomar um yogurte, porque a faculdade era de manhã, não era nem a cervejinha e imediatamente a polícia vinha e era: - *Dispersando, dispersando*. Você não podia ficar junto e isso foi desenvolvendo em mim e meus colegas uma raiva interior. Então, era a raiva junto com o medo. O jovem do mundo estava lutando por liberdade e por um sistema mais humano que o sistema pós-industrial, capitalista que se instalou, extremamente desumano, como a gente está vendo hoje, chegando a um ponto de excluir multidões. E naquele tempo, junto com isso, a mulher começou a emergir, porque a industrialização exigiu o trabalho da mulher. Foi o próprio sistema, as próprias forças que estavam atuando naquela época que levaram a mulher para o mercado de trabalho. Eu acho que na história da humanidade, essa vai ser uma página sempre bonita, que você lê e passa a

acreditar mais nas razões do ser humano, no humanismo, nas boas razões. Porque, uma vez na história da humanidade, os jovens perderam a vida em nome de sentimentos de solidariedade, de justiça. Eu vim para Sorocaba, já estava casada em 1972, ainda no regime da ditadura e fui fazer faculdade de Direito aqui em Sorocaba e parecia que não. Você veja: fazer faculdade de Direito num regime completamente ditatorial, de exceção pura e não se cogitava falar! Você tinha aula e nada ...Eu não coleí grau, coleí depois. Em 75, eu tinha muitos colegas presos, torturados e aí fui para a Espanha e quando estava lá um colega jornalista foi morto. Ele era um bom jornalista, respeitadíssimo, não era um garoto; um homem sério que foi morto no DOI-CODI. Eu vi na Espanha os músicos brasileiros, Geraldo Vandré, conhecidíssimo naquela época. Na Europa todo o movimento era muito comentado. Depois disso, o que ficou foi um gosto amargo da não realização, de absolutamente nada, frustração total. Eu tenho colegas aqui, professores, nós conversamos porque são contemporâneos, têm a minha idade e fica esta coisa de que tudo foi em vão! Será? Eu acredito que não!



Não acredito que tenha sido em vão, Isolda, tanto é que me propus fazer este trabalho para que não ficassem guardadas com você e com as outras minhas colegas e muitos/as outros/as que não estão presentes nele, mas que se incluem dentro tenho certeza, todas as vivências e reflexões das passagens de vida deste período, e para que pessoas como nós, vocês, tivessem suas vozes ouvidas, já que, com certeza, contribuíram para melhorar esse mundo.

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Eu tenho vinte e nove anos e em nenhum momento eu me lembro de ter referência da gente viver em regime militar. Eu sabia que quando eu nasci, se não me engano, o presidente era o Médici. Não sabia o que isso significava, mas sabia que era um militar e me recordo muito do presidente Geisel. Lembro bem do Figueiredo porque, no domingo eu assistia o Sílvio Santos e tinha a “Semana do Presidente”. Sabia que o

nosso país era governado por militares, assim centrado na figura do presidente que era um general. Fora isso, eu não me recordo de nada, assim dito em relação a isso, nem por parte dos meus pais e nem por parte da escola.



Sabe, Eneida, você já pertence a uma geração que quando começou se inteirar dos movimentos políticos, da vida social e política à sua volta, o regime ditatorial já havia terminado, continuávamos com muitos problemas para resolver como ainda o temos, mas, pelo menos, os militares estavam fora do poder, havia uma abertura política.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Eu nasci em 63 e nos anos 70 já estava indo pra escola e lembro que na minha cidade (São Roque), cidade do interior, eu lembro da mulher, de usar calça comprida, a resistência de algumas mulheres mais velhas e as críticas. Na escola, no primário, as classes eram separadas; havia uma separação entre meninos e meninas. Existia toda aquela coisa de cantar o Hino Nacional todo dia antes de entrar para a aula. A fila, a gente ficava até numa postura meio militar, com a mãozinha ao longo do corpo, um atrás do outro. As meninas: da mais baixa para a mais alta. Eu lembro que eu tinha uma curiosidade ... queria saber daquelas pessoas que tinham morrido, dos perseguidos, e as pessoas não falavam, nem mesmo os professores. Eu tinha um irmão mais velho que comentava o que tinha acontecido, que os estudantes eram perseguidos e da própria PUC que teve invasão, daí teve “aquela lei” [Ato Institucional Número 5]. E eu queria saber sobre essas coisas principalmente na aula de Educação Moral e Cívica, que eu achava que poderia perguntar essas coisas e era exatamente onde se proibia. Lembro de poder falar só quando o professor dava oportunidade; do uniforme, da postura que você tinha que ter, daquele patriotismo, do respeito ao governo, à bandeira, o hino nacional. No colegial qualquer aluno que fosse

um pouco mais questionador ou fosse mais espontâneo, mesmo no recreio, ia de castigo, e isso no colegial! De castigo assim: expulsão, ele era separado da turma porque era visto como uma pessoa que poderia trazer intrigas, movimentos. Nem nas aulas de História a gente ficou sabendo o que acontecia, a gente foi saber depois quando entrou na universidade, aí por si e eu comecei a ler também. Acho que foi muito escondido pra gente e quando falado era de uma forma fantasiada que dava a impressão que era uma história tão longe, que não tinha acontecido aqui. Eu sabia de algumas pessoas que tinham sido exiladas: eram os cantores que eu gostava. Pra mim, ficou muito essa coisa do estudante, tanto que quando eu disse que queria fazer um curso superior, na minha família isso não era estimulado, eu fui a primeira mulher a entrar na universidade. Minha mãe e minhas tias falavam que eu ia me perder, que eu ia entrar na política e podia ser perseguida, que era perigoso ir para a faculdade.



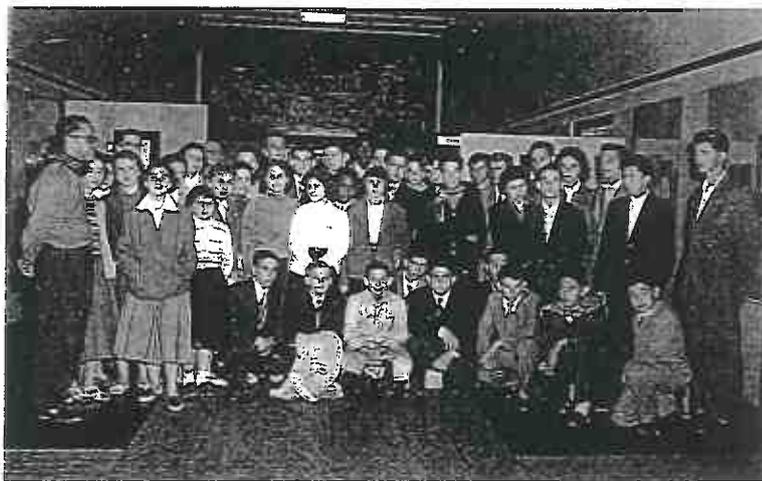
É, Raquel, realmente era esse mistério que mais me intrigava. Ninguém esclarecia nada, nem os professores, e o jovem tem uma curiosidade muito grande porque está descobrindo o mundo, então, era angustiante não saber o que ocorria com clareza.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Em 64, eu cursava o terceiro ano de Pedagogia. Minha família morava em Laranjal Paulista e eu morava aqui em Sorocaba, na casa de uma amiga de nome Emília e que era, na época, presidente do Centro Acadêmico. Eu era muito ativa, quer dizer, você pode imaginar o burburinho que foi, pois eu participava de movimentos estudantis ligados à UNE: o Centro Acadêmico São Tomaz de Aquino, o Centro Acadêmico Vital Brasil da Medicina e o Centro Acadêmico Rubino de Oliveira de Direito. Eram os três muito unidos, nós fazíamos atividades juntos e a casa da gente era freqüentada

por estudantes. Nesse momento a gente estava estruturando um curso de alfabetização pelo método Paulo Freire que não eram só os membros ativos dos centros acadêmicos que estavam envolvidos, mas vários estudantes que nem eram tão ativos, mas que sobrava um tempo porque não havia curso noturno e a gente estudava durante o dia. Os estudantes achavam legal a dedicação à causa social, era um clima da época. A gente se envolvia e achava que seria legal consertar esse país e melhorar a situação. A gente tinha também muito material no Centro Acadêmico, livros de Marx, livros que estudávamos no curso, e nessa linha nós tínhamos também a obra completa de Theillard de Chardin que é um filósofo evolucionista de formação católica e que era também considerado na época subversivo porque de certa maneira subverteu a ordem dos fatos. Ele previu um evolucionismo diferente de Darwin. Nós participávamos de passeatas e movimentos fora daqui de Sorocaba: em São Paulo quando a UNE convocava, eu estive em Valinhos e em Belo Horizonte e a Emília em outros, e outras pessoas participando, sempre alguém estava indo. Sorocaba era bastante ativa. A gente trouxe um poeta gaúcho, Lindolf Bell, era o nome dele, e ele publicava poesia moderna na época, poesia que tinha o visual e que ainda hoje se curte muito e também que eu me lembre outra atividade cultural da época eram as palestras promovidas. Fora esta experiência aqui de Sorocaba, aí então aconteceu o seguinte: se instalou o regime militar, a gente congelou tudo isso, parou de falar, ficou quietinho, parou de se envolver, por medo. Já nos últimos congressos, durante a vigência do regime militar a gente fugia da polícia, literalmente fugia; a gente tinha código, sabe? Se cantava alguma música na assembléia, uma música em espanhol [ela canta um pedaço da música em espanhol], quando se começava cantar essa música, ingênuo demais, a gente já sabia que era porque tinha alguém vigiando a gente. Então, a assembléia se dissolvia, as propostas mudavam totalmente de tom, a gente passou por esse tipo de experiência. E conviveu com comunistas ortodoxos, com movimentos outros ligados a JUC, a AP que era a Ação Popular da época. Eu me formei e depois fui para São Paulo fazer um curso de especialização porque já tinha uma proposta para trabalhar aqui na universidade [UNISO]. Então, eu fiquei em São Paulo e fiz um curso de Psicologia Profunda lá no Instituto de Gastroenterologia. Mas o que eu queria contar é da minha experiência de ter morado com um pessoal assim da militância. Eu fui trabalhar também, para me sustentar em São Paulo e fui lecionar no curso de Magistério do Colégio Padre Anchieta, no Braz. Foi lá que eu conheci uma amiga que era de São José do Rio Preto e que disse que tinha um lugar no apartamento dela. Como eu não estava morando bem, eu fui morar com a Maria Isabel e com esse pessoal. Morava lá a Maria Isabel e uma outra menina chamada Elizabete. Essa menina, Elizabete, namorava um moço que se chamava Alípio e que todo mundo dizia que ele era comunista, ali no nosso convívio, Alípio é comunista, é comunista ... e para mim tudo bem. Como naquele tempo as pessoas falavam que todo mundo era comunista só porque tinha "O Capital" em casa, o livro do Marx em casa ... E daí, eu disse pra mim mesma: - *E então, e daí, eu estou interessada no meu trabalho mesmo!* E fiquei lá com eles. E o Alípio freqüentava muito aquele apartamento. Eu passei lá um ano, foi uma intensa convivência com essas meninas. Depois eu me casei e nós fomos morar no Mato Grosso, na divisa de São Paulo com Mato Grosso. E lá eu fiquei sabendo que a Beth tinha morrido, que a polícia tinha matado a Beth. Eu fiquei muito chateada, afinal, a Beth era minha companheira de República, mas até então fiquei sabendo disso e não soube mais notícias. Mas qual não foi a minha surpresa no ano passado [1998], quando lendo a Folha de São Paulo, eu vi que essa história não era verdadeira e fiquei sabendo de toda a história. Então, seis meses depois do último

encontro meu com a Beth, ela morreu. E nesses seis meses aconteceu muita coisa. Ela mudou de lá, ela se casou e o jornal contava toda a história: que a família dela, que morava em Tanabi procurava por todos os meios a indenização por ela ter sido morta pela polícia. Aquela morte por perseguição política, eles tinham direito à indenização, agora com a abertura, a volta a democracia. E aí na procura de provas, eles ficaram sabendo que ela não foi realmente morta pela polícia. E aí a versão da pessoa que enterrou a Beth, porque tudo começou a elucidar depois que esse senhor voltou do exílio e foi quem enterrou a Beth e que contou a história como foi. Então, tudo indica, segundo esse senhor, que ela foi morta por uma moça da própria organização por um tiro acidental. Voltei em 1970 para Sorocaba e aí continuavam a acontecer as mortes das pessoas conhecidas. Aconteceu logo depois a morte do sobrinho do Aldo [Aldo Vannucci]. O Aldo era muito chegado à gente porque ele era diretor no tempo que eu fazia faculdade, e nós éramos poucos alunos e fazíamos tudo juntos, formatura, festinha para conseguir verba porque a faculdade não era paga e vivia de verbas públicas. A gente freqüentava as missas que o Aldo pregava. Em 1970 “esses assuntos” [sobre o regime e o que acontecia] a gente só comentava em casa, em “off”, muito em particular, com amigos e com muito cuidado e muito raramente também. Na escola, na convivência do dia a dia, jamais ... a gente se limitava ao necessário, ao objetivo para o qual você estava. Se você ia a uma cabeleireira era aquele assunto de arrumar o cabelo, conversar banalidades, se você ia dar aula o assunto era exclusivamente pedagógico, didático. Nada que tocasse em regime, em política, nem pra dizer o que estava acontecendo no momento, nem pra dizer o que teria acontecido no passado. Nenhum aluno perguntava e se houvesse uma pergunta um pouquinho mais chegada a essas coisas, a gente tratava de se esquivar porque a gente tinha muito receio que alguém na platéia estivesse lá só pra nos observar, como muita gente da polícia estava e então a gente tinha muito medo com o que lia, com o que trazia pra produzir textos. A gente escolhia autores. Marxistas jamais. A pedagogia nessa época era tecnicista e nós tínhamos uma grande desesperança. Você não tinha esperança nenhuma de saber se um dia ia retornar à liberdade. Foi uma fase de muita tristeza.





A Maria José já teve uma vivência bem diferente de muitas das minhas colegas, pois presenciou e participou de movimentos de jovens estudantes contra a repressão do regime militar em Sorocaba, que a Isolda nunca ouvira falar, pois tudo era muito camuflado, muito bem escondido. O caso que ela comenta da Elizabete, consta neste trabalho através de um escritor, Luiz Maklouf Carvalho, em *Mulheres que foram à Luta Armada*, e foi realmente uma grande coincidência, pois a Maria José nem sabia desse livro.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Em 1967, eu dava aula de Educação Física num colégio em Americana, no estado de São Paulo, era um colégio estadual que tinha recebido o nome do presidente Kennedy. Nesse colégio comemorava-se o 31 de Março, data da Revolução de 64. No ano de 67, eu fui a professora convidada pela direção pra falar sobre a data. Na minha preleção, eu me coloquei como uma pessoa contra a ditadura, com o cerceamento da liberdade, com todas as coisas indesejáveis que estão longe da democracia e principalmente com a necessidade de que algumas vozes comesçassem a se levantar em determinados setores porque a gente não podia engolir aquilo calado. Então, na minha preleção, eu me positionei contra e eu me lembro muito bem inclusive, quando eu disse que nem independentes, por uma independência que tenha sido proclamada em 1822, nós não éramos ainda, imagine, então, com toda essa parafernália militar em cima do próprio brasileiro, brasileiro caçando brasileiro, com o advento do regime. E isso foi muito mal interpretado e eu fui denunciada à Delegacia de Ensino de Campinas, que era regional de Americana. Eu fui chamada para prestar declarações junto ao GECAN em Campinas que era um departamento do exército que cuidava desses assuntos. E, eu não queria ir porque eu não achava naquilo alguma coisa de errado. Mas, eu fui obrigada a ir porque fui ameaçada de ser mandada embora da escola se não fosse prestar declarações. Nessa época também, eu era aluna da faculdade de Educação Física e ela era uma escola isolada. Nós tínhamos muitos militares como professores e não era fácil assistir a aula deles porque eles tinham todo um esquema diferenciado de lidar com as pessoas e nós éramos jovens universitários cheios de ideais e achávamos que nós é que iríamos mudar o mundo, que a gente podia tanto, que a gente ia estudar e ia se formar e que a gente ia abrir, rasgar mil estradas para coisas novas e boas. Na verdade, a gente não podia nada. A gente achava só que podia e então foi muito frustrante. A gente estava fazendo a reforma universitária em 1968, a gente saía em passeata pelas ruas reivindicando e a polícia vinha, batia. A gente, como professor, também reivindicava junto com os órgãos que não eram sindicatos, mas eram associações e a gente sempre teve muitos problemas por causa disso. Mas, a gente não

parou, de lutar. E, hoje, fazendo o Programa de Mestrado na Universidade de Sorocaba, a gente pára um momento e realmente vê que alguns sonhos estão devagar, sendo continuados, eu sou, a minha vinda aqui é um sonho que está se processando agora, um pouco tarde talvez, mas tarde pra algumas coisas, não para todas as coisas. Mas, muita gente ficou pelo caminho e em nome desses que ficaram pelo caminho, tinha uns que não podiam se calar na época e nem pode se calar agora, porque a gente sabe também que só a pressão que a sociedade faz é que obriga, os governantes a tomar novos rumos para as propostas que eles têm de governo no país. O importante é que as coisas estão acontecendo e a educação como mola propulsora, com muitas falhas, mas ela tem continuado, tem buscado levar as pessoas, ou pelo menos colocar as pessoas nos lugares certos para que as mudanças possam ocorrer.



Bom, pelo menos, você sabia o que estava ocorrendo, teve a chance de se expressar, mesmo sofrendo as conseqüências por isto. Agora, as pessoas um pouquinho mais novas que

você, só sentiram o clima de algo diferente que se passava, mas que não sabiam o que era; eu tinha certeza que havia um segredo que ninguém queria me contar.

Joyse, Professora Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Em 64, eu tinha então treze anos de idade. Na minha família, existia um costume de discutir política. Então, meu pai era da linha de Jânio Quadros, minha mãe vivia falando em Getúlio, ele era assim meio que endeusado pela minha mãe. A gente ouvia aquilo, participava assim não ativamente, mas escutava os pensamentos diferentes, porque eles tinham amizades com pessoas que optavam por outras linhas de política. Então, foi uma infância assim que eu não vivi tão afastada das questões políticas. Mesmo a construção de Brasília, por exemplo, meu pai era totalmente contra: - “*Um gasto absurdo ...*” e eu escutava ele falando aquilo. Nessa época, não lembro direito a data, a escola fez um tipo de uma procissão, uma caminhada, que todo mundo foi com uma vela na mão, devia ser meio associado com as questões da Igreja: “Marcha da família pelo bem do Brasil”. E eu lembro que nós tínhamos que ir de manga comprida, de uniforme e coisa e tal, com uniforme de gala que eles chamavam. Teve a Campanha do Ouro para o Bem do Brasil também e eles foram lá de classe em classe falaram e tal. Estou contando flashes, porque obviamente discutiam política em casa, mas com essa idade, você não sabe direito o que está acontecendo. Em 68, quando eu entrei no primeiro científico eu tive que fazer um vestibulinho e eu sempre estudei em escola pública aqui em Sorocaba e hoje eu nem chamo de escola pública, hoje eu entendo como escola gratuita, porque ela não era pública, não era para todos, mas na época era escola pública, escola boa, Estadão e tal ... [Instituto de Educação Dr. Júlio Prestes de Albuquerque] e eu me preparei para fazer o exame e passei. No primeiro científico, tinha uma professora que pediu que a gente fizesse uma pesquisa em um sindicato pra ver se o sindicato era apolítico. E com isso, alguma coisa assim da política eu comecei a entender. E ela [a professora] me dava a impressão que tinha uma postura contrária à ditadura, mas até hoje eu não tenho muita certeza. Se ela era contrária à ditadura ela deveria saber que nunca o sindicato é tão apolítico assim. Mas aí despertou e eu comecei a prestar um pouco mais de atenção e assistia coisas pela televisão: grandes mudanças, a música popular brasileira sendo censurada, muita coisa censurada e eu não entendia muito bem mas vivia o clima. Eu não quis ficar aqui em Sorocaba, embora tivesse me destacado em Matemática, eu optei por fazer Física porque era a única maneira de sair daqui. Eu queria sair daqui, eu achava que seria importante. Aí na universidade eu fui viver um pouco mais de perto a questão, mas daí já entrei em 72. E aí eu vivi mais de perto o medo. O medo. Porque tudo o que eu ouvi aqui em Sorocaba, uma coisa e outra que eu pudesse ouvir ou a censura, parecia tudo distante, não era daqui. Mas ali, as pessoas falavam baixo, eu percebia uns grupinhos estranhos. Então, eu fui percebendo que não era tudo que se podia falar, não. Eu estudava na Universidade Federal de São Carlos. Aí eu passei a fazer parte do sindicato e lá eu tinha um papel de ... sei lá, assessora, e o pessoal de engenharia fazia os seminários de engenharia reunindo o dinheiro dos estudantes de engenharia do país todo e, duas vezes, a gente fez esse trabalho na USP em São Paulo. Então, nessa época, a coisa fervia, você não podia falar. Eu lembro que nós, lá do diretório, recebemos uma carta de um presidiário contando da situação dentro da cadeia como é que estava, contando da tortura. Eu não terminei de ler a carta, aliás não era bem uma

carta, era um bilhete, uma coisa já meio amassada, porque entraram duas ou três pessoas estranhas na sala do diretório e eu, delicadamente, furtivamente, amassei bem o papel e comi. Porque era a única maneira de não deixar ... E fiz bem, depois me falaram que o pessoal era da pesada e tal e se tivessem me pegado com aquele papel na mão, não sei o que teria acontecido. É um medo. Mas é um medo absurdo porque é um medo da possibilidade que a ignorância toda do outro lado traz, a possibilidade violenta. E tive amigos que sumiram e depois um deles de descendência italiana, rapaz muito interessante, idealista até certo ponto, ele junto com o Sindicato dos Metalúrgicos pegou uns panfletos, levou pra porta de fábrica e tal e numa dessas ele foi pego. Depois de algum tempo, ele voltou com um tímpano estourado, o pessoal comentou que ele estava com problema de esterilidade a partir de então. E ele voltou assim muito distante, ele tinha uns esquecimentos ... ele deve ter sofrido muito. Eu lembro também que o Chico Buarque foi fazer um show pra nós e estava lotado, porque lá em São Carlos tinha a biblioteconomia, tinha um campus da USP ou extensão, não sei como é que eu digo isso, e a região toda: Araraquara, Ribeirão Preto, Rio Claro que é vizinha, tem universidade da UNESP também. Sei que o Chico Buarque veio pra fazer um show pra gente e ele ia cantar aquela música “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia” [ela declama], na época era o Médici [presidente], ele gostava de fazer músicas pra filha do Médici, que dizia que gostava do Chico, ela gostava de ouvir Chico. O local estava lotado. Tinha estudante pendurado no ventilador [risos] pra conseguir ... E aí, ele avisou [o Chico] que não ia poder cantar música porque ele tinha sido censurado. Bom, então ele ficou em pé, sem cantar, em silêncio, mas os músicos começaram a tocar, porque ele não podia cantar, mas não tinham proibido de tocar. Os músicos dele tocaram a música e os estudantes então, aquela infinidade de estudantes cantando, todos cantavam. Era ele [o Chico] só que estava proibido de cantar, nós, não! [risos]. Então, tem uns apontamentos, assim, que são interessantes: na época arrepia, ele [o Chico] chorou bastante, foi emocionante ver o Chico chorar. Acho que isso não levava a muita coisa, não. Mas, mostrava um outro lado, que o nosso lado era outro mesmo, que a gente não compartilhava da posição oficial, da posição do governo, mas também tinha a nossa limitação. Então, fica assim os protestos: eu canto a música do Chico quando eu tiver com mais mil pessoas junto de mim, entendeu? E aí ninguém pode calar a minha voz! Mas eu não sei se canto a música do Chico se eu tiver sozinha. Então, muito medo. Medo, é uma coisa estranha. Tem uma contradição aí porque é o medo, mas ao mesmo tempo, é uma revolta e aí faz ir para a frente e acho que isso que pega a ingenuidade um pouco do jovem. Nunca apanhei, nunca fui presa e eu tinha sempre muito pavor de que isso acontecesse. Eu tinha muito claro o que acontecia, nós sabíamos muito bem o que estava acontecendo. E tinha um outro problema que meu pai, por exemplo, entendia o estudante como baderneiro, então, eu não podia contar essa participação nem na minha casa. Ninguém sabia, nem meus pais, nem meus irmãos, nem meu namorado. Nem sei se eles entenderiam. Não sei se alguém que não tenha vivido um pouco mais dentro desse ambiente, que não tenha olhado para um amigo que tenha sido violentado, assim fisicamente, não tenha se situado num número muito grande de estudantes, e visto por exemplo o Chico Buarque de Holanda lá chorando, acho que não consegue entender. Nesse sentido, eu não sentia isso em Sorocaba; quando eu vinha pra cá, parecia que era outro mundo, parecia que era um mundo à parte. E, mesmo quando eu soube do Vannucci, o que ele sofreu ... sabe? de certa forma eu me assustei porque eu achava que as pessoas daqui não estavam participando de nada disso.



Achei muito interessante esses flashes da Joyse porque levam o nosso pensamento lá atrás, fazendo com que me lembre de quando estava na cozinha da minha casa e meu pai chegou do trabalho e mostrou um anel que ele tinha no dedo, dizendo que em troca da sua aliança de casamento ele recebeu aquele porque tinha colaborado com a campanha do “Ouro para o Bem do Brasil”. Acho que era um anel em dourado e prateado, com alguma coisa escrita no meio que agora não consigo me lembrar. Ela fala também do Jânio Quadros e do Getúlio que eram personagens muito comentados na minha casa também.

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Em 1968, eu fui para a escola e foi meu pai quem fez a minha matrícula numa escola municipal. Quando a gente começou, era uniforme, rigidamente comprido, se não estivesse com o uniforme em ordem, de acordo com as normas, tinha que voltar pra casa. Tínhamos aulas aos sábados, em que era hasteada a bandeira que chamava-se “Culto à Bandeira”, todos os sábados. Mudava-se o uniforme, era meia branca, era fita branca no cabelo porque durante a semana as meias eram pretas e a fita do cabelo era azul. Esse é um dos fatos que marcou bem o meu ingresso na escola, a questão do uniforme, a rigidez do uniforme. Pra nós, minha família que já estava habituada a cumprir rigidamente as normas de uniforme por causa do meu pai [seu pai era militar]. Eu estava na terceira série quando a professora entrou na sala de aula e falou: - *Peguem seu caderno de História* . Nós pegamos o caderno de História e ela mandou apagar com cândida quando chegasse em casa, porque o caderno já era escrito à caneta

na terceira série, e ela falou que era pra passar um algodãozinho com cândida (cada coisa que fica marcado!) pra tirar o nome do presidente que não era mais ... (agora não consigo lembrar) e que tinha entrado o Emílio Garrastazu Médici. Nesse dia eu me lembro que foi um burburinho na escola. Não recordo se foi na quinta série ou na sexta série que houve a questão de um garoto na minha sala que era, não sei se irmão, primo, alguma coisa do Alexandre Vannucci Leme que foi morto durante um conflito e tal. Eu lembro que nesse dia, os professores ... muitos choravam. Passados alguns dias notamos a falta desse colega de sala e alguém falou: - *Ah, é por causa do irmão dele, ou primo, que morreu* . Daí eu lembro que uma professora falou assim (uma professora bem ... assim expansiva): - *Essas são as coisas do nosso governo!* , mas falou isso e já mudou de assunto, já voltou pra matéria. Pra mim? Ela dá ciências e está falando do governo, que será que tem a ver? É, aquele jeito, que a gente acabava esquecendo o assunto e pronto. Passado algum tempo, o colega voltou e essa mesma professora pediu para que o colega explicasse para a classe o que tinha acontecido, colocando-o na frente. E ele subiu, na classe tinha um degrau, aquele maravilhoso degrau dedicado aos professores e o José Augusto subiu naquele patamar e começou a contar que o primo ou irmão teria sido morto pelos policiais no DOPS. Agora, DOPS pra mim soou como drops. O que será que é drops? Agora, pelos policiais ... daí eu já pensei: Meu pai! Quer dizer, existe aquela coisa, quer dizer, será que meu pai estava junto? Nossa! O que vão pensar de mim? Meu pai é militar, meu pai é policial! Então, durante algum tempo, eu fiquei com muito medo porque os meus amigos, os meus colegas ali pensassem sobre o meu pai ser policial, até evitava falar quando surgia algum assunto. E, nesse momento, eu lembro que ele frisou bem o DOPS e eu prestei bem atenção mas também nem perguntei o que era. Bem depois, acho que uns dois anos ou três anos depois que a gente teve uma disciplina que era Organização Social e Política; nessa disciplina eu lembro que a professora comentou o que era esse órgão, o DOPS, o SNI, e o significado disso não tinha no livro e nem precisava marcar no caderno. Então, era uma situação vedada e nós como não discutíamos nada, éramos apenas receptores, acabou! Meu avô era ferroviário, era de família de Santa Catarina, veio para São Paulo, arranhou um emprego na Sorocabana e se estabeleceu, casou-se com a minha avó, minha mãe já existia do primeiro casamento pois minha avó tinha enviuvado e eu lembro que ele era declaradamente "anarquista". Numa determinada época, só que daí eu nem tinha entrado na escola, isso daí acho que foi o movimento de 64, meu pai teve que ficar aquartelado e que meu avô veio buscar a mim e a minha mãe com um carro de aluguel de Itapetininga até Sorocaba e nos levar porque meu pai estava aquartelado e não se sabia quando ele sairia ou como ficaria a situação. Lembro da minha mãe chorando e guardando algumas coisas emergenciais, escondendo algumas coisas na casa. Quando voltamos, foi uma alegria muito grande, meu pai estava em casa nos recebendo feliz. Então, foi uma coisa que ficou assim do período da revolução.



Como várias de minhas colegas já mencionaram, o que aconteceu com o Alexandre Vannucci Leme, sobrinho do padre Aldo foi algo muito marcante para as pessoas de Sorocaba e a Miriam também sentiu de perto, embora fosse muito criança para entender, o choque que ocasionou no meio escolar. Ela teve muito problema nessa época também pela profissão do pai, vivia em constante alerta com receio de que alguém relacionasse a profissão do pai ao que estava acontecendo.

1.1 Refletindo a trajetória de minhas colegas

Minhas colegas tentaram lembrar, como teria sido o mundo escolar, para elas, durante o período do regime militar e é, através dessas pequenas lembranças que se consegue ver, como era estudar nesse período.

São experiências vividas por pessoas comuns que se sujeitavam às designações de autoridades do poder e do saber. Não se questionava se o que aprendiam seria importante na sua vida futura, se essa submissão às ordens impostas por uma disciplina rígida traria, futuramente, alguma falta de dinamismo ou de tenacidade perante os problemas diários da vida cotidiana profissional, ou familiar, ou social.

Não havia também o discernimento nem o altruísmo de educar para o futuro, para sobreviver ao próprio futuro.

Nesse período, os governantes do Brasil almejavam uma educação mais técnica para conseguir competir no mercado mundial com o capitalismo impondo uma corrida ambiciosa atrás do poder, na busca de ter sempre mais. Não podemos deixar que aconteça, novamente, que os possuidores do poder manipulem a educação visando, apenas, aos interesses políticos ou que se esqueçam dela nos momentos de crise porque, conforme Hannah Arendt afirma:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 1997: 247)

Para renovar esse mundo em comum, como nos diz Hannah Arendt, é necessário educar as crianças para enfrentar o mundo sem medo, nem receio, confiantes de que existe um solo onde se pode pisar com a certeza de que não vai desabar.

Durante todas as entrevistas, minhas colegas mencionaram o medo, o medo misturado à raiva, à revolta, e, até hoje, elas carregam esse temor, sentindo, muitas vezes, que precisavam de coragem para contar certas passagens, sentindo-se na voz um vacilo e a presença do antigo medo.

Junto aos medos e receios, minhas colegas viveram, também, uma das épocas mais ricas quanto à moda ou cultura da moda, com as roupas retratando seus anseios, suas inseguranças, e, também, servindo de veículo para extravasarem a agressividade contida e o sonho de modificar o mundo. As músicas eram muito significativas, metafóricas, usavam-se muitos artificios para comunicação das verdades não ditas. O cinema, o teatro, também foram palcos da exposição da oposição à repressão, o que está relatado a seguir.

2. Lembranças da moda: 1964 - 1984

Dentro de nós mesmos, indiferente ao sucesso transitório, permanece inexoravelmente desperta a idéia de nosso ser cotidiano ao qual opusemos a máscara da festa. É a lembrança constante do artifício que nos embaraça e nos perturba, e o nosso enleamento, contrastando com a desenvoltura dos outros, patenteia, aos olhos de todos, aqueles afastamentos que o disfarce das roupas não conseguiu apagar. Assim, a pausa passageira que se abriu em cada vida pode tanto arrebatá-lo na vertigem de um instante, como atirá-lo na consciência aguda do borralho. Depois de mascarada, quando a ordem do mundo se refaz, brilha mais lícida a verdade interior de cada um. (SOUZA, 1993: 169)

Através da moda, é possível perceber o que se leva em conta numa determinada sociedade, em certa época, dando-nos noções dos valores dessa sociedade, dos conflitos existenciais, seus sonhos e, tornando-se material de análise, para que possamos tecer ponto a ponto, cruzando-os e recruzando-os, formando, então, a partir deles, várias novas histórias. Aprendemos, também, com essas experiências vividas, novas maneiras de conhecer as pessoas, suas atitudes que formam o nosso universo de infinitas faces.

A moda constitui variações nas quais estão presentes a novidade, a sensibilidade e pode indicar os sentimentos emergentes de uma sociedade em suas cores e formas.

Na moda, as roupas também são impregnadas das pessoas que as vestiram, *ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem (STALLYBRASS, 1999:14)* e, em virtude disto, possuem forte relação com a memória, expressando, inclusive o perfil das pessoas de uma determinada época, relacionando-se ao poder, à política, à economia e à cultura. Conforme Gilda de Mello e Souza, *Assim, quando mal terminada a Segunda Guerra mundial Christian Dior lançou, no meio dos sofrimentos agudos que ainda atormentavam o mundo, as suas saias espetaculares de exuberante metragem, não o fez levado por um capricho, mas pelo pressentimento genial de que um novo público estava em vias de se formar(SOUZA, 1993: 31).*

Para a mulher, a moda influi como arma para diversos fins, como, por exemplo, a afirmação de seu sexo perante um determinado grupo, imposição de respeito, agressão ao meio social do qual faz parte, exibição de seu erotismo, arte de sedução. É também seu modo de expressão na busca de seu próprio ser, de sua individualidade. Nas roupas, no corte ou cor dos cabelos, nos calçados, na maquiagem, acessórios, ela demonstra tudo o que sente, ora tímida ora agressivamente.

Há na moda, um toque artístico pelo qual molda-se o vestir ao corpo e ao seu próprio ser, o âmago do ser humano. Combinam-se tecidos grossos ou finos, de acordo com ocasiões, estrutura do corpo, situações sociais, climas e cores, dando as nuances para todas essas características.

Misturam-se moda com valores como moral, ética e também com religião, política, economia, etc.

Afinal, a moda dá o equilíbrio entre as variáveis do tom de cada ser humano.

Durante os anos de 1964, herdamos algumas maneiras de vestir e também de postura adquirida dos “hippies”, mas o que podemos notar é que quando essa moda veio para nós houve uma readaptação à nossa vivência, ao nosso modo de pensar e de acordo, principalmente, com os nossos problemas emergentes da época em questão.

Há uma mistura da moda “faça amor não faça a guerra” com as atitudes de revolta, onde a palavra de ordem era “Abaixo a Ditadura”. Vestia-se a moda do “Paz e Amor”, mas falava-se e agia-se com o grito de guerra na garganta.

A música será certamente a válvula de escape dos turbilhões de palavras que queriam sair e não podiam e será atormentada e perseguida pela censura que, atenta, percebe todas as manobras criadas por seus autores que, para dizer o que pensavam, compunham músicas cujas letras eram desabafos da sua impossibilidade de falar livremente.

Também o cinema e o teatro entraram no mesmo ritmo de perseguição, porque os artistas sempre estão na vanguarda dos grandes acontecimentos, sejam eles de ordem política, econômica e, é evidente, que principalmente, o sócio – cultural.

Raquel – Profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:¹²

O que eu lembro dessa época é que como você não podia falar o que queria, você arrumava meios de se expressar. Então, as músicas da época, eu me lembro muito bem que eu fui pra Campos do Jordão acampar e quando chegamos, em 84 ou 85 mais ou menos, o Taiguara voltou para o Brasil e ia fazer um show. Ele tinha chegado do exílio, e nós fomos assistir ao show. Ele começou a contar a situação que ele estava passando, no momento, e as músicas que ele fazia, que eram românticas, mas o que tinha por trás das músicas era uma maneira dele insinuar o que estava sentindo. Foi maravilhoso porque ele passou toda a trajetória histórica dele e as músicas que ele estava fazendo na época. Era Geraldo Vandré, era o Taiguara, a rebeldia da mini saia,

¹² Os depoimentos na íntegra sobre as lembranças da moda estão no Anexo 6, página 164.

do biquíni. O biquíni, foi assim: eu não lembro quando veio o biquíni, mas eu lembro na praia, você ousar um pouco mais, as cores mais fortes e, eu acho que isso tem a ver com essa falta de expressão. O que eu quero dizer, é que, na época, eu não associava isso com ditadura. Eu percebia: a repressão na escola, não entendia o que tinha acontecido direito naquela época e que todo mundo me falava as mesmas coisas: em 64 aconteceu isso . e eu percebia a repressão mais assim no agir, no falar. Depois eu fui percebendo essas coisas, da moda do poder de expressão, da música. Agora, música, por exemplo, eu lembro dos Beatles. Eu lembro dos “hippies”, mas não dos “hippies” da Inglaterra, eu lembro de feira de artesanato, então aquele pessoal mais “zen”, um pessoal diferente, uma maneira de rebeldia. Então, eu lembro desse choque, por exemplo, eram os “hippies”, eram os colégios de freiras, os uniformes, as escolas, todas certinhas, eu lembro das roupas, das músicas do Caetano [Caetano Veloso], do Chico [Chico Buarque de Holanda], a tropicália, isso eu lembro bastante. Filmes: nessa época assim de 74, 75, não sei dizer se foi mesmo essa época, mas teve um filme que marcou muito pra mim que foi “A estrela sobe” com a Barbra Streisand. Eu vi sete vezes, só! Não lembro de mais nenhum filme. Eu não ia muito em cinema porque a gente só podia ir ao cinema com alguém mais velho, pois minha mãe não deixava. Então, não era assim: - *Mãe, quero assistir tal filme* , ela [a mãe] falava assim: - *Nós vamos ao cinema, vamos assistir tal filme* . Assisti um pouco de teatro, “Morte e Vida Severina” e quem estava participando como amadora era a Eliane Jardini [atriz atualmente da Rede Globo] que era de Sorocaba e na época ela não tinha nenhuma projeção. É o que eu lembro, foi um dos primeiros teatros amadores de Sorocaba. Era um teatro lá na “Árvore Grande” [bairro de Sorocaba] muito simples; não tinha na época Teatro Municipal, Teatro do Sesi, e então os teatros que eram amadores iam em sindicatos, algumas salas de cinema antigas. Eu lembro que a primeira vez que eu fui ao teatro já era a época de “cursinho”, já era 81. Eu ia com meu primo, estudante de Engenharia, e a turma dele que tinha um conjunto de música e tocava em alguns festivais de música em Sorocaba, Mairinque. Eu lembro de “By, By, Brasil”, que foi um dos primeiros filmes nacionais a que eu assisti.

Quando a Raquel fala de festivais de música em Sorocaba, eu me lembro de um festival que aconteceu no Estadão – Estadão de Educação Dr. Júlio Prestes de Albuquerque – (porque eu também estudei lá) em 1971 ou 1972, e um colega nosso fez uma composição muito bonita que até pouco tempo atrás, eu sabia um pedaço da letra. Os festivais de música estavam em plena moda e nas escolas geralmente o rapaz que tocasse violão, ou outro instrumento musical é que participava com suas composições.

Estes festivais eram reflexos dos Festivais de Música Popular Brasileira promovidos pela TV Record. Em 10 de outubro de 1966, havia duas músicas favoritas: A Banda de Chico Buarque de Holanda e Disparada de Geraldo Vandré e Théo de Barros. O primeiro lugar foi dividido entre elas. Os dois compositores haviam de se defrontar outra vez numa finalíssima em 68 Vandré com Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores, Chico com Sabiá.

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Se eu começar pela roupa, era a moda do tubinho, aqueles vestidos justinhos, curtinhos. Não sei se foi uma forma de agressão, mas na época tudo era contra o tradicional, sei lá, não era uma moda feia, pelo contrário, era bem engraçadinha. O começo do uso do jeans. Então, eu lembro que quando eu estudava em São Paulo, tinha uma amiga que ia comigo e um dia ela tinha descoberto um lugar onde vendia calça jeans autêntica [americana] que era a Galeria Pajé. Então, tinha que olhar a marca, a costura, o zíper, sei lá, então, entrou não sei quando foi exatamente, mas foi o início da calça jeans. Filme, eu não lembro e teatro ... aqui não tinha nenhum teatro e para São Paulo eu nunca fui. Agora, música, os festivais da canção era a coisa mais linda! Você via gente cantarolando na rua, todo mundo vibrava com as músicas, o Chico, o Caetano, o Gilberto Gil, o Geraldo Vandré, naquela época estavam com tudo! E a gente comprava os discos, a gente sabia as letras e eram letras difíceis. Então, aquela do Caetano, “Caminhando contra o vento” foi uma crítica ao Vietnã. Então, o que eu lembro assim era que os festivais da canção eram muito polêmicos, sempre tratando temas políticos. Uma que ficou famosa foi aquela do Vandré . a “Disparada” que ele queria dizer de ser conduzido; o Chico também vendo a banda passar, quer dizer, você via só a banda passar e você não fazia nada. Tinha conteúdo, as músicas eram bonitas, havia uma participação muito grande. Hoje deu na televisão o Festival do Woodstock [1969] que na época anterior era “Paz e Amor”. Agora, paz e amor virou o maior campo de guerra! Violência! Eu lembro dos comentários do último Woodstock: que rolou muita droga, que havia muito “hippie” e que o “hippie” normalmente era o jovem que protestava contra as maneiras tradicionais da família, da sociedade, mas só o que passava na televisão. Hoje, o Woodstock: puseram fogo nas instalações, depredaram, queimaram coisas, quer dizer, de paz é que não teve nada [risos], pelo contrário .

A Francisca me fez lembrar da “calça LEE americana” que era o máximo para uma garota ou garoto nos anos de 1968. Tinha alguém que vendia essas calças, que não eram fáceis de encontrar, e as meninas tinham que mandar arrumar em um alfaiate aqui em Sorocaba, porque como o corte era americano, as calças não se encaixavam no corpo das brasileiras. A calça era muito cara, poucos tinham acesso, e muitos pais se sacrificavam para poder atender a esse desejo do filho/a . Virou um uniforme, pois em todos os lugares os jovens estavam com a calça que era sempre igual, não tinha nenhum detalhe ou modelo diferente e usava-se tanto para passeios durante o dia como para sair à noite.

Isolda . Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

A moda e a arte, no geral, acho que foram extremamente influenciadas pelo movimento político que vivia o mundo, que começou já no início de 60, a questão política mesmo de liberdade, o movimento que estourou na França com os estudantes e depois aquilo cresceu com o movimento “hippie”. A liberdade da mulher, também, porque com a pílula o comportamento da mulher tinha que mudar. Esse negócio de dizer que a tecnologia não vem pra mudar, pode não vir pra mudar, ela pode surgir de um ambiente propício sem um objetivo, mas ela acaba transformando, a gente já viu

isso e a pílula deu pra mulher a liberdade de viver a vida dela sem ter que arcar com a questão do casamento, dos filhos, da relação que para a mulher sempre foi muito problemática, fora toda questão econômica: a mulher no mercado de trabalho, a mulher tendo que sair para trabalhar porque ela já não podia depender de um casamento para sobreviver. Com isso a gente nota na moda essa liberdade, sem dúvida, primeiro as pernas pra fora, aquelas mini saias que foram assim ... Mary Quant, que foram extremamente comentadas no começo. Depois todo mundo se acostumou, a gente usava com tranquilidade: era a moda! Os cabelos compridos para os rapazes, para os meninos, com os Beatles. As famílias tradicionais, pais, mães, achavam que eram todos ... Era uma forma de agredir ... não sei se é bem de agredir. E de uma nova estética, por exemplo, os "hippies" trouxeram ao mesmo tempo que tinha a mini saia, tinha aquelas saias longas, soltas, você andava descalça, as meninas não se depilavam, durante uma época ninguém mais se depilava. Por quê? Porque estava ligado com a coisa da natureza, de ser mais natural, de não consumir tanto, que era toda uma ideologia contra o capitalismo desenfreado, contra o consumo. Naquela época, imagine hoje! Tranqüilamente, você ia sair punha uma florzinha no cabelo, um tamanquinho, um vestido longo transparente ou uma mini saia. Por quê? Era toda uma visão de mundo romântica, na verdade, livre e romântica. Você vê, o Festival de Woodstock. A cultura conservadora da época lembra como todo mundo pelado, consumindo droga. Mas, na verdade não foi isso. Era muita música, muito romance e liberdade e beleza. Hoje foram reprogramar o Woodstock, e foi uma violência danada, queimaram carro, você vê, é outra cabeça! Depois, era a música, principalmente no Brasil, a música de protesto, as músicas que falavam da injustiça, assim como, o teatro, o cinema brasileiro à mil, com os diretores Cacá Diegues e "Deus e o Diabo na Terra do Sol"; o teatro também "A e O", o teatro Opinião. "A e O" foi uma peça que falava sobre a liberdade e a opressão. Como nós vivíamos numa ditadura, toda linguagem era metafórica. Mesmo na música, se você for analisar a música do Chico Buarque, principalmente o Chico, que é um artista da letra, e outros. Eles usavam metáforas para falar o que eles queriam e não serem censurados. Então, você se acostumava a ler por trás, a ter aquilo como: desvendar as metáforas. Era muito interessante isso e o "A e O" era uma peça, eu não lembro mais ... eu acho que foi no Opinião (o teatro Opinião, que foi um grupo extremamente conhecido na época, na ditadura, um grupo que começou com peças de crítica, inclusive foi invadido pela polícia). Eu não sei se é o nome da peça; eu sei que o "A" queria dizer a liberdade, a lealdade, a honestidade e o "O", a repressão, a escuridão. "Carcará" com a Bethânia cantando, os músicos se reuniam no Opinião e lá faziam as suas apresentações e sempre as músicas de protesto. Tudo tinha uma conotação de crítica e política. E isso ia inflamando e de um certo ponto acho que conscientizando, trazendo uma consciência crítica para a juventude da época.

Concordo com a Isolda quando ela fala da sensação de liberdade através das roupas despojadas, cabelos compridos para os homens, porque até então, eles tinham que provar sua masculinidade através de roupas muito sérias (não podiam ser coloridas tipo amarelo, vermelho, roxo, etc.) e cabelos bem cortados; aliás lembro-me de que os homens mais velhos

ficaram muito bravos com essa moda do cabelo comprido. E quando surgiu a bolsa à tiracolo e tamancos para os homens, então! Nossa! Foi uma tragédia para os “pais” e os “machões” !

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Uma tia minha tem cinco filhas e bem mais velhas do que eu. E todo sábado de manhã, depois que eu ia fazer a feira com meu pai, a gente dava uma passadinha lá. Elas usavam peruca, elas faziam pra mim pulseiras de garfo, tudo meio “hippie”, meio esquisito, elas usavam unhas com esmalte colorido [ela quer dizer cores diferentes das tradicionais: verde limão, laranja fluorescente, roxo, etc.] que é uma coisa que tem voltado agora. Também surgiu uma época que a gente comprava camiseta regata simples da Hering, mas bem longa, um número a mais do que a gente usava e na ponta a gente costurava uma saia bem franzidinha até o pé. Outra coisa que eu me lembro é de usar tênis, naquela época não tinha All Star, era aquele tênis bamba que a gente pintava com tinta de tecido, a gente digo, elas [as primas] deviam ter dezenove, vinte anos e eu devia ter uns oito, isso em 76 . A época do “Dancing Days” [novela da Globo] que foi super marcante, eu devia ter uns nove, dez anos, que a gente usava meia colorida com dourado e tamanco com saia, aqueles tamanquinhos com saltinho fino com uma base de metal na ponta. Depois já com treze anos, época do new wave, gel colorido, cores “escapafurdias” . Tem uma foto minha que eu estou com uma calça bem balão roxinha, uma blusa cor de laranja com dois cintos: um verde limão e um roxo cheio de fivelas diferentes com meia colorida e sapato transparente que a gente trocava o cadarço. Então, era um absurdo de feio, mas era assim “up”, eu estava dentro da moda. Bom, cabelo, na época tipo “Nina Hagen” [roqueira alemã] , eu lembro que eu fiz uma mecha, uma única mecha branca no cabelo que agora recentemente era moda. Sempre a vontade do novo. Em 84, eu já usava cabelo curto, raspado com máquina, três, quatro brincos que era uma coisa que a gente sempre usava. Em relação às músicas eu me sinto assim bem distante do que se ouvia na época. A gente não escutava as músicas de Festivais, as músicas que mais chamavam a atenção. Talvez por isso hoje, eu ouça muito e goste muito dessas músicas de uma época em que eu vivi mas não tomei parte, então, Caetano Veloso, Chico Buarque, Taiguara, esse povo não fazia parte do cotidiano da minha casa, eles vêm pra mim muito mais tarde. As próprias interpretações das músicas eu fui percebendo alguma coisa na própria Unicamp quando numa palestra do Rubem Alves, ele faz uma interpretação da música “A Banda”, o que aquilo realmente significava e foi o que realmente me despertou pra esse tipo de música. Livros ... eu não posso dizer que tinha um contato com esse mundo, não eram coisas muito presentes; o meu pai era representante de um laboratório farmacêutico, não tinha o hábito da leitura; a leitura não fazia parte do cotidiano dele, as leituras da minha mãe se referiam mais a coisas de igreja e, teatro a gente não tinha o costume de assistir, inclusive pela questão financeira mesmo, não era ... e até mais do que financeira, essa não era a prioridade da minha família. Cinema, a gente ia pouco. Um cheiro, por exemplo, característico dessa época pra mim é daquele perfume que é um óleozinho, um vidrinho pequenininho, acho que era Almíscar, era forte pra caramba e esse era um cheiro que eu tenho que a casa da minha tia cheirava isso e esse cheiro me lembra todas essas contravenções tipo: sapato enxuga poça, chinelinho de couro do “Arlindo” [todos conheciam esse rapaz em Sorocaba que fazia produtos artesanais em couro]. Essas coisas me lembravam de um tipo de vestimenta mais despojada, mais pouco preocupada, aquelas batas indianas, e eram um tipo de vestimenta que pessoas mais velhas estavam usando. Então essa questão do diferente.

Com a novela *Dancing Days*, veio uma moda linda, cheia de peças muito coloridas, maquiagem com brilho, sandálias transparentes com meias brilhantes soquetes, as músicas de um grupo que se não me engano era “As Frenéticas”. Ah! Eneida, e as discotecas, então? Como eu dancei! As luzes negras e estroboscópicas!

Raquel Aparecida – Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Eu lembro das calças boca de sino; eu tinha uma calça azul claro e tinha uma blusa também de mangas bem largas. Usava-se muito jeans, tênis. Tinha umas saias transpassadas e depois eu lembro das meias soquetes que foi da época da novela “*Dancing Days*”, que era uma novela das 8:00 horas [20:00 horas] onde explodiu as discotecas. O pessoal da minha idade usava um sapatinho baixo, era de material plástico, tinha uns furinhos e a gente usava esses sapatinhos com meias coloridas, meias soquetes e tinha brilhante [brilho]. Tinha nas cores vermelha, azul forte, verde “cheguei” e outra coisa que eu me lembro é que eu tinha até um vestido de baile que era cor de laranja. Lembro do verde fluorescente, amarelo limão também. Filme, eu estava lembrando, mas acho que foi um pouquinho depois dessa fase, acho que eu tinha uns dezessete anos que foi “Pátria Minha”. Foi um filme que eu assisti em Campinas na época e que foi muito comentado, foi um filme político. O que eu lembro é que era sobre essa relação do poder econômico, aí tinha greve no meio do filme. Teatro eu não frequentei nessa época. Música, tinha aquele grupo do “*Dancing Days*” : “As Frenéticas”, era época também dos “Bee Gees”. Eu lembro das músicas do Chico Buarque: “Construção”, “Roda Viva”, a Gal também cantando “Folhetim”, Toquinho, Vinícius, tinha “Andanças”, tinha aquela “Caminhando e Cantando” do Geraldo Vandré a gente cantava muito em grupos de jovens. A gente sabia que tinha alguma coisa, mas não era muito claro pra gente.

Não lembro também muito do teatro em Sorocaba, mas em torno de 1977, tivemos um teatro amador na FACCAS – Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba, hoje UNISO – Universidade de Sorocaba, onde eu cursava Administração de Empresas, e a peça era “As feiticeiras de Salém”. Participei de alguns ensaios, mas depois tive que desistir porque faltava tempo disponível para esses ensaios. Essa peça, de Arthur Miller, referia-se às pessoas que eram consideradas bruxas na Inglaterra.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Em 64? Bom, ainda anos dourados! Lembro sim de alguma coisa. 60, 64 , ainda aqueles resquícios de romantismo, na roupa, na música, tanto que a gente vê o sucesso que fez o Roberto Carlos e que marcou tanto que até hoje lota auditórios. Aí, nós tivemos nos anos 70, a meu ver, uma rebeldia dos jovens, do movimento “hippie” e que começou já no fim dos anos 60, passou para os anos 70 e nós tivemos um pouco mais de agressividade na música, não deixou de ser romântico. Então, com luminárias mais agressivas nas danceterias, aquele período de “*Dancing Days*” (novela) , aquele pisca-pisca , música mais alta , mais agressiva. Aí , tivemos nos anos 80 , quer dizer ,

também se você for analisar do lado político, menos ênfase na parte política que nos anos 60 havia bastante, das músicas de Chico (Chico Buarque), Gil (Gilberto Gil) e de Caetano (Caetano Veloso), o lado deles romântico permaneceu até hoje e o lado político ficou esmaecido por força do regime militar. A música se tornou agressiva, mas não política, não era agressivo do ponto de vista político; era agressivo do ponto de vista de som, de cor, a moda também, pois você tinha o roxo batata, o verde mais abacate, as cores translúcidas, fluorescentes que fizeram bastante sucesso nessa época de 70. Uma moda que, a meu ver, é uma moda feia, mas que, na época, a gente achava tudo bonito. Eu fazia pós-graduação nessa época na PUC, eu me lembro que eu usava correntes grossas no pescoço, penduradas com medalhas grandes daquele estilo que o Roberto Carlos começou a usar no começo de carreira, mas que ficou no auge nos anos 70; uma bijuteria feia, quase nada de jóias e, do ponto de vista de moda, eram as bocas de sino, calças boca de sino, cores berrantes, fluorescentes. Nos anos 80, a gente já estava em anistia e esse regime político influenciou bastante, eu acho. Então, foi uma fase de mais equilíbrio, a volta de uma moda mais urbana, mais para o lado das pessoas trabalhando bastante, o *tailleur*, a secretária executiva, que a mulher começou a trabalhar muito mais nos anos 80. Então, você tem o auge da mini saia e tal, mas com moderação, mesmo tom para não ficar tão agressivo quanto era nos anos 70 e quando era, também, no final dos anos 60 que você usava mini saia sem meia, mais para mostrar a perna porque você tinha que mostrar que era uma mulher emancipada. Também entrou a moda longa, que misturava um pouco com os “hippies” porque moda é uma coisa que vai e vem. Filmes? Filmes, não sei. Filmes americanos que faziam muito sucesso no final dos anos 60 eram filmes ingênuos, música ingênuo também; aquela música muito leve e no Brasil, músicas e filmes com conotação política, mas camuflada, meio disfarçada, onde pessoas inteligentes conseguiam fazer a sacada e os produtores inteligentes conseguiam fazer passar pela censura. Então, a gente ficava esperta para ver se conseguia fazer alguma leitura subliminar dos filmes, das músicas, dos textos. Já nos anos 70 os filmes acompanhavam a música. Eram filmes mais agressivos e mais voltados para a vida da cidade, do social.

Foi incrível a repercussão da novela “Dancing Days” com grande influência na moda do vestuário, das danças, das músicas.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu me lembro que eu fui para a universidade de meio pra fim da década de 60 e nós usávamos, como universitários, nós usávamos um estilo até meio agressivo no vestir. A gente era “hippie” no vestir. Então, era uma mistura de cores, de padrões, de tecidos, de veludo com linha, de crochê com organdi suíço, era uma mistura assim que não era bem uma moda, era mais um estilo assim chamativo. E, existia muita influência também dos grandes encontros e festivais de rock que começaram a proliferar nessa época. Então, toda aquela coisa, parafernália de chapéus, de colares, de pulseiras e de calçados de cores diferentes que até então não se usava. Por exemplo, eu me lembro muito bem de um sapato cor de laranja e preto que eu cheguei a ter. Das minhas mini saias na faculdade, a gente sentava, cruzava as pernas e parecia que estava de cinto só, de tão curtas que eram. Mas era a moda daquela época! Então era moda, você usar moda. O jovem tinha assim toda uma forma de se colocar contra todas as coisas que ele não achava corretas, através das vestimentas. Então, se usavam

símbolos, de “Paz e Amor” dos “hippies”, o símbolo de “Faça Amor Não Faça a Guerra” e dessa época ficou na minha lembrança “Jesus Cristo Super Star”, tanto o filme quanto a peça, foi o primeiro nu que eu tive oportunidade de ver na minha vida assim exposto, explícito, numa arte, numa peça teatral. As músicas, os festivais ... as músicas eram muito lindas! Muita música não passava pela censura. Então, nós temos grandes compositores que ficaram barrados: Chico Buarque, Sérgio Ricardo? Ai meu Deus, como era o nome dele? Eu me lembro que ele tinha aquela música: - *“Caminhando e cantando e seguindo a canção ...”* [ela canta] Acho que é Sérgio Ricardo, ele foi muito combatido, então ele tinha essa: - *“somos todos iguais braços dados ou não. Nas escolas ensinam antigas lições, de morrer pela pátria e viver sem razão. Vem, vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”* [ela canta]. Tem uma outra que era muito interessante também, ele falava assim: - *“Fez dia claro e eu saí pra rua, pra ver a cidade diferente da normalidade. Nenhum policial de arma em punho. Nenhum estudante morreu, nem se ouviu a explosão da bomba habitual. Guarda esta flor, que um guerrilheiro deixou. Antes que acabe esse dia de alegria, meu amor”* [ela canta]. Tem uma outra que ele falava, não me lembro da música inteira, mas tinha um verso que era assim: - *“O Brasil exportou toda a banana e o café solúvel num canto que eu conto pra fingir de primeiro de abril”* [ela só declama]. Então, a gente viveu uma época de economia muito parecida com a que a gente está tendo hoje, de crise econômica e o Brasil não conseguia mais colocar o seu café nos bons preços e nem a banana que eram produtos que ele mais colocava no exterior. Não tinha comprador para esses produtos e, então, ele inventou uma música contando que o café solúvel foi vendido todo, a banana toda, mas era um conto de primeiro de abril, o dia da mentira. Então ficaram coisas muito interessantes. Muitas peças de teatro do Valdo Viana, depois do filho dele, do Vianinha que trouxeram muita coisa e a gente está tendo ainda muitas revelações de coisas que estavam censuradas e que agora começaram a aparecer, a retornar. Inclusive, o Dias Gomes que morreu há tão pouco tempo, foi mostrado na televisão, um piloto da novela Roque Santeiro, como tinha sido feita antigamente que a censura não deixou passar, depois de onze anos é que ele foi gravar de novo e aí mudaram alguns personagens e mudou toda uma linguagem, porque as coisas evoluíram muito, mas ficou o protesto, ficou o ensinamento para o povo, mostrando para o povo fatos e verdades de uma história que a história não conta. Que está mais na cabeça das pessoas. Das pessoas que viveram aquelas épocas e que têm muitos depoimentos gravados ou ainda por darem, nos livros que foram escritos e que é uma pena, que a gente saiba tão pouco da nossa história, saiba tão pouco da verdade da nossa história. Uma outra música de Chico Buarque, muito importante e que foi na época censurada, mas posteriormente foi gravada e ele fala mais ou menos assim: - *“Tem dias que a gente se sente. Como quem partiu ou morreu. A gente estancou de repente ou foi mundo então que cresceu. A gente quer ter voz ativa, viola na rua tocar. Mas eis que chega a roda viva e carrega a viola pra lá. Roda mundo, roda gigante, roda moinho, roda pião. O tempo rodou num instante nas voltas do meu coração”* [ela canta]. Muito bonita e você analisa a letra dela e você vê aí toda uma revolta sendo cantada e muito bem escrita tanto em verso quanto em melodia. Em relação a teatro, eu me lembro também que nessa época eu participava de um grupo teatral na cidade de Americana, onde eu morava, e era um teatro que pertencia ao Grêmio Estudantil e este Grêmio era fora da escola e congregava estudantes de todas as escolas. Era um Festival de Teatro e nós resolvemos participar que ia acontecer e encenamos uma peça. A gente queria assim o novo, o inusitado, então, pegamos a trilha sonora do

filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” do Glauber Rocha e montamos um teatro em cima da trilha sonora. Essa trilha sonora continha muitas músicas e alguns textos que eram como discursos inflamados dos personagens, tem Antonio Conselheiro, tinha sobrinho do Lampião, tinha policial, falava da Guerra de Canudos, falava da perseguição ao bando do Lampião. Então, a trilha sonora era toda de músicas e textos que pareciam poemas quase épicos. Transformamos isso numa peça e levamos esse espetáculo, primeiro no anfiteatro, depois foi para o clube e viemos até no festival aqui de Campinas, que se chamava Fecanta, era um festival de teatro amador. E a gente tinha então que inventar uma forma de transformar músicas e discursos em cenas teatrais. Então, a peça tinha uma narradora que narrava a história cantando, que era eu. Eu cantava a história e ao cantar eu chamava o personagem para o centro do palco, que era uma rotunda preta toda apagada, a luz só incidia no personagem que estava com a fala naquele momento. E foi uma coisa muito interessante, muito impressionante porque muitas coisas assim da história do Brasil que não estavam nos livros, mas que o Glauber relata no seu filme, a gente ficou sabendo por participar do teatro. Acho que foi 1966 por aí ... 1968 se não me falha a memória e eu tinha terminado o Magistério e tinha entrado na Faculdade.

É incrível como a Hilda lembra das letras das músicas de protesto. Fiquei impressionada, principalmente, com aquela que fala assim: *Nenhum estudante morreu, nem se ouviu a explosão da bomba habitual.*

Joyse, Professora de Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Música: Beatles! Beatles, Rolling Stones! Eu acho que por aí. Em 1965, eu fiquei reprovada em faltas porque tinha um amigo que tinha uma Sonata e então a gente ficava no jardim, em frente à escola, ouvindo Beatles a noite toda. Era uma forma de se fazer as coisas. Mas, esse grupo nosso usava muito assim: blusa com babados, aliás tudo que os Beatles usavam procurávamos usar, é claro que a gente era uma classe média baixa, a maioria, então não tinha condição de usar tudo aquilo, mas dentro do possível, pelo menos uma camisa assim toda de jabô todo mundo tinha, calça boca de sino, botinha, cabelo muito cortado que foi outra briga também. Por quê? Porque eu tinha os cabelos abaixo da cintura e aí na paixão pelos Beatles, eu cortei os cabelos igual a um Ringo, um ... Quando meu pai viu, ficou de mal comigo, disse que não seria meu padrinho de Formatura, que jamais ... e coisas desse tipo, que mulher não podia cortar o cabelo. Mas de moda era isso mesmo, o que foi muito forte acho que foi a boca de sino. Filme: bom, mais ou menos nesse período o filme “Help” , eu assisti dez vezes. Alguns filmes também dessa época, não sei bem se é dessa época, mas acho que era com a Doris Day, aqueles filmes de final feliz, filmes americanos; todo mundo fumando muito, ainda muita matança de índio, assim com aqueles heróis americanos dos fortes, alguns seriados que a gente assistia. Dessa época mesmo, acho que mais essas coisas: 007, aqueles 007 lindíssimos que foi um pouco assim de tecnologia mágica, do poder da Inglaterra.

Calça boca de sino, blusa toda de babados ou amarrada na cintura, cabelos compridos trançados: olha aí a moda “hippie” novamente!

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos

Roupa? Lembro das calças bocas de sino, as camisetas psicodélicas, os desenhos, as padronagens eram alguma coisa que envolvia muitas espirais, formas arredondadas, nos desenhos e nas padronagens muitas listras, muitas mesmo! A moda “hippie”, aquela coisa bem despojada, aquela coisa bem descontraída. E, também, a moda clássica, das gravatinhas, tinha umas blusinhas com gravatinhas, muito shorts com bota até o joelho, bota até as coxas, sapatos Channel, abertinho dos lados, mini saias sem dúvidas, aí você não pode deixar de fazer referência, aos primeiros sutiãs sem bojo. Deixe-me ver o que mais ... sapatos de verniz, bolsas de verniz, meias rendadas, meias finas desenhadas, rendadas, muita écharpe, vestidos tubinhos, evasés, pouco volume, as roupas não tinham muito volume, não, eram roupas mais estruturadas. Depois começou uma linha meio futurista, tipo “Perdidos no Espaço” [seriado tipo ficção científica que passava nessa época na televisão], uns vestidinhos curtinhos com meias bem grossas por baixo. Cabelos... cabelos bem marcantes, bem estruturados, cheios de spray, arrumados. Música ... essa música [Geraldo Vandré], alguma coisa de música popular brasileira, é... Roberto Carlos, muito Roberto Carlos, Jovem Guarda, o água com açúcar que era a Jovem Guarda da televisão. Programa de música que tinha na televisão ... Os Galãs Cantam e Dançam, é ... Vanderlei Cardoso, Jerry Adriani, Deno e Dini [risos]. Nossa! Eu gostava muito dessas coisas. De cinema eu gostava muito. Todos os filmes nacionais, do Roberto Carlos que saíam, eu assisti a “Dio come te amo” e eu não tinha idade pra entrar e, eu entrei, não sei como, é aquela coisa de transgredir a lei também. No ginásio, eu assisti a “Houve uma vez num verão”, filme que passa até hoje na televisão e que é lindíssimo.

A Miriam fala da Jovem Guarda, programa musical da televisão nos anos 70 e que teve uma repercussão muito grande nos jovens, na maneira de vestir, de falar, incorporando na linguagem algumas gírias como: “jóia” que significava que estava tudo bem, “pão”, quando se referia a um rapaz muito bonito.

2.1 A moda para minhas colegas: expressão de uma época

Das depoentes, somente duas não mencionam os “hippies”, os quais exerceram uma influência muito grande nos/as jovens durante a década de 60 e 70. Eles fazem parte de fenômenos que, muitas vezes, surgem e depois desaparecem, mas que deixam suas marcas. O mundo se encheu de flores, paz e amor, uma irreverência no vestir durante esse período graças a essa magia exercida por uma filosofia de anti-consumismo e de liberdade.

Os anos de 1960 a 1970 foram marcados pela rebeldia das jovens sorocabanas que transformavam o cotidiano dos tempos tradicionais em explosões de descontentamento e de indisciplina através das roupas, das novas maneiras de comportamento social, dos novos valores morais, etc.

A discussão da sexualidade foi uma das bandeiras levantadas pelas mulheres de uma maneira geral e as sorocabanas não poderiam fugir à regra, mudando e transformando os costumes e comportamentos praticados pela sociedade. Foram para a mesa de discussões o autoritarismo dos pais e a moda das saias curtas.

Fora a questão feminina, nas décadas de 60 e 70, o mundo tornou-se, também, mais colorido, embora de uma forma energeticamente agressiva porque as cores eram luminosas, vibrantes, chocavam a harmonia, tiravam a sintonia, do já estabelecido, contrastavam, de maneira forte, com os tons pastéis mais delicados, geralmente usados pelas garotas e os tons mais discretos usados pelos garotos.

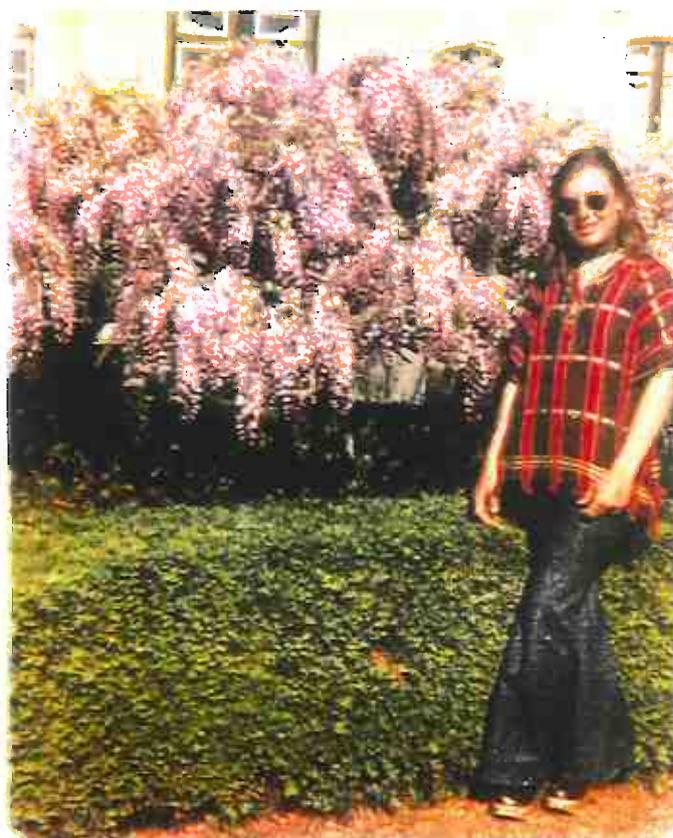
Essa nova maneira de se expor, expressava o que ia lá dentro, no âmago dos jovens. Eles sentiam que seu mundo, seu espaço estava ruindo, desmoronando e eram impedidos ao querer ampará-lo. Sentiam sensações de impotência e medo perante o grande poder ... e daí a revolta e a frustração. Como colocar para fora todo esse turbilhão de sentimentos contraditórios?

Os artistas irão expressar o seu repúdio à violência que assola o país através das artes: músicas, filmes e teatros. Conseguem manter um vínculo muito maior com o seu público jovem porque sintonizam os mesmos pensamentos, sonhos e ideais. Há um clima de repressão e, ao mesmo tempo uma energia direcionada para a criatividade.

De acordo com Bourdieu (1998), pessoas que compartilham de uma mesma época ou de um mesmo problema comum estão sujeitas a uma maior compreensão entre si, a uma cumplicidade:

O que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns. Embora os homens cultivados de uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões. (BOURDIEU, 1998: 207)

Assim, durante a época da ditadura militar (duas décadas), os jovens, independente da classe social à qual pertenciam, tiveram sonhos comuns, vestiram-se de uma maneira diferente para chamar a atenção dos que estavam inertes à situação, cantaram gritos de alerta, transformaram o cinema e o teatro num palco de expressão de sua rebeldia, enfim, tentaram de todas as maneiras possíveis, acordar o nosso gigante que insiste em continuar adormecido!



Detalhe: calça “boca de sino”



Detalhe: roupas, bolsas, cabelos: penteados e bobs.



Detalhe: roupas, bolsas, cabelos - lenço ("touca"), bobs - pichações.

3. A influência hippie

Paz e Amor. Paradise Now. Desbunde. Desrepressão. Revolução Individual. You Are What You Eat. Aqui e Agora. É Proibido Proibir. A Imaginação Está Tomando o Poder. Flower Power. Turn on, Turn in and Drop out. Etc. Etc. ... Palavras de ordem e expressões como estas foram, num determinado momento, capazes de mobilizar multidões de jovens e intelectuais, nas mais diferentes partes do mundo.

(PEREIRA, 1986: 7)

Durante os anos 60, como a erupção de um vulcão, os jovens do mundo colocavam para fora novas maneiras de pensar, questionavam os valores padronizados através do tempo e movimentavam-se no sentido de delinear uma nova sociedade baseada principalmente no relacionamento humano. Emergira a contracultura, uma cultura marginal, um novo estilo e um modo de vida diferente do tradicional, opondo-se à cultura vigente fruto das instituições das sociedades ocidentais.

Dentro de todo esse panorama, surge um outro tipo de personagem: o hippie.

O que seria ser hippie? Morar em comunidades, abandonando a casa dos pais e, juntamente com isso, negar a sociedade de consumo. Enquanto nos Estados Unidos os jovens americanos partiam para a guerra do Vietnã, uma parte dos jovens brasileiros, principalmente os estudantes, revoltava-se contra o governo da repressão, alguns pela militância política, pela luta armada e outros, pacificamente, dentro dos padrões dessa nova maneira de pensar do movimento hippie.

Hippie vem da palavra “hip” significando “alguém que está por dentro” e a sua ideologia é considerada como uma contracultura. A ideologia hippie é contra o estabelecido e o consagrado como valores nas instituições e no pensamento que consagram a sociedade capitalista de consumo e de acumulação de bens, não compactuando com a massificação das pessoas. Lançaram a moda dos cabelos compridos e, no entanto, transformaram-se em produtos de consumo quando, industrializada a indumentária - jeans desbotados, chapéus de cowboy, anéis em todos os dedos, colares de índios e uma infinidade de outros acessórios – tornaram-se matéria prima para o que eles mais repudiavam.

O idealista do movimento hippie foi Timoty Leary, um professor de Psicologia da universidade de Harvard, que tinha como objetivo mostrar os caminhos da mente que não

tenham sido levados em conta, até então, pela ciência e pelo senso comum. Ele distribuía drogas aos seus alunos como o LSD e a mescalina com o intuito de atingir esse objetivo.

Depois, as drogas eram procuradas pelos hippies na busca de um contato mais profundo com o lado espiritual do corpo, o que as religiões ocidentais não poderiam oferecer. Voltaram-se, então, para o Oriente, onde o hinduísmo prega a meditação e onde um hindu pode ficar numa mesma posição meditando durante dias. Mas, para chegar a esse estágio de concentração, os hippies apelavam para as drogas.

A filosofia hippie propagou-se pelo mundo inteiro e os movimentos estudantis ajudaram a consolidar essa ideologia de contestação que ainda permanece viva nas mentes de muitos que, agora, já pertencem a uma geração de respeitáveis senhores/as.

Segundo Domingos Stamato (JORNAL DA ORLA/1997), um “simpatizante da causa hippie” - ele próprio se define assim - o caráter contemporâneo do movimento é evidente em questões atuais que tiveram o hippie como precursor, tais como a liberação das drogas, o repúdio à violência, a luta contra a injustiça social e acima de tudo, a liberdade. Ainda em sua opinião *O mundo nunca mais será o mesmo depois da chegada dos hippies*.

Muitos que participaram desse movimento da contracultura se sentem honrados por terem feito parte desse contexto.

O movimento hippie deixou muitas marcas, no âmbito familiar, instituindo e exigindo o diálogo em detrimento do autoritarismo. A forma de educar mudou com essa comunicação de “igual para igual”. A liberdade de opinar em questões políticas também foi uma conseguida pelo diálogo, iniciada, numa época, em que era importante a conscientização da situação difícil que o Brasil enfrentava com a ditadura.

Outros pontos positivos podem ser engajados nos benefícios que emergiram com a filosofia hippie como o valor à natureza, impulsionando grupos ecológicos na atuação que vêm exercendo durante os últimos anos, a conquista de outros tipos de tratamento da saúde, diferentes da alopatia, como a acupuntura e a homeopatia, a crença num mundo espiritual sem ligação obrigatória a alguma instituição religiosa, etc.

Outro marco bastante controvertido é o da questão da liberdade sexual, quebrando velhos tabus, formando jovens mais soltos, derrubando preconceitos, principalmente, o que se

refere à mulher, mas também trouxe à tona discussões que fazem ligação com as novas doenças sexualmente transmissíveis.

Pode-se afirmar que, o movimento hippie foi muito importante não só para o jovem, mas para toda uma sociedade, porque despertou nas pessoas a solidariedade, a amizade, o envolver-se com o outro, deixados de lado pela – ambição desenfreada do capitalismo - que tem uma outra escala de valores.

CONCLUSÃO:

Resgatando alguns momentos, este trabalho procurou mostrar maneiras diferentes de interpretar um período sobre o qual eu tinha enorme curiosidade.

Precisava, ao realizá-lo, preencher as lacunas que ficaram durante toda minha adolescência; ansiava por respostas a perguntas feitas no passado e que, até hoje bailavam na minha memória. Foi interessante voltar no tempo, puxando um por um os fios da memória, fragmentos entrelaçados que vinham objetivar o meu presente, dando consistência àquilo que já desconfiava, mas que não tinha certeza.

Meu anseio era saber o que acontecera comigo durante os anos da ditadura.

Minhas indagações eram: será que, na época da escola, eu estava tão alienada que não entendia o que ocorria com os estudantes, os militantes, as músicas, os filmes, a moda? Será que onde eu estudava as pessoas eram tão desinformadas que passaram um período tão agitado, revolucionário, num outro mundo sem significados, pensando que tudo era maravilhoso e cor de rosa? Será que meninas como eu, naquele tempo, percebiam o modo autoritário com que éramos tratados pelos professores e pela direção da escola, que, não nos dava importância nem respeito?

Em que mundo eu vivia?

Comecei este trabalho, lendo vários livros memorialísticos de pessoas que sofreram as agruras de um regime militar e cheguei nas entrevistas de nove pessoas que estudaram no período, entre 1964 a 1984. Pessoas comuns, cujas histórias nunca foram publicadas e que vieram ao encontro das minhas indagações. Elas também sofreram o autoritarismo, a falta de liberdade, o tolhimento da criatividade, da argumentação. Elas também tiveram medo e, até hoje, carregam resquícios desse sentimento castrador.

Neste caminho de resgate de nossa identidade, redescobri coisas comuns a todas nós, como valores de honestidade, de “verdade”, de simplicidade, etc.

Foi importante descobrir a trajetória de mulheres comuns, cheias de alegria, de sonhos e que mesmo com todo o rigor autoritário da época, conseguiram ultrapassar a barreira repressiva tendo esperança num futuro cheio de ideais.

Saber o que aconteceu aos estudantes desse período ditatorial também tem um grande valor para que se possa entender a nova geração de estudantes (meus alunos e alunas) e as que virão no futuro.

Parece que a indisciplina, a falta de respeito e de limites e a violência são uma constante nas escolas, tanto no Brasil como em outros países e percebe-se que os professores não estão sabendo como lidar com isso.

Será que o comportamento, dos jovens de hoje, é resultado do direcionamento dado por seus pais que, vindos de uma formação reprimida deram-lhes liberdade demais no receio de torná-los frustrados e traumatizados como foram eles próprios?

É pensando em todo esse contexto que este trabalho foi buscar no passado as raízes dos problemas atuais que podem auxiliar a entender, senão todo, mas, pelo menos, parte dos problemas que vêm ocorrendo em nossas escolas.

A opção em recortar pouco as entrevistas e colocá-las quase que na íntegra, deve-se ao fato, da riqueza do conteúdo ser muito grande sendo, também, o objetivo, deste trabalho, dar ênfase a esta importante coleta de informações, acreditando que, através desses flashes de memória de minhas colegas, possam ser analisados os erros e acertos cometidos, para que, também, novas maneiras de trocas de conhecimentos sejam construídas num relacionamento de afetividade e respeito entre educadores/as e educandos/as.

ANEXOS

ANEXO 1

Milton Marinho Martins, historiador sorocabano(como reagiram os sorocabanos ao golpe de 64 ?)

Sorocaba após o golpe militar de 1964, foi uma cidade que, eu acredito que o que ocorreu aqui, ocorreu com a maioria das cidades brasileiras; Sorocaba aderiu plenamente à revolução, se podemos chamar de revolução porque não houve batalha nenhuma. Sorocaba tanto aderiu tanto assim que antecedendo à eclosão desse movimento, a população sorocabana (foi uma grande massa popular), aderiu ao convite que foi feito para participar da Marcha da Família com Deus pela Pátria que começando no Além Ponte veio a terminar no Largo de São Bento. Dessa passeata noturna, participaram quase a totalidade das autoridades sorocabanas e estudantes e o povo em geral. Então, nós podemos dizer assim de um modo geral, que o povo aderiu francamente a esse movimento porque os verdadeiros democratas temiam que a Nação acabasse se tornando uma outra Cuba porque na época nós estávamos na Guerra Fria e de um lado, os democratas liderados pelos Estados Unidos e do outro lado, a Rússia influenciando os partidos comunistas das diversas nações para que assumissem o poder, inclusive financiando, isso todo mundo sabe, não é novidade, financeiramente como fez com Cuba ao ponto de só agora com a queda do comunismo na Rússia, Cuba acabou ficando numa situação de penúria porque deixou de receber a ajuda financeira russa. Temendo então, que o país acabasse e se transformasse numa outra Cuba, é que a população aderiu francamente ao movimento porque tudo indicava que nós caminhávamos para uma situação desagradável para a democracia. Havia insubordinação às duas entidades mais bem organizadas do Brasil que são o Exército e a Igreja; até no Exército estava começando a haver insubordinação, desrespeito à hierarquia. Também a condecoração de Che Guevara, que foi um grande revolucionário que esteve aqui no Brasil, esteve na Bolívia, até na África, procurando agitar as massas contra os governos constituídos de diversos países. Então, eu acredito que a Revolução de 64, no meu ponto de vista, teve seus méritos e deméritos. Foi um mal necessário. Um mal necessário porque trouxe benefícios e só que, em vez de durar pouco tempo como se pretendia, como se pensava, que era um simples arranjo da casa, acabou se prolongando por muito tempo, incendiando assim a revolta de grupos, embora minoritários, mas muito ativos, sempre liderados, é preciso que se diga, também a bem da História, que a maioria dos que se rebelavam contra a ditadura, entre eles a maioria era esquerdista, eram os antigos adeptos do comunismo russo. Havia democratas também. Enquanto uns pegaram em armas e enfrentaram o poder constituído, o governo, outros preferiram, como eu acho, no meu ponto de vista o mais certo, defender seu ponto de vista através de idéias, de movimentos não militares, não violentos. E como exemplo, nós temos aí até o nosso Presidente da República, o Fernando Henrique, que era um anti-revolucionário, mais achou por bem deixar o país, foi exilado, esteve no Chile, esteve na França e chegou agora a Presidente da República sem nunca ter disparado um tiro contra ninguém, sem ter matado ninguém, coisa que não aconteceu com outros revolucionários, por exemplo o Lamarca que enfrentou o poder constituído, lutou aqui na região do Vale do Ribeira, era daqueles grupos que invadiam bancos, que roubavam, saqueavam, matavam. Então, tem aqueles que lutavam contra a ditadura através de idéias e aqueles que eram mais violentos, eram mais agressivos e pegaram em armas.

Milton Marinho Martins(os sorocabanos tiveram um papel de revolta, após o golpe, ou de arrependimento por terem aderido à revolução ?)

Não, eu acredito que não, embora vários sorocabanos tenham participado desses movimentos contrários ao regime militar, não há dúvida nenhuma. Isso demonstra que havia insatisfeitos, que havia posicionamento contrário. Mas assim, movimento propriamente dito de grande expressão, de relativa expressão principalmente popular, eu não me lembro de nenhum movimento nesse sentido.

Salvadora Lopes , líder operária(o que aconteceu depois do golpe de 64, em Sorocaba?)

Qualquer coisa que acontecia em Sorocaba, corriam na minha casa: “*Salva, aconteceu isso ... Salva, aconteceu aquilo*”. Sabe? Eu sabia de tudo que acontecia. O povo se manifestava, corria na minha casa porque sabia que eu tomava posição. Aí chegaram lá em casa e falaram: “*Salva, sabe de uma coisa, levaram o Alonso Gomes (candidato à Prefeito) e a mulher não sabe onde ele está. E quem tá dando comida pra ele, levando mantimento pra ele é o Gualberto Moreira e o Hélio Freitas*”.

Salvadora Lopes(as pessoas com as quais a senhora convivia, fora as que eram do Partido, eram a favor do golpe de 64?)

Em 64? Não teve ninguém contra, ninguém. Porque a polícia vinha e pegava. Você vê o Cid Franco. O Cid Franco[era deputado pelo PSB lá em São Paulo] não era comunista, era socialista. Mas se você visse o homem! Eu conheci ele numa reunião que houve lá no Ginásio de Esportes. Se você visse o homem! Era mais do que muitos e muitos comunistas, já não digo todos, porque exagero. Ele foi preso e martirizavam tanto ele, que ele morreu. Em 64 eu não estava mais no Partido, tinha sido expulsa, já estava casada e no Movimento Operário eu estava a mesma coisa. Como eu falei pra eles, eu entrei dentro do Partido porque pra gente ter reunião, a gente reunia só com os têxteis, porque era o Sindicato dos Têxteis, agora dentro de um Partido eram os ferroviários, eram os têxteis, eram os metalúrgicos. A minha pessoa era essa, né?

Salvadora Lopes(a senhora foi contra a ditadura ?)

Era contra, contra! Sabe o que é que mandaram falar pra mim? Porque o Otto Wey era do Partido Trabalhista e ele é parente [risos]. E ele foi intimado. Eles [a polícia] queriam vir na minha casa, eles queriam mandar. Na casa da minha irmã, foram. Aí, o Otto Wey falou: “*Escuta aqui, ela já está expulsa do Partido, ela não está se enfiando em coisa nenhuma, o que é que vocês querem? Vocês estão criando caso*”. Aí o Delegado falou que era isso mesmo, porque ele é Maçon, sabe? Ele respeita muito a gente.

Salvadora Lopes(a maioria das pessoas de Sorocaba era a favor ou contra o golpe de 64 ?)

Contra o golpe! Ninguém queria o golpe. Quem que quer o golpe? Deus nos livre! Quer o golpe aqueles que estão acomodados! Por isso que eu fiquei horrorizada quando eu vi os generais de reserva fazerem isso.

Salvadora Lopes(o que é autoritarismo para a senhora ?)

Eu acho que autoritarismo não presta! Porque a gente não pode ter autoridade sobre pessoa nenhuma.

Salvadora Lopes(o que é liberdade para a senhora ?)

A liberdade tem limite! A liberdade sem limite, não é possível. É como o anarquismo, não podemos. Porque o anarquismo é muito bom, mas tem que ser uma coisa perfeita, você tem que ser perfeita e aonde que nós vamos indo gerar um povo perfeito de uma hora para outra? Isso é um absurdo. É como o comunismo, é um absurdo!

Salvadora Lopes(o que é comunismo para a senhora ?)

O comunismo para mim é uma parte, quer dizer, é uma política que é acertada. Não é ruim, ela não é ruim. É uma coisa perfeita, esta geração tem que ter uma perfeição. Nós temos que dar essa perfeição ao povo. Mas leva anos para ir aperfeiçoando o povo. Nós temos a Rússia e Cuba como exemplos. Agora, a liberdade tem que ter um limite e fora daquele limite, não! Você querer fazer uma coisa que está fora só porque tem liberdade, o que é isso? Não pode. Porque tudo tem limite. Passou daquilo é exagero.

Ida, professora de História e Geografia(o que é autoritarismo para a senhora ?)

O autoritarismo para mim é a pessoa que pensa que ela pode tudo e não respeita a liberdade do próximo. Eu não senti nenhuma atitude de autoritarismo na escola porque eu fui educada para obedecer: eu fui sempre boa aluna, obediente, não gosto de fazer coisa errada. Eu tinha uma diretora muito rígida, adorava. Ela era igual, eu “dato” muito isso, quer dizer, se você quer ter um privilégio você tem que pensar no privilégio que os outros também podem ter. Por que só você? Eu acho que a pessoa em empresa, em indústria, em escola tem que entender que a sua liberdade tem que ser medida para que os outros todos tenham a mesma liberdade que você. Eu tenho horror de exceção: só você pode, só você vai, esse grupinho pode, esse grupinho não pode. Na escola, onde eu lecionava, a gente tinha muitos colegas, mas a maioria era na base de “impor idéias”. Havia até um caso de uma pessoa muito inteligente, mas da filosofia de que se você não colocasse as idéias dele, você não tinha nota. E aí o que acontecia, minha filha mesmo foi aluna dele, o pessoal decorava. Decorava aquilo que ele queria para tirar nota.

Ida(o que é liberdade para a senhora ?)

A liberdade para mim é você fazer aquilo que você deve, respeitando aquilo que o outro também deve. Quer dizer, você tem a sua liberdade, mas a sua liberdade é relativa; a sua liberdade termina onde começa a do próximo. É a frase que eu mais ouvi. Você tem liberdade, por exemplo, de ouvir um som, mas na medida que aquilo

está atrapalhando o seu vizinho, não precisa nem ser hora marcada como hoje em dia tem um pouco, mas a minha liberdade é essa, a que eu entendo por liberdade. Eu sou contra a liberdade exagerada desse pessoal que acha que é para ir na rua, pegar armas, eu sou contra isso.

Ida(algum aluno alguma vez lhe perguntou o que era comunismo ?)

Algum aluno me perguntou o que era comunismo ... Não digo que não, assim no sentido de curiosidade, mas era proibido. O comunismo não era bom! E eu fui educada assim: - *se a coisa é ruim, você nem procure saber direito, você não chegue perto!* Porque o colégio das freiras, do tempo meu de infância, era proibido ler Monteiro Lobato, as freiras não deixavam, porque no meio do livro ele fala de “espiritismo”, dá a entender que ele era espírita. Então, eu só fui ler Monteiro Lobato depois de adulta, entendeu? Veja a minha situação. Então, alguém falava em comunismo, a gente dizia: - *Coisa ruim, coisa que não pode ser, não deve ser, eles tem que ser presos, eliminados, não importa!*

Milton Marinho Martins(sobre o cotidiano sorocabano na época de 64, isto é, pós - golpe, como as pessoas viviam, como ficaram os/as estudantes? No geral, o que aconteceu?)

O povo de um modo geral se beneficiou com o movimento militar, tanto assim que nós chamamos de “A época dourada dos gastos”, havia dinheiro, havia muito empréstimo do exterior inclusive. Então, houve abundância, não houve falta de empregos, a economia foi boa. Só que hoje estamos pagando o ônus. Também uma das falhas desse movimento é de que tendo ensejado o aparecimento de muita corrupção e a corrupção existe no Brasil como no mundo inteiro. Dívida o Brasil tem desde o tempo do Império, mas essa dívida foi agravada em parte pelos empréstimos da época da “coisa” para dar mais regalia ao povo, dar meio de vida melhor ao povo. Então, abriram-se estradas, emprego não faltava, o social foi beneficiado, só que agora estamos pagando os juros altos desses empréstimos com o FMI e com isso a situação agora está agravada em parte por esse tempo de grande abundância. Então, para o povo, de um modo geral, principalmente os primeiros anos depois do movimento militar, foi satisfatório, foi bom. Houve logo depois do movimento uma caça aos corruptos, só que não resolveu porque os corruptos continuaram a aparecendo e um dos objetivos da revolução era esse também, caçar os corruptos, mas infelizmente não conseguiram; caçaram alguns, outros continuaram por aí, apareceram novos e com isso a situação em vez de melhorar, foi só deteriorando.

Milton Marinho Martins(o senhor ficava sabendo o que os militares faziam com os/as estudantes, as torturas, os assassinatos; aqui em Sorocaba as pessoas ficaram sabendo, ou não se comentava?)

Não se comentava. Esse problema sempre foi assim. E mesmo porque naquela época, tudo é questão de época. Aliás, quero aproveitar e fazer uma crítica a certos historiadores, cada um tem seu modo de pensar, de ver. Eu, a minha maneira de ver a história é comentar os fatos de acordo com a época em que eles se realizaram. Porque hoje há muito historiador, mais afoito, principalmente, não vai nenhuma crítica azeda aos mais jovens, que lêem um livro e daí tiram as suas deduções e querem fazer

críticas e análises baseando-se num fato acontecido há duzentos anos pelo modo como vivemos hoje. Os estudantes sempre foram os mais ativos opositores ao regime militar e aqui sempre funcionou, sempre teve diretórios de entidades estudantis e essas entidades naturalmente sempre estavam se posicionando contrariamente aquilo que ocorria na nação, sobre o presidente colocado no poder pelo movimento revolucionário.

Milton Marinho Martins(depois do golpe houve, em 1968, o Ato Institucional número 5, que foi totalmente arbitrário e castrador da liberdade. O que o senhor viu, o que o senhor achou que as pessoas acharam disso? O que o sorocabano achou disso?

Quando começaram a aparecer os Atos Institucionais e alguns trazendo assim medidas antipáticas, nada democráticas, de um modo geral as pessoas bem informadas, as pessoas verdadeiramente democratas, passaram a achar absurdas essas tomadas de posição do governo. Inclusive, logo no final do movimento revolucionário, muitos daqueles que haviam participado do movimento e dado todo o seu apoio até começaram a deixar o movimento e fazer críticas até. Eu sou da linha do Ghandi: reformas, modificações, vitórias democráticas, mas tudo dentro da paz, dentro da harmonia. Então, muitos daqueles que participaram ativamente do movimento, depois quando viram que a durabilidade dele estava exagerada e que muitas atitudes estavam sendo tomadas de maneira anti-democráticas, acabaram abandonando o “barco”.

Milton Marinho Martins(na época de 64, para o senhor e para as pessoas que o senhor observava de maneira geral, o que era comunista?

Não é só naquela época, é ainda hoje. Pra mim, o comunismo sempre foi um regime ditatorial e eu como democrata não aceito por vários motivos, não só pelo lado político. Por exemplo: Fidel Castro que está há quarenta anos no poder e ainda agora foi condecorado pelos estudantes em Minas Gerais como defensor dos estudantes e é um problema fácil pra mim de entender, mas não sei se para todos é assim tão fácil. Essas pessoas que aqui dentro do nosso país lutam pela democracia, lutam pela liberdade, mas fora daqui apoiam os ditadores! Então, fora daqui aplaudem Fidel Castro, fora daqui aplaudem esse lá da Iugoslávia que fez a limpeza étnica e tem tendências bolchevistas, aplaudem a República Chinesa que fez o massacre da “Paz Celestial” e que é uma das mais ferrenhas ditaduras do mundo. Então, quer dizer, esses mesmos que defenderam, que atacaram, que lutaram pela derrubada do regime militar, agora continuam aplaudindo os ditadores de fora. Quer dizer, no meu ponto de vista é um contra-senso; se queremos democracia para nós, devemos querer para os outros também, embora não devam nos imiscuir nos outros países, cada um tem a liberdade de escolher o seu caminho. Então, o comunismo sempre foi um regime ditatorial, todos eles massacraram os adversários, não é?, em todos os países onde existiu, por exemplo, Tito na Iugoslávia, foi um grande ditador que fuzilou e todos eles perseguiram grandemente a Igreja e eu como católico acho isso abominável. O número de católicos mortos em Cuba, mortos em Portito, mortos na Rússia e em outros países de regime comunista, foram enormes; a Igreja Católica sempre foi um entrave para esses regimes comunistas. Eles sempre viam na Igreja um adversário, tanto que o comunismo proibia a prática da religião, agora já estão todos revoltados na Rússia e o povo russo está começando outra vez a se aglutinar nas igrejas que possuíam, principalmente a ortodoxa que é o cristianismo praticado lá. Então, como

democrata e como católico eu sempre vi no comunismo um regime completamente desumano e anti-cristão.

Milton Marinho Martins(o que é liberdade para o senhor?)

A liberdade é uma coisa muito complexa e muito mal usada e empregada sempre, e mais ainda nos dias de hoje. Eu acredito que a liberdade é o cidadão poder ter sua crença, poder praticar o seu esporte, poder enveredar pelo ramo da cultura que ele bem entender, poder se locomover livremente, isso é a liberdade. Agora, ela requer, a liberdade que eu pratico, que eu prego, que eu desejo é a liberdade dentro da Lei, dentro dos princípios hierárquicos, dentro da obediência, dentro da ordem. Então, que cada um tenha o pensamento que tiver, é um direito! Mas, só por ser contrário a isto ou àquilo, não agrida ao adversário, porque esta agressão não condiz, no meu ponto de vista, com a liberdade.

Ida(o que a senhora lembra do golpe de 64?)

Em 64, eu estava no Estadão [Instituto de Educação Estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque] que era uma das escolas mais tradicionais de Sorocaba e eu fui muito felizada de poder lecionar no Estadão. Eu lecionei durante 24 (vinte e quatro) anos no Estadão e depois fui para o Genésio (Escola Estadual Genésio Machado) pra me aposentar; eu me aposentei com 27 (vinte e sete) anos de escola. O meu curso eu fiz na PUC de Campinas e terminei em 56, e eu fiz História e Geografia. Quando eu entrei em História e Geografia, depois de dois anos que eu estava cursando, houve a separação de cursos, mas nós tivemos a liberdade de escolher e a minha turma escolheu ficar unida. Então, eu saí graduada para lecionar os dois cursos: História e Geografia. Realmente, eu não sei dizer até que ponto eu perdi ou ganhei. Eu não considero que eu perdi porque naquele tempo, mesmo com essa separação, não havia assim um ensino muito específico, alguma coisa de muita pesquisa etc. e tal. Então, eu me considero muito feliz, eu tive um magistério maravilhoso, eu sou uma pessoa muito realizada, muito altruísta, vendo sempre as partes positivas, não sou revoltada em nenhum sentido. Eu fui criada no colégio de freiras das madres beneditinas até o curso Normal. Depois que eu me formei de normalista, eu queria ir fazer uma faculdade, eu queria aumentar os meus conhecimentos. O meu mundo de infância foi um mundo de “submissão”. Eu fui educada num sistema tradicionalista. Como eu fui educada? A freira vinha, dava a matéria e você decorava aquilo e traduzia para ela. Era ela que sabia, era ela que transmitia as mensagens e as verdades; você nem queria discutir porque você era criada daquele jeito. Com o correr do tempo, eu peguei muito as classes de quinta e sexta série pra lecionar e antes da Renovação Educacional, eu sei que foi na década de 70 mas não lembro direito a data, era assim: era um livro, você

explicava aquilo do livro. Você tinha que cumprir o Programa (não tinha obrigatoriedade nenhuma, não havia planejamento, era tudo assim: uma reunião e cada um se virava por si) e nunca dava pra cumprir. Nunca. Por exemplo, se você começava a aprender o descobrimento do Brasil durante o ano, você chegava na independência já estava em setembro. Então, você nunca chegava nos tempos atuais. Eu nunca estudei, quando estudei os tempos atuais. Nunca. Agora, sobre o que acontecia na época de 64, a gente ficava alheia “ao que se passava lá em cima”. Entendeu? Nem se comentava o que se passava e existia, a gente por fora sabia que

existia censura. Então, aquilo que se passava fora, não vinha até nós. Hoje em dia, tem televisão, e mesmo assim a gente não sabe a realidade total do que se passa lá em cima, pois o que vem para o público é o que querem que venha. Quando o Getúlio Vargas morreu, eu acho interessante esse pedaço, eu estava em Campinas estudando e eu tinha uma professora espanhola. Quando ela soube que ele tinha suicidado, ela falou: - "*Nossa, na Espanha isso aqui é um motivo de rebelião, de guerra. Cuidado gente!*" Não houve nada. No Brasil não houve nada. Era assim: lá, eles resolviam, sabe? Eu acho que até isso daí vai trazer pra você uma decepção! Porque francamente, naquele tempo não existia isso que falam de combater e vamos ser contra o governo. A única coisa que eu soube, que houve problema grave foi quando faleceu o sobrinho do padre Aldo. Quando a gente soube, mas assim nem no jornal a gente chegou a ver, falou pouquinho. Eu não sabia por quê ele tinha morrido. E olhe, o padre Aldo vai me desculpar, mas em princípio eu achei errado o que ele fez. Eu sabia que ele era uma pessoa que morreu porque se rebelou contra o governo. Você entende o meu pensamento? Eu achava assim, eu não sabia das coisas ... Depois que eu fiquei sabendo. Eu não soube nada; que o Fernando Henrique e outros que foram exilados, eu soube quando voltaram. Porque quando eles voltaram já estava a liberdade, já estava nas diretas, já estava liberado porque hoje em dia até está em excesso a imprensa. Nós só soubemos das coisas depois que passou. Neste livro [ela folheia um livro da época que lecionava] pra você ter uma idéia de quantas páginas tratava da Revolução de 64, olha, fim de livro, fim de ano, não dava nem tempo de dar a matéria. São 6 (seis) páginas que eu digo pra você que eu nunca dei pra aluno de sexta série. Não dava tempo.

ANEXO 2

Raquel, profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

Eu acho que autoritarismo é quando você acha que tem o poder de impedir algumas ações sem dar justificativa, sem motivo. Então, é quando você cessa a liberdade das outras pessoas ou é um abuso do poder: você achar que pode ditar regras para os outros sem dar justificativa nenhuma. Eu lembro quando estava no Santa Escolástica (colégio de freiras). Eu era pequena e a gente tinha aquele medo do professor, aquele respeito que você ficava até sem fala quando se fazia alguma coisa. Vamos supor, ela [a professora] pedia para fazer alguma coisa e você não fazia, você tinha aquele medo. Uma vez, dentro da minha sala de aula tinha uma “salinha” que se guardava os materiais. Estava próximo ao Dia das Crianças (depois mais tarde eu vim a saber que lá estavam guardadas as lembrancinhas das crianças). A professora ia entrar na “salinha” e não queria que ninguém entrasse. Então, ela falou assim: - *Eu vou entrar na sala e ninguém levante do lugar!* e deu aquela bronca! Eu estava na primeira série, morrendo de vontade de ir ao banheiro e ela entrou na “salinha” e não saía. Eu não tive coragem de levantar do meu lugar para ir ao banheiro ou perguntar para ela, porque a gente não podia sair da sala sem pedir e então eu fiz “xixi” na calça. Quando ela voltou, ela falou: - *Mas, por que você não me pediu?* E eu respondi: - *Você falou que eu não podia sair do lugar ...* Então, era aquele medo porque a gente ficava de castigo, ia lá para falar com a diretora. Eu lembro que isso aconteceu comigo, com a minha prima (isso de fazer “xixi” na calça) porque tinha aquela rigidez pois para sair da sala você tinha que pedir e a gente era pequena, então você tinha aquela obediência ao professor e às vezes ... Várias amiguinhas minhas fizeram “xixi” na calça. Imagine crianças de cinco, seis, sete anos de idade! É claro que você consegue segurar, mas era criança e era aquela autoridade. Eu me lembro que não fui só eu, aconteceu com outras. Uma outra situação que já foi bem mais pra frente, na escola estadual, é que tinha um professor que não deixava a gente entrar na sala de blusa sem manga e eu começava a pensar assim: *Mas qual é a relação que tem?* Aquela escola quente, aquelas salas mal ventiladas, aquele calor e a gente ia de calça comprida. Mas de blusa sem manga não podia entrar. Então, eu acho que isso é uma situação de autoritarismo porque você não pode conversar, não pode discutir, é uma ordem em que você pode ser o melhor aluno da classe, mas se você não está vestido de acordo com o que o professor acha, você não pode entrar na sala de aula. Olhe, em 73 eu fiz a terceira série e em 74 eu saí da escola das mães, porque na minha casa o sistema era esse: até a terceira série estudava no Santa Escolástica [colégio de mães] e depois ia para a escola pública. Por quê? Porque dividia; meninos não podiam mais estudar lá, minha mãe não concordava com isso e então, nós saíamos para fazer a quarta série na escola pública. E, eu lembro que fui buscar o meu irmão na escola (meus irmãos ainda estudavam no Santa Escolástica e eu não). A minha mãe não conseguia parar o carro em frente à escola e me mandou buscar os meus irmãos. Eu fui eufórica! Eufórica! Eu estava com um vestidinho mini saia de frente única e eu lembro exatamente porque isso me marcou. Fui correndo, falando comigo Ah! Eu vou ver as mães, vou ver as professoras, vou ver os meus amigos que ficaram... ; porque eu fui uma das únicas que saíram. Quando eu cheguei na porta, ela [a mãe] me barrou e falou: - *Com esse jeito*

indecente de se vestir, você nunca mais vai entrar aqui! Mas, eu não entendia! Ela pôs o corpo dela na minha frente! E falou com uma severidade! E eu falei: - Mas, Madre, eu preciso pegar os meus irmãos!, e ela repetiu tudo de novo. Daí, eu voltei chorando para o carro e falei para a minha mãe. Minha mãe me deixou esperando no carro e foi lá pegar meus irmãos. Isso me marcou muito! Eu tinha 8 (oito) anos!

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu acredito que autoritarismo seja uma maneira, uma forma de você dominar o povo naquela época [regime ditatorial] pelo imprevisto, pelo fato dos militares serem os poderosos e então é uma forma de dominação. Tanto na época do regime militar, como é autoritária uma pessoa que quer mandar em tudo, dirigir tudo e não te dá chance de você ter seu espaço. Na escola olha, existe e se esse autoritarismo fosse bem direcionado, talvez até houvesse mais disciplina na escola, mais limite. Mas, existe a imposição de um programa, de um currículo, você lembra o que o professor falava? Você impõe aquilo que o povo deve saber, então o currículo é uma forma de autoritarismo. Tudo bem que haja necessidade de um mínimo para o pessoal aprender. Isso é lógico, você tem que estabelecer que terminado o primeiro grau [ensino fundamental] a pessoa esteja alfabetizada, isso é importante que exista. Agora, o que ele vai aprender, o que ele não precisa aprender, o que ele não deve aprender, o que não é conveniente que ele aprenda. E gozado que logo que começaram as férias, não sei que programa foi que o pessoal chegou à conclusão que a Filosofia, a História e a Geografia são importantes e estão fazendo falta pra que haja mais raciocínio. Então, na verdade é uma forma autoritária talvez desvalorizar a Filosofia, a História e a Geografia. Com que intenção? Será que não existe autoritarismo atrás disso? Não é interessante que o povo pense. A única coisa que eu lembro quando fazia pós-graduação é que a gente ia na biblioteca e a gente não podia sentar em grupo. Três pessoas já era demais. Podia só dois. Se tinha três sentados numa mesinha da biblioteca eles mandavam separar [isso na USP em São Paulo]. Vinham aquelas pessoas “discretamente” disfarçadas [risos], de gravata, terno escuro. Acho que eles ficavam com medo de que estivessem arquitetando algo. Besteira. Estávamos estudando e tentando melhorar.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Para mim autoritarismo é uma sociedade regida pelo peso da autoridade. É aquele que tem autoridade por mérito ou não, na maioria das vezes, não necessariamente meritória, que está colocado numa determinada função, num determinado lugar para disciplinar em nome dessa autoridade, inquestionável. Essa é a questão: inquestionável! Então, já parte do princípio que a liberdade da crítica está completamente morta, dissipada nos regimes autoritários e nos ambientes do autoritarismo. Não existe a crítica. E sem uma crítica, sem uma reflexão as sociedades não evoluem e eu senti isso de uma forma extremamente pesada e violenta na minha época de juventude durante meu curso quando estudei na Faculdade de Jornalismo. Porque nós vivíamos uma época de ditadura em que é o extremo do regime autoritário. Violento! Porque violenta sua capacidade de pensar, você tem que parar de pensar, você tem que reagir como um autômato, você tem que ser um ente disciplinado, aceitar tudo e sem contar que nas bases de uma ditadura que estimulou a desigualdade num país periférico como o

nosso, cheio de miséria, cheio de injustiça social e o jovem naturalmente, é mais sensível a estas questões, o jovem crítico. Então, eu procuro sempre, não sei se foi exatamente essa experiência muito dolorida de você ser jovem num país ditatorial que me faz ser hoje, às vezes, até alguns alunos dizem que: - *Você é mole demais!* Porque comparando com outros professores, inclusive, eu sinto que procuro lançar mão o mínimo possível de uma postura autoritária minha, como professora. Porque eu posso, como professora, impor uma disciplina porque eu tenho armas; eu posso fazê-los repetir de ano por faltas, eu posso fazê-los repetir de ano se eles não fizerem um número "x" de exercícios que eles devem fazer. Eu tenho esse poder. E eu procuro lançar mão o mínimo possível dessa autoridade, eu procuro conversar, eu procuro estimular a solidariedade entre eles, eu procuro estimular os valores humanísticos, eu procuro que eles façam os exercícios ou se envolvam por motivação própria. Estimulo também a visão crítica deles porque eles vão ser futuros jornalistas e para eles serem críticos, vão ser críticos dentro da sala de aula também, em relação a mim. Eu dou abertura para que eles se coloquem, façam crítica em relação à própria aula, estou sempre perguntando. Não é uma situação muito cômoda essa, mas eu acho que sem esse tipo de postura, nós não vamos ter uma sociedade diferente no futuro, porque começa dentro de casa, começa na escola, não vai começar depois quando a pessoa é adulta e está no mercado. Porque daí o mercado é outra coisa, tem que começar antes, mesmo que você se adapte ao mercado no futuro, porque você tem que sobreviver, você tem que reconhecer e agir de acordo com algumas regras, você sabe o que está deixando para trás quando você se adapta. Você sabe que tem um espírito crítico que naquele momento você não pode dar vazão. Mas você conhece, você sabe de outras posturas, você sabe o que é uma convivência solidária, com cooperação. Então, eu acho que é muito importante você não preparar para o mercado, que hoje é a grande autoridade, hoje tem todo o poder. Hoje o mercado, o dinheiro, esse capitalismo avançado fez com que o mercado fosse o dono da verdade, ele é a autoridade máxima. E em nome de que? E nós temos uma sociedade desigual, injusta, e então eu acho que autoritarismo é isso: é aquele poder que não pode ser discutido e que rege as nossas vidas.

Eneida, Professora Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Autoritarismo pra mim é uma forma que se tem de exercício do poder. Então, um pequeno grupo acaba exercendo o poder, de forma autoritária sem que a gente, a grande massa possa estar intervindo ou possa estar interagindo com esse pequeno grupo que dita regras. E, uma coisa que eu tenho registrado e que foi muito discutido em casa por aquela minha tia que vinha conversar e falava do PT, que é o seguinte: é da época do bipartidarismo e do pluripartidarismo: autoritarismo era uma palavra que a gente escutava muito. Então, se ter vários partidos iria possibilitar um autoritarismo menor, iria possibilitar a participação nesse poder de outras pessoas que seriam nós, "reles mortais". Então, pra mim fica muito essa questão do autoritarismo como um pequeno grupo ditando regras pra grande massa e essa grande massa tendo que obedecer sem poder burlar essas regras, senão teria punição. Eu percebi esse autoritarismo de forma de exercício de poder do professor em relação a nós alunos, com um professor de Matemática que passava as coisas na lousa, depois chamava a gente na lousa para fazer os exercícios e era um grande palco de humilhação para nós alunos. Por que? Se a gente acertava, a gente era muito elogiado, agora se a gente

tinha um amigo que errava na lousa, ele era xingado mesmo, de retardado para baixo. Esse cidadão ainda vive, e por eu ter tido um irmão excepcional, isso me feria de forma absurda, embora ele nunca tivesse me chamado de retardada, mas ao chamar os meus amigos disso ... um dia chegou lá no limite e eu falei: - *Escute! O senhor já teve algum retardado dentro de classe? Ah!, desculpe, dentro da sua casa? Porque se o senhor não teve, não fale isso, porque é muito penoso pra quem não é mas tem alguém lá dentro de casa!* Lá vou eu pra diretoria!

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Autoritarismo, falando de uma forma bem objetiva, pra mim é tolher a liberdade do outro, é impor, é uma imposição sobre o outro. Agora, uma situação de autoritarismo na escola, teve várias: eu me lembro muito do primário, onde a gente era obrigado a ficar em pé, não podia se mexer na fila, tinha toda aquela imposição da postura. Depois teve situações também no colegial. Eu estudava em uma escola em que a diretora era extremamente autoritária e a gente era proibida de conversar com os meninos. O uniforme era todo bordado e você não podia assistir aula se não estivesse com aquele uniforme como era determinado. Então, a saia tinha que ter um determinado comprimento, as meias $\frac{3}{4}$ (três quartos), sapato preto engraxado. Então, pra mim isso era uma imposição e impedia a gente às vezes de não poder participar da aula. E a separação dos meninos e das meninas? E a situação mais marcante, foi de quando eu fui para ser matriculada na primeira série e o diretor foi extremamente autoritário, dizendo que eu não poderia freqüentar aquela escola. Depois de muita insistência da minha mãe, ele autorizou como caráter experimental, quer dizer que se eu não me adaptasse, eu estaria fora da escola normal, eu teria que ir para uma escola de alunos especiais por causa da dificuldade da fala. Então, eu acho que embora ele fosse diretor, deveria ter conhecimento do meu problema e saber encaminhar de uma forma melhor e não dificultar o meu acesso à escola. Acho que ele usou do poder dele para acuar minha mãe e até impor uma certa impossibilidade que eu fosse para a escola. Depois de muita insistência, eu consegui freqüentar uma classe, que era uma classe ainda de deficientes, sendo que eu não tinha deficiência mental, eu tinha uma deficiência da fala. Eu lembro dos alunos, dos meus coleguinhas: eles tinham muita dificuldade motora; existia um aluno que ficava no fundo da classe e que dormia o tempo todo, ele tinha uma cabeça enorme e eu nunca esqueço! Assim, o que eu fazia, como na verdade não tinha problema e tinha já aprendido com o meu irmão mais velho a escrever alguma coisa, porque eu tinha coordenação motora normal, eu ia com a professora, ela ia numa fila e eu em outra, ajudando os colegas a pegarem no lápis, a fazerem os movimentos, os exercícios porque eles não conseguiam nem segurar no lápis. Eu tinha sete anos, estava no primeiro ano da escola e acabava auxiliando a professora.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Olhe, autoritarismo pra mim, o que vem na cabeça logo de cara, é abuso, é abuso da liberdade, porque o homem é livre, não resta dúvida. Mas, quando ele extrapola e pensa que ele não tem nenhum limite, então, ele vira autoritário. Agora, o uso da

liberdade não é um fato simples para o ser humano. Então, entender limites é fundamental para que cada um, sem que haja interferência autoritária de fora, cada um possa fazer uma auto análise e um julgamento de até onde vai a sua possibilidade de uso de liberdade. Então, o estabelecimento praticamente de auto-limite é que é a chave da felicidade de você poder agir livremente sem ser autoritário. Algo complicado. Eu tenho muitos exemplos, de abuso do poder na escola e aí passa a ser um autoritarismo refletido no comportamento do diretor ou do professor. Digamos assim, o professor está sujeito às leis de contrato. Então, no relacionamento do diretor com o professor, quando esse diretor se limita a esse contrato, a essa legislação que delimita o papel do profissional professor e não pensa em outras variáveis que dizem respeito a ensino, então, ele chega a ser autoritário. Esclarecendo melhor, o professor lida com um produto que é um bem cultural, e os alunos consomem e o professor também. Só que nesse consumo de um bem cultural, é semelhante, mas tem alguma especificidade básica de diferença de um consumo de um bem material. Como nós estamos num país capitalista, onde o consumo do bem material é muito generalizado um tanto pelos pais, quanto pelos professores, quanto pelos diretores em relação aos professores. Então, lidam com a questão da educação como se a educação fosse um bem de consumo material. E aí fica fácil de ser autoritário. Eu penso que é por aí, precisaria de um tratado para falar desses assuntos mas, quando o diretor está lidando (voltando na estória do burocrático), com o trabalho do professor apenas desse lado burocrático, é como se fosse o consumo de um bem material onde você compra, paga e acabou; você usa se quer e se não quer não usa, mas a ação termina ali. Só que a educação não é bem assim. Num consumo de bem cultural, é um processo contínuo, que só termina quando a pessoa morre, é um consumo diferente porque o professor enquanto está produzindo conhecimento ele também está consumindo e o aluno enquanto está recebendo também está produzindo. Então, é uma produção de bem, um consumo de bem que não pode ser caracterizado como bem material porque senão fica facilimo você analisar unilateralmente e aí você cobra também só um lado e acaba ficando um comportamento autoritário. Por exemplo, o professor faltou, o diretor diz assim: - *Olha, você faltou, vai ser descontado no pagamento, pode colocar vermelho no livro ponto.* No entanto, esse professor que faltou, tem um motivo forte, que o diretor não perguntou e tem outra, ele trabalhou numa atividade cultural da escola, ele deu aulas a mais e não cobrou. Quando o diretor não computa isso, computa só o outro lado, e não verifica outras variáveis que interferem, ele passa a ser autoritário e o professor não se conforma com isso e acaba ficando uma situação desagradável. Em relação ao aluno, a mesma coisa, quando se leva em conta apenas as regras, por exemplo, o aluno numa escola "X" dando três faltas consecutivas, ele é eliminado. Se você for olhar só desse lado, você acaba sendo um educador autoritário porque, não é que você tenha que jogar fora essa regra, é que ao invés de eliminar, antes é preciso constatar o que foi que houve, dar tempo ao aluno de se justificar e isso dá trabalho, sai da regra e então, com a educação há de ser assim, porque senão perde-se o sentido de modificação, de transformação das pessoas e passa a ser como o consumo de um bem material. Consumiu, pagou, não pagou, sai, pagou, pega de volta. Um tipo de situação diferenciada tem que ser na educação e quando você não diferencia, porque você quer por uma ordem exagerada nas coisas, as leis não servem para ajudar o educador, elas servem para tornar o educador autoritário e aquele que já leva jeito, já tem uma personalidade pra isso, deita e rola e acaba levando o trabalho autoritário para dentro da escola, muitas vezes com aprovação de um grupo, o que é pior ainda.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu acho que autoritarismo é alguém exercer poder em cima de outras pessoas ou em cima de situações. Então, a gente detecta o autoritarismo porque ele se difere bastante da autoridade. A autoridade você relaciona com o cargo, com o status e com a competência e o autoritarismo parece que quer mascarar a falta de algum desses elementos e então quer exercer o seu poder, subjugar as pessoas, tirar vantagens de algumas situações, em qualquer sentido que seja. Então, o autoritário é maléfico porque ele traz por detrás ou entremeado com as suas ações, muita coisa de favorecimento pessoal. Durante o tempo que eu estudei, e continuo estudando ainda, várias vezes a gente teve a oportunidade de perceber, uma ação autoritária. Professores queriam dominar, disciplinar a classe usando de subterfúgios, ameaçando, colocando em situação de medo, professores que diziam: - *Deixa estar! Você vai ver quando chegar a época da prova!* Esse autoritarismo, essa chantagem que eles exerciam fazia muito mal pra gente, principalmente numa idade tenra, pré-adolescente. E depois mais tarde, eu vim conhecer também situações de autoritarismo já na universidade, principalmente, porque naquele tempo, no meu tempo de universidade a gente tinha Estudo dos Problemas Brasileiros e na verdade os conteúdos dessa disciplina eram quase que uma forma de manipulação em cima do universitário e a maior parte das pessoas que davam as aulas desse conteúdo, eram militares. Eu estudei na PUC de Campinas e então era o pessoal do exército que dava aula desses conteúdos. Foi em 68, 69 e 70 os últimos anos da década de 60 e então era muito visível, principalmente para as pessoas mais sensíveis, mais conhecedoras de situações de liberdade que a gente era muito vigiado e que o autoritarismo era exercido em cima do universitário com medo de que ele pudesse fazer uma revolução e mudar o sistema e tirar então privilégios e vantagens. Nessa época eu senti bastante e logo na seqüência também com alguns diretores de escola com os quais eu trabalhei. Existia também uma carga muito grande de autoridade, mas autoridade maléfica, então era autoritarismo mesmo, não era autoridade pois autoridade é outra coisa. E a gente não tinha liberdade de ação e nós não podíamos colocar nas nossas aulas as nossas falas da maneira como nós pensávamos, a gente tinha que responder a tudo de acordo com o que era implícito nos documentos que governava a escola. Então, já vinha de cima o autoritarismo e os diretores assumiam e incorporavam aquilo e exerciam em cima dos professores.

Joyse, Professora Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Autoritarismo ... eu acho que poderia falar muito tempo sobre ele e cada vez que essa palavra vem, ela já cria uma angústia dentro de mim. Eu tive tanto problema com essa questão do autoritarismo ... foram tantos obstáculos em função disso ... que eu perdi totalmente o respeito até pela autoridade. E ... considero que são coisas diferentes, mas ainda hoje, com esse tempo todo que já vivi, cada vez que aparece autoridade, eu estou sempre com o pé atrás. Mas, autoritarismo é invasão do direito do outro mesmo, invasão violenta do direito do outro. Nem sempre ela é feita violenta, ela pode ser mascarada e de qualquer forma ela é ruim, e eu me sinto muito mal quando tentam

avançar no meu pedaço. Eu tive uma vivência em que a forma de autoritarismo era bruta mesmo, então era violenta. Meu pai dizia pra gente assim: - *Faça o que eu mando e não faça o que eu faço*, e eu acho que quando se estabelece o autoritarismo, do autoritário, daquele que tem o poder para aquele que não tem, fica uma relação animalésca, porque o que tem o poder se acha então dono do outro enquanto ser e este que é dominado, às vezes não é dominado totalmente porque... eu nunca me senti inteiramente dominada. Às vezes até eu atendia uma ação pedida ou obrigada, mas eu aqui comigo, eu estava dizendo: - *Não! Não e Não!*, entendeu? Você tinha que sucumbir, porque senão, a violência... e a violência era muito terrível. Tentei algumas vezes, experimentei, não gostei, então não achava que era uma forma muito inteligente de reação. Mas, é esse avanço mesmo no direito do outro e é fazer do outro uma "coisa". Então, fica que por um lado existe um ser, um dono, um poder e do outro uma coisa manipulável, entendeu? É desmerecer demais! Poderia falar muito mais, mas é melhor parar por aí. Agora, a vivência de autoritarismo eu já citei uma em casa, que é o meu pai, que era extremamente autoritário, ele usava essa frase inclusive, ele achava que estava muito certa, mas na escola ainda em 1968 que foi quando eu entrei para o primeiro científico, eu estudava de manhã e obrigatoriamente nós tínhamos que usar uma saia quente, cheia de pregas, naquele calor e essa saia tinha que ser bem comprida, abaixo do joelho e as meias tinham que ser bem compridas também, quase que encontrando com a saia ou encontrando a saia; a blusa era transpassada para que nem uma forma dos seios aparecesse, nem um vislumbre e, esses seios deveriam estar cobertos com sutiã e mais uma combinação que teria que ser branca. Então, subindo as escadas da escola tinha uma funcionária que colocava as duas mãos nas costas para observar se a cor do sutiã e da combinação eram brancas, se não fossem brancas, voltava para casa, não poderia ser rosa. A impressão, a sombra de outra cor, já podia vislumbrar uma roupa íntima e eu nem sei até onde é autoritarismo isso ou é o problema de tabu de sexo mesmo aí. Porque a cor, podia vislumbrar uma roupa íntima por baixo e nem isso podia. Então, o autoritarismo era tanto que, dentro da instituição, ou seja, eles tinham que ser todos assexuados, sem a mínima possibilidade de transparecer com roupa íntima, imagina o resto! Como se não houvesse, as coisas todas aconteciam, o mundo cresceu, mas era tudo muito escondido, muito feio, muito pecaminoso e não sei se este exemplo deixa claro o autoritarismo só e o que me deixa assim ... dos professores, eu tinha aula com um professor muito bom de Matemática, eu consegui aprender muito com ele Eu gostava de Matemática e ele fazia um jogo muito interessante com a Matemática e eu ia fundo no jogo. Mas era um professor que ... ele entrava na sala e dizia assim: - *Eu não quero um piu!* Um dia um colega meu pediu a borracha emprestado. Um menino tímido, extremamente tímido; pediu a borracha emprestado, mas ela caiu no chão e ele pediu para o outro pegar. Foi mandado fora da classe: - *Retire-se ...!* O menino saiu da classe "roxo", humilhado, porque pediu uma borracha, porque deixou cair a borracha. Isso é um absurdo! E o mesmo digníssimo professor, quando eu fiz as provas com ele, pelas minhas notas de prova, a minha média era sete. Então, não saiu as notas do segundo bimestre e no meio do ano, eu tive um problema em casa e passei a estudar á noite. Quando eu peguei o meu boletim, a minha nota veio quatro! Eu não entendi! Então, juntei a minha papelada e fui conversar com ele na escola, com medo, pavor de conversar. Daí, pedi licença: - *Professor, posso falar um pouco com você?* Ele falou: - *Do que se trata?* Eu falei: - *É a respeito da minha nota ...* Ele falou: - *Aluno bom não pede notas!* Virou as costas e não me atendeu. Então, são idéias pré-concebidas, a pessoa se achar num pedestal de tal forma que ela pensa o que o outro pensa; ela não ouve, é bestial!

Miriam – Diretora da Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Pergunto, se você quer a resposta sobre autoritarismo antes ou hoje, porque antes principalmente na época da minha educação, formação escolar, pouquíssimo se falava a respeito de “ regimes”, regime político e tal. Então, autoritarismo, eu não me recordo de ter lido, ou escutado alguém ter pronunciado essa palavra autoritarismo e feito algum comentário a respeito, porque agora , num tempo mais recente, depois da graduação em diante é que a gente começa a se envolver um pouco mais e compreender o autoritarismo no sentido de uma forma de coerção social e política que se estabelece dos governantes sobre os governados. Isso de uma maneira mais recente. E isso falando em regime político. Mas em uma situação de sala de aula, uma situação familiar, uma situação social, enfim, no dia a dia esse autoritarismo também pode aparecer de uma maneira em que uma pessoa procura fazer valer a sua vontade em detrimento da vontade ou da necessidade das outras pessoas. Exemplo: trânsito, o indivíduo é autoritário quando tem um sinal fechado e ele fica buzinando atrás de você querendo que você passe com o sinal fechado. Ele está exercendo uma autoridade sobre o que ele quer em função do que os outros querem fazer, ou precisam fazer ou julgam necessário fazer naquele momento. Uniforme, aí eu penso que seja uma questão de autoritarismo, no momento em que nós éramos obrigados a usar meias pretas durante a semana, fita azul marinho, durante a semana; meias brancas no sábado e fita branca no sábado. Enfim, quem foi para a escola no sábado e esqueceu-se da fita ou das meias, não podia entrar na escola. Quer dizer, o absurdo de chegar até o portão e voltar para trás. A escola recusando a criança, o aluno, enfim, porque não estava seguindo as normas. Aí é uma visão autoritária, podia-se perfeitamente entrar, penso eu, não participar da solenidade que tinha, mas estar lá na escola, exercer o direito de estar na escola pelo menos. Eu vejo o autoritarismo nesse sentido. E um outro momento também em que um dos garotos numa brincadeira de “cordas” das meninas durante o intervalo no puxar a corda bateu com a mão no meu rosto. Além de ficar suspenso, em todas as aulas, a professora falava pra ele que em mulher não se batia nem com uma flor e a gente percebe, que no momento ali, no calor da brincadeira quando ele puxou a corda, o braço bateu no meu rosto e tal. Foi uma situação que eu vi assim de autoritarismo. Eu me sentia mal porque o colega ficou suspenso e era constantemente cobrado da atitude de agressão, violência de uma forma autoritária.

ANEXO 3

Raquel, profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

Olha, eu estava pensando outro dia, porque é difícil definir liberdade. O que estou pensando agora do que é liberdade... eu acho que é o seguinte: liberdade é quando você tem, você pode agir da maneira que você pensa. Então, pra mim isso é liberdade, isso é a liberdade que se pode conquistar, que você deve buscar!

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Bom, eu vou responder com as palavras que a minha mãe me ensinou. Ela dizia assim: que liberdade não é fazer o que quer, é querer o que faz. Então, se você quer o que você faz, você se responsabiliza pela sua liberdade. Ela dizia assim (ela devia ter lido em algum lugar) que quando a gente nasce, Deus dá dois presentes pra gente: a inteligência e a liberdade. Com a inteligência, você sabe o que é certo e o que é errado e com a liberdade você faz a sua escolha. Se você escolhe o certo, tudo bem, se você escolhe o errado, você tem que assumir. Então seria mais ou menos por aí, essa lição que ela me deu e que eu tentei encarar como sentido de liberdade.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Essa pergunta é danada! Porque essa coisa de liberdade é muito delicada. Porque hoje se diz que nós vivemos numa liberdade, numa democracia e no entanto, que liberdade tem aquele que não tem um emprego e que não tem um dinheiro pra pagar a comida no fim do mês? Não tem liberdade! Que liberdade tem aquele que não é ouvido por ninguém, que vai ao médico, um sistema de saúde falido, o médico não olha pra você. Que liberdade tem? Você não tem liberdade. Então, a liberdade começa a partir do momento que as pessoas todas tem acesso ao mínimo pra sobreviver: saúde, educação. Essa é a liberdade. De ser, de ser como ser humano! Não pode ser assim uma palavra que todo mundo fala: liberdade! liberdade! Como se fosse uma conotação só pra todo mundo. Não! Eu sou livre? Não, eu não me sinto livre porque enquanto tiver uma criança me pedindo esmola, dormindo na calçada, eu no meu carro com ar condicionado e eu vejo aquela coitadinha se drogando, ou na madrugada dormindo com o papelão em cima, criança de seis anos! Eu sou livre? Eu sou livre pra falar sobre isso, pra fazer um mestrado, mas e essa criança é livre? Existe liberdade? A gente pode dizer que existe? Existe, é a tal democracia capitalista, é o homem econômico. Se você tem, você pode e se você não tem, você não pode. Liberdade é poder ser! E ser nesse sentido de minimamente poder ser, fazer escolhas: eu quero estudar, eu vou estudar. Que escola? Que curso eu quero fazer? Eu estou doente e eu preciso de médico. Quero ir ao médico e eu vou ao médico, eu tenho um bom médico que me atenda. Amanhã, sei lá! Eu quero ir ao cinema. Quero morar. Quero ter uma casa. Eu quero comer! Ai! Nós ainda estamos aí! Comer e ter uma toca. Bicho precisa de uma toca pra se proteger das tempestades, do frio (do inverno), do verão pra ter

sombra; uma toca, moradia, alimentação, bom enfim, nós ainda estamos discutindo isso, então, desde o início dos tempos!

Eneida, Professora Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Liberdade é a possibilidade que a gente tem de se expressar das formas mais simples possíveis e que a gente possa estar fazendo isso sem estar afetando o outro. Eu acho que essa visão de liberdade socializada, eu não sei se a gente um dia vai poder, se não é uma situação utópica, porque sempre você vai ter uma sociedade: os dominadores e os dominados, que detém a hegemonia e quem não detém e essa liberdade fica restrita aquela tua condição de vida. Então, você é livre como dominador ou você é livre como dominado. E isso já quebra um pouco essa questão da liberdade. Na sociedade que a gente vive: machista, dura, eu acho que sempre a gente tem que estar provando competência: apesar de ser mulher, provando competência: apesar de ser nova, tem que estar provando competência: apesar de ser, sei lá, gorda, feia, bonita, loura, burra, sei lá! Então, sempre você tem que estar provando competência e isso te tolhe a liberdade, no caso da mulher! Eu percebo que eu sou livre para pensar e dessa liberdade poucas pessoas compartilham comigo. Então, é uma liberdade que acontece dentro de mim, comigo e que se repercute pouco, mas que dentro do meu limite de pensamento eu sou extremamente livre. Quando eu me coloco dentro de uma sociedade, essa liberdade já toma limites muito claros.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Liberdade pra mim é poder ser de um jeito seu. Liberdade é respeito, é compreensão, é amor, é saber onde se começa e onde se termina. É o limite. Liberdade enfim, é poder ser, simplesmente poder ser ... Eu acho que enquanto mulher, quanto a profissão que eu tenho, a gente acaba sendo muito tolhida e acho que a mulher, ela acaba sabendo dar mais liberdade para o outro que para ela mesma.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Liberdade é poder falar, é poder escrever, é poder viver de acordo com aquilo que você pensa, de acordo com seus valores. E é muito triste quando você não pode fazer isso e eu vivi a fase tanto que podia, quanto que não podia e quanto que você volta a poder fazer isso, né! Assim ... em todas as nuances. Você volta com um pouco de receio, você volta com reservas, você volta parcialmente e agora você volta totalmente ao ponto de eu poder lhe dar essa entrevista que nunca eu imaginei em 1970 que eu podia um dia falar sobre essas coisas e que dirá escrever então! Hoje a gente pode tanto falar, quanto a gente pode escrever e é uma sensação maravilhosa! Uma sensação deliciosa, poder ver que as pessoas falam, não só eu, mas todas as pessoas podem ter liberdade. Eu acho que neste país a gente pode ter liberdade, embora essa liberdade não seja total nunca porque você tem as limitações do cotidiano, você tem as limitações, mas não do ponto de vista do que você pensa nem do que você escreve. Mas a liberdade que eu penso é de escrever e pensar. E essa eu sinto que eu posso.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Deixa eu falar metaforicamente: uma calça desbotada, esburacada ou pilotar uma moto ... mas liberdade é muito mais do que isso! Liberdade, eu acho que é a possibilidade das alternativas. Você só é livre quando você pode escolher, pode fazer opção. E você só pode fazer opção se você enxerga as alternativas, então, eu acho que a liberdade é a possibilidade das alternativas.

Joyse, Professora Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Liberdade para mim não é uma coisa única, não. Ela, ao longo do tempo, foi tomando vários significados. Houve uma época que para mim, liberdade era fazer tudo o que eu quisesse. Então, liberdade para mim era ter dinheiro bastante, que eu associava que quem tinha dinheiro, como eu não tinha, achava que quem tinha é que tinha liberdade. Essa era a liberdade! Depois, teve um período que eu achei que a liberdade de um termina... Sabe? Mas, acho que isso já foi alguma coisa meio que de livro, assim que eu analisei, que eu não internalisei, discurso, discurso ... a liberdade de um termina quando começa a liberdade do outro e tal e eu fiquei meio preocupada com estas questões de estar vendo assim, até onde eu não estava interferindo na liberdade do outro. Eu entendo tudo disso aí porque na verdade ninguém interfere na liberdade de ninguém, não acredito nisso. Eu acho que a liberdade hoje em dia é você conseguir ser você, se buscar, as coisas que você quer, que você acredite, independentemente do que o outro venha a pensar. Então, você conseguir uma coerência, que não é uma coerência eterna, é uma coerência provisória. Não tem essa coisa eterna. É essa busca em si mesmo, de valorização do que você gosta. Eu não vejo outra maneira de ter liberdade e até de poder interferir no outro, a menos que você tenha conseguido se encontrar. Hoje eu entendo isso. Tem um ponto que eu posso ser mal interpretada que é quando eu digo que não acredito no discurso de que a liberdade de um termina...; as pessoas interpretam que quando digo isso que então se eu quiser sair por aí matando, eu posso. Eu acho estranho quando se fala isso porque pra chegar num ponto que eu chego de entender a liberdade com um grau de autonomia, um grau de coerência ... esta parte inconseqüente, você já perdeu! Então, você não vai sair assim ... Porque não tem sentido. Essas coisas estão numa fase que você nem questiona o que é liberdade.

Miriam, Diretora da Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Eu acho que esse conceito é um dos mais difíceis da gente estabelecer, principalmente nós, eu, formada numa escola tradicional, vindo de uma família estruturada em padrões rígidos de moral, de princípios cristãos, de disciplina, própria até mesmo da função do meu pai, da minha mãe, filha mais velha que ajudou a criar todos os irmãos. Enfim, aquela coisa de moral e de disciplina muito presentes. A forma como isso era inculcado na gente, era cortando toda a liberdade. Então, hoje eu penso assim: o direito de ir e vir que a gente encontra assim como um dos conceitos de liberdade, ele é ainda muito subjetivo. De que me adianta o direito de ir e vir se lá dentro ir ou vir pode estar trancado por algum padrão de moral, por algum padrão de princípio religioso. Então, liberdade para mim é muito subjetivo e muito difícil para estabelecer um conceito do que seja, porque eu creio que eu pela própria formação

e ainda hoje conhecendo as coisas, a gente vai se arriscando um pouco mais, a superar, a ultrapassar tudo aquilo que ficou como conceito de moral, de ética, de disciplina, de religião. Então, a gente arrisca a ultrapassar um pouco esses limites, ou seja, experimentando um pouco mais o que seria o direito de ir e vir como conceito de liberdade. Eu acho que conceito de liberdade agora que eu estou conseguindo experimentar um pouco mais desse conceito.

ANEXO 4

Raquel, profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

Não ouvia falar muito sobre comunismo, na minha casa, por exemplo. Já falei pra você que a história do Brasil, nessa época sempre era passada por cima na escola, então chegava-se até um certo ponto, a gente via nomes e datas e acabou. Eu sabia do que tinha acontecido, do golpe, que a gente estava numa ditadura e tal, não sei por onde, da minha mãe falar, comentar. Mas a visão dos meus pais, por exemplo, era que os comunistas queriam tomar conta do país e então o governo teve que tomar uma providência e então, essa era a informação que era passada. Então tinha aquela visão de que o comunista comia criancinha, que ia ficar pior do que a situação que o país estava, que foi bom o golpe e, então essa era a informação lá na minha casa, mas muito pouco, não se conversava muito sobre isso. Daí quando eu fui crescendo, eu fui tomando mais informações sobre a ditadura, sobre o que realmente aconteceu. Então, eu associava sempre o comunismo com Cuba, com o socialismo da União Soviética e fui tendo então uma outra visão do socialismo e do comunismo de igualdade de direitos, que foi na fase que eu estava no colegial. Minha mãe falava que os comunistas queriam tomar conta do Brasil e que todo mundo ia perder tudo, então ela achava que o governo tinha feito certo, minha mãe e meu pai, eles procuravam passar isso aí meio batido. Então, junto com o palavra comunismo vinha a palavra subversivo. Sempre associada uma a outra. Eram as pessoas que se reuniam escondidas, os comunistas, que era uma coisa perigosa, que se você ficasse perto poderia ser preso e subversivo vinha sempre aliado a essa situação, de se esconder, de fazer coisas fora da lei, então coisas erradas. Por exemplo, quando eu fui estudar em Campinas, em 82, a minha mãe falava: - *Cuidado, vai pela maioria!* Daí eu comecei a me questionar, e então eu vi o que aconteceu mesmo. De 79 para cá que eu fui acordando, que eu fui olhando para trás, e dizia: - *Mas como isso?* Participei das Diretas Já! E daí comecei a formar a minha noção de comunismo, de subversivo e da situação.

Francisca – Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Entre aspas, subversivo era comunista. Então, você dizer que você era contra a situação que estava dominando, era ser comunista. Ah! Comunista comia criancinha. Não para nós, lógico, a gente tinha um pouco de conhecimento, mas assim para as pessoas mais simples, nossa! O Comunismo era mostrado como uma situação caótica ... porque não havia o conhecimento, talvez pela grande maioria do sentido do socialismo. Então, o fato de uma pessoa participar de um movimento desse, era um comunista! E como comunista era mal visto, era ... como vou dizer ... penalizado. Nos centros acadêmicos, a turma toda era subversiva, e porque? Porque era contra a situação que estava até aquela época. Então, era comunista. Entre os próprios estudantes a idéia era essa. E a gente tinha Filosofia e outras matérias, mas os professores não “entravam” muito nisso, quer dizer, seria o momento de explicar a doutrina socialista, capitalista, as diferenças, os exageros de cada uma delas, enfim, esclarecer, mas é como eu falo para você, dá a impressão que por parte de todos havia

um certo receio. O medo dos professores, talvez, de perder o emprego porque como eram da USP, era um emprego público e dos alunos de se verem envolvidos porque falavam de prisão, de tortura.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Eu achava como muitos da minha geração, que estava nas nossas mãos, que nós tínhamos o poder de mudar isso, porque nós éramos os jovens, nós éramos o futuro, que nós poderíamos mudar. Então, você sente uma responsabilidade enorme, em vista dos teus ideais e do ideal de humanidade que você tem e não acreditando mesmo naquele sistema proposto, que na verdade veio a se mostrar terrível, violento, quer dizer, eu acho que toda a história prova que nem todos eram comunistas, que o comunismo não é aquele que come bracinho de criança. Que sistema que propicia morte por fome de populações inteiras, e a mendicância e tudo? Quer dizer, a história, enfim, vem esclarecer que apesar disso estamos aí, do mesmo jeito, acho que até pior. Para mim, esse termo é um engano. Ninguém era subversivo. Porque nós acreditávamos que a ordem estava com a justiça social. Subversivos pra nós naquela época, como é pra mim, é aquele que não acredita nisso, que não acredita nos valores humanísticos. Esses sim subvertem uma ordem da natureza e humana, era o que eu acreditava. Porque subversivo é subverter uma ordem. Então, a ordem era essa, o sistema é esse e as relações tem que ser essas. Se você subverte isso, então você é subversivo, está subvertendo uma ordem. Nesse sentido, sim. Mas acontece que quem disse que aquela é a ordem verdadeira?

Eneida, Professora Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

A idéia que eu tinha sobre comunista não era clara. A única coisa era que era algo ligado ao mal. Então, comunismo ou comunista era alguém, era uma pessoa, não era um sistema, não era uma organização, que não aceitava as regras e a gente aprendia que as regras deveriam ser aceitas. Então, era uma pessoa que estava à parte daquilo que se tinha como ordem. E, uma coisa que pra mim ficou muito marcado, não sei se em 79, eu ia fazer dez anos e eu assisti assim na televisão uma multidão com faixas dizendo o seguinte: “A anistia plena, geral e irrestrita” e isso foi tão marcante pra mim que eu consigo lembrar com muita nitidez dessa imagem e dessa frase. E essa frase era repetida várias vezes por aquelas pessoas, que no outro dia a gente acabou adotando aquilo como um jargão e gritava e brincava com isso, chacoalhava a bandeira, mas não sabia o que era a anistia, não sabia porque geral e não tinha nem idéia do que significava irrestrita. Depois, agora mais recentemente, através do estudo é que eu fui saber o que era. Então, as pessoas exiladas deveriam estar voltando e tal e o que isto estava significando, mas na época simplesmente foi uma coisa que a gente assistia. Porque eu estou falando isso, quando falo de comunismo? Muito provavelmente porque a notícia que eu tinha era assim: as pessoas comunistas que não aceitavam as regras tinham que sair do jogo e sair do jogo significava sair daqui [do Brasil]. E, elas saírem daqui e pra gente que ficava era uma coisa boa. Eu tinha uma tia de Campinas,

ela era professora universitária, então, ela vinha em casa e reunião do PT pra cá e pra lá e eu achava aquilo tudo muito lindo e a minha mãe falava: - *Mas eles são comunistas! O que é isso?* Então, eu me lembro dessa questão do comunista, como alguém diferente e do “mal”. Não sabia o que era subversivo e raramente comunismo era colocado pra mim e quando colocado era simplesmente como: - *Isso não é do bem; isso é uma coisa feia; uma coisa do mal.* Era assim que a minha mãe colocava. A palavra comunista me traz muita lembrança, mas a palavra subversivo eu não tenho registrado nenhum significado para ela.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Bom, eu nasci em 63, mas eu lembro de quando criança ouvir algumas coisas que a minha mãe falava, que não podia falar: comunista! Comunista era uma coisa ruim tomava tudo que a pessoa tinha na casa, que você tinha que dividir tudo com todo mundo. A diretora da minha escola usava muito esse termo: subversivo! Eu lembro de um colega que ela dizia que ele era subversivo, que ele era perigoso para os outros! Então, ele foi expulso várias vezes da escola, nem sei se ele se formou. Mas ela usava esse termo de subversivo, só que ela usava assim: a impressão que eu tenho é que ela era à favor da ditadura porque ela era bem “general” com a gente. Ela era à favor da ordem, a escola realmente se projetou mas acho que devido os bons professores que tinha na época, mas não pelo regime que ela impunha na escola. O meu irmão mais velho, às vezes, comentava – *Ah! Fulano é “subversivo”!* e a gente não entendia muito bem.

Maria José – Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Bem, a história é mais ou menos assim: na época todo mundo, não só o pessoal ligado à escola, mas o povo em geral, inclusive a minha família, achava que qualquer coisa que fosse contra o governo era subversivo. Eu não achava isso. Eu tinha um sonho como muitos jovens da época de mudar e transformar a sociedade; isso não era ser subversivo, isso era uma forma de ser jovem na época, de ser cidadão, de não estar alienado as mudanças que a sociedade necessitava. Então o jovem naquela época e eu também, comungávamos a idéia dos jovens todos de transformar aquilo que não ia bem, de manter o governo que convinha para o bem de todos e rejeitar as idéias americanas, as idéias de interferência, principalmente na minha época eram muito rejeitadas as idéias de interferência internacional no Brasil. E a idéia que nós tínhamos é que o Brasil vivia já na época uma situação muito difícil, que com a intervenção de fora ou sem, com mudanças no governo ou sem mudanças, nós teríamos uma situação muito difícil pela frente, com muita dificuldade. Então, que pelo menos o povo vivesse melhor; esse que era o pensamento que na minha opinião era o pensamento da maior parte dos jovens com os quais eu convivia; pensamento da JUC também e da AP que era a Ação Popular e eu era mais ligada à AP. Agora, o que eu ouvia na minha casa era que tomasse muito cuidado, que tudo isso era muito perigoso, que tudo isso era subversivo. Na época, eu morava aqui em Sorocaba, com uma colega de classe, com a

família dela, família de espanhóis e eles diziam: - *“Isso é muito perigoso, é muito perigoso!”*, então a gente vivia numa situação muito tensa por influência dos outros. Mas, a gente se arriscava a ir em congressos, a ler livros que na época eram considerados subversivos. Agora, pra nós, o que era ser comunista? Nós tínhamos

convicção de que nós não éramos comunistas; nós éramos partidários de idéias socialistas. E comunistas pra nós era quem era filiado á partido, tinha compromisso com o partido e que também comungava das mesmas idéias nossas, mas que tinha um certo modo mais rigoroso de lidar com as coisas, inclusive, muitos comunistas pra nós, beirava o terrorismo. Eram pessoas que pelo partido faziam tudo. E nós não tínhamos essa convicção de que esse era o melhor caminho, então não nos considerávamos comunistas e nem nos considerávamos subversivos. Nós nos considerávamos jovens integrados na sociedade, na época o sonho de mudar para melhor a vida do povo. Por isso alfabetizar, por isso se integrar em programas tipo projetos que levassem a cultura, o teatro, a música até o povo, com a idéia de transformação da sociedade, sempre embutida nas músicas, na poesia e tudo o mais. Para as pessoas desinformadas, tudo era comunismo, mesmo as nossas idéias eram consideradas comunistas. Idéias de AP, idéias de JUC, idéias de transformação de sociedade eram consideradas comunistas pela maioria das pessoas e a gente desmistificava pra quem podia e pra quem não interessava a gente deixava passar essa idéia. Então a gente era taxado de comunista também e sabíamos disso, mas tínhamos noção de que não éramos.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

De 64 à 84, esse período bastante importante da nossa formação, eu já tinha um conhecimento muito bom sobre a questão do comunismo. Em primeiro lugar, por ser leitora assídua. Eu tinha lido a trilogia do Jorge Amado, onde ele falava o problema das lutas de classe, o Partido Comunista no Brasil, toda a polêmica que envolvia isso, a perseguição. Então, nos livros dele e eu me lembro agora de dois deles, *“Uma Luz no Fim do Túnel”* e *“Os Astros Tempos”*, ele trata de toda a história desde a implantação do Partido Comunista no Brasil. Então, ele cita a fábrica dos Matarazzo em São Paulo aonde tinha células de comunistas; os comunistas e os seus trabalhos, as suas lutas, as suas reuniões, os seus sacrifícios, como que a polícia os tratava, como que arrancavam as confissões deles. Porque que era difícil, um Partido se expandir, ganhar terreno, porque a repressão era muito forte. Então, eu já tinha todo um conhecimento anterior e sabia que comunismo não era nenhum bicho de sete cabeças, era apenas uma tentativa de tornar comum a todas as pessoas o que era o bem para todos, o bem comum. O Comunismo deveria ser o bem comum. Só que politicamente falando a gente sabe que não era tratado assim. Então, eu tinha essa visão e hoje, entendo muito mais que ele não teve chance de se expandir mais e se proliferar porque nós estamos vivendo uma globalização que derruba com todas as barreiras para a globalização. Então, tudo que era pensado, os antigos países, a cortina de ferro, o tipo de educação que existia nesse lugar, e eu na área de Educação Física tinha muita informação sobre os atletas, os treinamentos, os esportes que eram praticados lá, como que era feito, porque eles eram tão bem sucedidos nas Olimpíadas. Então, tudo isso eu tinha tido informações, tinha conhecimento. Sabia que, do jeito que estava não poderia continuar porque era meio desumano, mas também sabia que o comunismo não era o comedor de criança como muitos fizeram acreditar durante muito tempo no Brasil.

Subversiva ... eu até fui taxada “de”, quando querendo colocar pra fora minha indignação, eu já tinha mencionado isso pra você mesma, numa fala que eu tive quando se comemorou o aniversário da Revolução de 64, em 1967 num colégio que eu dava aula, pelo fato de eu ter colocado que a nossa liberdade e a nossa democracia eram entre parênteses apenas latentes, elas não existiam de fato e nem de direito, eu fui taxada de subversiva e fui até punida por causa disso. Mas, eu vejo assim, o que as pessoas entendem por subversão. Como as pessoas pensam. Então, pra elas, subversão, subvertido, subverter é uma coisa errada, muito feia e na acepção da palavra não é. É você fazer de uma forma diferente, é você refazer, reconstruir alguma coisa. Mas, foi uma palavra que ficou, inclusive, com um cunho pejorativo. Então, subversivo era aquele que era contra a ordem nacional, contra o direito das pessoas, contra o progresso do país. Então, ficou atrelado à política que o subversivo é aquele cara que nas passeatas e nos encontros vai lá falar besteira, bobagem e levar informações deturpadas para as pessoas, quando na verdade, muitos dos subversivos foram assim taxados porque queriam mostrar a verdade. Hoje, graças a Deus, a imprensa, a mídia, enfim, elas tem esse compromisso de levar a verdade a todos os cantos. Não tem mais a Globo esconde, a SBT mostra, a Cultura fala diferente. Hoje, todos os canais de televisão, todos os jornais estão a serviço da verdade de mostrar os fatos. E cada um de nós que vai interpretar. Então, a subversão era justamente um medo que as forças governamentais da época da ditadura tinham e criaram essa representação tão forte, eles induziram o povo a pensar que o subversivo era o inimigo, era um malfeitor. Comunista também, então o comunista era o maior subversivo que tinha na época.

Joyse, Professora de Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Bom, da época ... O termo, a palavra comunista, a idéia de comunismo estava disseminada tal qual uma doença. Então, as pessoas tinham horror de falar, de utilizar até o termo. Mesmo dentro de minha família, tipo assim: - *Porque são uns comunistas!* Então, era associado assim ao mal e não sei se eu já sentia isso já naquela época ou é um pouco de agora, talvez pelo fato da minha mãe ser bastante religiosa, tinha uma coisa assim: não era comer as criancinhas mas era a questão da religião porque o comunista não permitiria jamais a religião, a católica. Então, passava junto essa idéia. Mas, eu mesma não tinha idéia clara do que era o comunismo e também você não tinha acesso a esse tipo de informação, entendeu? As pessoas não gostavam de falar e eu não tinha uma idéia formada do que fosse. Mas, eu percebia que as pessoas tinham assim um pavor da palavra e até eu lembro um caso interessante que perto de onde eu morava tinha um senhor, que depois a filha dele até estudou comigo e minha irmã e tal, e ele participava de greves, se colocava, ele era atuante dentro da Estrada de Ferro Sorocabana. E eu lembro que uma vez nós estávamos na feira na rua de casa e ele passou e a minha mãe falou pra mim: - *Olha, aquele homem é comunista!* e a minha mãe ficou horrorizada. Eu não entendia bem “comunista”. Ah! A subversão, não sei se pela fase de adolescência que tem um sabor maravilhoso a subversão. Olha, eu particularmente gosto um pouco até hoje. E agora vou falar um pouco do comunismo hoje. Hoje que a gente já leu Marx, já entende, eu entendo e gosto, mas que entendo também como teoria porque a aplicação prática, envolve o homem e toda a complexidade que o homem tem dentro das instituições que ele vive, então, as coisas são deturpadas. Eu não acredito e acho que não sou só eu que o comunismo tal qual foi

a idéia marxista que se estabeleceu um dia. O comunismo assim muito mais ligado a palavra de comunidade, não sei, me vem assim, comunismo hoje, comunidade, comunicação, sabe? o diálogo, a dialética, possibilidade de reflexão até liberdade, enquanto uma teoria. Mas, a análise da história da aplicação disso é totalmente diferente. Fica uma coisa assim ingênua, meio pueril enquanto teórico e uma coisa pesada enquanto prática. Na China, por exemplo, se a gente observa algumas coisas que acontecem ali, não sei, eu me pergunto, será que eu queria isso mesmo pra mim? Eu não tenho claro. Mas, a subversão eu acho assim, ela mais atuante porque ela não tem um rótulo, não tem um “subversista”, entendeu o “ista”? Ela não tem isso. A subversão dissemina e ela é a reação de inconformidade mesmo com o estabelecido, com o imposto. Então, ela chega a ser violenta, ela pode ser violenta, mas eu não sei, ela tem algo de mais bonito, de mais prático. Por exemplo, quando eu falo em comunismo, no sentido marxista, eu estou falando num macro, quando eu falo em subversão, eu entendo assim no micro, são nas pequenas localidades: na sua casa, na minha casa, na casa do outro. É o adolescente que começa a questionar a ordem estabelecida e aí então ela vem e eu acho uma beleza nela! Sabe, eu não consigo achar uma coisa tão terrível. Eu acho um sinal, quando ela aparece, é uma sinalização, é hora da gente rever como está agindo, o que está acontecendo porque não existe isso de agradar a todos mas existe de desagradar a muitos e aí então acho que é o momento de reflexão. No período militar, essa subversão tinha uma coisa assim meio apaixonante no estudante, sei lá, até poética. Era patriótica, foi ao mesmo tempo ingênuo, mas ela tinha uma marca de real porque a subversão acontecia apesar de ... o protesto era feito e as marcas foram deixadas. A participação em alguns momentos desses acabavam trazendo uma identidade para um grupo e então o jovem se sentia mais forte para fazer alguma coisa e muitas na ilusão, quer dizer, era caçado e tudo, mas o grupo se sentia mais forte. Então, eu acho interessante essa coisa de subversão. Eu acho bonito, tem uma beleza nisso e naquele tempo a subversão aqui, nessa cidade aqui [Sorocaba], ficava mais no sentido de um corte de cabelo, uma roupa diferente ou não cortar o cabelo. Era uma forma de mostrar, a roupa mostrava alguma coisa. Seria uma imitação do que o real subversivo fazia, assim uma figura de Che Guevara e aí, de repente, ele fazia coisas, talvez uma vontade imensa do jovem de fazer coisas. O jovem é muito preso, até hoje. Só que hoje, até pra subversão, eles usam, sei lá, eles não tem mais ideal e aí precisa da droga para dar suporte e poder fazer. Do primeiro Woodstock eu não lembro direito, mas os jovens não eram encarados como subversivos, mas como vagabundos, “*va ga bun da gem*”. O que foi passado pela mídia foi o medo do sistema de que: - *Olha, o jovem agora, não quer saber de nada. Quem vai produzir? Cadê meu operário?* Então, se todo mundo pensa assim, quem vai produzir, *eu vou ganhar em cima de quem?* E que para o sistema capitalista isso seria uma bordoadá muito grande. Então, a mídia começa a trabalhar nesse sentido. Em casa o termo era esse: *Uns vagabundos, uns ...* Eu entendo que no primeiro Woodstock existia uma reflexão filosófica, existia possibilidades de reflexão filosófica pelo jovem. Mas, aquele “Paz e Amor” era baseado na droga e houve também depredação no local; o povo ficou ali, nas condições que eles ficaram e quando eles saíram dali, muita coisa ficou confusa. Mexeram no ambiente, não era uma coisa assim ... quer dizer, existia aquela coisa de curtir a natureza, mas não existia a preocupação de preservar a natureza. Também era uma coisa de curtição, de usar o que está pronto: - *Me dá licença, Universo!* e vou usando! Entendeu?

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Lembro-me que a música do Geraldo Vandré não se podia cantar, não se podia pronunciar e isso caiu nas minhas mãos assim muito por acaso, numa conversa entre colegas e uma das colegas falou que ele era comunista e que a música era bonita e cantarolava-se muito discretamente a música, mas qualquer pessoa que ouvisse já falava que era comunista. E, eu demorei muito para entender e falava: - *Mas nossa! uma poesia tão bonita! Como pode ser comunista?* Daí, um dia, conversando com o meu pai, ele falou que não era só a letra da poesia; que a letra da poesia retratava outras coisas além do que eu enxergava como poema. E meu pai tinha essa informação e embora uma pessoa muito simples culturalmente falando, porque num determinado verso fala dos soldados. E meu pai deveria ter recebido essa informação dos superiores dele e ele me passou porque eu questioneei, eu perguntei: - *Porque era tido como comunista, se era um poema tão bonito?* Agora, quando se falava que uma determinada pessoa era comunista, Ah! Então, a gente passava e olhava até de lado! Inclusive perto da minha casa, tem um senhor que ficou preso durante muitos anos por ter sido taxado ou classificado como comunista; a esposa dele teve que aprender a se virar sozinha, eu digo pra sustentar o filho, e a casa porque ele ficou preso. Ele era funcionário de uma estatal, não sei qual, se era banco ou o que era e ele acabou sendo preso e ela ficou sem suporte financeiro e até a própria família a relegou e ela teve que se organizar e ela abriu negócio próprio de cabelos e unhas para poder se sustentar e sustentar o filho. Nossa! esse homem ficou preso durante muitos e muitos anos, creio que ele foi solto com o fim do regime militar. Quer dizer, desde que eu era pequena, a gente passava na casa e via sempre a casa fechada, tinha pouquíssimas pessoas que ela atendia porque as pessoas também fugiam, e eu também, era caminho da minha casa e eu passava meio de lado porque ele era comunista. Agora, a palavra em si, comunismo, nunca me foi explicada. Em primeiro lugar, a gente nem sabia o que era ditadura, não tinha nem conhecimento dessa questão política. Meu pai sendo militar as coisas ainda eram mais abafadas porque qualquer problema que se falasse ... eu lembro bem da palavra “subversivo”. Então, as pessoas não podiam falar determinadas coisas, senão eram taxadas de subversivos. Só que pra mim, subversivo, quando se começa a compreender um pouco mais da vivência, do nosso círculo de pessoas, eu lembro que subversivo era um termo assim que assustava e que as pessoas já mudavam de assunto. De acordo com a minha família, com o meu pai, subversivo era aquele que estaria contrariando a lei. Qualquer um que estivesse contrariando a lei era subversivo. Então, para mim era assim, no “geralção”, se falasse que alguém era subversivo é porque em algum momento ou de alguma forma ele deixou de cumprir a lei ou fez exatamente o contrário que a lei mandava. Então, para mim era isso. O subversivo era uma fala que meu pai usava muito também e ficava bastante patente, e eu muito curiosa sempre muito observadora e xereta na conversa dos adultos, eu ficava imaginando *O que é subversivo?* e é até engraçado, na época tinha a música dos Beatles, Submarino Amarelo e então tinha aquela discussão: emergir, submergir e pra mim também o subversivo, alguma coisa relacionada com submarino, daí pensava em exército, então, pra mim a relação era essa, não tinha o sentido da palavra, como eu disse em relação ao comunismo, nunca ninguém me explicou a palavra, mas eu sabia que era alguma coisa fora da lei, que estava à margem da lei.

ANEXO 5

Raquel – Profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

Eu estudava num colégio de freiras. Eu entrei em 1969 ou 1970 e eu lembro que todo dia a professora colocava “EU TE AMO MEU BRASIL” na lousa e fazia um desenho e tal. Um dia eu lembro que ela chegou e disse: - “*O nosso Presidente, o Presidente do Brasil mudou*”. E mostrou o nome do novo presidente. Então, assim, de um dia para o outro a gente ficou sabendo que o presidente não era mais o anterior e era o novo. Isso ficou marcante porque eu olhei na lousa, já estava pronto, porque era uma lousa que virava. Nessa época eu fazia cartilha, primeiro ano e eu lembro que a gente cantava “Eu te amo meu Brasil”. Tinha muita aula de Educação Moral e Cívica. Depois eu fui para a escola estadual na terceira série e a minha memória aí ficou apagada, eu só lembro disso, do presidente mudar e de perguntar para minha mãe o que aconteceu na época, porque a gente estudava na escola o golpe de 64. A minha mãe é professora de História e Geografia e como na escola não falavam direito, ela falava: - *Olha, o presidente, ele estava do lado dos comunistas. Então a força militar depôs o presidente porque esse presidente estava a favor dos comunistas e isso daí não era uma coisa boa*”. Então, é assim, isso daí também foi anunciado para ela. Já na sexta e sétima série, eu lembro da aula de Educação Moral e Cívica que a gente só estudava os símbolos nacionais. A gente só estudava isso o ano inteiro e ficava aquela enrolação e os hinos que a gente nunca canta, tipo hino da Bandeira, etc. Uma coisa que ficou também na minha adolescência: eu ficava horrorizada porque a gente não podia, era crime utilizar a bandeira do Brasil em qualquer outro local que não fosse a bandeira hasteada. Ah! E tinha toda semana aquele ritual, aquele negócio rígido que não se podia nem falar, aquela obediência, autoritarismo, disciplina para hastear a bandeira. Era proibido você usar a bandeira nacional na roupa como um enfeite, até na capa de caderno não podia, pois era sinal de desrespeito e o que me chamava a atenção era que a gente usava a bandeira dos Estados Unidos. Então, você via a bandeira dos Estados Unidos em camisetas, em disco, copo, em tudo. É até uma homenagem, não? Eu lembro que até um artista usou uma camiseta com uma bandeira do Brasil e fizeram o maior estardalhaço na época. Nem lembro que artista era, parece-me que era um cantor e isso ficou na minha cabeça também. Quando eu entrei na faculdade em 1982, que já estava mais para o final da ditadura, já tinha uma abertura. Quando foi em 1984, “Diretas Já”, daí eu lembro bem, eu estudava em Campinas, morava fora e estudava na PUC e participei de passeata, as diretas.

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Bom, em 64 eu estava no último ano da faculdade. Eu fazia Geografia, aqui na Uniso. A gente ouvia muita coisa, a gente tinha muito medo de qualquer tipo de envolvimento. Daí, quando foi em 68, eu fui para a USP pra fazer a pós-graduação. Aí, minha irmã tinha pavor. Ela falava assim pra mim: - “*Pelo amor de Deus, não se meta em nada*”, porque eu vinha de lá, contando: tinham posto fogo num camburão da polícia em frente do prédio do CRUSP, você via passeata, você ouvia falar do pessoal que entrava nos apartamentos dos estudantes lá do CRUSP (era uma residência para estudantes). E a minha irmã dizia: - “*Pelo amor de Deus, não se meta em nada, pense que o seu cunhado (o marido dela) trabalha na FEPASA e depois eles vão*”

mandar ele embora, a gente tá com criança nova ...” Sabe? Era uma situação realmente ... todo mundo apavorado, porque passou assim de um desconhecimento, de uma situação que foi se criando e foi crescendo, mas pra gente que leva essa vidinha meio apagada, meio de certas coisas ... a gente tinha conhecimento por causa da faculdade, mas no caso dela [a irmã] coitada, ela estava apavorada que eu tomasse algum partido, que eu entrasse em algum movimento e que refletisse na família. No caso da faculdade, porque eu dava aula aqui também (na UNISO), e foi numa dessas aulas aqui que o Aldo [Aldo Vannucci] foi preso. Então, ele era ... nossa! Ele era nosso diretor! A gente morria de pena, todo mundo queria muito bem ele. Tinha um estudante de Direito e o nome dele era João e era japonês, era do Diretório Acadêmico de Direito e ele foi preso na mesma época do Aldo Vannucci. Você não tinha muita visão do que acontecia, mas ao mesmo tempo, você ouvia muito comentário e eram comentários assim: de um lado, que levavam você a ficar com raiva da situação e de outro, a situação do medo.

Isolda, Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

Em 64, eu entrei na faculdade de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Recife. Meus pais estavam lá. Meu pai estava trabalhando e a gente tinha ido um ano antes de São Paulo pra lá. Quando estourou o “Movimento” eu estava lá e fiquei chocadíssima com as condições em que vivia o Nordeste. A cidade que meu pai trabalhava se chamava Paulista e é a sede da Companhia Paulista de Tecidos, dona das Casas Pernambucanas, aqui com esse nome e lá Paulista. É um grupo fortíssimo economicamente, e a população era miserável. Mas, miserável assim, se você quer saber, morria criança de fome diariamente. Tocava o sino da igreja e você ia ver se era um caixãozinho sendo levado. As casas não tinham banheiros, as casas não tinham ... não tinha nenhuma infra-estrutura sanitária e no entanto, essas pessoas eram operárias de uma das maiores empresas têxteis do Brasil. Quando estourou 64, o exército foi pra rua; o povo do campo foi em direção à cidade e no meio do caminho houve um confronto e muitos foram pegos e mortos e tal. No final de 64 eu vim para São Paulo e resolvi ficar aqui. Fiz transferência para a Cásper Líbero. Aí na Cásper Líbero, o envolvimento ... porque lá na PUC do Recife eu não me lembro de reação de estudantes; eu lembro de operários, morte de operários e isso foi muito perto porque o meu pai era um dos diretores dessa empresa aí Paulista de Tecidos. Então, isso aí eu sei muito bem, do confronto do exército com o operariado, das mortes, mas eu não lembro de como isso refletiu nos jovens dentro da universidade; isso é um branco. Já em 65, aí sim, a coisa estava pegando fogo mesmo. A vida acadêmica e paralelamente o estudante se sentia responsável por fazer retornar ao país a liberdade, eu sinto isso em mim. Na Maria Antonia (faculdade) eram lideranças que se reuniam para planejar, programar passeatas e o Mackenzie era a linha contrária, ele era a favor da ditadura e contra os movimentos dos estudantes, porque eles achavam que todos eram comunistas. Quer dizer, você não podia pensar, ter um discurso diferente daquele que era hegemônico. E aí Cásper Líbero ... tinha várias correntes que se formaram porque tinha aqueles que viam no Maoísmo um norte pra você se guiar, outros viam em linhas mais soft, mais light: Revolução Cubana, Revolução Socialista na Rússia, o comunismo; tinha várias linhas: tinha o MR8, Val-Palmes. E na faculdade essa coisa, eu não posso dizer que eram todos os alunos, mas um grupo assim considerável começou a viver o momento de perda de liberdade de expressão, inclusive os próprios professores estavam de mãos atadas porque estavam fazendo uma faculdade de Jornalismo, quer dizer, a liberdade de expressão é uma condição à priori para se fazer

Jornalismo e você lidar com diversas ideologias, diversos tipos de pensamento é muito importante para o jornalista. Então, uma coisa que me acompanha até hoje é o medo. A partir daí, eu comecei a viver com medo, tudo o que eu penso até hoje, eu vejo que existe uma censura embutida em mim que eu comecei a desenvolver naquela época. Você não podia se reunir em grupo; a Cásper Líbero era ali no viaduto Santa Efigênia, era o prédio da Gazeta e nós descíamos, um grupo de estudantes e parávamos num barzinho em frente pra conversar, tomar um yogurte, porque a faculdade era de manhã, não era nem a cervejinha e imediatamente a polícia vinha e era: - *Dispersando, dispersando*. Você não podia ficar junto e isso foi desenvolvendo em mim e meus colegas uma raiva interior. Você é jovem, você necessita da companhia dos outros, você está fazendo uma faculdade que já foi levado a isso porque você quer ter abertura pra ouvir, pra falar, pra conhecer diversos enfoques de vida, diversas ideologias, diversos sistemas de pensamento e você não podia nada. Então, era a raiva junto com o medo. O jovem do mundo estava lutando por liberdade e por um sistema mais humano que o sistema pós-industrial, capitalista que se instalou, extremamente desumano, como a gente está vendo hoje, chegando a um ponto de excluir multidões. E naquele tempo, junto com isso, a mulher começou a emergir, porque a industrialização exigiu o trabalho da mulher. Foi o próprio sistema, as próprias forças que estavam atuando naquela época que levaram a mulher para o mercado de trabalho. Eu acho que na história da humanidade, essa vai ser uma página sempre bonita, que você lê e passa a acreditar mais nas razões do ser humano, no humanismo, nas boas razões. Porque uma vez na história da humanidade, os jovens perderam a vida em nome de sentimentos de solidariedade, de justiça. Eu vim para Sorocaba, já estava casada em 1972, ainda no regime da ditadura e fui fazer faculdade de Direito aqui em Sorocaba e parecia que não. Você veja: fazer faculdade de Direito num regime completamente ditatorial, de exceção pura e não se cogitava falar! Você tinha aula e nada ...Eu não coleí grau, coleí depois. Aqui em Sorocaba não tinha um movimento, não tinha nada, nada, nada. Em 75 eu tinha muitos colegas presos, torturados e aí fui para a Espanha e quando estava lá um colega jornalista foi morto. Ele era um bom jornalista, respeitadíssimo, não era um garoto; um homem sério que foi morto no DOI-CODI. Eu vi na Espanha os músicos brasileiros, Geraldo Vandré conhecidíssimo naquela época. Na Europa todo o movimento era muito comentado. Depois disso, o que ficou foi um gosto amargo da não realização, de absolutamente nada, frustração total. Eu tenho colegas aqui, professores, nós conversamos porque são contemporâneos, tem a minha idade e fica esta coisa de que tudo foi em vão! Será? Eu acredito que não!

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Eu tenho 29 (vinte e nove) anos e em nenhum momento eu me lembro de ter referência da gente viver em regime militar. Eu sabia que quando eu nasci, se não me engano, o presidente era o Médici. Não sabia o que isso significava, mas sabia que era um militar e me recordo muito do presidente Geisel. Lembro bem do Figueiredo porque no domingo eu assistia o Sílvio Santos e tinha a “Semana do Presidente”. Sabia que o nosso país era governado por militares, assim centrado na figura do presidente que era um general. Fora isso, eu não me recordo de nada, assim dito em relação a isso, nem por parte dos meus pais e nem por parte da escola.

Raquel Aparecida, Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Eu nasci em 63 e nos anos 70 já estava indo pra escola e lembro que na minha cidade (São Roque), cidade do interior, eu lembro da mulher, de usar calça comprida, a resistência de algumas mulheres mais velhas e as críticas. Na escola, no primário, as classes eram separadas; havia uma separação entre meninos e meninas. Existia toda aquela coisa de cantar o Hino Nacional todo dia antes de entrar para a aula. A fila, a gente ficava até numa postura meio militar, com a mãozinha ao longo do corpo, um atrás do outro. As meninas: da mais baixa para a mais alta. Eu lembro que eu tinha uma curiosidade ... queria saber daquelas pessoas que tinham morrido, dos perseguidos, e as pessoas não falavam, nem mesmo os professores. Eu tinha um irmão mais velho que comentava o que tinha acontecido, que os estudantes eram perseguidos e da própria PUC que teve invasão, daí teve “aquela lei” [Ato Institucional Número 5]. E eu queria saber sobre essas coisas principalmente na aula de Educação Moral e Cívica, que eu achava que poderia perguntar essas coisas e era exatamente onde se proibia. Lembro de poder falar só quando o professor dava oportunidade; do uniforme, da postura que você tinha que ter, daquele patriotismo, do respeito ao governo, à bandeira, o hino nacional. No colegial qualquer aluno que fosse um pouco mais questionador ou fosse mais espontâneo, mesmo no recreio, ia de castigo, e isso no colegial! De castigo assim: expulsão, ele era separado da turma porque era visto como uma pessoa que poderia trazer intrigas, movimentos. Nem nas aulas de História a gente ficou sabendo o que acontecia, a gente foi saber depois quando entrou na universidade, aí por si e eu comecei a ler também. Acho que foi muito escondido pra gente e quando falado era de uma forma fantasiada que dava a impressão que era uma história tão longe, que não tinha acontecido aqui. Eu sabia de algumas pessoas que tinham sido exiladas: eram os cantores que eu gostava. Pra mim, ficou muito essa coisa do estudante, tanto que quando eu disse que queria fazer um curso superior, na minha família isso não era estimulado, eu fui a primeira mulher a entrar na universidade. Minha mãe e minhas tias falavam que eu ia me perder, que eu ia entrar na política e podia ser perseguida, que era perigoso ir para a faculdade.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

Em 64, eu cursava o terceiro ano de Pedagogia. Minha família morava em Laranjal Paulista e eu morava aqui em Sorocaba, na casa de uma amiga de nome Emília e que era na época presidente do Centro Acadêmico. Eu era muito ativa, quer dizer, você pode imaginar o burburinho que foi pois eu participava de movimentos estudantis ligados à UNE: o Centro Acadêmico São Tomaz de Aquino, o Centro Acadêmico Vital Brasil da Medicina e o Centro Acadêmico Rubino de Oliveira de Direito. Eram os três muito unidos, nós fazíamos atividades juntos e a casa da gente era freqüentada por estudantes. Nesse momento a gente estava estruturando um curso de alfabetização pelo método Paulo Freire que não eram só os membros ativos dos centros acadêmicos que estavam envolvidos, mas vários estudantes que nem eram tão ativos, mas que sobrava um tempo porque não havia curso noturno e a gente estudava durante o dia. Os estudantes achavam legal a dedicação à causa social, era um clima da época. A gente se envolvia e achava que seria legal consertar esse país e melhorar a situação. Nós escolhemos o bairro, escolhemos a atividade, a metodologia e a coordenadora era uma moça chamada Elzira que cursava o último ano da faculdade de Medicina na

época. Escolhemos o bairro vila Barão que na época era o mais carente de Sorocaba e fazíamos as visitas às famílias e levantávamos as palavras geradoras. A gente tinha também muito material no Centro Acadêmico, livros de Marx, livros que estudávamos no curso, e nessa linha nós tínhamos também a obra completa de Theillard de Chardin que é um filósofo evolucionista de formação católica e que era também considerado na época subversivo porque de certa maneira subverteu a ordem dos fatos. Ele previu um evolucionismo diferente de Darwin. A gente estudava também Alceu de Amoroso Lima, Tristão de Athaíde, Paulo Freire, Miguel Arraes na política; eram todos os simpatizantes nossos, e a gente curtiá todo esse estilo de leitura que era voltado para a dialética, para o marxismo, a gente era vidrado nisso. E aí, quando começou a perseguição à intelectualidade em geral, a gente viu que a coisa estava muito grave, a Emília que era a minha amiga, muito afoitamente, e do medo que sentiu pediu para queimar o material que tinha lá e então nós perdemos o material precioso que tinha no Centro Acadêmico. Nós participávamos de passeatas e movimentos fora daqui de Sorocaba: em São Paulo quando a UNE convocava, eu estive em Valinhos e em Belo Horizonte e a Emília em outros, e outras pessoas participando, sempre alguém estava indo. Sorocaba era bastante ativa. Quando a gente falava Sorocaba a gente não só contava com os estudantes da faculdade de Filosofia, mas do Direito e da Medicina como lhe falei, nós fazíamos tudo em conjunto, não só atividades consideradas subversivas mas atividades culturais em geral. A gente trouxe um poeta gaúcho, Lindolf Bell, era o nome dele e ele publicava poesia moderna na época, poesia que tinha o visual e que ainda hoje se curte muito e também que eu me lembre outra atividade cultural da época eram as palestras promovidas. Fora esta experiência aqui de Sorocaba, aí então aconteceu o seguinte: se instalou o regime militar, a gente congelou tudo isso, parou de falar, ficou quietinho, parou de se envolver, por medo. Já nos últimos congressos durante a vigência do regime militar a gente fugia da polícia, literalmente fugia; a gente tinha código, sabe? Se cantava alguma música na assembléia, uma música em espanhol [ela canta um pedaço da música em espanhol], quando se começava cantar essa música, ingênua demais, a gente já sabia que era porque tinha alguém vigiando a gente. Então, a assembléia se dissolvia, as propostas mudavam totalmente de tom, a gente passou por esse tipo de experiência. E conviveu com comunistas ortodoxos, com movimentos outros ligados a JUC, a AP que era a Ação Popular da época. A AP era um movimento que tinha uma ideologia parecida com a marxista, mas não tinha uma ligação com a JUC. Era praticamente igual a JUC, a ideologia era a mesma, só que a JUC (Juventude Universitária Católica) era voltada para a igreja católica e a AP era voltada para os movimentos populares. Depois o método Paulo Freire alfabetizava e contava com o apoio dos membros da AP pra desenvolver teatros porque a alfabetização incluía um pouco mais do que apenas o ler e o escrever. Era a leitura de mundo que o Paulo Freire falava que a gente vivenciava através das atividades da Ação Popular. Então, nesses congressos a gente conviveu com o pessoal de AP, de POLOP que era uma entidade bastante revolucionária, comunistas ortodoxos, membros da JUC e com os estudantes de modo geral. Alguns não faziam parte de nenhum desses movimentos, e nós que éramos mais simpatizantes de JUC e AP (os estudantes de Sorocaba que eu convivi) e haviam aqueles que iam nesses congressos, como tem até hoje, que não querem nada, eles querem só fazer farra, fazer folia. Eles não participavam das leituras, porque os congressos eram bastante pesados, eram de muita leitura, muita discussão, muita recomendação. Essas recomendações iam para todos os Centros Acadêmicos do Brasil inteiro, por isso que o movimento estudantil era muito forte. Era concentrado no congresso e irradiava para o

Brasil inteiro e os representantes da União Nacional dos Estudantes tinham ligação com as organizações estudantis do resto do mundo, principalmente da França, onde eclodiu aquele movimento de 68. Eu me formei e depois fui para São Paulo fazer um curso de especialização porque já tinha uma proposta para trabalhar aqui na universidade [UNISO]. Então, eu fiquei em São Paulo e fiz um curso de Psicologia Profunda lá no Instituto de Gastroenterologia. Mas o que eu queria contar é da minha experiência de ter morado com um pessoal assim da militância. Eu fui trabalhar também, para me sustentar em São Paulo e fui lecionar no curso de Magistério do Colégio Padre Anchieta, no Braz. Foi lá que eu conheci uma amiga que era de São José do Rio Preto e que disse que tinha um lugar no apartamento dela. Como eu não estava morando bem, eu fui morar com a Maria Isabel [nome da amiga] e com esse pessoal. E aí eu tive a oportunidade de sentir de perto essa militância, mas não era o que estava me interessando no momento. No momento eu estava interessada no início da minha carreira profissional, porém depois, aliás no ano passado [1998] eu vi o risco que eu corri por ter morado lá. Morava lá a Maria Isabel e uma outra menina chamada Elizabete. Essa menina Elizabete namorava um moço que se chamava Alípio e que todo mundo dizia que ele era comunista, ali no nosso convívio, Alípio é comunista, é comunista ... e para mim tudo bem. Como naquele tempo as pessoas falavam que todo mundo era comunista só porque tinha “O Capital” em casa, o livro do Marx em casa ... E daí, eu disse pra mim mesma: - *“E então, e daí, eu estou interessada no meu trabalho mesmo!”* E fiquei lá com eles. E o Alípio freqüentava muito aquele apartamento. Eu passei lá um ano, foi uma intensa convivência com essas meninas. Depois eu me casei e nós fomos morar no Mato Grosso, na divisa de São Paulo com Mato Grosso. E lá eu fiquei sabendo que a Beth tinha morrido, que a polícia tinha matado a Beth. Procurando por Alípio que era tido como comunista, eles acabaram acertando a Beth como alvo, e ela havia morrido como muita gente morreu nessa época. Eu fiquei muito chateada, afinal, a Beth era minha companheira de República, mas até então fiquei sabendo disso e não soube mais notícias. Até que em congressos, encontrava uma ou outra pessoa e perguntava pela Beth e o pessoal dizia assim: - *“Olha, a Beth, ela ia fugindo com o Alípio pra França, que ele está vivo e deve estar morando na França e nessa fuga a polícia matou a Beth”*. Mas, qual não foi a minha surpresa no ano passado [1998], quando lendo a Folha de São Paulo, eu vi que essa história não era verdadeira e fiquei sabendo de toda a história. Eu vi uma fotografia enorme na Folha que era idêntica a última foto que eu havia tirado com a Beth. E ela estava com a mesma fisionomia. Então, seis meses depois do último encontro meu com a Beth, ela morreu. E nesses seis meses aconteceu muita coisa. Ela mudou de lá, ela se casou e o jornal contava toda a história: que a família dela, que morava em Tanabi procurava por todos os meios a indenização por ela ter sido morta pela polícia. Aquela morte por perseguição política, eles tinham direito à indenização, agora com a abertura, a volta a democracia. E aí na procura de provas, eles ficaram sabendo que ela não foi realmente morta pela polícia. Ela foi morta pela própria organização, na verdade, o Alípio não era comunista, ele era terrorista, ele era assaltante de banco, ele era um elemento muito mais perigoso do que eu podia imaginar. Quer dizer que o meu risco morando lá também foi muito grande. Aí, ele foi rejeitado pelo próprio grupo dele porque se ele sumisse do mapa, se ele fosse realmente embora pra França, que o grupo recomendou que fosse, eles iam correr menos risco. E ele foi a mando da organização e a Beth ficou. E aí a versão da pessoa que enterrou a Beth, porque tudo começou a elucidar depois que esse senhor voltou do exílio e foi quem enterrou a Beth e que contou a história como foi. Então, tudo indica, segundo esse senhor, que

ela foi morta por uma moça da própria organização por um tiro acidental, o que pra mim não colou, essa notícia do jornal não colou, porque eu acho que ela foi morta por ser queima de arquivo. Isso me abalou demais e eu liguei para a irmã da Maria Isabel que morou com a gente e mencionei a notícia de jornal e ela me disse que estava chorando muito pela notícia. Voltei em 1970 para Sorocaba e aí continuavam a acontecer as mortes das pessoas conhecidas. Aconteceu logo depois a morte do sobrinho do Aldo [Aldo Vannucci]. O Aldo era muito chegado à gente porque ele era diretor no tempo que eu fazia faculdade, e nós éramos poucos alunos e fazíamos tudo juntos, formatura, festinha para conseguir verba porque a faculdade não era paga e vivia de verbas públicas. A gente freqüentava as missas que o Aldo pregava. Em 1970 “esses assuntos” [sobre o regime e o que acontecia] a gente só comentava em casa, em “off”, muito em particular, com amigos e com muito cuidado e muito raramente também. Na escola, na convivência do dia a dia, jamais ... a gente se limitava ao necessário, ao objetivo para o qual você estava. Se você ia a uma cabeleireira era aquele assunto de arrumar o cabelo, conversar banalidades, se você ia dar aula o assunto era exclusivamente pedagógico, didático. Nada que tocasse em regime, em política, nem pra dizer o que estava acontecendo no momento, nem pra dizer o que teria acontecido no passado. Nenhum aluno perguntava e se houvesse uma pergunta um pouquinho mais chegada a essas coisas, a gente tratava de se esquivar porque a gente tinha muito receio que alguém na platéia estivesse lá só pra nos observar, como muita gente da polícia estava e então a gente tinha muito medo com o que lia, com o que trazia pra produzir textos. A gente escolhia autores. Marxistas jamais. A pedagogia nessa época era tecnicista e nós tínhamos uma grande desesperança. Você não tinha esperança nenhuma de saber se um dia ia retornar à liberdade. Foi uma fase de muita tristeza.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

1967, eu dava aula de Educação Física num colégio em Americana, no estado de São Paulo, era um colégio estadual que tinha recebido o nome do presidente Kennedy. Nesse colégio comemorava-se o 31 de Março, data da Revolução de 64. No ano de 67, eu fui a professora convidada pela direção pra falar sobre a data. Na minha preleção, eu me coloquei como uma pessoa contra a ditadura, com o cerceamento da liberdade, com todas as coisas indesejáveis que estão longe da democracia e principalmente com a necessidade de que algumas vozes comesçassem a se levantar em determinados setores porque a gente não podia engolir aquilo calado. Tinha que haver uma manifestação e muito mais em decorrência de como professora eu trabalhava com pessoas e pessoas jovens, adolescentes que precisavam ser esclarecidas. Então, na minha preleção, eu me posicionei contra e eu me lembro muito bem inclusive, quando eu disse que nem independentes por uma independência que tenha sido proclamada em 1822 nós não éramos ainda, imagine então com toda essa parafernália militar em cima do próprio brasileiro, brasileiro caçando brasileiro, com o advento do regime. E isso foi muito mal interpretado e eu fui denunciada à Delegacia de Ensino de Campinas, que era regional de Americana. Eu fui chamada para prestar declarações junto ao GECAN em Campinas que era um departamento do exército que cuidava desses assuntos. E, eu não queria ir porque eu não achava naquilo alguma coisa de errado. Mas, eu fui obrigada a ir porque fui ameaçada de ser mandada embora da escola se não fosse prestar declarações. Então, dentro da minha ingenuidade, dentro da minha honestidade de propósitos eu tinha ferido alguma coisa que era muito importante para

eles e que na verdade, eu jovem, professora principiante, nem entendia muito bem que politicamente naquele momento eu é que estava incorreta. Então, foi uma surpresa muito grande e foi um fato assim que me abriu a cabeça daí pra frente pra uma série de coisas porque as conseqüências eram muito fortes. Nessa época também, eu era aluna da faculdade de Educação Física e ela era uma escola isolada. Ela não pertencia a nenhuma universidade na época. Mais pra frente ela foi incampada pela PUC. Então a gente funcionava no prédio que era da antiga Mogiana, onde tinha um campo de futebol, tinha algumas salas que foram adaptadas para salas de aula e foi o primeiro curso de Educação Física de Campinas. Nós tínhamos muitos militares como professores e não era fácil assistir a aula deles porque eles tinham todo um esquema diferenciado de lidar com as pessoas e nós éramos jovens universitários cheios de ideais e achávamos que nós é que iríamos mudar o mundo, que a gente podia tanto, que a gente ia estudar e ia se formar e que a gente ia abrir, rasgar mil estradas para coisas novas e boas. Na verdade a gente não podia nada. A gente achava só que podia e então foi muito frustrante. De repente, você esperar, fazer uma expectativa tão grande do que seria sua faculdade, sua universidade e ela ter acontecido numa época tão contraditória, com tanto cerceamento da liberdade. Então, muitos sonhos morreram ali. Alguns, a gente conseguiu preservar e levar pra frente e depois com o advento do próprio retorno à democracia a gente conseguiu realizar ainda alguns sonhos. Mas, muita gente, naquele instante, deixou de sonhar, parou de sonhar e então foi muito ruim porque eles eram jovens, sadios, inteligentes e muitos foram presos. A gente estava fazendo a reforma universitária em 1968, a gente saía em passeata pelas ruas reivindicando e a polícia vinha, batia. A gente como professor também reivindicava junto com os órgãos que não eram sindicatos, mas eram associações e a gente sempre teve muitos problemas por causa disso. Mas, a gente não parou, de lutar. E, hoje, fazendo o Programa de Mestrado na Universidade de Sorocaba, a gente pára um momento e realmente vê que alguns sonhos estão devagar, sendo continuados, eu sou, a minha vinda aqui é um sonho que está se processando agora, um pouco tarde talvez, mas tarde pra algumas coisas, não para todas as coisas. Mas, muita gente ficou pelo caminho e em nome desses que ficaram pelo caminho, tinha uns que não podiam se calar na época e nem pode se calar agora, porque a gente sabe também que só a pressão que a sociedade faz é que obriga, os governantes a tomar novos rumos para as propostas que eles tem de governo no país. Então, o que eu me lembro assim que ficou muito marcado realmente foram essas duas passagens, de 67 e de 68. Claro que tudo o mais teve influência, eu era uma pessoa que gostava muito de música, cantava muito, participava dos festivais e nessa participação dos festivais universitários a gente acabava usando uma criatividade que saía não sei de onde, mas a gente sabe também que a necessidade é que faz, a resposta, pra poder camuflar as composições e passavam algumas coisas que eles não percebiam. Então, a gente era mais sutil, a gente era mais competente, porque toda aquela parafernália que atemorizava mas que não calava. Teve grandes encenações teatrais naquela época onde eu participei também; a gente fazia todo um trabalho de sensibilização da comunidade, da população através de alguma coisa assim que era camuflada. Então, usávamos todas as linguagens para tentar fazer isso. O importante é que as coisas estão acontecendo e a educação como mola propulsora, com muitas falhas, mas ela tem continuado, tem buscado levar as pessoas, ou pelo menos colocar as pessoas nos lugares certos para que as mudanças possam ocorrer.

Joyse, Professora Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Em 64, eu tinha então treze anos de idade. Na minha família, existia um costume de discutir política. Então, meu pai era da linha de Jânio Quadros, minha mãe vivia falando em Getúlio, ele era assim meio que endeusado pela minha mãe. A gente ouvia aquilo, participava assim não ativamente, mas escutava os pensamentos diferentes, porque eles tinham amizades com pessoas que optavam por outras linhas de política. Então, foi uma infância assim que eu não vivi tão afastada das questões políticas. Mesmo a construção de Brasília, por exemplo, meu pai era totalmente contra: - *“Um gasto absurdo ...”* e eu escutava ele falando aquilo. Nessa época, não lembro direito a data, a escola fez um tipo de uma procissão, uma caminhada, que todo mundo foi com uma vela na mão, devia ser meio associado com as questões da Igreja: “Marcha da família pelo bem do Brasil”. E eu lembro que nós tínhamos que ir de manga comprida, de uniforme e coisa e tal, com uniforme de gala que eles chamavam. Teve a Campanha do Ouro para o Bem do Brasil também e eles foram lá de classe em classe falaram e tal. Estou contando flashes, porque obviamente discutiam política em casa mas com essa idade você não sabe direito o que está acontecendo. Em 68, quando eu entrei no primeiro científico eu tive que fazer um vestibulinho e eu sempre estudei em escola pública aqui em Sorocaba e hoje eu nem chamo de escola pública, hoje eu entendo como escola gratuita, porque ela não era pública, não era para todos, mas na época era escola pública, escola boa, Estadão e tal ... [Instituto de Educação Dr. Júlio Prestes de Albuquerque] e eu me preparei para fazer o exame e passei. Fazendo esse curso, já no final do ano de 68 já houve uma modificação muito grande e então eles modificaram assim: o sistema de científico, clássico e normal para um colegial. Mexeram em tudo. Aquelas blusas imensas transpassadas e aquele monte de pregas nas saias passou para um uniforme cinza e branco, de tergal, a saia de uma prega só. No primeiro científico, tinha uma professora que pediu que a gente fizesse uma pesquisa em um sindicato pra ver se o sindicato era apolítico. Perguntar uma porção de coisas sobre a atuação do sindicato e querendo ver se ele era apolítico. E com isso alguma coisa assim da política eu comecei a entender. E ela [a professora] me dava a impressão que tinha uma postura contrária à ditadura, mas até hoje eu não tenho muita certeza. Se ela era contrária à ditadura ela deveria saber que nunca o sindicato é tão apolítico assim. Mas aí despertou e eu comecei a prestar um pouco mais de atenção e assistia coisas pela televisão: grandes mudanças, a música popular brasileira sendo censurada, muita coisa censurada e eu não entendia muito bem mas vivia o clima. Eu não quis ficar aqui em Sorocaba, embora tivesse me destacado em Matemática, eu optei por fazer Física porque era a única maneira de sair daqui. Eu queria sair daqui, eu achava que seria importante. Aí na universidade eu fui viver um pouco mais de perto a questão, mas daí já entrei em 72. E aí eu vivi mais de perto o medo. O medo. Porque tudo o que eu ouvi aqui em Sorocaba, uma coisa e outra que eu pudesse ouvir ou a censura, parecia tudo distante, não era daqui. Mas ali, as pessoas falavam baixo, eu percebia uns grupinhos estranhos. Então, eu fui percebendo que não era tudo que se podia falar, não. Eu estudava na Universidade Federal de São Carlos. Aí eu passei a fazer parte do sindicato e lá eu tinha um papel de ... sei lá, assessora, e o pessoal de engenharia fazia os seminários de engenharia reunindo o dinheiro dos estudantes de engenharia do país todo e duas vezes a gente fez esse trabalho na USP em São Paulo. Então, nessa época, a coisa fervia, você não podia falar. Ao mesmo tempo que eles[os militares] permitiram essa integração de estudantes, parece que permitiram para vigiar mesmo, não sei. Era engraçado porque o pessoal da USP tinha uma preocupação muito grande em não falar nada a estranhos, para o pessoal do ITA por causa da carreira militar e qualquer pessoa estranha na sala ou mesmo na casa alugada onde era o nosso

diretório era motivo de mudar o assunto, dar risada, sabe? Uma preocupação muito grande. Eu lembro que nós lá do diretório recebemos uma carta de um presidiário contando da situação dentro da cadeia como é que estava, contando da tortura. Eu não terminei de ler a carta, aliás não era bem uma carta, era um bilhete, uma coisa já meio amassada, porque entraram duas ou três pessoas estranhas na sala do diretório e eu delicadamente, furtivamente, amassei bem o papel e comi. Porque era a única maneira de não deixar ... E fiz bem, depois me falaram que o pessoal era da pesada e tal e se tivessem me pegado com aquele papel na mão, não sei o que teria acontecido. Então eu comi, a gente faz uma carinha que está comendo chicletes, engole e pronto. É um medo. Mas é um medo absurdo porque é um medo da possibilidade que a ignorância toda do outro lado traz, a possibilidade violenta. E tive amigos que sumiram e depois um deles de descendência italiana, rapaz muito interessante, idealista até certo ponto, ele junto com o Sindicato dos Metalúrgicos pegou uns panfletos, levou pra porta de fábrica e tal e numa dessas ele foi pego. Depois de algum tempo ele voltou com um tímpano estourado, o pessoal comentou que ele estava com problema de esterilidade a partir de então. E ele voltou assim muito distante, ele tinha uns esquecimentos ... ele deve ter sofrido muito. Eu lembro também que o Chico Buarque foi fazer um show pra nós e estava lotado, porque lá em São Carlos tinha a biblioteconomia, tinha um campus da USP ou extensão, não sei como é que eu digo isso, e a região toda: Araraquara, Ribeirão Preto, Rio Claro que é vizinha, tem universidade da UNESP também. Sei que o Chico Buarque veio pra fazer um show pra gente e ele ia cantar aquela música “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia” [ela declama], na época era o Médici [presidente], ele gostava de fazer músicas pra filha do Médici, que dizia que gostava do Chico, ela gostava de ouvir Chico. O local estava lotado. Tinha estudante pendurado no ventilador [risos] pra conseguir ... E aí, ele avisou [o Chico] que não ia poder cantar música porque ele tinha sido censurado. Bom, então ele ficou em pé, sem cantar, em silêncio, mas os músicos começaram a tocar, porque ele não podia cantar, mas não tinham proibido de tocar. Os músicos dele tocaram a música e os estudantes então, aquela infinidade de estudantes cantando, todos cantavam. Era ele [o Chico] só que estava proibido de cantar, nós, não! [risos]. Então, tem uns apontamentos assim que é interessante: na época arrepiava, ele [o Chico] chorou bastante, foi emocionante ver o Chico chorar. Acho que isso não levava a muita coisa, não. Mas, mostrava um outro lado, que o nosso lado era outro mesmo, que a gente não compartilhava da posição oficial, da posição do governo, mas também tinha a nossa limitação. Então, fica assim os protestos: eu canto a música do Chico quando eu tiver com mais mil pessoas junto de mim, entendeu? E aí ninguém pode calar a minha voz! Mas eu não sei se canto a música do Chico se eu tiver sozinha. Então, muito medo. Medo, é uma coisa estranha. Tem uma contradição aí porque é o medo mas ao mesmo tempo é uma revolta e aí faz ir para a frente e acho que isso que pega a ingenuidade um pouco do jovem. Porque é o medo e ao mesmo tempo é uma revolta e então você vai, dá mais um passo, você tenta, você passa a informação, você vai começar a lutar por um monte de coisas. Nunca apanhei, nunca fui presa e eu tinha sempre muito pavor de que isso acontecesse. Eu tinha muito claro o que acontecia, nós sabíamos muito bem o que estava acontecendo. E tinha um outro problema que meu pai, por exemplo, entendia o estudante como baderneiro, então, eu não podia contar essa participação nem na minha casa. Ninguém sabia, nem meus pais, nem meus irmãos, nem meu namorado. Nem sei se eles entenderiam. Não sei se alguém que não tenha vivido um pouco mais dentro desse ambiente, que não tenha olhado para um amigo que tenha sido violentado assim fisicamente, não tenha se situado num número muito

grande de estudantes, e visto por exemplo o Chico Buarque de Holanda lá chorando, acho que não consegue entender. Nesse sentido, eu não sentia isso em Sorocaba; quando eu vinha pra cá, parecia que era outro mundo, parecia que era um mundo à parte. E, mesmo quando eu soube do Vannucci, o que ele sofreu ... sabe? de certa forma eu me assustei porque eu achava que as pessoas daqui não estavam participando de nada disso.

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Em 1968, eu fui para a escola e foi meu pai quem fez a minha matrícula numa escola municipal. Quando a gente começou, era uniforme, rigidamente comprido, senão estivesse com o uniforme em ordem, de acordo com as normas tinha que voltar pra casa. Tínhamos aulas aos sábados, em que era hasteada a bandeira que chamava-se “Culto à Bandeira”, todos os sábados. Mudava-se o uniforme, era meia branca, era fita branca no cabelo porque durante a semana as meias eram pretas e a fita do cabelo era azul. Esse é um dos fatos que marcou bem o meu ingresso na escola, a questão do uniforme, a rigidez do uniforme. Pra nós, minha família que já estava habituada a cumprir rigidamente as normas de uniforme por causa do meu pai [seu pai era militar], foi meu primeiro contato assim: Não, pra me inserir nesse contexto da escola eu tenho que estar com o uniforme em ordem! E nunca tive que voltar para casa pra trocar de uniforme, o que acontecia vez por outra era errar a cor da fita, mas a fita no cabelo a gente arrancava e soltava o cabelo, isso era de menos. Eu estava na terceira série quando a professora entrou na sala de aula e falou: - *Peguem seu caderno de História*”. Nós pegamos o caderno de História e ela mandou apagar com cândida quando chegasse em casa, porque o caderno já era escrito à caneta na terceira série, e ela falou que era pra passar um algodãozinho com cândida (cada coisa que fica marcado!) pra tirar o nome do presidente que não era mais ... (agora não consigo lembrar) e que tinha entrado o Emílio Garrastazu Médici. Então, eu me lembro que naquele dia todas as professoras se conversavam nas portas de sala de aula, a gente fazendo as tarefas e elas saindo, vinha uma, vinha outra ou a própria da sala pedia pra um ficar “marcando”, normalmente o primeiro aluno da classe, os nomes de quem conversasse porque ela ia até a outra classe conversar um pouquinho com a colega. Nesse dia eu me lembro que foi um burburinho na escola. Não recordo se foi na quinta série ou na sexta série que houve a questão de um garoto na minha sala que era não sei se irmão, primo, alguma coisa do Alexandre Vannucci Leme que foi morto durante um conflito e tal. Eu lembro que nesse dia, os professores ... muitos choravam. Um vinha, conversava um pouco e chorava, sempre um chegava ou saía chorando. E a gente não sabia o que era; sabia que alguma coisa tinha acontecido, mas não exatamente o que. Passados alguns dias notamos a falta desse colega de sala e alguém falou: - *“Ah, é por causa do irmão dele, ou primo, que morreu”*. Daí eu lembro que uma professora falou assim (uma professora bem ... assim expansiva): - *“Essas são as coisas do nosso governo!”*, mas falou isso e já mudou de assunto, já voltou pra matéria. Pra mim? Ela dá ciências e está falando do governo, que será que tem a ver? É, aquele jeito, que a gente acabava esquecendo o assunto e pronto. Mas ficou marcado pela ausência do colega e por terem falado que tinha falecido alguém. Passado algum tempo o colega voltou e essa mesma professora pediu para que o colega explicasse para a classe o que tinha acontecido, colocando-o na frente. E ele subiu, na classe tinha um degrau, aquele maravilhoso degrau dedicado aos professores e o José Augusto subiu naquele patamar e começou a contar que o primo ou irmão teria sido morto pelos policiais no DOPS.

Agora, DOPS pra mim soou como drops. O que será que é drops? Agora, pelos policiais ... daí eu já pensei: Meu pai! Quer dizer, existe aquela coisa, quer dizer, será que meu pai estava junto? Nossa! O que vão pensar de mim? Meu pai é militar, meu pai é policial! Então, durante algum tempo, eu fiquei com muito medo porque os meus amigos, os meus colegas ali pensassem sobre o meu pai ser policial, até evitava falar quando surgia algum assunto. E, nesse momento, eu lembro que ele frisou bem o DOPS e eu prestei bem atenção mas também nem perguntei o que era. Bem depois, acho que uns dois anos ou três anos depois que a gente teve uma disciplina que era Organização Social e Política; nessa disciplina eu lembro que a professora comentou o que era esse órgão, o DOPS, o SNI, e o significado disso não tinha no livro e nem precisava marcar no caderno. Então, era uma situação vedada e nós como não discutíamos nada, éramos apenas receptores, acabou! Não precisa anotar no caderno, acabou, não vai cair na prova, acabou! Morreu o assunto. Às vezes, o meu pai ia me buscar na escola e quando ele ia me buscar algumas vezes fardado, era um momento em que eu me preocupava muito porque eu sabia que alguma coisa importante tinha. Meu avô era ferroviário, era de família de Santa Catarina, veio para São Paulo, arranhou um emprego na Sorocabana e se estabeleceu, casou-se com a minha avó, minha mãe já existia do primeiro casamento pois minha avó tinha enviuvado e eu lembro que ele era declaradamente “anarquista”. E meu pai quando nós íamos para a casa dos meus avós, não existia muita conversa. Meu pai ia mais na casa dos pais dele porque meu avô falava inclusive, que meu pai era ... meganha e meu pai se ofendia muito. Numa determinada época, só que daí eu nem tinha entrado na escola, isso daí acho que foi o movimento de 64, meu pai teve que ficar aquartelado e que meu avô veio buscar a mim e a minha mãe com um carro de aluguel de Itapetininga até Sorocaba e nos levar porque meu pai estava aquartelado e não se sabia quando ele sairia ou como ficaria a situação. Lembro da minha mãe chorando e guardando algumas coisas emergenciais, escondendo algumas coisas na casa. Quando voltamos, foi uma alegria muito grande, meu pai estava em casa nos recebendo feliz. Então, foi uma coisa que ficou assim do período da revolução. Agora, nos movimentos de greve na Sorocabana, meu avô encabeçava. Como que era o apelido dele ... talvez até seu pai possa se lembrar ... “Lacraia” e dizem que era perigoso assim no sentido de articular greves e fazer “piquetes”.

ANEXO 6

Raquel – Profissional de Informática, nasceu em 1964 – 34 anos:

O que eu lembro dessa época é que como você não poderia falar o que queria, você arrumava meios de se expressar. Então, as músicas da época, eu me lembro muito bem que eu fui pra Campos do Jordão acampar e quando chegamos, em 84 ou 85 mais ou menos, o Taiguara voltou para o Brasil e ia fazer um show. Ele tinha chegado do exílio, e nós fomos assistir ao show. O Taiguara fugiu do Brasil, ele não chegou a ser preso; ele viu que a situação estava ficando preta e ele fugiu e morou em vários países e nesse show ele contou a trajetória dele. Eu gostava muito das músicas do Geraldo Vandré e do Taiguara. Ele começou a contar a situação que ele estava passando no momento e as músicas que ele fazia, que eram românticas, mas o que tinha por trás das músicas era uma maneira dele insinuar o que estava sentindo. Foi maravilhoso porque ele passou toda a trajetória histórica dele e as músicas que ele estava fazendo na época. Foi muito interessante. Era Geraldo Vandré, era o Taiguara, a rebeldia da mini saia, do biquíni. O biquíni, foi assim: eu não lembro quando veio o biquíni, mas eu lembro na praia, você ousar um pouco mais, as cores mais fortes e, eu acho que isso tem a ver com essa falta de expressão. O que eu quero dizer, é que na época eu não associava isso com ditadura. Eu percebia: a repressão na escola, não entendia o que tinha acontecido direito naquela época e que todo mundo me falava as mesmas coisas: em 64 aconteceu isso ... e eu percebia a repressão mais assim no agir, no falar. Depois eu fui percebendo essas coisas, da moda do poder de expressão, da música. Então, eu fui perceber isso um pouco mais tarde. Na época que eu vivi de 70 até 79 que eu tinha quatorze anos, daí que eu comecei a relacionar as coisas. Esse começo até 79, assim, eu percebia alguma autoridade na escola, a minha mãe falava algumas coisas, mas eu não associava ao regime. Agora, música, por exemplo, eu lembro dos Beatles. Eu lembro dos “hippies”, mas não dos “hippies” da Inglaterra, eu lembro de feira de artesanato, então aquele pessoal mais “zen”, um pessoal diferente, uma maneira de rebeldia. Então, eu lembro desse choque, por exemplo, eram os “hippies”, eram os colégios de freiras, os uniformes, as escolas, todas certinhas, eu lembro das roupas, das músicas do Caetano [Caetano Veloso], do Chico [Chico Buarque de Holanda], a tropicália, isso eu lembro bastante. Lembro dessas músicas breguinhas que apareciam na televisão, mas depois de 79 que eu comecei a perceber este jogo de palavras, porque até então eu não tinha noção que uma coisa tinha a ver com a outra. Filmes: nessa época assim de 74, 75, não sei dizer se foi mesmo essa época, mas teve um filme que marcou muito pra mim que foi “A estrela sobe” com a Barbra Streisand. Eu vi sete vezes, só! Não lembro de mais nenhum filme. Eu não ia muito em cinema porque a gente só podia ir ao cinema com alguém mais velho, pois minha mãe não deixava. Então, não era assim: - *Mãe, quero assistir tal filme*”, ela [a mãe] falava assim: - *Nós vamos ao cinema, vamos assistir tal filme*”. Então, era assim, eu não tinha liberdade de falar que queria assistir tal filme. Porque eu era menor, sempre tinha que acompanhar o mais velho, então eu ia nos filmes que eles iam. Assisti um pouco de teatro, “Morte e Vida Severina” e quem estava participando como amadora era a Eliane Jardim [atriz atualmente da Rede Globo] que era de Sorocaba e na época ela não tinha nenhuma projeção. É o que eu lembro, foi um dos primeiros teatros

amadores de Sorocaba. Era um teatro lá na “Árvore Grande” [bairro de Sorocaba] muito simples; não tinha na época Teatro Municipal, Teatro do Sesi, e então os teatros que eram amadores iam em sindicatos, algumas salas de cinema antigas. Eu lembro que a primeira vez que eu fui ao teatro já era a época de “cursinho”, já era 81. Eu ia com meu primo, estudante de Engenharia, e a turma dele que tinham um conjunto de música e tocavam em alguns festivais de música em Sorocaba, Mairinque. Eu lembro de “By, By, Brasil”, que foi um dos primeiros filmes nacionais que eu assisti.

Francisca, Professora Universitária – área Geografia, nasceu em 1942 – 57 anos:

Se eu começar pela roupa, era a moda do tubinho, aqueles vestidos justinhos, curtinhos. Não sei se foi uma forma de agressão, mas na época tudo era contra o tradicional, sei lá, não era uma moda feia, pelo contrário, era bem engraçadinha. O começo do uso do jeans. Então, eu lembro que quando eu estudava em São Paulo, tinha uma amiga que ia comigo e um dia ela tinha descoberto um lugar onde vendia calça jeans autêntica [americana] que era a Galeria Pajé. Então, tinha que olhar a marca, a costura, o zíper, sei lá, então, entrou não sei quando foi exatamente, mas foi o início da calça jeans. Filme, eu não lembro e teatro ... aqui não tinha nenhum teatro e para São Paulo eu nunca fui. Agora, música, os festivais da canção era a coisa mais linda! Você via gente cantarolando na rua, todo mundo vibrava com as músicas, o Chico, o Caetano, o Gilberto Gil, o Geraldo Vandré, naquela época estavam com tudo! E a gente comprava os discos, a gente sabia as letras e eram letras difíceis. Então, aquela do Caetano, “Caminhando contra o vento” foi uma crítica ao Vietnã. Então, o que eu lembro assim era que os festivais da canção eram muito polêmicos, sempre tratando temas políticos. Uma que ficou famosa foi aquela do Vandré ... a “Disparada” que ele queria dizer de ser conduzido; o Chico também vendo a banda passar, quer dizer, você via só a banda passar e você não fazia nada. Tinha conteúdo, as músicas eram bonitas, havia uma participação muito grande. Hoje deu na televisão o Festival do Woodstock [1969] que na época anterior era “Paz e Amor”. Agora, paz e amor virou o maior campo de guerra! Violência! Eu lembro dos comentários do último Woodstock: que rolou muita droga, que havia muito “hippie” e que o “hippie” normalmente era o jovem que protestava contra as maneiras tradicionais da família, da sociedade, mas só o que passava na televisão. Hoje, o Woodstock: puseram fogo nas instalações, depredaram, queimaram coisas, quer dizer, de paz é que não teve nada [risos], pelo contrário ...

Isolda . Professora Universitária – área Jornalismo, nasceu em 1945 – 54 anos:

A moda e a arte, no geral, acho que foi extremamente influenciada pelo movimento político que vivia o mundo, que começou já no início de 60, a questão política mesmo de liberdade, o movimento que estourou na França com os estudantes e depois aquilo cresceu com o movimento “hippie”. A liberdade da mulher também porque com a pílula o comportamento da mulher tinha que mudar. Esse negócio de dizer que a tecnologia não vem pra mudar, pode não vir pra mudar, ela pode surgir de um ambiente propício sem um objetivo, mas ela acaba transformando, a gente já viu isso e a pílula deu pra mulher a liberdade de viver a vida dela sem ter que arcar com a questão do casamento, dos filhos, da relação que para a mulher sempre foi muito problemática, fora toda questão econômica: a mulher no mercado de trabalho, a

mulher tendo que sair para trabalhar porque ela já não podia depender de um casamento para sobreviver. Com isso a gente nota na moda essa liberdade sem dúvida, primeiro as pernas pra fora, aquelas mini saias que foram assim ... Mary Quant, que foram extremamente comentadas no começo. Depois todo mundo se acostumou, a gente usava com tranquilidade: era a moda! Os cabelos compridos para os rapazes, para os meninos, com os Beatles. As famílias tradicionais, pais, mães, achavam que eram todos ... Era uma forma de agredir ... não sei se é bem de agredir. Era tido pelas famílias como uma forma de agressão, os meninos deixarem os cabelos compridos, as meninas mostrarem as pernas totalmente, mas na verdade acho que não era. Tinha alguma coisa a mais nisso. Podia agredir porque era uma mudança muito radical que acaba agredindo os costumes da época, mas tinha mais a ver com a questão da liberdade, eu acho. E de uma nova estética, por exemplo, os "hippies" trouxeram ao mesmo tempo que tinha a mini saia, aquelas saias longas, soltas, você andava descalça, as meninas não se depilavam, durante uma época ninguém mais se depilava. Porque? Porque estava ligado com a coisa da natureza, de ser mais natural, de não consumir tanto, que era toda uma ideologia contra o capitalismo desenfreado, contra o consumo. Naquela época, imagine hoje! O consumo é o rei, você não é ninguém, você é um consumidor na verdade, você não é uma pessoa. Mas naquela época tinha isso de ser natural, os cabelos compridos, também tinha uma coisa assim ... eu acho que da mulher uma coisa mais sensual, no cabelo estava a sensualidade da mulher, no homem também. Então, porque a sexualidade era mais livre. Foi uma época interessante. A questão da flor, você punha uma flor no cabelo. Tranquilamente, você ia sair punha uma florzinha no cabelo, um tamanquinho, um vestido longo transparente ou uma mini saia. Porque? Era toda uma visão de mundo romântica, na verdade, livre e romântica. Você vê, o Festival de Woodstock. A cultura conservadora da época lembra como todo mundo pelado, consumindo droga. Mas, na verdade não foi isso. Era muita música, muito romance e liberdade e beleza. Hoje foram reprogramar o Woodstock, e foi uma violência danada, queimaram carro, você vê, é outra cabeça! Então, eu acho que a moda é isso mesmo: a mudança do papel da mulher no sentido da moda feminina, a moda masculina no sentido de deixar os cabelos crescerem é uma moda mais descontraída, mais despojada, tendo em vista todo aquele ideal jovem da época de um mundo de amor, de paz. Isso refletia na forma de você ser e de você se vestir no estilo. Depois, era a música, principalmente no Brasil, a música de protesto, as músicas que falavam da injustiça, assim como, o teatro, o cinema brasileiro à mil, com os diretores Cacá Diegues e "Deus e o Diabo na Terra do Sol"; o teatro também "A e O", o teatro Opinião. "A e O" foi uma peça que falava sobre a liberdade e a opressão. Como nós vivíamos numa ditadura, toda linguagem era metafórica. Mesmo na música, se você for analisar a música do Chico Buarque, principalmente o Chico, que é um artista da letra, e outros. Eles usavam metáforas para falar o que eles queriam e não serem censurados. Então, você se acostumava a ler por trás, a ter aquilo como: desvendar as metáforas. Era muito interessante isso e o "A e O" era uma peça, eu não lembro mais ... eu acho que foi no Opinião (o teatro Opinião, que foi um grupo extremamente conhecido na época, na ditadura, um grupo que começou com peças de crítica, inclusive foi invadido pela polícia). Eu não sei se é o nome da peça; eu sei que o "A" queria dizer a liberdade, a lealdade, a honestidade e o "O", a repressão, a escuridão. "Carcará" com a Bethânia cantando, os músicos se reuniam no Opinião e lá faziam as suas apresentações e sempre as músicas de protesto. Tudo tinha uma conotação de crítica e política. E isso ia inflamando e de um certo ponto acho que conscientizando, trazendo uma consciência crítica para a juventude da época. O que eu

lembro de muito forte na minha época de faculdade é isso, os movimentos de música, de teatro, de crítica ao regime. Filme eu lembro de “Deus e o diabo na terra do sol”, esse foi um filme muito forte. Teve outros, mas não lembro agora, com diretores brasileiros, filme nacional fortíssimo. Agora, lógico que tinha uma cultura estrangeira predominante, mas como a gente estava muito envolvido com a questão política, ia para o lado nacionalista, você consumia isso como uma forma de se alimentar, de você sentir que outras pessoas estavam pensando como você, que você não estava sozinho.

Eneida, Professora de Biologia, nasceu em 1969 – 29 anos:

Uma tia minha tem cinco filhas e bem mais velhas do que eu. E todo sábado de manhã, depois que eu ia fazer a feira com meu pai, a gente dava uma passadinha lá. Elas usavam peruca, elas faziam pra mim pulseiras de garfo, tudo meio “hippie”, meio esquisito, elas usavam unhas com esmalte colorido que é uma coisa que tem voltado agora. Também surgiu uma época que a gente comprava camiseta regata simples da Hering, mas bem longa, um número a mais do que a gente usava e na ponta a gente costurava uma saia bem franzidinha até o pé. Outra coisa que eu me lembro é de usar tênis, naquela época não tinha All Star, era aquele tênis bamba que a gente pintava com tinta de tecido, a gente digo, elas [as primas] deviam ter 19 (dezenove), 20 (vinte) anos e eu devia ter uns 8 (oito), isso em 76. A época do “Dancing Days” [novela da Globo] que foi super marcante, eu devia ter uns 9 (nove), 10 (dez) anos, que a gente usava meia colorida com dourado e tamanco com saia, aqueles tamanquinhos com saltinho fino com uma base de metal na ponta. Depois já com 13 (treze) anos, época do new wave, gel colorido, cores “escapafurdias”. Tem uma foto minha que eu estou com uma calça bem balão roxinha, uma blusa cor de laranja com dois cintos: um verde limão e um roxo cheio de fivelas diferentes com meia colorida e sapato transparente que a gente trocava o cadarço. Então, era um absurdo de feio, mas era assim “up”, eu estava dentro da moda. Engraçado que no meu grupo, ninguém usava esse tipo de coisas. As meninas eram um pouco mais comportadas. Então, também aquela questão do poder. Isso me conferia um determinado poder de estar podendo usar o que eu queria. Bom, cabelo, na época tipo “Nina Hagen” [roqueira alemã], eu lembro que eu fiz uma mecha, uma única mecha branca no cabelo que agora recentemente era moda. Sempre a vontade do novo. Em 84, eu já usava cabelo curto, raspado com máquina, três, quatro brincos que era uma coisa que a gente sempre usava. Em relação à músicas eu me sinto assim bem distante do que se ouvia na época. Por exemplo, a minha mãe não tinha o costume de ouvir música, quando ouvia era Roberto Carlos, Boleros com Amor. Teve uma viagem que a gente foi daqui à Brasília de carro, ouvindo o volume I e II do Boleros com Amor, voltamos todos falando castelhano. A gente não escutava as músicas de Festivais, as músicas que mais chamava a atenção. Talvez por isso hoje, eu ouça muito e goste muito dessas músicas de uma época em que eu vivi mas não tomei parte, então, Caetano Veloso, Chico Buarque, Taiguara, esse povo não fazia parte do cotidiano da minha casa, eles vem pra mim muito mais tarde. As próprias interpretações das músicas eu fui percebendo alguma coisa na própria Unicamp quando numa palestra do Rubem Alves, ele faz uma interpretação da música “A Banda”, o que aquilo realmente significava e foi o que realmente me despertou pra esse tipo de música. Livros... eu não posso dizer que tinha um contato com esse mundo, não eram coisas muito presentes; o meu pai era representante de um laboratório farmacêutico, não tinha o hábito da leitura; a leitura não fazia parte do cotidiano deles, as leituras da minha mãe se referiam mais a coisas de igreja e, teatro a

gente não tinha o costume de assistir, inclusive pela questão financeira mesmo, não era ... e até mais do que financeira, essa não era a prioridade da minha família. Cinema, a gente ia pouco, um filme que marcou para mim, mais por eu estar participando de um cinema, porque eu não podia entrar, não tinha idade pra aquilo, então, acho que foi “A Lagoa Azul” que era um filme para 14 (quatorze) anos e eu tinha 12 (doze) anos. Então, isso, quando se fala em cinema, isso me vem, a questão que eu queria muito assistir filme de uma idade que não era a minha e então uma questão: O que é que tem que eu não posso ver? Era a questão do proibido muito marcante, uma época da censura e tal e coisa e estava muito estipulado : Proibido para Menores de ... Uma outra coisa que eu me lembro é em relação as propagandas de TV e que era o que eu mais assistia e que eram muito bem comportadas. Uma das coisas que eu me lembro bem , não sei se era o sabonete Gessy que sabonete que era, que aparecia o perfil de uma mulher nua, aparecendo o perfil do busto. E pra mim foi assim extremamente ... eu acho que eu corei na hora de ver essa cena, com pai, com mãe, com vô , com cachorro, com todo mundo e que hoje em dia é tudo mais as claras, em horários muito mais Um cheiro, por exemplo, característico dessa época pra mim é daquele perfume que é um óleozinho, um vidrinho pequenininho, acho que era Almíscar, era forte pra caramba e esse era um cheiro que eu tenho que a casa da minha tia cheirava isso e esse cheiro me lembra todas essas contravenções tipo: sapato enxuga poça, chinelinho de couro do “Arlindo” [todos conheciam esse rapaz em Sorocaba que fazia produtos artesanais em couro]. Essas coisas me lembravam de um tipo de vestimenta mais despojada, mais pouco preocupada, aquelas batas indianas, e eram um tipo de vestimenta que pessoas mais velhas estavam usando. Então essa questão do diferente.

Raquel Aparecida – Professora Universitária – área Enfermagem, nasceu em 1963 – 36 anos:

Eu lembro das calças boca de sino; eu tinha uma calça azul claro e tinha uma blusa também de mangas bem largas. Usava-se muito jeans, tênis. Tinha umas saias transpassadas e depois eu lembro das meias soquetes que foi da época da novela “Dancing Days”, que era uma novela das 8:00 horas onde explodiu as discotecas. O pessoal da minha idade usava um sapatinho baixo, era de material plástico, tinha uns furinhos e a gente usava esses sapatinhos com meias coloridas, meias soquetes e tinha brilhante [brilho]. Tinha nas cores vermelha, azul forte, verde “cheguei” e outra coisa que eu me lembro é que eu tinha até um vestido de baile que era cor de laranja. Lembro do verde fluorescente, amarelo limão também. Filme, eu estava lembrando, mas acho que foi um pouquinho depois dessa fase, acho que eu tinha uns 17 (dezessete) anos que foi “Pátria Minha”. Foi um filme que eu assisti em Campinas na época e que foi muito comentado, foi um filme político. O que eu lembro é que era sobre essa relação do poder econômico, aí tinha greve no meio do filme. Teatro eu não frequentei nessa época. Música, tinha aquele grupo do “Dancing Days” : “As Frenéticas”, era época também dos “Bee Gees”. Eu lembro das músicas do Chico Buarque: “Construção”, “Roda Viva”, a Gal também cantando “Folhetim”, Toquinho, Vinícius, tinha “Andanças”, tinha aquela “Caminhando e Cantando” do Geraldo Vandré a gente cantava muito em grupos de jovens. A gente sabia que tinha alguma coisa, mas não era muito claro pra gente.

Maria José, Professora Universitária – área Pedagogia, nasceu em 1943 – 55 anos:

“64? Bom, ainda anos dourados! Lembro sim de alguma coisa. 60, 64, ainda aqueles resquícios de romantismo, na roupa, na música, tanto que a gente vê o sucesso que fez o Roberto Carlos e que marcou tanto que até hoje lota auditórios. Aí, nós tivemos nos anos 70, a meu ver, uma rebeldia dos jovens, do movimento “hippie” e que começou já no fim dos anos 60, passou para os anos 70 e nós tivemos um pouco mais de agressividade na música, não deixou de ser romântico. O romantismo passa, vai por várias épocas e sempre persiste, eu acho, mas ele vai tomando um jeito diferente. Então, com luminárias mais agressivas nas danceterias, aquele período de “Dancing Days” (novela), aquele pisca-pisca, música mais alta, mais agressiva. Aí, tivemos nos anos 80, quer dizer, também se você for analisar do lado político, menos ênfase na parte política que nos anos 60 havia bastante, das músicas de Chico (Chico Buarque), Gil (Gilberto Gil) e de Caetano (Caetano Veloso), o lado deles romântico permaneceu até hoje e o lado político ficou esmaecido por força do regime militar. A música se tornou agressiva, mas não política, não era agressivo do ponto de vista político; era agressivo do ponto de vista de som, de cor, a moda também, pois você tinha o roxo batata, o verde mais abacate, as cores translúcidas, fluorescentes que fizeram bastante sucesso nessa época de 70. Uma moda que, a meu ver, é uma moda feia, mas que na época a gente achava tudo bonito. Eu fazia pós-graduação nessa época na PUC, eu me lembro que eu usava correntes grossas no pescoço, penduradas com medalhas grandes daquele estilo que o Roberto Carlos começou a usar no começo de carreira, mas que ficou no auge nos anos 70; uma bijouteria feia, quase nada de jóias e do ponto de vista de moda eram as bocas de sino, calças boca de sino, cores berrantes, fluorescentes. Nos anos 80, a gente já estava em anistia e esse regime político influenciou bastante, eu acho. Então, foi uma fase de mais equilíbrio, a volta de uma moda mais urbana, mais para o lado das pessoas trabalhando bastante, o tailler, a secretária executiva, que a mulher começou a trabalhar muito mais nos anos 80. Era uma moda voltada para a mulher que trabalha, sem grandes exageros, se você colocava uma mini saia, você tinha a meia no mesmo tom. Isso, eu me lembro, parece-me, se não estou enganada, nos anos 80 e que permanece até hoje. Então, você tem o auge da mini saia e tal, mas com moderação, mesmo tom para não ficar tão agressivo quanto era nos anos 70 e quando era também no final dos anos 60 que você usava mini saia sem meia mais para mostrar a perna porque você tinha que mostrar que era uma mulher emancipada. Nos anos 80, a mulher já tinha conquistado um pouco disso, então, era uma moda menos agressiva, menos perna de fora, com mais discricção. Também entrou a moda longa, que misturava um pouco com os “hippies” porque moda é uma coisa que vai e vem. Filmes? Filmes, não sei. Filmes americanos que faziam muito sucesso no final dos anos 60 eram filmes ingênuos, música ingênuo também; aquela música muito leve e no Brasil, músicas e filmes com conotação política, mas camuflada, meio disfarçada, onde pessoas inteligentes conseguiam fazer a sacada e os produtores inteligentes conseguiam fazer passar pela censura. Então, a gente ficava esperto para ver se conseguia fazer alguma leitura subliminar dos filmes, das músicas, dos textos. Já nos anos 70 os filmes acompanhavam a música. Eram filmes mais agressivos e mais voltados para a vida da cidade, do social.

Hilda, Professora Universitária – área Educação Física, nasceu em 1942 – 57 anos:

Eu me lembro que eu fui para a universidade de meio pra fim da década de 60 e nós usávamos, como universitários, nós usávamos um estilo até meio agressivo no vestir.

A gente era “hippie” no vestir. Então era uma mistura de cores, de padrões, de tecidos, de veludo com linha, de crochê com organdi suíço, era uma mistura assim que não era bem uma moda, era mais um estilo assim chamativo. E, existia muita influência também dos grandes encontros e festivais de rock que começaram a proliferar nessa época. Então, toda aquela coisa, parafernália de chapéus, de colares, de pulseiras e de calçados de cores diferentes que até então não se usava. Por exemplo, eu me lembro muito bem de um sapato cor de laranja e preto que eu cheguei a ter. Das minhas mini saias na faculdade, a gente sentava, cruzava as pernas e parecia que estava de cinto só, de tão curtas que eram. Mas era a moda daquela época! Então era moda, você usar moda. O jovem tinha assim toda uma forma de se colocar contra todas as coisas que ele não achava correto, através das vestimentas. Então, se usavam símbolos, de “Paz e Amor” dos “hippies”, o símbolo de “Faça Amor Não Faça a Guerra” e dessa época ficou na minha lembrança “Jesus Cristo Super Star”, tanto o filme quanto a peça, foi o primeiro nu que eu tive oportunidade de ver na minha vida assim exposto, explícito, numa arte, numa peça teatral. Então, foi uma coisa muito interessante mas ao mesmo tempo foi uma coisa muito preocupante porque eu não sabia bem se aquilo tudo que a gente estava vivendo, se aquilo teria alguma consequência grave e não sei porque eu começo a associar a questão da AIDS com a liberação sexual, com o “Faça Amor Não Faça a Guerra”. Será que não veio daí essa promiscuidade toda? Será que isso não levou as pessoas a não tomarem consciência de si, dos seus corpos, da sua saúde? Eu estou falando isso também porque existem muitas pessoas da minha geração, da minha faixa etária que já morreram com AIDS, muito antes de se saber que isso era AIDS e de se dar esse nome a ela. Então, morreram de males estranhos, muito pouco explicados e que hoje a gente sabe que era a questão da imunologia que estava falha e não defendia mais o organismo. Eu fico pensando que talvez toda aquela liberdade, toda aquela reviravolta ao mesmo tempo que trouxe coisas muito boas pode ter trazido também a deterioração de alguns valores e a consequência disso a gente paga um preço muito alto. As músicas, os festivais ... as músicas eram muito lindas! Muita música não passava pela censura. Então, nós temos grandes compositores que ficaram barrados: Chico Buarque, Sérgio Ricardo? Ai meu Deus, como era o nome dele? Eu me lembro que ele tinha aquela música: - *“Caminhando e cantando e seguindo a canção ...”* [ela canta] Acho que é Sérgio Ricardo, ele foi muito combatido, então ele tinha essa: - *“somos todos iguais braços dados ou não. Nas escolas ensinam antigas lições, de morrer pela pátria e viver sem razão. Vem, vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”* [ela canta]. Tem uma outra que era muito interessante também, ele falava assim: - *“Fez dia claro e eu saí pra rua, pra ver a cidade diferente da normalidade. Nenhum policial de arma em punho. Nenhum estudante morreu, nem se ouviu a explosão da bomba habitual. Guarda esta flor, que um guerrilheiro deixou. Antes que acabe esse dia de alegria, meu amor”* [ela canta]. Tem uma outra que ele falava, não me lembro da música inteira, mas tinha um verso que era assim: - *“O Brasil exportou toda a banana e o café solúvel num canto que eu conto pra fingir de primeiro de abril”* [ela só declama]. Então, a gente viveu uma época de economia muito parecida com a que a gente está tendo hoje, de crise econômica e o Brasil não conseguia mais colocar o seu café nos bons preços e nem a banana que era um produto que ele mais colocava no exterior. Não tinha comprador para esses produtos e então ele inventou uma música contando que o café solúvel foi vendido todo, a banana toda, mas era um conto de primeiro de abril, o dia da mentira. Então ficaram coisas muito interessantes. Muitas peças de teatro do Valdo Viana, depois do filho dele, do Vianinha que trouxeram muita coisa e a gente está tendo ainda

muitas revelações de coisas que estavam censuradas e que agora começaram a aparecer, a retornar. Inclusive, o Dias Gomes que morreu a tão pouco tempo, foi mostrado na televisão, um piloto da novela Roque Santeiro, como tinha sido feita antigamente que a censura não deixou passar, depois de onze anos é que ele foi gravar de novo e aí mudou alguns personagens e mudou toda uma linguagem, porque as coisas evoluíram muito, mas ficou o protesto, ficou o ensinamento para o povo, mostrando para o povo fatos e verdades de uma história que a história não conta. Que está mais na cabeça das pessoas. Das pessoas que viveram aquelas épocas e que tem muitos depoimentos gravados ou ainda por dar, nos livros que foram escritos e que é uma pena, que a gente saiba tão pouco da nossa história, saiba tão pouco da verdade da nossa história. A gente sabe o que as forças políticas querem que se saiba. O Rio Centro, por exemplo, aquela bomba que explodiu. Então, tudo isso são seqüelas daquele período e que hoje a gente ainda não entende bem. Porque fazer aquilo? Quem fez? Porque fez? Porque não assume o porque fez? E as CPIs que estão aí, desenterrando todos os defuntos, que há muito tempo que foram geradas lá atrás, que já foram corrompidos lá atrás e que hoje ainda perduram. Uma outra música de Chico Buarque, muito importante e que foi na época censurada, mas posteriormente foi gravada e ele fala mais ou menos assim: - *“Tem dias que a gente se sente. Como quem partiu ou morreu. A gente estancou de repente ou foi mundo então que cresceu. A gente quer ter voz ativa, viola na rua tocar. Mas eis que chega a roda viva e carrega a viola pra lá. Roda mundo, roda gigante, roda moinho, roda pião. O tempo rodou num instante nas voltas do meu coração”* [ela canta]. Muito bonita e você analisa a letra dela e você vê aí toda uma revolta sendo cantada e muito bem escrita tanto em verso quanto em melodia. Em relação a teatro, eu me lembro também que nessa época eu participava de um grupo teatral na cidade de Americana, onde eu morava, e era um teatro que pertencia ao Grêmio Estudantil e este Grêmio era fora da escola e congregava estudantes de todas as escolas. Era um Festival de Teatro e nós resolvemos participar que ia acontecer e encenamos uma peça. A gente queria assim o novo, o inusitado, então, pegamos a trilha sonora do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” do Glauber Rocha e montamos um teatro em cima da trilha sonora. Essa trilha sonora continha muitas músicas e alguns textos que eram como discursos inflamados dos personagens, tem Antonio Conselheiro, tinha sobrinho do Lampião, tinha policial, falava da Guerra de Canudos, falava da perseguição ao bando do Lampião. Então, a trilha sonora era toda de músicas e textos que pareciam poemas quase épicos. Transformamos isso numa peça e levamos esse espetáculo, primeiro no anfiteatro, depois foi para o clube e viemos até no festival aqui de Campinas, que se chamava Fecanta, era um festival de teatro amador. Então, o que aconteceu é que o Glauber Rocha na época era muito combatido, com muita dificuldade para fazer os filmes dele, e ele chegou a fazer coisas maravilhosas que não foram nem exibidos ainda, devem estar perdidos na memória das coisas do Glauber, que ele tem uma museologia muito rica. E a gente tinha então que inventar uma forma de transformar músicas e discursos em cenas teatrais. E aí a gente inventou lá uma tal duma forma que só depois que a gente participou do Festival foi que nós ficamos sabendo que a gente tinha inventado uma técnica nova de colocar personagens em cena e transformar trechos de músicas em falas de narrador. Então, a peça tinha uma narradora que narrava a história cantando, que era eu. Eu cantava a história e ao cantar eu chamava o personagem para o centro do palco, que era uma rotunda preta toda apagada, a luz só incidia no personagem que estava com a fala naquele momento. Então, eu como narradora, eu estava presente na cena, eu só sumia da cena quando a luz trazia para o centro o

personagem que iria falar. Então, foi uma coisa muito comentada na época porque ... nós não entendíamos nada de técnicas teatrais, a gente fazia as coisas que a gente se emocionava com elas e então nós acabamos inventando uma técnica de trazer através do facho de luz para o centro do palco a fala do personagem e dar um andamento cênico, uma marcação cênica que até então não tinha sido usada, ou se é que já tinha sido usado, ninguém naquele momento do festival de Campinas sabia e então nós ficamos como o grupo que inovou essa técnica. E foi uma coisa muito interessante, muito impressionante porque muitas coisas assim da história do Brasil que não estavam nos livros, mas que o Glauber relata no seu filme, a gente ficou sabendo por participar do teatro. Acho que foi 1966 por aí ... 1968 se não me falha a memória e eu tinha terminado o Magistério e tinha entrado na Faculdade.

Joyse, Professora de Física, nasceu em 1951 – 48 anos:

Música: Beatles! Beatles, Rolling Stones! Eu acho que por aí. Em 1965, eu fiquei reprovada em faltas porque tinha um amigo que tinha uma Sonata e então a gente ficava no jardim, em frente a escola, ouvindo Beatles a noite toda. Era uma forma de se fazer as coisas. Mas, esse grupo nosso usava muito assim: blusa com babados, aliás tudo que os Beatles usavam procurávamos usar, é claro que a gente era uma classe média baixa, a maioria, então não tinha condição de usar tudo aquilo, mas dentro do possível, pelo menos uma camisa assim toda de jabô todo mundo tinha, calça boca de sino, botinha, cabelo muito cortado que foi outra briga também. Porque? Porque eu tinha os cabelos abaixo da cintura e aí na paixão pelos Beatles, eu cortei os cabelos igual a um Ringo, um ... Quando meu pai viu, ficou de mal comigo, disse que não seria meu padrinho de Formatura, que jamais ... e coisas desse tipo, que mulher não podia cortar o cabelo. Mas de moda era isso mesmo, o que foi muito forte acho que foi a boca de sino. Filme: bom, mais ou menos nesse período o filme “Help”, eu assisti dez vezes. Alguns filmes também dessa época, não sei bem se é dessa época, mas acho que era com a Doris Day, aqueles filmes de final feliz, filmes americanos; todo mundo fumando muito, ainda muita matança de índio, assim com aqueles heróis americanos dos fortes, alguns seriados que a gente assistia. Dessa época mesmo, acho que mais essas coisas: 007, aqueles 007 lindíssimos que foi um pouco assim de tecnologia mágica, do poder da Inglaterra.

Miriam, Diretora Faculdade Educação Física de Sorocaba, nasceu em 1961 – 38 anos:

Roupa? Lembro das calças bocas de sino, as camisetas psicodélicas, os desenhos, as padronagens era alguma coisa que envolvia muitas espirais, formas arredondadas, nos desenhos e nas padronagens muitas listras, muitas mesmo! A moda “hippie”, aquela coisa bem despojada, aquela coisa bem descontraída. E, também, a moda clássica, das gravatinhas, tinha umas blusinhas com gravatinhas, muito shorts com bota até o joelho, bota até as coxas, sapatos Channel, abertinho dos lados, mini saias sem dúvidas, aí você não pode deixar de fazer referência, os primeiros sutiãs sem bojo. Deixe-me ver o que mais ... sapatos de verniz, bolsas de verniz, meias rendadas, meias finas desenhadas, rendadas, muita écharpe, vestidos tubinho, evasé, pouco volume, as roupas não tinham muito volume, não, eram roupas mais estruturadas. Depois começou uma linha meio futurista, tipo “Perdidos no Espaço”, uns vestidinhos curtinhos com meias bem grossas por baixo. Cabelos... cabelos bem marcantes, bem

estruturados, cheios de spray, arrumados. Música ... essa música [Geraldo Vandré], alguma coisa de música popular brasileira, é... Roberto Carlos, muito Roberto Carlos, Jovem Guarda, o água com açúcar que era a Jovem Guarda da televisão. Programa de música que tinha na televisão ... Os Galãs Cantam e Dançam, é ... Vanderlei Cardoso, Jerry Adriani, Deno e Dini [risos]. Nossa! Eu gostava muito dessas coisas. De cinema eu gostava muito. Todos os filmes nacionais, do Roberto Carlos que saíam, eu assisti "Dio come te amo" e eu não tinha idade pra entrar e, eu entrei, não sei como, é aquela coisa de transgredir a lei também. No ginásio, eu assisti "Houve uma vez num verão", filme que passa até hoje na televisão e que é lindíssimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco. A Rosa do Povo & Claro Enigma – Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Ática, 1993. Série Princípios. 86 p.
- ALTMAN, Fábio. 13 de Dezembro de 1968 – O Dia do AI – 5. Época. São Paulo, Ano 1 no. 29, p. 74, Dez. 1998.
- ALVES, Nilda (Org.), GARCIA, Regina Leite. Formação de Professores – Pensar e Fazer. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1996. 103 p.
- ALVES, Nilda. Pesquisar o cotidiano na lógica das redes cotidianas. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPED. Caxambu : setembro, 1998, 15 p.
- ARENDT, Hannah. Crises da República. São Paulo: Perspectiva , 1973. 205 p.
- _____. Entre o Passado e o Futuro. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1997. 348 p.
- _____. Origens do Totalitarismo: Anti – Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 562 p.
- ARRIGUCCI, Davi Jr. Tudo é Exílio. Folha de São Paulo, 14 Nov. 1998. Jornal de Resenhas, p. 1
- BAHIA, Juarez. Jornalismo, Informação, Comunicação. 4ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. 134 p.
- BERNARDO, Vanessa, MUNIZ, Alessandra, CHAVES, Iolanda dos Anjos, NUNES, Lúcio. Distantes Verões. Jornal da Orla/Entrevista(Santos). 29/30 nov. 1997. Ano XXV. No. 1238. Página da W: viasantos.com
- BOND, F.Fraser. Introdução ao Jornalismo – Uma análise do 4º poder em todas as suas formas. 2ª edição. Tradução e revisão da 2ª edição: Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Agir, 1962. 373 p.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1998. 361 p.
- BRAGA, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70: Mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. 255 p.
- CAMARGO, Denise de. Representação de Comunismo ao Nível Individual. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP). 1988. 203 p. (Dissertação, Grau de Mestre em Psicologia Social).
- CARONE, Modesto. Resumo de Ana. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 114 p.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. Mulheres que foram à Luta Armada. São Paulo: Globo, 1998. 484 p.
- CARVALHO, Mário Cesar. Após Trinta Anos, Morte de Militante Ainda é Tabu Para a Esquerda. Folha de São Paulo, 05 Jul. 1998. Brasil, p. 18.
- _____. Há 30 Anos, País Virava Ditadura Sem Pudor. Folha de São Paulo, 06 Dez. 1998. Brasil, p.12.

- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer. 2ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996. 351 p.
- _____. A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997. 372 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1995. 164 p. Série 1. Escola. Volume 16
- COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. 1ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984. (Biblioteca de Psicanálise e sociedade, v. n. 3). 189 p.
- CUNHA, Luiz Antonio. Educação, Estado e Democracia no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1995. 495 p. Série 1 – Escola. Volume 17.
- _____. Universidade Temporã – Da Colônia à Era de Vargas. – 2ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1986. 339 p.
- _____. Universidade Crítica – O Ensino Superior na República Populista. 2ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1989. 267 p.
- _____. Universidade Reformanda – O Golpe de 1964 e a Modernização do Ensino Superior. São Paulo: Livraria Francisco, 1988. 332 p.
- D'ÁNTOLA, Arlette(Org.). Disciplina na Escola: Autoridade Versus Autoritarismo. São Paulo: E.P.U., 1989. (Temas básicos de educação e ensino). 90 p.
- DINIZ, Rafael Eduardo da Silva. Sorocaba, 1964: o golpe em manchete. Sorocaba, 1994. Trabalho apresentado como conclusão de Curso de Pós-Graduação (lato-sensu) “Geografia, História e Artes na América Latina: Interações”, na Universidade de Sorocaba – UNISO.
- EBLAK, Luís. A Igreja Reage. Folha de São Paulo, 07 Jun. 1998. Mais, p. 4.
- ESTEVE ZARAZAGA, José Manuel. El Árbol del Bien y del Mal. Churriana de la Veja (Granada). Octaedro Andalucía – Ediciones Mágina, S.L. 1998. 318 p.
- FLORA, Anna. A República dos Argonautas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 183 p.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir – Nascimento da prisão. 14ª edição. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1996. 277 p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 165 p. Coleção Leitura.
- GABEIRA, Fernando. O que é isso Companheiro?. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 231 p.
- _____. O Crepúsculo do Macho. 13ª edição. Rio de Janeiro: Codecri 245 p.
- GARCIA, Nelson Jahr. Sadismo, Sedução e Silêncio: Propaganda e controle ideológico no Brasil 1964 – 1980. São Paulo: Loyola, 1990. 167 p.
- GERALDI, Corinta Maria Grisolia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A.(Org.). Cartografias do Trabalho Docente: Professor(a) - Pesquisador(a). Campinas/SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. 335 p. Coleção Leituras no Brasil.

- GERMANO, José Willington. Estado Militar e Educação no Brasil (1964 – 1985). São Paulo: Cortez, 1993. 297 p.
- GOMES, Oswaldo Pereira. Os Militares e a Comissão dos Desaparecidos. Folha de São Paulo, 23 Out. 1998. Opinião, p. 3.
- GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Textos em Representações Sociais. 3ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997. 324 p.
- HABERT, Nadine. A Década de 70: Apogeu e Crise da Ditadura Militar Brasileira. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1994. 95 p. Série Princípios 222.
- HUGGINS, Martha K. Polícia e Política: Relações Estados Unidos/América Latina. São Paulo: Cortez, 1998. 292 p.
- LISPECTOR, Clarice. Laços de Família: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998(p. 69) 135 p.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ.: Vozes, 1997. 179 p.
- LOWENTHAL, David. Tradução: Como Conhecemos o Passado. Projeto História 17 - Trabalhos da Memória. Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. Nov. 1998
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986. 99 p.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). Política e Imaginário – Nos Meios de Comunicação Para Massas no Brasil. São Paulo: Summus, 1985. 165 p. Volume 4. Novas Buscas em Comunicação.
- MELLO, José Marques de. Comunicação: Teoria e Política. São Paulo: Summus, 139 p. Volume 1. Novas Buscas em Comunicação.
- MOREIRA, Antonio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu da(Orgs.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
- NERI, Emanuel. Acusação Pode Incluir Mortos Brasileiros. Folha de São Paulo, 23 Out. 1998. Mundo, p. 8.
- NÉSPOLI, Beth. Ditadura Vira Obra de Ficção. Cruzeiro do Sul, 05 Abr. 1998. Livros e Literatura, p. 2.
- NETO, Ricardo Bonalume. Vernon Walters Ainda Vê Risco Comunista. Folha de São Paulo, 23 Out. 1998. Brasil, p. 7.
- PAES, Maria Helena Simões. A Década de 60: Rebeldia, Contestação e Repressão Política. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993. 95 p. Série Princípios 221
- PAVAN, Alexandre. Quem Sabe Faz a Hora. Educação. São Paulo, Ano 26 n° 217, p. 44, Mai. 1999.
- PAZ, Carlos Eugênio. Viagem à Luta Armada – Memórias Romanceadas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 225 p.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é contracultura. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos. 97 p.
- REALE, Miguel. Da Revolução à Democracia. 2ª edição. São Paulo: Convívio, 172 p.

- REIGOTA, Marcos. A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999. 167 p.
- _____. Antropofagicamente Vosso. Memorial Apresentado ao Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- RODRIGUES, Marly. A Década de 80: Quando a multidão voltou às praças. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1994. 77 p. Série Princípios 223
- SADER, Emir. A Transição no Brasil: Da Ditadura à Democracia. 7ª edição. São Paulo: Atual, 1990.
- SANCHES, Pedro Alexandre. 'Ensaio Geral' auxilia compreensão histórica do Brasil do 60 e 70. Folha de São Paulo, 05 Mar. 1999. Ilustrada, p. 10.
- SANFELICE, José Luís. Movimento Estudantil - A UNE na Resistência ao Golpe de 64. São Paulo: Cortez, 1986. 240 p.
- SERBIN, Kenneth P. Um Episódio Esquecido da Repressão. Folha de São Paulo, 30 Mar. 1997. Mais, p. 12.
- SIRKIS, Alfredo. Os Carbonários. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998. 416 p.
- SOUZA, Gilda de Mello. O Espírito das Roupas – A moda no século Dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 255 p.
- SOUZA, Percival de, FAERMAN, Marcos, PORTELLA, Fernando. Violência e Repressão. São Paulo: Símbolo, 1978. 205 p.
- SPINK, Mary Jane (Org.). O Conhecimento no Cotidiano – As representações sociais na perspectiva da psicologia social. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993. 311 p.
- STALLYBRASS, Peter. O Casaco de Marx – roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 127 p.
- TOLEDO, Caio Navarro de. O Governo Goulart e o Golpe de 64. São Paulo: Brasiliense, 1982. 123 p.
- TREVISAN, Leonardo. Revolução Sob o BIG BEN. O Estado de São Paulo, 17 Mai. 1998. Especial * Domingo, p. 1.
- VENTURA, Zuenir. 1968 – O Ano que Não Terminou, A aventura de uma geração. 28ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
-